

# Itaytera

“É uma corrução visível (BATATEIRA) do têrmo ITAYTERA, pelo qual os tupis designaram o maior e mais belo manancial do Araripe, e que se decompõe do seguinte modo: ITA, pedra, Y ou Yg, água, por entre, isto é, água que corre precipitando-se entre pedras”.

DR. MARCOS MACÊDO

---

N.º 10

ANOS 1965 — 1966

---



J. DE FIGUEIREDO FILHO

• •

# NO ASFALTO E NA PIÇARRA

(IMPRESSÕES DE VIAGEM EM ÔNIBUS)

COLABORAÇÃO

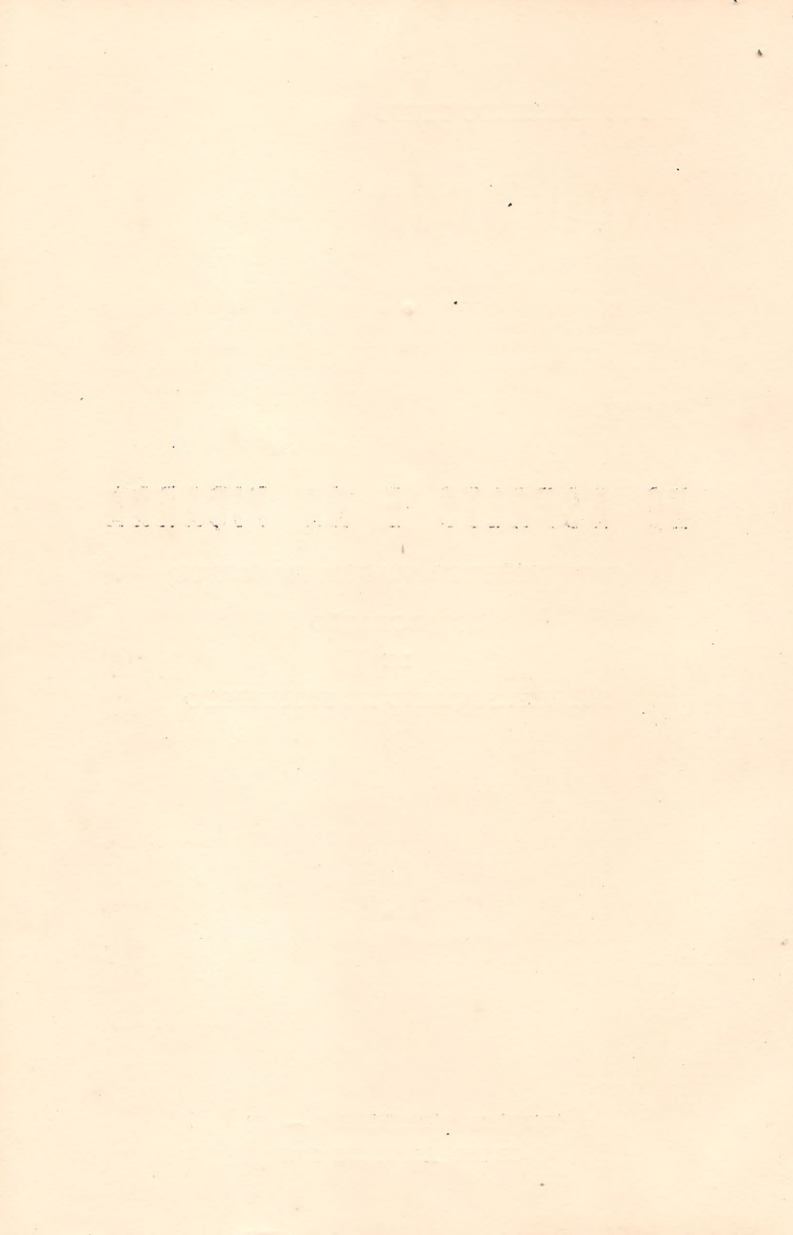
DE

ZULEICA PEQUENO DE FIGUEIREDO

• •

EDIÇÕES "ITAYTERA" — (3)

CRATO, ABRIL DE 1966



# explicando...

A 7 de Julho de 1964, eu e minha esposa, tomamos o ônibus na Empresa Varzealegrense, sediada em Crato, com destino ao Rio. As chuvas então eram copiosas, num dos mais fortes invernos do Nordeste e aquela empreitada parecia temerária para casal que tinha netos, até de doze anos. A viagem provavelmente duraria de cinco a seis dias, até alcançarmos a Guanabara que continua, quer queiram ou não queiram, a ser a capital, de fato, do país. Zuleica munuiu-se de caderneta, de caneta esferográfica e dispôs-se a tomar notas dos acontecimentos principais da excursão, com o fim de aproveitá-las em minhas futuras reportagens para jornais. E compenetrrou-se bem de sua missão. A proporção que o tempo avançava, a viagem se tornava mais atraente e cheia de novidades.

Ao retornar à minha cidade, a 7 de Setembro do mesmo ano, resolvi ler as duas cadernetas que ela enchera com tanto carinho, com linguagem correta e muito poder de síntese, em letra bem talhada, aprendida em colégio dirigido por irmãs de caridade, de origem francesa.

Resolvi utilizar suas anotações, aproveitando delas até frases e anotações inteiras, não para jornais e sim para escrever livro de viagem. Só estrangeiro dá impressão sobre o Brasil do interior. O elemento nacional quase sempre só escreve em torno de excursões, quando viaja pelo exterior, ou quando se entusiasma pela opulência das capitais. Vou tentar descrever viagem, em ônibus, pelo interior do Brasil, aproveitando outrossim algumas impressões das grandes cidades que visitei. Excluo coisas corriqueiras, por demais conhecidas, pela força de serem repetidas na imprensa e noutros meios de divulgação.

Em S. Paulo, muitos filhos da terra, meus velhos conhecidos, ou recém-apresentados, admiravam-se como eu e Zuleica tivemos a coragem de nos meter em tão áspera jornada como aquela pela RIO - BAHIA. Respondia-lhes simplesmente:

— Seus antepassados fizeram muito mais do que nós. Foram até ao Nordeste, a pé, lutando contra a natureza desconhecida e ainda mais combatendo índios!

O bandeirismo paulista, todavia, ainda continua. Agora revestiu-se de outra feição não menos pioneira. São Paulo cria riquezas para o Brasil libertar-se totalmente do sub-desenvolvimento. O melhor exemplo a ser imitado pelo resto do país é seguir os passos do estado líder que, graças a Deus, começa a influir, com o exemplo do trabalho construtor, para que a nação inteira se apauliste. Isso é justamente o que constitui o verdadeiro nacionalismo ou abasileiramento, compatível com o século. É a repetição do fenômeno das bandeiras antigas. São Paulo está fadado a realizar novamente êsse milagre da renovação total da nação. E não fugirá a êsse determinismo porque já o iniciou, de norte a sul, como aconteceu no pretérito.

O presente trabalho sairá na edição desta revista, com separata.

## I

Após os preparativos para a longa jornada, em ônibus da Empresa Varzealegrense de Crato, às 12 horas do dia 7 de Julho de 1964, chegávamos, eu e Zuleica à estação rodoviária, à Praça Francisco Sá. Levou-nos de casa até ali o primo Osmídio Pequeno em possante camioneta Alvorada. Fomos dos primeiros passageiros a chegar. Não sou tão pontual como o inglês que nunca falta à hora certa. Costumo chegar aos meus compromissos, quase sempre muito antes da hora marcada e por isso não me recordo de ter perdido qualquer condução.

Providenciei o despacho das bagagens e logo depois o nosso ônibus encostou na calçada. Entrei. Decepcionei-me em deparar-me com quase um calhambeque. Os bancos tinham o encosto diminuto e mal a gente podia ajustar as pernas, encolhidas, entre as duas filas de cadeiras. Pensei comigo mesmo, mas sem dar o braço a torcer à minha espôsa, pois, fui eu quem a convidara para aquela longa viagem por via terrestre.

— O que será de mim, com os pés meio doloridos a meter-me em empreitada desta? Zuleica resmungou qualquer coisa contra aquê desconforto, mas fiz que não ouvia.

Passei a prestar atenção aos companheiros de jornada. Havia moças e senhoras de Crato, bancárias algumas delas, que iam passar as férias em Brasília, S. Paulo, Rio e até em Santa Catarina. Senti que não ia só e Zuleica animou-se com aquela gente a conversar e sorrir, como a iniciar das mais confortáveis viagens por êste Brasil afora.

O clima de Crato estava bom. A temperatura relativamente baixa de Junho, acenava-nos com a ausência de calor, comum nos últimos meses do ano na Rio-Bahia.

O percurso até Salgueiro, primeira etapa da viagem, foi bom. De pouco a pouco, os passageiros foram se habituando com o ônibus que, em breve, deixou de ser um calhambeque como a primeira vista nos pareceu. O pulso forte e a perícia do motorista, representante dêstes heróicos reis do guidon nordestino, logo nos inspiraram inteira confiança no êxito da caminhada, através de terras sem fim, tudo com a ajuda de Deus.

Habituei-me logo ao ambiente. Os cratenses faziam roda à parte no começo do percurso, mas em breve os passageiros do ônibus constituíam uma família só a movimentar-se sobre rodas. Crianças faziam algazarras, rindo, chorando ou gritando. Mães de família, desveladas, agarravam-se aos filhos, alimentando-os, consolando-os e às vêzes até castigando-os, quando se fazia necessário. O bom humor dominava a gente mais moça que cantava, narrava façanhas, ou recordava episódios da respectiva terra de origem, ou daquela que elegera para moradia.

Todos os passageiros daquele veículo, que não perdia tempo em demoras estereis, eram filhos do Nordeste, do Ceará, do Piauí, de Pernambuco ou da Paraíba. Mas, ali havia paulistas autênticos, por assimilação, ou mesmo por mimetismo. Meu vizinho da frente, falava com sotaque paulista e achava ruim tudo quanto não procedesse de S. Paulo. Até o Rio, êle achou intolerável. Era empregado de fábrica em subúrbio da Paulicéia, tinha linguagem de analfabeto, com êrros em sotaque paulista, que soltava de quando em quando. Possuía cara de boa pessoa e não perdia a ocasião de prestar obséquio a qualquer dos passageiros, embora com ar de superioridade.

Naquele ambiente, havia muitos que buscavam S. Paulo pela primeira vez e outras que voltavam após alguns anos de tentativa de readaptação ao Nordeste. Não escasseavam igualmente os trabalhadores em férias e até pais e mães já velhos que, a força, iam tangidos com destino ao sul para

ficar mais perto dos filhos, bem colocados em fábricas, no comércio ou na agricultura. Turistas eram apenas os passageiros residentes em Crato. Nem por isso, mesmo em território de Minas ou Bahia, quando alguém se referia ao ônibus dizia, aqui no Crato. Ouvi isso muitas vezes e não por boca de cratenses genuínos. Seria aquele ônibus pedaço ambulante da terra cratense?

O pernoite no primeiro dia foi em Salgueiro, cidade pernambucana de intenso movimento de veículos que cruzam a estrada que dá para a Bahia, Recife, Rio e S. Paulo. O hotel é vasto e os dormitórios são relativamente bons, em comparação com os que iríamos nos deparar pela frente. Há água em abundância e as instalações sanitárias são boas. Um banho ali faz-nos bem estar extraordinário e muito nos refaz as forças.

No outro dia, despertamos cedo. O ônibus partiu às quatro horas em ponto. Já às 6,30, estávamos a atravessar o famoso S. Francisco, em pontão movido a motor. É dos agradáveis e inesquecíveis momentos da viagem. O rio estava quase cheio com suas águas barrentas. O panorama é dos mais empolgantes, a vista se perdendo entre a corrente líquida, casario do lado baiano e vegetação das margens. De quando em quando, um paquete, nome pomposo com que as populações sãofranciscanas batizam as barcaças. A manhã era alegre com esta quase primavera nordestina, após intenso inverno.

Sinto-me bem em contacto com o mais brasileiro dos rios ou o rio da unidade nacional, como o chamam os historiadores. Foi também o caminho natural dos povoadores de minha terra e de todo o Cariri cearense. Por aquela estrada fluvial e afluentes, foram para o sul do Ceará os indomáveis Cariris. Ali tomaram conta da terra até que o povoador branco, no começo do século XVIII, indo pelo mesmo caminho, o surpreendeu para roubar-lhe a rica e dadivosa região. Por aquela mesma via passaram para o Cariri, gado miúdo e graúdo, mudas de cana, mestres de rapadura e, mais tarde, a própria energia de Paulo Afonso para redimir economicamente toda a imensa gleba sul cearense.

Gosto do São Francisco que tanto me fala à alma. Nasci em zona que não tem rios. Já o atravessei por várias vezes em Petrolina, naquele mesmo local e nele viajei durante oito dias, entre Pirapora, em Minas e Juazeiro, na Bahia. O S. Francisco é perene lição de brasilidade a todos nós.

Ao atravessarmos o rio de pontão motorizado, em manhã friorenta, chegámos a Barra do Tarrachil, onde o ônibus estacionou sem razão de ser. Onde de ciganos investiu sobre os passageiros de nosso veículo. Rapazolas inexperientes que viajavam em busca de emprêgo em S. Paulo, deixaram-se envolver pelas lábias de certas gitanas de rosto mais ou menos, fedorentas de causar asco a qualquer pessoa de hábitos asseados. Notas de mil cruzeiros se esvasiaram do bolso dos jovens, em troca de profecias mirabolantes em torno de seu destino amoroso.

O ônibus deu sinal de partida e, mais que depressa, os passageiros correram para os respectivos lugares. O carro prosseguiu a engulir léguas e mais léguas. Crianças choravam e outras brincavam com algazarra. O balanço da corrida me fez dormir após algum tempo. Parámos para o jantar. Uma das passageiras, casada, procedente do município de Campos Sales, conduzindo três crianças, ainda teve tempo de lavar as roupas sujas dos filhinhos, só depois servindo-se da refeição.

O maior espantinho da estrada não é a comida da pensão para onde o motorista nos conduz. O pior é o lastimável estado do que deveria ser chamado **aparelho sanitário**. É da gente botar tripas e tudo pela bôca.

A proporção que a tarde descambava, as estradas pioravam pelo excesso de chuvas caídas naquele trecho. Passávamos pela zona de mais intensa queda pluviômica do ano, justamente aquela que é sujeira á mais inclemente sêca, nos anos calamitosos. Ao anoitecer, começou a chover e o ônibus passou a patinar na lama, a provocar, de quando em vez, medo coletivo entre as mulheres e choro intenso na meninada. Mocinhas davam gritos quase estêricos. Minha espôsa que tem espírito de fé muito intenso, agarrou-se ao terço a fim de aplacar a procela. Os buracos e o lamaçal pareciam nunca acabar. O motorista José Ferreira, herói anônimo do guidon, fazia esforços isobreumanos para vencer tôdas as mil dificuldades. Esperávamos alcançar Tucano para o almôço e já anoitecia, sem nada daquela cidade. A chuva aumentava e a vereda no meio da rodagem cada vez mais se diluía.

Ao subir pequena ladeira, o ônibus teve que parar. Obstruia-lhe a passagem possante caminhão repleto de carga. Outros carros foram encostando. A tripulação de alguns veículos dirigiu-se ao carro de carga oferecendo-se ao motorista para ajudá-lo. Este recusou, dizendo só tentar sair dali ao raiar do outro dia. Esta notícia desanimou-nos. O que faria-mos naquela noite escura, longe de habitações, chovendo sempre? Tentei acalmar Zuleica e meus vizinhos. Os jovens deram a nota de animação, conversando alto, contando histórias ou entoando canções do último carnaval. A água existente nas poucas moringas da gente prevenida mal dava para as crianças. Quase todos os passageiros, notadamente as mães de família conduziam farnel e leite em pó. Minha provisão não era farta, mas muito nutritiva. Nada, porém, resolvia com a falta d'água. Consistia de aveia, leite Ninho e ameixas em conserva.

Havia o pior no meio daquilo tudo. O aparelho sanitário que era vastíssimo e higiênico, constituindo a vastidão do mato, tinha de ser alcançado debaixo de chuva e iluminado com lanterna elétrica. Mocinhas recatadas tinham de abandonar o pejo natural e sair do ônibus, em público, com guarda-chuva e a indispensável luz de pilhas, emprestada de qualquer senhor ou mesmo do chofer. Entretanto, ninguém se molestava e tudo se levava na brincadeira, entre ruidosas risadas.

O tempo foi passando e as conversas esmoreciam. Cada um agarrava ao sono. Custei a dormir com a senhora de Campos Sales, com três filhos, um dêles de peito, a dormir em pequena rêde armada acima dos bancos. Brigava com o marido que dormia e não queria ajudá-la com as crianças.

Finalmente, ao contrário de minhas previsões, consegui adormecer, no meio daquele desconforto, com as pernas encolhidas. Despertei ao clarear do dia. Impressionei-me com a fila de veículos, aguardando a desobstrução da estrada pelo caminhão. Os motoristas aparentavam alheamento a tudo. Muitos ainda dormiam o sono solto. O pessoal do carro de carga, causa do transtôrno geral, não dava sinal de vida.

No nosso ônibus começou o despertar geral. A chuva passara, mas o lamaçal nos arroteava de todos os lados. Ao longe avistavam-se casinhas. Uma voz comandou:

— Vamos procurar casa e comida?

Muitos se entusiasmaram pelo projeto. A inatividade é que inquietava. Era preferível agir, do que ficar de braços cruzados, à espera da vontade dos outros. Eu tinha dificuldade em andar a pé, ainda com resquício de velha neurite diabética. Com Zuleica, sai pelos aceiros da estrada, levando o indispensável farnel. Após exaustiva caminhada, com os sapatos peçados



de lama, chegámos em casinha bem arrumada, com pequeno jardim em frente. Mandámos ferver água e em breve saboreávamos: leite com aveia e ainda auxiliámos crianças cuja mãe esgotara reserva de leite Ninho. Aquela acolhida na hospitaleira casa sertaneja teve o dom de nos desanuviar a alma. O dia era belo, após as chuvas anteriores. O cheiro de flores silvestres impregnava o ambiente, convidando o homem a haurir-lhe perfume vivificador.

Já nos preparávamos para comprar uma galinha para assar, quando tivemos um alegrão. Um Volks, de Fortaleza, enalhado logo atrás de nosso ônibus, passara pela estrada. Conseguiu abrir caminho pelo mato ralo. Nosso ônibus, com ajuda de muitos passageiros mais dispostos, seguiu-lhes o roteiro, abrindo o caminho a enxadadas e picaretas de reserva no veículo. Não tardamos em nos aboletar eufóricos nas cadeiras, que a princípio, muito nos pareceram desconfortáveis.

Havia, no entanto, outro sério obstáculo a vencer. Antes de Tucano, íngreme ladeira cheia de lama, desafiava a perícia do mais experimentado motorista e a rigidez dos carros. Tudo foi vencido facilmente com a descida do grosso dos passageiros e a ajuda em empurrar o veículo pela gente mais possante. Passamos em Tucano cêdo e ainda, para não perder tempo naquela jornada, com quase um dia de atraso, o motorista resolveu transferir o almoço para Itapicuru. Foi a pior refeição de toda a estrada. O feijão era a coisa mais lastimável que já experimentei, em dias de minha vida. Mais adiante, muita gente começou a queixar-se de dor de barriga. Para prevenir-me contra qualquer desarranjo, após o almoço que engolia tãgido pela fome, sorvi alguns comprimidos de Enteroviofórmio, indispensável em minhas caminhadas.

Passamos em Araci e, á tardinha, atingimos Serrinha, cidade bem desenvolvida dos sertões baianos. Já a conhecia: Pernoitara ali certa vez, conduzindo caravana de normalistas de Crato. Doutra feita o trem em que viajava de Salvador para Juazeiro da Bahia parou naquela cidade, á meia noite. Com Zuleica, dirigi-me a todas as pensões que chapeado me conduzira. Estavam superlotadas. Voltamos ao trem e foi depois de muito pedir ao condutor que êle nos permitiu pernoitar no próprio vagão, em companhia de outras pessoas que retornavam também de tentativas de encontrar agasalho nos hotéis.

O ônibus não demorou muito em Serrinha e às sete e trinta da noite, alcançámos a bem iluminada e relativamente grande cidade de Feira de Santana. Graças a Deus nos deparámos, com bom dormitório, abaixo do qual se instalava confortável restaurante. Banheiros e instalações sanitárias dispunham de abundância d'água. O frio reinante e o cansaço forçaram-nos a sono reparador, só despertando às 3,30 da madrugada, pelo empregado da hotel. Às quatro, partimos, após confortável café no restaurante. Fazia frio e garoava tanto quanto em Petropolis, em seus dias friorentos. Tivemos de passar em pôsto de vacinação, aliás muito bem organizado e com esterilização esmerada dos aparelhos injetores. Julguei que fôsse vacina contra a febre amarela. Estranhei aquilo, com a certeza que tinha de ter aquela infecção se extinguido, por completo, no pais. No Rio soube que havia surto de febre amarela silvestre em determinada região nortista, não divulgada. Foi o Dr. Hermínio Conde quem me disse isso.

A estrada dali em diante em nada se parecia com a que palmilhamos anteriormente. A paisagem também mudara, com vegetação mais exuberante e serie de montes e montanhas, que muito alegavam a visão. Em Milagras, tivemos ótimo café com queijo e ovos estrelados. A parte ruim

da viagem ficara atrás de Feira de Santana. Naquele asfalto construído por Juscelino para dar a Minas Gerais novos caminhos de escoamento de seus produtos, o ônibus corria sem tropeços. Parecia até passeio e bem agradável.

Já no dia 10, almoçamos em Jequié. Antes de chegar naquela cidade baiana, tive perda de objeto que muito me contristou e também á minha esposa. Comprara laranjas em Milagres. Descasquei-as e chujei-as sorvendo aquele suco delicioso e vivificador. Juntei as cascas em guardanapo. Depois envolvi tudo naquele pedaço de pano e dei a minha esposa para sacudir-lhe o conteúdo fora, pela janela. Momentos depois, verificamos que o canivete se fôra também. Tratava-se de um presente da Bayer, antes da segunda guerra mundial, quando era eu estabelecido com farmácia, em minha cidade natal. Confeccionado com aço inoxidável, trazia meu autógrafo gravado na parte externa entre arabescos bem artísticos. Servirá em todas as nossas viagens anteriores. Sua perda nos entristeceu, pois até a objeto; inanimados, aprendemos a amar e sentimos saudades de sua ausência, como se fossem seres vivos. Zuleica em suas notas escreveu:

" Lá se foi pela janela do ônibus o canivete com o nome de José, gravado na Alemanha, nos tempos áureos da farmácia. A história foi simples. Misturado, por esquecimento, com cascas de laranjas, foi sacudido de dentro da toalinha. Era pequenino, inoxidável e douradinho, com letras pretas, desenhado com a cruz Bayer. Acompanhou-nos nas muitas viagens por terra, por mar e pelas ares, por êste Brasil afora, em busca das capitais onde sempre passamos nossas férias. José e eu sentimos a falta de nosso velho companheiro. A gente se afeiçoa aos objetos que parece fazerem parte da nossa vida! Não é a perda material, é a lembrança dos belos dias, que se prendem a qualquer coisa pequenina e sem valor.

Vão-se assim uma a uma as recordações!"

Jequié é cidade mais ou menos movimentada. A população é alegre e acolhedora, à maneira do baiano em geral. Há frutas em abundância especialmente ótimas laranjas. Havia banheiros com muita água, embora os aparelhos deixem muito a desejar. No hotel em que nos hospedamos, aliás não servindo de padrão para a cidade, pois, o motorista tem suas predileções especiais em matéria de hospedagem e mesmo não pode conduzir o passageiro de parques recursos para hotéis de luxo e caros. Agora, o que a gente deve exigir e as próprias autoridades obrigarem, é que haja asseio em tôdas as pensões de beira de estrada. Seria exigência mínima e de acôrdo com a evolução natural do Brasil. No sul é assim e a própria Paraíba encravada em plena zona seca do Nordeste dá exemplo de higiene em hotéis sertanejos, a Pernambuco, Ceará, Piauí e Bahia.

Almoçamos bem naquela cidade baiana. Notei, no entanto, abundância de mendigos, fora do comum, até em regiões mais pobres que atrainhesse. Não me acomodei enquanto não ouvi, pelo menos pormenorizadamente, alguns: daqueles pedintes, em que predominava a côr preta. Muitos dêles ostentavam aleijões, mondrongs e cicatrizes. Em breve, acamaradava-me com negro simpático e dêle colhi entrevista que publiquei na imprensa e agora transcrevo, nestas páginas, a título de curiosidade. E' do jornal "Presença do Folclore" do folclorista carioca, meu bom amigo — Dr. Francisco Vasconcelos:

Em princípio do mês de julho de 1964, viajei de ônibus pela Rio-Bahia, de Crato ao Rio. No quarto dia de percurso o veículo estacionou em Jequié, para o almoço. A cidade é pitoresca e alegre. A alma hospitaleira do baiano logo nos contamina de sadia alegria. Há, no entanto, nota que nos choca bastante mesmo depois de palmilharmos estrada; sem

fim, no Nordeste brabo, na caatinga. Naquela cidade há abundância, alarmante de mendigos, notadamente de côr prêta. Em pouco tempo já estava eu abordado por muitos dêles.

Ao dar esmola a velho negro sorridente de cara bem simpática, perguntei-lhe com a minha natural curiosidade, em conhecer as coisas e homens d'êste nosso Brasil: — De onde você é natural, meu velhinho?

— De Lençóis — respondeu-me o simpático esmoler, abrindo-se em sorriso largo.

Aquela localidade baiana, encravada em zona de mineração de ouro e diamante, recordou-me imediatamente a figura quase lendária do antigo chefe de jagunços o Coronel Horácio Matos. Indaguei-lhe imediatamente, em cima da bucha, como dizemos melhor no Nordeste:

— Já pegou no pau furado? — Ora meu amo, fui mestre nisso — e fez o gesto de quem manobra um fuzil Mauser e dá um disparo no gatilho.

O mendigo que me informava chamava-se João de Souza, bahiano, filho de pai cearense e puxava de uma perna. Já encanecido, não atingia a idade de 60 anos. Isso muito me admirou, porque, no Ceará, quando um negro pinta, tem três vêzes trinta e foi o que lhe disse.

— Meu amo, todos êsses pretos véios que estão pedindo esmola não chegaram à minha idade e tudo isso foi jagunço no tempo passado.

Alguns se aproximaram implorando também o seu quinhão. Um tinha braço quebrado, outro um mondrongo disforme no nariz. Êste tinha um ar de santo negro lembrando talvez um Pai Tomaz ou um Pai João qualquer, vindo da escravidão de outrora para os tempos presentes. Apontando-o para mim, disse-me o ex-cabra do Coronel Horácio Matos:

“Êste véio é o pior de nós todo. Foi jagunço do Coronel Silvino (não confundir com o cangaceiro paraibano Antonio Silvino), e foi jagunço do diabo. Mandou muita gente pro outro mundo”. Indicou-me outro mutilado que passava ao lado, também com crônica bem movimentada nos anais do cangaceirismo bahiano, em tempos que já se foram. Só um daqueles que pediam esmola, tão humildemente aos passageiros que transitavam pela Rio-Bahia, disse-me êle não fôra pistoleiro. Antigamente, possuía boa propriedade agrícola e arruinou-se com negócios desmantelados, sendo finalmente atirado à mendicância.

João de Souza tem boa memória. Lembrava-se bem na época áurea da mineração em Lençóis, das questões políticas de então e do assassinio do Coronel Horácio Matos em ruas de Salvador, quando acompanhado de uma filha ou neta. A dúvida é minha e não do simpático mendigo das ruas de Jequié, e meu informante. Ao perguntar-lhe sôbre a questão entre seu chefe e o Presidente da República, Epitácio Pessoa, que mobilizou parte importante das forças armadas incluindo a nova arma-tanque recentemente chegado do teatro da luta na Europa, falou com inteiro conhecimento de causa, do saudoso estadista nordestino. Contou que aquela concentração de tropas em Salvador, foi agua na fervura no espirito revoltoso em Lençóis. Com o sorriso sempre a oflorar-lhe aos lábios, relatou-me casos exatos divulgados pela imprensa naquela época e também o período em que esteve Epitácio à frente do Governo do País.

João de Souza, ao responder indagações minhas nesse sentido, informou-me que um pedinte, em Jequié faz em média 500 a 1.000 cruzeiros diários. Mesmo com a inflação da hora presente, creio que a mendicância no interior bahiano, ainda não é das piores profissões.

Prosseguimos a caminhada pelo asfalto, com o carro a desenvolver intenso velocidade. Atravessamos lugarejos sem importância; à tardinha,

com temperatura relativamente baixa, alcançamos Vitória de Conquista, com ares de urbe de vida mais ou menos intensa. Em môrro, há pavilhão bonito, em côres vermelhas, onde se instala empresa telefônica interurbana, sinal de progresso da zona. Às dez horas da noite, em terras mineiras, paramos nos arredores de Medina, em hotel em construção, mas com série de quartos já funcionando. Trata-se do ROSA CRUZ HOTEL, traíndo-lhe o nome origem maçônica. O proprietário Oriel Macêdo, explicou-me porque dera aquela denominação em homenagem aos seus irmãos de loja. É boa pessoa e acima de tudo o que eu preferia, não eram nomes e sim quarto regular e bom passadio. Ali havia tudo isso a par de lhanza de trato do proprietário, gerente e empregados. Madrugamos na saída daquela cidade de topônimo mussulmano e de hotel ligado ao grande Oriente. O frio nos castigava a pele desogasalhada. O material contra frio ficara só para usar no Rio e em S. Paulo. No entanto, até na caatinga baiana, a temperatura baixara. Encontramos garoa em Feira de Santana e dia claríssimo em Petrópolis.

Naquele dia 11, já com o sol bem claro e a temperatura a amenizar, tomamos café em Teófilo Otoni. Recordei-me do esforço pioneiro daquele político liberal mineiro que implantara cidade em então sertão bravio de Minas, agora inteiramente povoado. Mercadejadores ambulantes ofertaram-nos as conhecidas águas marinhas da região. Perderam o tempo, e o latim.

O almôço foi em Dom Cavati. Antes em Governador Valadares ficaram algumas passageiras turistas de Crato e que se destinavam à Brasília, Heloisa Macêdo, um sobrinho menor e a bancária Altina. Prosseguiram viagem até o Rio e S. Paulo: nossas conterraneas — Pia Maria, Dolores de Lima e Micho. A refeição naquela localidade mineira merece registro especial. Consta de galinha assada tão boa que se tornou conhecida em toda Rio-Bahia. São indispensáveis os dois pratos de feijão branco e prêto. O passageiro pode assim refazer as forças. Tive tempo de engraxar os sapatos e fazer a barba, quando aproveitei o tempo para puxar conversa com o barbeiro que me escanhou e os presentes sentados em cadeiras. Perguntei-lhes que tal o atual governador de Minas — Magalhães Pinto. A resposta unânime foi:

— Nada tem feito por Minas.

Outro acrescentou o mais que depressa.

— Só se preocupa com política e nada mais.

Não houve uma voz sequer que o defendesse daqueles populares da cidade de D. Cavati.

Minas, até então, naquele trecho da estrada, quase que apresentava o mesmo desconforto de parte importante do Nordeste Brasileiro. Noutro trecho, no entanto, progride a olhos vistos, mas só iríamos conhecê-lo depois, e por outras estradas. Môrros e mais môrros se sucedem mostrando as chagas da erosão. Só raramente a gente se depara com o cimo de alguns protegido pela mata.

De D. Cavati, de seu bom hotel que, no entanto, não nos serviu sobremesa, prosseguimos a jornada, às 15 horas, com aprazível temperatura. Atingimos Inhapim que fica em bonito vale. Avista-se o pitoresco casario lá em baixo, do alto da rodovia. Em S. Domingos, vê-se a torre da Igreja em estilo sui-gêneris. Atravessamos Caratinga de tanto renome, mas que eu não pude conhecer. Fomos pernoitar em bom hotel em Muriaé, cidade que já tem cheiro e aspecto das congêneres de S. Paulo. Viajamos cêdo, no dia 12, às 4,30 e nada pude divisar de Leopoldina. Às sete, penetramos no Estado do Rio. O panorama de todo o percurso é dos mais deslumbran-

tes e compensa todo o desconforto da viagem, incluindo mesmo o enclhe nas visinhanças de Tucano, na Bahia. Atravessamos longa e bonita ponte sobre o rio civilizador — o Paraíba. Tudo parece um postal, como afirmou minha esposa em suas notas. Casas de bonito aspecto se disseminam sobre os montes. De vez em quando, construção mais alentada, em estilo arquitetônica de valor. Passamos pelas visinhanças de Petrópolis com o céu tão claro quanto o Nordeste. Paramos em frente a chafariz, em cruzamento de estradas da Rio-Petrópolis. Muitos beberam daquela água límpida. Eu sorvi o ar puro das montanhas e embeveci-me com o deslumbrante panorama. Ao meio dia, chegamos a agência da empresa, em São Cristovão. Por informação dos irmãos de Pia Maria, o agente já me conhecia, recomendando-me motorista português que me conduziu, com Zuleica e bagagem, até ao Joaquim Nabuco, em Copacabana à residência de meu cunhado — Dr. Ilkens Almeida de Aguiar.

## I I

Solicitadamente e cobrando preço relativamente módico, o chofêr luso conduziu a bagagem até ao quinto andar. Entramos pela porta traseira do apartamento. Minha irmã Lili recebeu-nos com a efusão costumeira. Meus sobrinhos Amilcar, Silvinha, com duas primas e amiga serviam-se ainda da sobremesa, quando entramos na sala. Ilkens veio logo a falar conosco com o abraço fraternal de sempre. Minha irmã disse-nos a queimada roupa, em tom de brincadeira :

— Vocês passaram por debaixo da mesa !

Referia-se ao fato de termos chegado em sua casa após o almoço. Rimos-nos e dentro de pouco tempo, em ambiente amigável, refazíamos as fôrças em frente a lauta mesa.

Sabiam todos que estávamos em vésperas de chegar. O tempo exato é que ignoravam, pois, o ônibus, devido às dificuldades na travessia do trecho entre Barra do Tarrachil e Feira de Santana, não tinha hora exata de chegada, tanto no Rio como em São Paulo.

A longa viagem pelos sertões não nos fatigou. Estávamos bem dispostos e á noite tivemos a coragem de ir ao Cine-Copacabana, o mais próximo, assistir o filme "O Maior Amor de Nossas Vidas" de Walt Disney. Infelizmente, não fomos à missa, cumprir o dever dominical, com essa preguiça natural para as obrigações sérias, comum a todos nós, feitos desse barro humano.

A residência de meu cunhado é bem localizada. Situa-se entre duas praias de Copacabana e a do Arpoador. A nossa chegada ao Rio correspondeu a tempo magnífico, o que muito nos alegrou, pois, conforme o noticiário recente de jornais e rádios, esperávamos frio, umidade e chuvas na Guanabara. Mas isso logo viria, com essa mudança radical que se opera no tempo, tanto no Rio, como em S. Paulo.

Pela manhã, fomos á praia de Copacabana. Não é do meu intento descrever as coisas por demais conhecidas e focalizadas por mil e um viajantes. Quero frisar apenas algumas particularidades que pude observar. Copacabana não é só o local de banhistas semi-nuas. Aliás vestem-se melhor do que no Arpoador.

Em Russas, no Ceará, há velho agricultor, inteligente e engraçado. Trata-se do Sr. Segismundo Maia. Em certa ocasião foi visitar o Rio, então capital política do Brasil. Ao retornar á sua cidade natal, alguém lhe per-

guntou o que achara melhor em seu passeio à capital da República. Respondeu simples e secamente:

— Seis léguas de mulher nua, em Copacabana.

Não são seis léguas e unicamente seis quilômetros.

Aquela encantadora praia não é só o paraíso de banhistas. É o maior desfile de encantadores garotinhos que a gente pode ver nessa terra. Cada qual o mais roado e o mais robusto. É uma verdadeira exposição de bebês. É mais encantador, é quando o seu carrinho é impulsionado por um dos avós, notadamente do sexo masculino. Comprova assim que o amor de família é sempre o mesmo, desde a cabana do interior à cidade opulenta do litoral.

Também ali há desfile incessante de bonitos cões de todos os razes. Muitas vezes, com a minha consorte sentava-me em banco e apreciava tudo aquilo, com a brisa marítima a nos acariciar. Ouvia conversas dos vizinhos. As mulheres não esqueciam os problemas sérios domésticos. Verberavam contra a carestia que cada dia mais se avolumava, desarticulando-lhe a economia caseira. Falavam nas crianças e contavam suas gracinhas como qualquer dona de casa do interior. Também ouvia negociantes em sua mistura de línguas a falarem sobre Câmbio, importação e exportação. Em certa ocasião, velho florianista, com seu companheiro, relembra os episódios da guerra civil no tempo do Marechal, quando a marinha se revoltara, no alvorecer da república. E não se cansava de enaltecer o herói que, com seu pulso forte, debelara a rebelião de Custódio de Melo, depois engrossada com a forte adesão de Saldanha da Gama. O forte de Copacabana, silencioso e solene, ali tão perto de nós, guardava igualmente feitos de glória na contínua vigilância da baía de Guanabara.

Copacabana, nos vivificava o espírito. Voltamos para casa e à noite saímos de carro. Prometi que este livro seria as impressões de viagem em ônibus e estou a falar nas belezas e fatos do Rio, fora do programa traçado. Aquela permanência na bela metrópole de fato do país, não fora função daquela longa travessia que fizemos, em ônibus, por este Brasil cfora?

Ilkens guiava-nos em seu Volks. Demos um circuito pela cidade, em visita aos tuneis e pela viaduto das Laranjeiras, recentemente construído pelo governador Carlos Lacerda. Pude ver que a cidade finalmente estava com firme plano de execuções, de forma a colocá-la em plano privilegiado em seu quarto centenário, em 1965. Às 11,30, retornamos à casa. Naquele ambiente acolhedor ninguém podia dormir cedo. O bate-papo sempre se prolongava até uma ou duas da madrugada. O melhor de tudo é que a palestra não tinha caráter fútil. Versava, sobretudo, em temas sérios. Ilkens, senhor de sólida cultura, nunca descia a frivolidades. Amílcar no último ano de engenharia eletrônica na Universidade Católica, sempre agarrado aos livros e aos problemas intrincados, só falava em termos elevado. A própria sobrinha Silvia, macinha encantadora, sob todos os pontos de vista, quando não estudava, resolvia quebra-cabeças sempre a trocar idéias em torno de sinônimos. Lili, minha irmã, a alegria em pessoa, preparava-se para a próxima viagem aos Estados Unidos com o marido, em visita à filha Neuma que casara com o inglês Roger, todos os dois a aproveitarem bolsa de estudos, que venceram galhardamente em concursos.

O dia 14 de Julho era data de meu aniversário. Pensei ninguém se lembrar do fato e acordei tranqüilo. Ao sair do quarto, Ilkens foi logo me dando os parabens, depois de Lili. Em seguida, formou-se côro alegre com minha esposa e todos de casa a entoarem parabens para você. Mais espontânea e mais simples homenagem não poderia ter eu naquele dia, longe de

casa, mas no seio de outra família que residia em uma das melhores cidades do universo, mas que conservava os bons costumes que nossas mães nos imprimiram no Ceará, uma em Crato e outra em Fortaleza. Ilkens nascera na capital Cearense, formara-se em odontologia, mas fizera carreira no Banco do Brasil, ocupando então o cargo de inspetor da SUMOC, sendo agora diretor daquela maior instituição de crédito do país.

À noitinha, a cantoria repetiu-se com o bolo que Silvinha fizera em minha homenagem e saboreado com outros quitutes pelos presentes.

Naquele dia, não pelo motivo de meu aniversário, que ele ignorava, recebi a visita do grande amigo Dr. Hermínio de Brito Conde. No Rio era dos elementos com que mais me ligava e a amizade se firmou quando ele em Crato, chefou o trabalho ciclópico de combate ao tracoma. Homem de conversa boa, espírito ágil, com bom cabedal de cultura, conhecia vários países estrangeiros e naquela ocasião, orientava, no Instituto de Pesquisas da Marinha, a adaptação de termo cauterios para funcionar com pilhas, assim, muito simplificando o seu uso em qualquer parte do país. Estava ainda fazer curso do Estado Maior do Exército. Não só se dedicava, com belo estilo, a publicar livros de cunho científico, como escrevia sobre assuntos históricos. Publicou recentemente A INDEPENDÊNCIA NO NORDESTE, salientando o esforço desenvolvido pela libertação do Maranhão e Piauí em 1823, por forças genuinamente nacionais, desmentindo a balela histórica que dá a Cochrane a primazia nas lutas de independência no Maranhão quando praticamente nada fez.

Dr. Hermínio Conde que se constituiu em meu grande amigo e com sua digna consorte Dona Nilsa e filhos abriu-nos as portas de seu encantador lar, à rua Paula Freitas, em Copacabana, tinha também cuidado especial com minha saúde, pois, conhecera-me acometido em Crato, com lesão cardíaca e diabetes. Naquela minha última estada no Rio, estava ele bem disposto, parecendo até que vendia saúde, como nos expressamos no Nordeste com quem se encontra sadio. Ao retornar a Crato, recebi telegrama de sua senhora dando-me a notícia de seu falecimento. Foi perda que muito senti e tive de estravasor esse sentimento, em crônicas de jornais e em rádio-emissoras.

Foi a segunda visita que recebi no Rio. A primeira, logo no dia imediato à minha chegada, foi a do Capitão Otacílio Anselmo e Silva, cariense que morava em Crato, membro do Instituto Cultural do Cariri e fundador de nossa revista ITAYTERA. Acabara de escrever alentado e seguro estudo, ótimamente documentado, sobre o nosso conterrâneo Padre Cícero Romão Batista, figura que se destacara no cenário social e histórico do Nordeste. Disse-me ele que os originais estavam em poder do crítico de boa editora do Rio, de repercussão nacional. Poucos dias depois, obtive aprovação e em breve sairá, elucidando questões intrincadas deste nosso trepidante Nordeste.

A Velhacop, ou Belacop, sempre tem seus atrativos especiais, que nos prendem de alma e coração. A própria visita ao comércio, notadamente em Copacabana, é uma festa de surpresas para todos nós. Minha esposa gostava dessas visitas, especialmente quando em companhia de minha irmã, nossa hospedeira, espírito muito arguto e minucioso em tudo e que conhece a cidade de cabo a rabo. Não pode haver melhor cicerone para se andar do que Lili.

No dia 15, tivemos outra visita de bom amigo que firmara em minha terra. É o carioca Dr. Francisco de Vasconcellos que, por duas vezes, visitara o Cariri, em pesquisas de caráter folclórico. Ficara empolgado pelos motivos populares que observou e devêras afeiçoou-se à nossa terra, transformando-se

autêntico cratense. Gravava músicas e cânticos de várias funções folclóricas de Crato e do Cariri, em geral, conservando também objetos de arte popular daquela redondeza, com inteiro carinho e paixão. É bela vocação para o estudo e interpretação do folclore em todos os seus aspectos. Empolgou-se com originalidades com que se deparou em suas excursões pelo sul do Ceará. Convidou-nos para um jantar na residência de seus pais, á rua Araucaria, 135, no Jardim Botânico. Lá deveríamos encontrar também o folclorista Antônio Augusto Fontes, presidente do "Clube de Amigos do Folclore", do Rio e que eu já tivera o prazer de conhecer pessoalmente, por ocasião do 5.º Congresso Brasileiro de Folclore, realizado em Julho de 1963, em Fortaleza.

Na hora aprazada, nos apanhou em taxi no edifício onde nós hospedávamos. No Jardim Botânico, o frio estava mais intenso do que em Copacabana e nossos organismos de nordestinos, estranharam um pouco, aquela temperatura com que não estávamos habituadas. O ambiente não poderia ser mais agradável e distinto. Verdadeiro museu de arte e de antiguidades. Tudo bem disposto se aloja naquela residência encantadora onde se alia o bom gosto com a mais fina lhança de trato. Passei a palavra para a minha esposa, com sua sensibilidade feminina, através de suas notas:

"O jantar foi servido às 9 horas. Dona Dulce, a mãe do Dr. Francisco Vasconcellos, é a simpatia e distinção personificadas. Acolheu-nos com tanta bondade e tão afável que ficamos deveras cativo. Senhora moça, ainda elegante e educada. Ótimo jantar muito bem servido, com copeira a rigor, de prêto e avental branco, sôbre a mesa estendia-se toalha de linho branco com bordados da ilha da Madeira, tudo em ambiente de luxo e distinção, mas com a simplicidade das pessoas bem nascidas. O MENU constou: **Consomé** com quadradinhos de pão torrado ao centro; salada de verduras; fatias de carne com gomo de laranja, arroz e sobremesa, abacatada. Disse-me ela ter feito o jantar à base de frutas por causa do Dr. José. Já nos conhecia muito de nome. O salão, o que há de mais bonito. Antiguidades, espelhos espessos, tapêtes e cortinas amplas. Grande vitraça ao fundo, vendo-se minúsculo e bem cuidado jardim. Achei ótimo o ambiente".

A conversa também foi das mais atrativas, versando mais sôbre folclore e arte popular do Nordeste. O outro conviva, o folclorista Antônio Augusto Fontes, do Banco do Brasil, muito falou de seu estado natal — Santa Catarina. Foi ótimo convívio em ambiente cento por cento bom. Ali foi estabelecido o plano da palestra sôbre o folclore caririense que eu iria fazer na CASA DO CEARÁ, com exibição de gravações feitas em Crato pelo dr. Francisco de Vasconcellos. A mesma Casa do Ceará, o Clube de Amigos do Folclore e o Instituto Cultural do Cariri a patrocinariam. Cuidou-se logo de sua divulgação por intermédio de convites impressos, pessoais e pelos meios de divulgação dos jornais, rádios e televisão. Retornamos acompanhados até á casa pelo folclorista Antônio Augusto Fontes.

O dia 16 ainda amanheceu límpido, convidando-nos a aproveitá-lo. Entretanto, só saímos á tarde no carrinho, guiado pelo Amilcar. Ficamos no Teatro da Pracinha, onde assistimos a bem encenada peça "O HÓSPEDE DESCONHECIDO", de cunho policial. Ao sairmos do teatro encontramos muita dificuldade em arranjar taxi para nos conduzir á casa. Era hora do "rush" citadino, do descambar do dia.

O dia 17 amanheceu de cara feia, o que muito nos contristou, ameaçando-nos o programa de passeios que traçamos préviamente. Neblinava e o frio aumentara. Saimos, no entanto, com os agasalhos indispensáveis para pequenas compras no comércio de Copacabana. No carrinho de sempre, fomos em busca de Silvinha que pernoitara com amiguinha e antiga vizinha na Senador Vergueiro. Aproveitávamos todos os momentos de saída, tanto de



Ilkens, como de Amilcar. Este, até quando o carro parava, agarrava-se a cadernos a resolver problemas de física ou de intrincadas complicações para futuros testes nos aparelhos de electrónica da Universidade Católica.

Minha irmã e cunhado foram jantar em festa de casamento, do qual serviram de testemunhas. Não consenti que mandassem fazer a segunda refeição em casa. Convidei os dois \*sobrinhos a jantarem conosco no BRASEIRO, restaurante que conhecíamos, á rua Julio de Castilho. Dois jovens, irmãos, convidados dos tios, já de certa idade. Mas, nos damos tão bem com eles, que nos sabem compreender! Foi jantar encantador e o assunto de todos os matizes nunca faltou a animar-nos, apesar de tanta diferença de idade. Ótimo a gente ser bem compreendida pela juventude. Até nos faz rejuvenescer momentaneamente.

O restaurante nos serviu bem e eles disseram que aquela noite, com seus tios, seria inesquecível. Sentimos-nos desvanecidos com a gentileza dos dois. Apesar de moços a conversação deles é sempre empolgante e nunca desceu a futilidades. Encaram as coisas com realismo e mesmo, vivendo em grande capital, em bairro dos melhores, não menosprezam o resto do Brasil. Gostam até de ouvir, com atenção, as observações bebidas no convívio simples da gente do interior.

Estou sempre a seguir o roteiro do diário de Zuleica. No dia 18 de Julho, friorento e a neblinar, rumamos á feira da Lagoa Rodrigo de Freitas. A paisagem é sempre das mais atrativas constituindo dos passeios prediletos de meu cunhado. Naquele bonito trecho do Rio é por onde começa ele a mostrar a cidade a qualquer visitante seu conhecido. E é belo cartão de visita a dar a melhor das impressões. A lagoa é cercada por conjunto de grandes edifícios em mistura com as casas térreas predominando estas no outro lado, por detrás de tudo, sempre a chaga da cidade, o casario imenso da favela. A noite a visão é mais deslumbrante com a iluminação em parte a refletir-se na lagoa. Naquele sábado fomos á feira. Fiquei sentado em caixote, enquanto eles foram fazer as compras da semana. Sou de uma terra que se orgulha de ter das melhores feiras do Nordeste. Haverá alguma semelhança entre aquêla aglomeração de opulenta capital e o outro que se passa na segunda-feira, em Crato? Naturalmente o de minha cidade é mais variado. Há de tudo quanto o Nordeste possa produzir. A paisagem humana também é mais atraente, com a multidão que se estende pelas ruas e o bulício sempre a animá-la. A feira do Rio, como a de qualquer bairro de grande cidade, muitas vezes pode oferecer maior asseio, mas é sempre monótona. Há agitação. Há ofertas de produtos aos gritos dos vendedores, notadamente de crianças. E há certa ordem naquele mercadejar onde a figura central é sempre elemento estrangeiro, português, italiano ou sírio. Em S. Paulo predomina também o nipônico. A exposição de frutas e de verduras é em montes arrumadas em pirâmide e tudo traz seu preço marcado. Senhoras elegantes passam de quando em quando a indagarem o preço da mercadoria, ao mesmo tempo que analisam, com minúcia. Outras marmotas, vestidas de qualquer jeito, também demonstram que há de tudo numa capital. Negros da próxima favela, oferecem seu serviço ou vendem coisas de pouca monta. Até brigas presenciei daquele meu recanto, mas sem o perigo de certos desenlaces sangrentos, como acontecia outrora nas feiras nordestinas.

Para acalmar a sede chupei duas tangerinas amarelinhas, vindas especialmente do estado do Rio, para a delícia dos habitantes e visitantes da cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro.

Aquêla sábado foi muito cheio para nós. A tardinha saímos com Ilkens, em companhia também do bom amigo Francisco Vasconcellos. Demos uma volta de carro em diversos pontos e fomos visitar o Mosteiro de São Bento.

Ficamos extasiados diante daquela maravilha da arte barroca. Imagens entalhadas em jacarandá, anjos e ouro por todos os recantos. Colunas riquíssimas se erguem com desenhos de videira. Francisco Vasconcellos, o nosso cicerone, explicava tudo, em frente a altares e púlpitos, com minúcias de senhor completo do assunto. Por falta da presença de um frade, outros visitantes se juntaram ao nosso grupo atraídos pelas explicações de meu companheiro e amigo. Assim foi que a gaúcha Dona Inah de Melo se deu a conhecer conosco e ficou com Zuleica em seu carro, enquanto visitávamos a clausura, local vedado ao elemento feminino, a não ser por ocasião do falecimento de qualquer dos monges. Na última hora um religioso de Sergipe, chegou-se ao grupo e conduziu o elemento masculino para o interior do convento. Ao voltar ao pátio, tive ocasião de falar mais a vagar com dona Inah, que já conversava animadamente com Zuleica. Residia em Pelotas, no Rio Grande do Sul e muito conhecera o bispo D. Joaquim de Melo, cratense, que dirigira por vários e fecundos anos, aquela diocese gaúcha. Escreveu até bilhete rápido ao meu velho amigo Monsenhor Silvano da Souza, que fôra auxiliar daquele Bispo em Pelotas e que residia então em Crato, com 59 anos, de vida sacerdotal, ainda a exercer o magistério na Faculdade de Filosofia.

O passeio não parou ali. Prosseguimos a jornada até ao bairro da Tijuca. Fui visitar o General Tristão Alencar Araripe que eu conhecia por correspondência, sendo dos bons colaboradores de nossa revista ITAYTERA. Exercia o cargo de Presidente do Supremo Tribunal Militar. O frio aumentava, a proporção que o Wolsk se aproximava da zona elevada da Tijuca. O carro parou em sua residência, em bairro bem elegante, com habitação das mais requintadas. Tivemos de subir lance de escadas até atingirmos a sala de entrada da residência do General que herda nome ilustre dos heróis da independência do Ceará. Uma sua parenta, muito afável nos recebeu e mandou que demorássemos um pouco, que êle não tardaria a chegar, acompanhado da esposa.

Ficámos na confortável sala a dar espiadela na harmônica disposição dos móveis e quadros. Chamou-nos a atenção a exposição de condecorações do ilustre militar, que aliás fizera carreira brilhante, sendo outrossim, das figuras intelectuais mais proeminentes do exército. Só às 18 horas chegou, acompanhado da esposa. É figura alta, imponente, e muito lhano de trato. Sua senhora, igualmente de sangue Alencar, tem orgulho de sua descendência dos heróis cratenses de 1817, 1822 e 1824. A conversa prolongou-se por algum tempo, com intenso calor de entusiasmo em contraste com ambiente cuja temperatura caía de minuto a minuto. Voltamos ansiosos para nos encontrar no clima mais tépido de Copacabana.

No Domingo, 19, fomos à missa, na pitoresca Igreja de Copacabana. Perdemos a de 8 horas e nos demoramos à praia, nas vizinhanças do forte. O tempo não estava bom, mas como diz a canção, "Copacabana é bonita até quando chove". Lá permanecemos. Não neblinava, fazia garôa, mas a conversa não deixou de ser bem animada.

A missa foi no interior da igreja. O tempo não permitiu que fôsse ao ar livre, no pátio externo. O povo assiste o ato religioso com mostros de piedade e acompanha o sacerdote, com as respostas de ajudante, mesmo quando celebrava em latim. Também entoava cânticos em côro, de bonito efeito, sobresaindo-se as vozes mais fortes dos homens. Muita gente pensa que tudo quanto é ruim se aloja nas cidades grandes. Nelas há de tudo. Há muito mais respeito e silêncio nas igrejas dos grandes centros do que em muitos lugares do interior. Compreende-se bem o caso. Só quem é realmente

católico frequenta a Igreja ao passo que, em certas localidades do interior, muitos vão à missa por hábito, como ponto de reunião e mesmo por inícuo, que é o termo de origem africana que bem lhe cabe.

Voltamos para casa, mesmo de pé, pois o percurso é bem curto. A empregada, mocinha protestante, como acontecia todos os domingos e às vezes; no sábado, ficava de folga. Lili é que ia ajeitar o almôço o que fazia muito bem e sempre alegre.

Na manhã do dia 20, fiquei a ler no apartamento, depois de curta visita ao correio, a fim de expedir correspondência para diversos pontos, conforme o meu hábito. Zuleica e Silvinha foram fazer compras em Ipanema, com fama de comércio mais barateiro do que o de Copacabana. Naquele dia, dei passeio com Amílcar pela praia Vermelha, voltando pela estrada por cima do túnel de Copacabana que eu ainda não conhecia. À noite, recebemos a visita dos conterrâneos, há muito radicados no Rio: Virgílio Arraes, sua esposa Marcionília e filhos Heliomar e Lisieux. Foi palestra bastante animada, tudo ali sendo focalizado, incluindo a política do momento. Quase todos ardorosos lacerdistas defendiam, com vigor, a administração do Governador. Minha irmã que não apitava no mesmo tom, estabeleceu amável discussão com eles. Lacerda é dessas figuras que a gente tem de decidir-se perante ela. Ou se é seu partidário exaltado, ou dos seus piores detratores. Indiferente é que não se pode ficar. Getúlio era assim.

No dia 21, com Silvinha e Zuleica, fui à rua México, à parte do Edifício do Ministério da Educação, onde funciona a Campanha de Defesa do Folclore. Não encontrei seu dirigente então acamado, o ministro Renato de Almeida. Alguns funcionários me receberam bem e mostraram-me a ficha com meu nome, a fim de corrigi-la se necessário. Dirigimo-nos, após lanche à sede da Transpress, agência de notícias da qual sou correspondente em Crato. Seu diretor mostrou-me o funcionamento de vários aparelhos eletrônicos que tiveram o condão de chamar a curiosidade de Silvinha.

Em casa recebemos a visita do compositor de música popular e diretor de orquestra Julinho e do musicista cearense Luís Róseo. O primeiro pretendia conhecer as gravações folclóricas feitas pelo dr. Francisco Vasconcelos, na zona cariense. No dia seguinte demos longa volta de carro, pela cidade. No dia 22 rumamos à praia de S. Conrado, recanto bucólico que muito nos faz repousar o espírito. Dizem que os restaurantes e bares daquele local são dominados por cearenses e nordestinos. Ali predomina população da mesma procedência. Não procurei indagar os fundamentos daquela informação. Nordestinos avultam hoje no Rio e em muitas outras cidades sulistas. Tornaram-se elementos corriqueiros em todos os recantos. Antigamente, nos primeiros passeios que fiz a S. Paulo ou ao Rio, de vez em quando, por soquete ou por usar o negativo não após o verbo, conhecíamos um nordestino. Havia até satisfação mútua naqueles encontros. A vida de hoje tornou-se utilitária e às vezes somos melhor recebido por gente de diferentes terras do que mesmo pelos originários da nossa, a não ser quando a eles estamos presos com laços indissolúveis de amizade ou de parentesco bem compreendido. Em São Conrado, o que servem muito bem nos restaurantes são churrasquinhos e galetos ao primo canto, não sei se graças aos cosinheiros do Nordeste, do Rio Grande do Sul ou mesmo do estrangeiro. O sabor é o que nos importa. Pena é a carestia não nos permitir frequência mais amuada ao agradável local, com a deslumbrante visita para a baía da Guanabara. Não há sobremesa melhor naquele ambiente do que as uvas cristalizadas que os garotos nos vendem, enfiadas em palitos. Abundam também espigas de milho assadas, à maneira nordestina.

No dia 24, fomos à agência do correio e telégrafo de Copacabana, a expedir carta e passar telegrama de parabens pelo aniversário de Dona Maria do Carmo, minha sogra. À tarde dirigimo-nos ao Ministério do Trabalho, a visitar o conterrâneo e meu parente — Bruno de Menezes. É das pessoas que nunca esquecem Crato. Mantinha, em casa, pequena tipografia só para editar folhetos de escritores cratenses e disseminá-los entre amigos. Foi dos pioneiros da imprensa em nossa terra, fundando a GAZETINHA, que se transformou depois em jornal atuante "A GAZETA DO CARIRI". Já presenteou quase todos os livros de sua biblioteca, incluindo coleções preciosas, ao Instituto Cultural do Cariri. Por último ofertou ao Museu do Crato, mantido por aquela instituição, valiosa coleção de bandeiras antigas que arrematou em leilão, há cerca de quarenta anos, por dois ou três contos de réis. Hoje deve valer uma boa fortuna em dinheiro. Bruno de Menezes é homem que coloca sua terra acima de tudo. Deve ter sofrido muita nostalgia, pois, afastou-se de Crato, para outras terras, desde há várias décadas. Raramente aparecia por lá a matar saudades e a reavivá-las ainda mais, quando dela se afastou. Muito conversei com êle, lembrando velhos conhecidos e episódios passados no Cariri, nos últimos tempos.

Ao voltarmos, tivemos a grata satisfação de receber, em casa, a visita do casal Dr. Hermínio de Brito Conde e esposa dona Nilsa. Convidaram-nos para um jantar em sua residência que já conhecia-mos e onde havia sempre ambiente hospitaleiro a nos prender. Quanta vivacidade de espírito de meu velho e bom amigo! Poucos meses depois, vítima de enfarto, calar-se para sempre, deixando, porém obra valiosa aos posteror, no campo das letras, da ciência e do bom exemplo.

Aquêlê dia fôra bastante movimentado. Dr. Francisco Vasconcellos, em seu afan de pesquisas folclóricas, arranjou uma macumba para visitarmos em sua companhia. Após o jantar, Amílcar conduziu os interessados em duas correrias do seu carro. Fui na primeira viagem, com Vasconcellos e Lili. Ficava na Gavea e tive de subir penosamente 72 degraus de escadaria aberta no morro. Fomos recebidos pela mãe de santa, — Ercília, simpática, alegre e inteligente. Apresentou-nos logo ao pai de santo — Nilo que nos contou avalanche de coisas. É esperto e disse-nos ser natural de Campos e por coincidência, trabalhara êle com o avô de Vasconcellos, antigo proprietário de usina de açúcar naquela próspera cidade fluminense. A conversa demorcu um pouco, até a chegada do resto de nosso pessoal que constava de Zuleica, Silvinha, Amílcar, Márcia, sua noiva, e mais uma mocinha natural de Belo Horizonte. Nilo, que eu não sei se é nome de batismo, disse-nos qua fizera parte das forças expedicionárias brasileiras, adotora diversas religiões e acabara por ficar na UBANDA que lhe satisfazia bem o espírito. Ercília falava inglês e entendia-se naquele idioma com os estrangeiros que abundavam no ambiente. Os dois não eram prêtos e apenas mestiços, com a mescla mais acentuada do aborígene, mas com traços ligeiros do elemento africano.

Novamente transcreverei, na íntegra, as anotações de Zuleica:

"A noite fomos ver a macumba no terreiro de Nossa Senhora das Graças, com seu pai de santo e mãe de santo, muito simpáticos — Nilo e Ercília. Subimos 72 degraus no maciço do Corcovado. Chegamos cêdo. O lugar aparentava ser deserto. Ficamos com mêdo. Um pouco mais tarde, a estrada ficou cheia de carros e começou a subir gente elegante, estrangeiros e adeptos. Às 9,30 a lua clara, começou a funcão. Profusão de velas acesas e garrafas se espalhavam em todos os recantos. Fileiras de copos d'água também se alinhavam ali. Nilo dizia que a pureza da água é que transmitia os

fluidos e correntes. Um altar enorme, abobadado, rústico, cheio de santo. Um Cristo que não é o Coração de Jesus, de um metro mais ou menos, S. Sebastião, S. Antônio, S. Benedito e muitos outros. No lado, ficavam figuras de negros, esculpidas, caboclos e infinidades de outras coisas, tudo iluminado a velas, em profusão. Cada devota, de branco, com saia meio balão, à imitação de baianas, levava e depositava uma a uma, em um cantinho, garrafas e ramos de margaridas e ervas. Depois se agruparam em grande roda, homens de um lado e mulheres de outro. No centro, Nilo, com suas barbas brancas, o pai de santo, começa a cantar com o côro ao redor a acompanhá-lo. Algumas músicas eram bonitas com ritmo de samba. Outras vêzes, o ritmo se tornava dolente e quase fúnebre. Os versos pecavam pela repetição excessiva. Depois daquela encenação, não sei se o ESPÍRITO baixou, o certo é que Nilo, circunspecto e grave (havia antes feito uma espécie de sermão) queimou em três painéis de ferro de pé, líquido parecido com cachaça, despejado das garrafas. Com um bastão encandescente, girava-o para o lado do mar, a fim de espantar o mal, como dizia. As mulheres imitavam-lhe o gesto e, ao mesmo tempo, sacudiam a saia. Não acreditei que Nilo e Ercília estivessem convictos daquilo tudo. Ele, ex-expedicionário, como se proclamava, semi-analfabeto e ela simpática, falando inglês corretamente, já fôra ao Haiti, aperfeiçoar-se em macumba ou coisa semelhante.

Como já fôsse mais de meia noite, voltamos para casa. Amilcar como na ida, conduziu a caravana, de duas vêzes. Primeiramente José, Lili e eu. Da segunda vez: Márcia, Silvinha, amiga e o Dr. Francisco Vasconcelos. Não vi nada de apavorante nem de mau. Apenas uma mistura de religiões (sincretismo), que a ignorância cultúa.

Havia, por baixo do altar, uma caverna, com estátuas, imitando deuses egípcios e uma MÁQUINA DO TEMPO, que o Nilo fez em alto relevo na parede, quando ATUADO. Tudo naquêlê ambiente era irrespirável pelo excesso de incenso e ervas queimados.

Esqueci-me de dizer que, ao terminar o expurgo dos espíritos maus, Nilo **encarnou-se** em prêto velho e saiu saracoteando, com os pés metidos nas duas painéis quentes, a falar diferente, como um pai João.

Naquela caracterização de Pai João, usava grande charuto aceso que lhe foi entregue por espécie de sacristão. As meninas que saíram depois de nós com Amilcar, não presenciaram a função até o fim, mas viram ainda as mulheres conduzindo pelas mãos as painéis que deviam estar bem quentes.

Em casa rimos muito, lembrando aquele cerimonia e Ilkens, ficou horrorizado em saber que gostamos de ver aquelas coisas extravagantes.

Nas suas idas e vindas pelo terreiro, Nilo era acompanhado por um pato domesticado. Parava com êle e caminhava ao seu pé. Tinha êle jeito muito brando de falar com o pato, como também quando admoestava as mulheres que erravam em qualquer cerimônia e na cantoria. Nas proximidades daquele terreiro, ainda na estrada asfaltada, havia, centenas de velas acênd. José lembrou se aquilo acontecesse em Crato, nenhuma daquelas velas escaparia à sanha da garotada.

A macumba no Rio, o candomblé da Bahia como o Xangô do Recife e de outras parágens nortistas são uma aculturação de elementos religiosos de três raças, com predominância de ritos afro-brasileiros, pouca contribuição ameríndia, muita criação do ritual católico e agora, sob influência mais direta do espiritismo. Não é originária diretamente da África, como a gente pensa. Isso é o que nos diz o grande estudioso do assunto, Prof. Edison Carneiro e também pela observação direta do emérito estudioso, o pontífice máximo do folclôre nacional, na atualidade, o antropólogo de primeira — Luís da Câmara Cascudo.

Naquele terreiro do Leblon, num dos recantos belos e prodigos da natureza carioca, há material bastante para o estudo de sociólogo — o terreiro de Nossa Senhora das Graças. Na minha qualidade de católico achei até irreverência à Nossa Senhora, ligada àquelas práticas, quando tudo se mistura, incluindo muito artificialismo, capaz de prender a atenção de muitas pessoas incultas. Engrava-se numa clareira da montanha, dentro de quase mata fechada. O espetáculo da natureza é de estarrecer. Tive vontade de voltar ali, de dia, só para ver bem claramente aquele panorama de encantar-nos a vista. Dentro daquele ambiente havia árvores frondosas, nas quais se agasalhavam pombos. Além da estrada asfaltada, o mar imenso da Baía de Guanabara. Pato e cachorros todos amestrados acompanhavam, por todos os cantos; o **sumo pontifice**, mistura de caboclo com elemento negro tendo também sua mesclinha branca. A barba dele é toda fechada e feita pausadamente em tom convincente. Diga-se de passagem que não prega o mal e encaminha aquela gente toda para o bem, em sua chamada LINHA DE UBANDA. Incenso, velas, estatuetas de santos católicos, ao lado de negros e caboclos, completam a parte material para a atmosfera mística. Atabaques, instrumento sagrado, tal o órgão nas igrejas, com cânticos dolentes completam o ambiente propício para a sugestão coletiva. Ercília, com sua simpatia e conversa empolgante, atrai qualquer dos visitantes de melhor nível intelectual.

Notei naquele ambiente, a presença de muitos estrangeiros, incluindo gente das representações diplomáticas, predominando o elemento israelense. Mais tarde, em conversa com o jornalista Antônio Holanda, disse-me que o judeu está sempre a frequentar e a dar todo o apoio a macumbas. Seria aquilo um meio de desviar o povo do culto religioso cristão? Não podemos dar muito crédito à campanha nazista que ainda perdura, em detrimento da raça israelita. Acredito que o interesse deles é o mesmo de muitos americanos, pelo mesmo motivo, o de estudar o folclore, através, daquelas manifestações religiosas de caráter popular.

A verdade, porém, é que de estudiosos do assunto, de origem geralmente nacional, só havia nós dois eu e Vasconcellos. Isso muito chamou a atenção de Nilo e de Ercília. Após a pregação do SUMO SACERDOTE, quando pais, mães de santo e neófitos se alinhavam para a cerimônia de cunho religioso propriamente dito, com influência nitidamente espírita, fez êle uma saudação aos primeiros brasileiros que estavam ali, com o fim exclusivo de pesquisas, eu e Vasconcellos. Êste último foi agradecer-lhe também de público e expressou-se dentro de toda a linha de UBANDA que conhece bem, frequentador que é daquelas reuniões não só do Rio, como de outros pontos do território nacional. O jeito que tive, foi ir também ao loci dizer algumas palavras de gratidão pela homenagem. Não elogiei a função, em desacôrdo com a minha formação e sim, exclusivamente, as atenções que recebera naquele ambiente. Acrescento que, estava eu naquela reunião por ser, na realidade, um folclorista nordestino.

Notei, entre os crentes do terreiro de Nossa Senhora das Graças, a pouca predominância do tipo étnico negro puro. Muita mestiçagem e até gente quase branca. Rapaz elegante encarregava-se de reacender velas e de alinhar garrafas de cachaça. Entre as mães de santo, havia mocinhas apresentáveis. No meio da cantoria, em ritmos de samba, tipicamente cariocas, ouvi toada fúnebre, tal qual se cantava antigamente no Cariri, em velórios, ou sentinelas, como as chamavam em parte importante do Ceará.

Certa feita, estava eu no restaurante do Jockey Clube de Teresina, a jantar, a convite, do Dr. José Ribamar. À mesa estavam igualmente a Exma. senhora daquele médico de nomeada no Piauí e minha senhora.

Conversávamos em assuntos gerais, até que tocamos no caso de conhecido feiticeiro que operava em certo trecho do município de Caxias. Residia justamente nas proximidades da fazenda do Dr. Ribamar e este o conhecia bem e fazia parte de suas relações. O feiticeiro exercia influência em vasta região e já fôra objeto de reportagens sensacionais na imprensa carioca. O médico de Teresina que me fôra apresentado, em carta, pelo comum amigo Dr. Quixadá Felício, inteligente, perspicaz, de ótima palestra, tocou a defender a ação do curandeiro nos sertões abandonados do Norte. Naquelas paragens, não há médico, farmacêutico e de ano em ano, aparece um sacerdote para a desobriga. A população é pobre e ignorante. Os administradores negam-lhe tudo de assistência. Naturalmente, tem ela de apagar-se a alguma coisa de tangível. O feiticeiro encarna tudo naquela redondeza. E' o curandeiro que dá mêzinha e usa até a terapêutica da sugestão, com seus passes cabalísticos. E' o sacerdote que socorre o povo na aflição e dá conselhos quase sempre para o bem. E' o delegado de polícia, representa o prefeito e o próprio juiz. No caso de uma mocinha ser desencaminhada, êle força o casamento para salvá-la. O feiticeiro é consequência natural do subdesenvolvimento e da ignorância. E' originário do pagé ou babalão africano, com raízes profundas na terra e na raça.

A mesma coisa podemos dizer daquela proliferação de macumbas do Rio e de similares noutras partes. Em pleno coração de adiantados centros urbanos, o pobre também é totalmente desamparado. No pai de santo encontra o amigo de tôdas as horas, possa ser êle sincero ou não. Outra pessoa que esporadicamente lhe aparece, como acontece igualmente no sertão longínquo, é o político em véspera de eleição. Assim os macumbeiros passam a ser seus chefes naturais.

Nilo, naquele terreiro de Nossa Senhora das Graças, tem inclinação especial pelas coisas do Egito, a nação clássica dos mistérios. Creio que seu nome de batismo foi outro. Voluntariamente adotou o nome de rio que dá tudo ao país, que forma, desde que apareceu, no mundo, como nação. Em sua caverna subterrânea, há desenhos de esfinges e espécies de hieróglifos do Egito. Sua máquina do tempo que chama de marciano, não é mais do que desenho copiado dessas historietas fantásticas de quadrinhos, destinadas à intoxicação da criança nacional.

Já é tempo de passarmos para outro assunto.

No sábado, dia 25, fomos a outra boa excursão. Destinamo-nos a Jacarepaguá. E' dos mais belos passeios do Rio. O percurso é empolgante, sempre a divisarmos o mar e montanhas. Passa-se por zona agrícola, com suas granjas à margem de estradas cheias de mil e uma curvas, exigindo bom guidão para vencê-las. Atravessamos São Conrado e a Barra da Tijuca, outro recanto empolgante daquela encantadora Guanabara. Chovia, mas a visão não ficou interrompida. De quando em quando, um clube campestre com piscina, campo de esporte, a disputar com outro o concurso de melhor instalação, ou de paisagem mais bela. O Rio é sempre assim. Cada passeio é mais atraente. Ali o homem não destruiu as belezas naturais. Procurou conciliar tudo ao artifício da engenharia moderna.

O programa do dia não estava completo. A noite, com Amílcar, Silvinha e Marcia estivemos no Maracanãzinho para o concêrto da Orquestra Sinfônica Brasileira e da pianista, honra da cultura musical nacional, Madalena Tagliaferro.

A orquestra começou com música do imortal cearense Alberto Nepomuceno. Aquelas notas além de muito nos embeveceram o espírito, serviu para aguçar-nos o orgulho da terra que nos serviu de berço comum. Segui-

ram-se outros mestres de nomeada internacional. A pianista, apesar de certa idade, estava no apogeu da arte. Arrancou aplausos frenéticos da assistência que enchia o Maracanãzinho. Ficou ela tão comovida com aquela manifestação espontânea do povo, que após concluir o recital, tocou diretamente para aqueles que se aproximaram do palco com o fim de ovaciá-la. Vejamos o que diz Zuleica:

"Gostamos imensamente do recital. Já conhecíamos o Maracanãzinho. Grande holofote, girando do lado de fora a iluminar parcialmente o recinto redondo e cheio de arquibancadas. Durante a exibição, escuro, apenas focos da luz refletiam-se onde estava a grande orquestra, com músicos vestidos a rigor, destacando-se ao centro, a pianista de vestido azul, comprido, decorado atrás, realçando a brancura da pele e o cabelo avermelhado. Já um pouco idosa, nasceu em Petropolis".

No dia 26, assistimos a missa na Igreja, como sempre. A unção dos presentes, ouvindo homens a cantarem, inspira-nos fé. O cântico religioso enche o ambiente. Não há voz ruim numa coletividade a cantar, com entusiasmo. O Padre Barbosa explicou o Evangelho do dia, enaltecendo a figura da Senhora Santana.

À tardinha, tiramos para pagar a visita da família Virgílio Arraes, nas Laranjeiras. O acolhimento é como se fôssemos de casa. Foram nossos vizinhos em Crato, com eles firmamos ótima amizade. Filhos e filhas foram companheiros e colegas de nossos Caubi e Eneida. Lisieux, Livio, Virgílio Filho, violinista da orquestra do municipal, Heliomar, Afrânio, além dos pais Virgílio e Marcionília, encontravam-se em casa. A conversa foi animada, com as recordações de episódios de infância da gente mais moça, notadamente as temporadas que Lisieux e Eneida passavam em nossa pequena propriedade do Lameiro. Heliomar, bancário, o companheiro principal de Caubi, recordava os banhos, às escondidas da família, no açude do Sr. Odon, do sítio Fundão, às margens do Grangeiro. O tempo passou de repente. Serviram-nos o lanche domingueiro, com quitutes dos mais diversos. Toda a família insistiu em convidar Naninha, irmã de Zuleica a hospedar-se com ela, em sua projetada viagem a Guanabara. O calor da velha amizade, reavivada em recordações comuns, sucedeu frio intensíssimo lá fora, até chegarmos ao abrigo acolhedor da residência de Ilkens.

O dia 27 passou sem novidades. Já estávamos treinadas em enfrentar a baixa de temperatura que muitas vezes se assemelha ao Crato, de Julho para Agosto. Fui ao correio para espalhar cartas aos amigos e parentes chegados. Fiquei de encontrar Zuleica e Lili no apartamento de Dona Heridan que mantém Escola de Costura, em Copacabana e tem contacto permanente com suas ex-alunas, entre as quais figura minha irmã. O meio é agradável e enquanto esperava que elas terminassem cópias de modelo, escrevi o preambulo da conferência que iria pronunciar na Casa do Ceará. Era a única parte escrita, que se constituía em apresentar a terra onde se desenrolavam os motivos populares gravados pelo Dr. Francisco Vasconcellos, a serem comentados por mim. Ao sairmos daquele apartamento para as ruas amplas, o frio havia recrudescido.

No dia 28, foi o aniversário de Lili, que é do mesmo mês que eu. Fizemos a festa toda em família. A temperatura baixara. Rádios, televisão e jornais proclamavam que o termômetro descera a gráu recordista, desde há um século. Em S. Paulo, o frio intenso fôra responsável pela morte de várias pessoas. Não saímos de casa e aproveitamos o dia a comemorar o aniversário de Lili. À noite foi reunião bastante agradável e podemos assim esquecer os 14 graus, com excesso de umidade. Passo a palavra a Zuleica que entende bem de assuntos femininos:



"À noite, houve reunião íntima de algumas pessoas, entre elas Dona Nédia, a mãe de Márcia, senhora bonita, conversadeira e simpática. Prolongou-se a palôtra até tarde. Hélia (cunhada de Ikens), foi a última que saiu com seu irmão. Cesar e Eunice, sua filha, a uma hora da madrugada. Foi noite bem agradável e terrivelmente fria!"

Na tarde daquele mesmo dia, a enfrentar a intempérie, recebemos a visita do conterrâneo e parente dr. Jayme Sisnando, funcionário dos Correios e Telégrafos, acompanhado da esposa e de um filho. Sua família fôra vizinha da nossa em Crato e muito amiga. Coincidência singular entre nós. Nasceu êle na mesma casa do mato que eu nasci e apenas com horas depois, vim ao mundo a 14 de Julho de 1904 e êle a 15 do mesmo mês e ano, em quarto vizinho. Crato estava todo em armas naquele tempo. O intendente do município o Snr. José Belém de Figueiredo, cometera sérias arbitrariedades em sua administração, cercada de guarda, uma verdadeira ditadura.

Contra sua prepotência, explicável na época, longe das vistas do Presidente do Estado, com os precários meios de transporte da época, o povo revoltou-se, escolhendo para chefe o Cel. Antônio Luiz Alves Pequeno. A luta foi dura até que o intendente teve de ser deposto pelas armas. Minha mãe e a de Jaime recolheram-se ao sítio de propriedade do farmacêutico Teófilo Artur de Siqueira Cavalcanti, na serra do Juá, a três léguas de Crato. Iam grávidas e por essa circunstância especial, nascemos naquele recanto, na mesma casa e com espaço apenas de um para outro, de poucas horas.

Na dia imediato, pela manhã, com temperatura mais amena, fomos visitar a Universidade Católica, em que Amílcar fazia seu último ano de Electronica. Percorremos alguns pavilhões com Silvinha e deliciamo-nos algum tempo no jardim, contemplando árvores da Floresta da Gávea. O Edifício é imenso e em forma semi-circular. Ainda não estava definitivamente concluído. De lá nos encaminhamos à rápida visita ao historiógrafo de renome nacional — Dr. Vilhena de Moraes. Já conhecia, através de apresentação de Ikens, a sua filha Lúcia, professora de psicologia. Foi encontro inesquecível para mim. Ambos são intelectuais de valor, de velhos troncos de nobreza de espírito e de sangue, procedente de Portugal. Mantivemos calorosa conversação, quando aproveitei o momento para demonstrar ao emérito professor o papel que Crato desenvolvera nas lutas em pro da independência, entre 1817 a 1824, incluindo assim a Confederação do Equador. Sua frase de despedida muito me desvaneceu:

— Precisamos fazer revisão geral na História do Brasil, aproveitando a contribuição pouco conhecida das histórias regionais. Dias depois, lhe enviei pelo correio, o primeiro volume de minha HISTÓRIA DO CARIRI e o oitavo número da revista "ITAYTERA", órgão do Instituto Cultural do Cariri.

A manhã fôra muito proveitosa. Passamos pela rua Rainha Guilhermina, no Leblon, onde visitámos a senhora dona Josefa Freire, esposa de meu amigo correspondente, em Bagé, no Rio Grande do Sul, que estava em ligeiro passeio pelo Rio, em companhia de seu filho — Cel. Ibsen Freire. E' cearense, radicado em Bagé, onde mantém biblioteca numerosa de livros de seu estado natal, os quais expõe sempre em público, naquela gleba tão influenciada pela fronteira do Uruguai. E' verdadeira lição de brasilidade que dá espontaneamente em meio de gente influenciada por costumes e língua de origem espanhola. Agilberto Freire, natural de Ipu, identificara-se com a terra gaúcha, desde há vários anos, mas não esquece seu Ceará. Impossibilitado de acompanhar a família naquela viagem a Guanabara, escreveu-me para eu ir conhecê-la. Foi um prazer abraçar aquela boa gente de um velho correspondente que troca cartas comigo, desde há quase vinte anos, após ter lido artigos que eu escrevia na revista SUL AMÉRICA, do Rio.

Tive a noitinha, outro encontro muito salutar. à rua Voluntários da Pátria com o velho amigo e antigo companheiro de lides da imprensa e de política — Dr. Antônio Holanda. Advogado na Guanabara, estava à testa do bem feito semanário católico, intransigente e seguro defensor da Igreja — "A CRUZ". Jantamos com êle, que é casado com Dona Elza, paranaense, que tem a mesma natural hospitalidade do nordestino em geral. O Brasil é o mesmo, de norte a sul, com variantes apenas de pequenas proporções. O espírito hospitaleiro e imutável, até mesmo nêsse S. Paulo que muitos julgam carrancudo de mais.

O casal possui dois filhinhos, encantos e alegrias da casa. Muito relembramos os velhos tempos em que estudava êle em Crato, no Colégio Diocesano, dirigido pelo seu primo Padre Francisco de Holanda Montenegro. Ambos escreviamos no jornal "A REAÇÃO" e os artigos de Antônio Holanda destacavam-se pela veemência de linguagem e espírito de combatividade. Homem de luta e de convicções seguras, é entretanto, animado do mais sadio bom humor. Só conversa com o sorriso a aflorar-lhe nos lábios. Jantamos com o casal e o oficial da marinha, filho de Iguatú, como Antônio Holanda — o Tenente Nilo. Com êle, em seu carro, retornamos à casa.

A 30 de Julho, fui até ao correio e Zuleica e Lili foram fazer compras na Avenida Copacabana. Voltaram estenuadas de tanto andar "vendo coisas lindíssimas e caríssimas pelas artísticas vitrinas" na opinião de minha esposa.

À noite fomos atender o convite de Monte Arraes para jantar em seu apartamento. E' êle o maior milagre do auto didata que conheço. Inteligência de escol, com memória prodigiosa, a sua conversa erudita e simples é das mais instrutivas e progressistas. Filho do sertão cearense, com esforço próprio, conseguiu adquirir sólida cultura que o transformou nos principais juristas do país e em escritor primoroso. Passamos mais de quatro horas em palestra, antes, por ocasião e depois do bom jantar. Encontramos ali a Exma. Sra. do Dr. Clovis Arraes, chegada com o marido recentemente das repúblicas do Prata. Tive a ocasião de conhecer a figura típica de um cearense, que apesar de há muitos anos residir no Rio, nunca esqueceu os hábitos de sua terra. Trata-se do Snr. Vidal, ex-funcionário público e fotógrafo amador dos mais exímios. Na sala de Monte Arraes, havia várias fotografias ampliadas, tiradas com tóda a sua perícia de mestre consumado naquela arte difícil que muita gente pensa ser tão corriqueira. O casal Monte Arraes tratou-nos muito bem e senti que a nossa presença lhe era bastante salutar. Recordamos o Cariri, com tódas as minúcias e cada vez mais me empolguei com o poder de retenção daquele vulto que é a prova da inteligência e da força de vontade do cearense, por êste Brasil afora. Tive ocasião de ouvir-lhe parte de monografia que estava a escrever sobre a figura discutida de nosso conterrâneo Padre Cícero Romão Batista. Achei-a bem feita e muito imparcial, digna de ser ofertada ao público, com a brevidade possível. Inteligências como a de Monte Arraes não podem parar de produzir. Tem êle o dom da perene juventude de espírito. Saimos de seu apartamento às 21,30, empolgados com aquela conversação tão variada e cheia de ensinamentos. Só pelo telefone, pude ainda continuá-la, alguns dias depois. Convidou-me a segundo jantar, mas o tempo que dispunha no Rio se escoava aceleradamente. Adiei o reencontro pessoal, para quando se Deus o permitisse eu retornasse à Guanabara que só não tem atrativos da natureza, como também um milhão de coisas que sobremaneira nos deleitam o espírito. Infelizmente tal contacto não mais se daria, porque meses depois deu-se a nota triste de seu falecimento.

No dia 31, pela terceira vez, visitamos o Corcovado. Descrever-lhe as belezas é coisa corriqueira demais. Já foi cantado e decantado por muita gente boa. O trenzinho ia cheio daquela vez de paulistas, uns discretos e outros palradores ao extremo. Um músico, parece-me, de Campinas, excedia-se em conversas, ao ponto de parecer o dono e monopolista da excursão. Lili e Zuleica subiram os 202 degraus e eu fiquei em baixo a chupar saborosas tangerinas do Estado do Rio e a contemplar o panorama sem par da cidade, lá em baixo. A temperatura estava boa e o céu bastante límpido. A inflação também agira sobre as passagens do trenzinho. Da primeira vez que fui ali, paguei apenas dez cruzeiros e naquele dia desembolsara quinhentos cruzeiros de cada bilhete.

Iniciamos o mês de Agosto com inesquecível passeio, a convite de Francisco Vasconcellos. Às 8,25, tomamos ônibus na estação rodoviária da Praça Mauá, com destino a Petrópolis. Passamos rapidamente naquela cidade que fôra mais encantadora, antes da febre dos edifícios altos. Pegamos outro ônibus que estava prestes a sair para Correias. A paisagem do percurso é das mais deslumbrantes. O dia estava convidativo para uma excursão pelo campo, com a temperatura bastante amena. Saltamos em Correias e com a brevidade possível chamamos taxi que nos conduziu, subindo íngreme ladeira até ao sítio Caititu, de propriedade da família de Francisco Vasconcellos. Conheço a Suíça só através de cartões postais e pela tela do cinema. A impressão que me deu aquêlê recanto paradisíaco da terra fluminense é que estávamos em plena região da Confederação Helvética. Há apenas uma diferença, em vez do lago, arrodado de montanhas, tínhamos no centro, verdejante campo de esportes, cercado de serras, entre as quais a da Quitandinha e da Alcaboga, com todos os tons de verde. animados de sombra e de luz. Passarei a copiar as notas de Zuleica:

"O gramado para jogo de futebol é cercado de árvores. Um pinheiro do Paraná e outro que chamam de Pinheirinho se destacam de um lado, um gradeado de madeira, pintado de branco. Subindo um pico, bonita cosinha, onde Vasconcellor, fez o museu. Em frente ao gramado, a casa de verão da família. É bonita residência campestre em estilo rústico. Pertencia a uma família suéca. A chaminé da lareira, completava a paisagem européia do ambiente. A mobília também rústica se casa muito bem com o candelabro que pertencera a holandeses, mesas e cadeiras do mesmo estilo. Tacho de cobre reluzente sobre um pilão, servia de adorno da sala. Salão enorme, parte sala de estar e parte sala de jantar, com parede de pedra caiada de branco faz bonito contraste com os móveis de côr escura. O fôrro é de madeira envernizada com tesouras da mesma forma. A casa é uma beleza de asseio e de simplicidade, com todo o conforto moderno. Havia lá só uma empregada, de côr e bem distinta — Maria Antoniêta que criou Vasconcellos. Serviu-nos almoço formidável feito por ela. Gostei tanto de um ROCAMBOLÊ com taíoba, que lhe pedi a receita. Antes do almoço, Vasconcellos nos trouxe para a varanda de frente cesta de laranjas ótimas. O termômetro marcava 14 graus. Frio delicioso. A casa é cercada de gerânios, azaléas e outras flores. Atrás, outro gramado, em tórno do qual ficam muitos gerânios. Saímos com saudades dêsse ambiente de paz e silêncio. Parece um pedaço do céu".

Fizemos visita também ao museu de Vasconcellos, e casinha também de tipo europeu. Há representações da arte popular de todo o Nordeste e outros pontos do Brasil. O Cariri está ótimamente representado, com cerâmica de Juazeiro do Norte, figura de sapo de reisado de S. José de Crato e muitos ferros de assinalar gado. É apaixonado e cultor entusiasta do fol-

cloro. Viajã pelo Brasil, às suas próprias expensas, em ônibus, a cavalo e até mesmo a pé, quando necessário. É infatigável e seguro nas pesquisas que faz.

No retorno, demoramos um pouco em Petrópolis. Levava o endereço de velho amigo desde o tempo da revista "TRADIÇÃO", de Recife, da qual era diretor e eu de seus colaboradores, com artigos enviados de Crato. O número coincidia com o antigo Palácio da Princesa Isabel. De fato, naquela histórica casa, trabalhava o escritor e jornalista Guilherme Auler. Naquela ocasião, realizava-se exposição de pintura que visitamos rapidamente. Um funcionário deu-me o endereço do Dr. Guilherme Auler que ficava em apartamento de edifício bem próximo. É pernambucano, iniciando-se na vida jornalística e literária, com sua revista "Tradição" em que pregava nacionalismo de fundo cristão, quase que continuando o trabalho de Manuel Lubambo. Muito amigo do Príncipe D. Pedro de Bragança, filho do primogênito de D. Pedro II e herdeiro do nome do pai e avô. Fôra chamado a tomar conta de companhia de terias, patrimônio daquele príncipe, residente na cidade, fundada pelo avô que tanto esplendor deu ao Brasil, em quase cinquenta anos de administração fecunda e quando a nação desfrutava de seu melhor clima democrático. Fincara-se naquela terra de tantos encontros e lá criou a família O Dr. Guilherme, ótima vocação de escritor, pesquisador e jornalista, bem orientado, dirigia o diário petropolitano "TRIBUNA DE PETRÓPOLIS". Encontrei-o no apartamento, sozinho, pois, a família estava no Rio onde possui outra residência, para melhor facilidade de estudos dos filhos. Rapidamente lhe fiz uma visita, após longos anos que não o via. Convidei-o para a palestra que iria dar na CASA DO CEARÁ, em torno do folclore do Cariri. Prometeu anunciá-la em seu jornal. Perguntando-lhe pelo príncipe D. Pedro disse-me que estava a passar alguns dias em Cabo Frio. Em fins de 1965, a infausta notícia, em crônica de Tristão Atayde de que falecera o meu amigo aos 52 anos de idade.

Anteriormente, passara eu três dias em Petrópolis, por ocasião de Congresso Mariano, de cunho nacional. O dr. Guilherme Auler, em seu carro mostrou-me tôda a cidade. Viajava também em companhia de minha esposa. No seu escritório apresentou-nos ao príncipe D. Pedro, simpática figura que sabe nos colocar logo à vontade. Levou-nos à noitinha, naquela mesma época, ao Palácio do Grão Pará, residência daqueles descendentes dos imperadores do Brasil. Encontramos, naquele requintado ambiente, vultos de destaque na política e no clero nacional destacando-se o Governador do Estado do Rio e o Exmo. Sr. Arcebispo de Belo Horizonte. O casal de príncipes mostrou educação esmeradíssima para a totalidade dos convidados. Tratou a todos igualmente bem. Isso muito nos encantou, pois, o comum, em meio onde há gente de importância, é o desprezo pelas figuras mais secundárias. Sou visceralmente republicano, mas, naquele Palácio do Grão Pará, compreendi que muito perdemos em ter derrubado a monarquia, substituindo-a por uma república apenas de fachada.

Ao de:cambar a tarde daquele primeiro dia de Agosto, deixamos Petrópolis, levando ainda o rio Piabanha, com suas pontes, edifícios e a grama verdejante de suas margens. Mais adiante avistamos o Quitandinha que conhecemos anteriormente, em companhia do próprio Dr. Guilherme Auler. Chegamos de volta ao Rio, às 5,30.

As oito da manhã do dia seguinte, domingo, fomos à indispensável e sempre poética Igreja de Copacabana, ao sacrifício da missa. Depois de doze horas, tivemos almoço marcado na casa do Dr. Hermínio de Brito Conde.

Na hora aprazada, já estávamos ali, à rua Paula-Freitas, em Copacabana. Muita afinidade possuía eu com o Dr. Conde, velha amizade, ali-cerçada, em Crato, quando enfrentou êle, com coragem e eficiência, a luta árdua para a erradicação do tracoma no Cariri. Sua casa era para nós amante-amigo em que êle, sua exma. Senhora Dona Nilsa e filhos nos tratavam como se fôssemos parentes próximo. Ninguém melhor do que êle possuía conversação mais fluente e atrativa. Convertia os temas áridos em assuntos bem amenos. Naquele dia, antes da refeição, falou bastante nos seus aparelhos de termocautério transistorizados, em vias de conclusão pelos técnicos do Instituto de Pesquisas da Marinha. Encontrava-se ali o Dr. Aurélio de Moraes, seu tio e padrinho, piauiense, há muito residindo no Rio. O almoço foi servido na hora exata. O convívio não poderia ser melhor. Mais ou menos, às três horas, resolvemos cumprir outro compromisso com o Dr. Antônio Holanda que não convidara a um passeio pela cidade. Descemos no elevador, acompanhados do Dr. Conde, Senhora e do Dr. Aurélio, solteirão, figura simpática de homem de conversa bem orientada e esclarecida. Anima-o também esta simpatia natural do piauiense que conheci muito em Teresina. Debalde, esperamos taxi. nos pontos principais. Era dia de grande prêmio no Jockey Club e os carros de praça foram totalmente mobilizados para a corrida. S. Paulo, quase todo, jogara seus carros particulares para aquela disputa que muito empolga a grande cidade, capital econômica do Brasil. Andamos de seca e meca, sempre acompanhados do casal Conde e do Dr. Aurélio. Pensamos em chamar Amilcar mas êste saiu a passeio com a noiva. Dr. Aurélio, conhecedor profundo da cidade, não se alterou. Pron-tificou-se a acompanhar-nos até ponto dos raríssimos onibus. Tomamos um que passava meio lotado e dentro de pouco tempo, nos conduziu êle ao edificio que procurávamos, à rua Voluntários da Pátria. Naquela tarde ainda saímos com o Dr. Antônio Holanda e esposa Dona Elza. Fomos à Praia Vermelha, onde em vão tentamos passeio ao Pão de Açúcar que já conhecíamos. Fila quilométrica impediu-nos de repetir o passeio no bondinho aéreo. Demos um giro de carro por outros pontos, até que fomos parar em casa, depois daquele dia bem cheio e inesquecível, na boa convivência de ótimos amigos.

Dr. Hermínio Conde, que sempre me acumulou de atenções e já me levou à Academia Brasileira de Letras. anteriormente, em que tive o bela ocasião de firmar aproximação com o acadêmico a quem muito admiro — o escritor e nutricionista Dr. Silva Melo, conseguiu uma nossa visita com respectivo almoço, no Instituto de Pesquisas da Marinha, na Ilha do Governador. Essa visita se realizou na manhã de 3 de Agosto. Conduziu-nos àquela instituição que tanto honra ao Brasil, pelo próprio Almirante George Cals, em seu carro particular.

Transcrevo artigo que fiz na imprensa dando as impressões daquela excursão memorável :

No ano passado, tive a feliz oportunidade de conhecer, pessoalmente, o "Instituto de Pesquisas da Marinha", na ilha do Governador. A visita foi-me proporcionada pelo bom amigo e dos mais ilustres oftalmologistas do país — o dr. Hermínio de Brito Conde.

Nunca tive tanto orgulho de ser brasileiro, quando constatei o trabalho de cunho inteiramente científico que se faz, naque recanto de natureza empolgante da ilha do Governador.

O Instituto de Pesquisas da Marinha é, hoje dirigido pelo almirante, oriundo de plagas cearenses George Cals, filho do saudoso médico que tanto

fêz pelo Ceará — dr. César Cals. Por merecimentos próprios, é das mais elevadas patentes de nossa Marinha de Guerra, mas tem aparência ainda jovem. A colmeia que dirige, onde ninguém vê uma pessoa parada, é exemplo de trabalho, de dedicação e de orientação inteiramente científica, para todo o Brasil.

A amplitude de seus estudos não se limita exclusivamente ao terreno propriamente da Marinha de Guerra. Trabalha com afinco, para a melhoria da piscicultura nas costas e rios brasileiros, notadamente, na faixa do Nordeste, como medida de combate à subalimentação, com o aumento de quota melhor de protídio, originário do peixe. Com o desenvolvimento artificial do planeta, alimentaremos peixes, teremos assim, em futuro bem próximo a indústria de pescados, a cargo de brasileiros, melhor orientados, com muito maior capacidade de produção do que a atual. Os próprios problemas da açudagem do polígono, muitas vezes ficam ao encargo dos abalizados técnicos; do I. P. Q. M. como é o caso do sangradouro do Orós, cujos planos estavam sendo pesquisados, para maior segurança, nos laboratórios daquela instituição, que é verdadeiro orgulho do espírito nitidamente técnico que anima o Brasil de hoje.

A idade do imperismo passou. A eletrônica com seus milagres tomou conta da ciência universal. O Instituto de Pesquisas da Marinha com galhardia, sintoniza com a evolução dos tempos atuais. Computadores eletrônicos orientados por gente amestrada, resolvem com precisão e dentro do mais curto espaço de tempo possível as condições do preamar para a entrada dos navios nos portos. Há ali, cérebro eletrônico maravilha que parece atualizar as coisas fantásticas no reino das "mil e uma noites". No setor da saúde, o Instituto também dá sua contribuição de modo especial. Em sala especializada alinham-se microscópios eletrônicos e a gente pode ver, projetadas, em tela, as diversas lâminas expostas à nossa curiosidade por microbiologistas que, da mesma forma que os demais dirigentes de seções, nos explicam tudo com minúcias. Os temíveis "barbeiros", insetos vetores da Doença de Chagas, foram-nos apresentados em plena desintegração celular radioativa. Os próprios foguetes, agora no auge, não são na vida pacífica como na estratégia moderna têm sua seção naquele imenso laboratório da Marinha, instalado num dos recantos mais encantadores da Baía de Guanabara. Surpreendi, também, em companhia de minha esposa, do dr. Hermínio de Brito Conde e do solícito e competente engenheiro do Instituto, nosso guia dr. Garnier, o funcionamento do Curso de Pesquisa Operacional. Destinava-se ao aperfeiçoamento de assessores de diversos órgãos de estudo e de planejamento, tanto das forças armadas, como da vida civil.

O Instituto de Pesquisas da Marinha foi criado a 14 de julho de 1959. Seu programa está mais ou menos resumido no ponto 4 de seus estatutos.

"O pessoal do IPQM, além de um pequeno núcleo de militares, composto em sua maioria de oficiais do corpo de Engenheiros e Técnicos Navais, que terão funções de ligação entre o M. B. e os cientistas e engenheiros, será essencialmente composto de civis conceituados, com base em suas qualificações. O planejamento anualmente feito se desdobra em duas fases, prevendo-se na fase inicial um total de 125 pessoas, das quais 75 cientistas, engenheiros e técnicos, para trabalhar no primeiro edifício de laboratório, L-1. Quando estiverem construídos mais dois edifícios de laboratórios, L-2 e L-3, o IPQM contará com um total de cerca de 500 pessoas, entre cientistas, engenheiros, técnicos e auxiliares, completando-se assim a segunda e última fase do planejamento existente".

O Instituto de Pesquisa da Marinha já teve a honra de receber a visita do prof. John Robert Oppenheimer, a 20 de setembro de 1961. É dos grandes luminares da ciência atômica e dos principais inventores da bomba que decidiu a guerra contra o Império Nipônico. Falou êle no Instituto e conseguiu frase que foi o maior incentivo aos seus abnegados e inteligentes orientadores: "O passo que os senhores deram aqui, para imergir no coração da tecnológica, foi muito acertado".

O Instituto de Pesquisas da Marinha tem o condão de nos inspirar confiança ilimitada no Brasil. Tenho aconselhado a universitários e professoras a visitá-lo, como veículo seguro do aprimoramento de sua cultura e de confiança nos destinos luminosos da Pátria.

A 4 de Agosto, fizemos a indispensável visita ao correio de Copacabana para encaminhar a correspondência. Nada disse ainda sobre essa repartição que serve à imensa população daquela quase cidade à parte. O movimento é sempre intensíssimo. Dificilmente, no entanto, a gente encontra qualquer empregado que atenda ao serviço com mais solicitude e lhanza de trato. Muitas vezes comprei selos á senhora que ficava no guichê sobregarregada de afazeres e ela agradecia quando lhe fazia o respectivo pagamento. Que diferença, meu Deus, de idêntica repartição em muitas capitais do norte! O carioca, pelo modo de tratar o forasteiro comum, sempre a obsequiá-lo, espontaneamente, é quem mais coopera para que o Rio seja sempre olhado com simpatia por quase todo mundo que o visita. É parte integrante dos múltiplos atrativos daquela bela cidade.

À noite, fomos pagar a visita de Epitácio Castelo Branco, jovem a cursar o último ano de Química Industrial. Doente, há anos atrás, hospedei-me em casa de seu cunhado Osmídio, em Fortaleza e fóra muito bom comigo, apesar de sua pouca idade de então. Morava à rua Aníta Garibaldi em casa de solteiros, sob a direção do tio. Dr. Aluísio. É ambiente de bom gosto e por falta da empregada, quem nos fez o café foi seu mano Agripino, bom pintor que nos mostrou dois bonitos quadros que figuraram em recente exposição, no Rio.

O dia subsequente foi mais movimentado. Expedi convites para a palestra que iria fazer na Casa do Ceará, tanto pelo telefone, como por via postal. O tempo estava bastante agradável. Às duas horas, tive a satisfação de receber a visita anunciada do conhecido folclorista Edison Carneiro que eu conhecera, pessoalmente, no 5.º Congresso Brasileiro de Folclore de Fortaleza. Tomara-se de admiração pelo conjunto folclórico que levei de Crato para exibir-se na Concha Acústica da Universidade do Ceará. Logo após o importante certame, viajou com a senhora, e Theo Brandão até minha cidade. Com êles percorremos a feira, onde compraram muitos objetos de arte popular. Ofertou-me, naquela ocasião, seu conhecido livro "Candomblés da Bahia". É dos mais abalizados conhecedores da cultura negra e seu nome figura entre os dos mais eminentes e estudiosos do folclore nacional, com renome igualmente, no exterior. Era sua pretensão, conforme anunciou em Fortaleza, reunir o Conselho de Folclore no ano de 1964 em Crato, que comemorava seu bicentenário de município e terra que possui dos mais ricos folclores do Nordeste. Não estava mais na direção do Conselho quando a festa se realizou, em minha terra, em Junho de 1964. Guardava êle do Ceará a mais grata recordação. Levou também para i Rio o Zabumba de Couro que dançou e tocou na Concha Acústica, em Fortaleza, isso por ocasião do Festival Folclórico, da Guanabara, naquele mesmo ano.

Às 19 horas, após telefonema prévio, dirigimo-nos a visitar a viúva Fernando Ferrari. Muito admirava seu marido que conheci pessoalmente, em

Crato, durante a campanha para vice-presidente da República. Gostava do modo seguro de ação doutrinária na política e de sua conhecida honestidade e patriotismo. Conduzia para Dona Elza Ferrari carta do intransigente e grande amigo de seu marido — José de Sousa Carvalho. Eu e Zuleica a achamos bastante jovem. E' muito simpática e recebeu-nos muito bem, apresentando-nos suas encantadoras crianças. Ali estava major da aeronáutica, amigo e coestadano de Ferrari, dos líderes políticos de maior futuro do país, se é que a morte não nos viesse a roubá-lo tão cedo.

No outro dia, não saímos pela manhã e recebemos a visita do Sr. Waldimir de Andrade, representante do laboratório Lilly, do Recife, da jurisdição de nosso filho Cauby. Trazia-nos notícias d'ele que tinha seguido com a esposa para Belém do Pará. Contou-nos também que a noiva netinha Catarina que fizera intervenção em uma das rótulas, já estava totalmente restabelecida. Foi muita satisfação para nós aquela boa notícia, pois, muito nos inquietamos com a notícia de que ela iria operar-se. À tarde, Zuleica saiu com Silvinha a fazer compras na Avenida Nossa Senhora de Copacabana. Visitamos à noite o General Gonzaga, pai da noiva de Amílcar — Márcia. Já conhecíamos sua senhora dona Nédia, na residência de Lili. E' militar reformado de muitos conhecimentos. Nordestino, da cabeça aos pés, nascido no interior de Pernambuco. Não esquece o sertão onde nasceu, parece-me que em Triunfo. Nunca foi absorvido por qualquer dos grandes centros, onde serviu em sua brilhante carreira militar. Muito falamos sobre o Nordeste e a palestra demorou-se até 11 da noite.

Às oito horas de 7 de Agosto, fomos à Missa do Padre Barbosa, na Igreja, onde cumprimos o dever pascal, confessando-nos com o bondeiro sacerdote e comungando logo depois.

Mais tarde, Lili saiu com Zuleica que foi visitar prima freira, na casa mãe do Matoso. No século chamava-se Suzette e por muito tempo, na qualidade de irmã de Caridade, trabalhou a dirigir diversas instituições em S. Paulo. Zuleica tem novamente a palavra:

"A casa das Irmãs é imensa, e fica muito alta, sendo preciso subir-se infinidade de escadas. Entra-se em portão grande, de ferro. Depara-se com alamêda de enormes palmeiras até à primeira escada. Matoso, isto é, a casa das irmãs, é dentro de vasto terreno, cheio de árvores. A basílica é coisa linda! Nossa Senhora das Graças, muito bonita, com raios de pedras brilhantes. O altar é no fundo, de pastilhas luminosas, consequência do reflexo da claridade do sol ou da iluminação indireta. A grade da comunhão toda de mármore branco. E tudo enfim em mármore branco, escadas e pisos. Descemos à cripta que fica no subterrâneo. Lili ficou com medo. Lá ficam os ossos das irmãs falecidas. Uma arcada baixa, com dois anjos segurando candelabros com luz azul pálida completa o ambiente funéreo. Altar de mármore preto e gavetinhas com fichários, marcam o nome da falecida. Suzette já comprou ou ainda irá comprar a sua gavetinha.

À noite, fomos ao Municipal, assistir a ópera LA TRAVIATA. Achei uma beleza. O teatro estava superlotado. A cantora, de origem turca, foi muito criticada pelos jornais. Nós, leigos, achamos bom, apesar de eu mesma notar que ela era bastante forte para interpretar o papel de quem morre tuberculosa. Voltamos a uma e meia".

Naquela noite, no Teatro, muito ao longe, entre outros sacerdotes, Zuleica reconheceu o cura da Sé de Crato — Monsenhor Rubens Lóssio. Disse isso a mim e não acreditei na coincidência, pois pensei ser apenas padre parecido com êle. Em S. Paulo, telefonou-me dizendo ter-me reconhecido no Municipal.



O dia marcado para a minha palestra foi a 8 de Agosto. Por intermédio dos cearenses e cratenses que trabalhavam na imprensa e rádio da Guanabara, todos os jornais falados e escritos trouxeram notas sobre a mesma. Pela manhã, recebi a visita de ex-aluno do Colégio Diocesano de Crato — Dr. Olegário, acompanhado de Afrânio Arraes. Cirurgião-dentista, estudou às expensas próprias e estava bem colocado no Rio, sendo também funcionário do Pedro Segundo. Levaria para a minha palestra alguns alunos cearenses daquele conhecido educandário, padrão de todo o Brasil.

Com Ilkens, Lili, Silvinha e Amilcar, dirigimos-nos às 17 horas à sede da Casa do Ceará, no centro da cidade. Dr. Hermínio de Brito Conde, pela escolha de um sábado, vaticinara-me diminuta presença de assistentes. Seu pessimismo não me inquietou. Encontrei-o lá, com a Exma. Srna. já com a presença de cerca de cem pessoas. Alegre abraçou-me dizendo que estava muito satisfeito em ter errado o prognóstico. Mais tarde, mais de duzentas pessoas se abuletavam no local, não somente caririenses e cearenses como vultos de importância doutros setores do Rio. O Prof. Vilhena de Moraes, a despeito da idade avançada, foi dos primeiros a chegar. O Prof. Edison Carneiro não faltou ao compromisso, como me prometera. O folclorista Augusto Fontes, presidente do Clube de Amigos do Folclore, e outros consócios, se achavam ali. O Major Ubirajara e o Brigadeiro Lobato honraram-me com a sua presença. O cratense Bruno de Menezes, veterano jornalista, as famílias de Virgílio Arraes e de D. Celeste Machado, compareceram em quase a sua totalidade. O maestro cearense Aluísio Pinto e os jornalistas Antônio Holanda, Sampson de Melo e o cratense residente no Espírito Santo Dr. Jocel Militão foram os primeiros a me abraçarem.

A sessão foi aberta pelo presidente da Casa do Ceará e reitor da Universidade do Estado do Rio — Prof. Dioclécio Dantas, meu antigo colega do Colégio Diocesano de Crato, o que me apresentou aos presentes. Ainda bem não terminara de falar, entrou no salão a Exma. Srna. Elza Ferrari, viúva do saudoso político Fernando Ferrari. Interrompeu sua apresentação para saudá-la, lembrando o nome de seu marido, isso despertando a simpatia de todos os assistentes.

Não foi uma palestra, nem uma conferência que fiz naquele ambiente, dominado pela gente do Ceará. Foi bate-papo, com gravações colhidas pelo Vasconcellos, de vários motivos folclóricos de Crato e do Cariri. Comecei por fazer estudo rápido sobre o Cariri para melhor demonstração de seu folclore, ao vivo. Dr. Francisco de Vasconcellos passou então a rodar as fitas que selecionara anteriormente. Enquanto as musicas passavam, eu ia comentando com apartes repetidos e animados de muitas das pessoas presentes. O ambiente se tornou logo bem movimentado, quebrando logo a monotonia de uma conferência aos modelos clássicos. O Mestre Edison Carneiro se fazia ouvir sempre com suas sugestões e interpretações, bem aceitas por todos.

A fim de dar participação melhor a todos, Vasconcellos estabeleceu sorteio para alguns objetos de arte popular que trouxera do Cariri e de algumas revistas ITAYTERA. Foi outra causa de intensa animação. Oradores, fora do programa, se seguiram, alguns aproveitando o momento para um convite aos cearenses a colaborar com as próximas festas do centenário do Município de Missão Velha, no Ceará.

Três daqueles que compareceram àquela reunião, quase em família, nunca mais os viria. Um deles foi o grande amigo Dr. Hermínio de Brito Conde, misto de cientista e de literato. No Rio abriu-nos as portas de sua casa. Por seu intermédio, consegui ótimas relações em Teresina, entre as

quais a de seu irmão Desembargador Pedro Conde. Mês depois, recebi em minha terra a notícia telégrafica lacônica de seu desaparecimento. Ainda havia me deixado suas ótimas e proveitosas colaborações para a revista ITAYTERA. Senti profundamente a perda daquele amigo e esse sentimento transbordei em crônicas para jornais e rádios emissoras.

O Brigadeiro Lobato foi o segundo a morrer e de modo trágico. Tendo iniciado carreira na marinha e depois na aeronáutica, esteve sempre exposto a perigos. Veio a falecer, porém, em desastre de jipe, em Fortaleza. De simples aprendiz marinho, chegou ao posto de Brigadeiro, pela sua inteligência e força de vontade. Possuía acendrado amor ao Crato, sempre o visitando e pugnando pelo seu progresso, em todos os sentidos. Bruno de Menezes faleceria a sete de Setembro de 1965 e J. Lindemberg de Aquino, jornalista cratense ainda lhe assistiu o enterro.

O elogio que mais me satisfez da palestra que fiz na CASA DO CEARÁ, foi do Prof. Vilhena de Moraes. Pelo telefone confessou-me que nunca vira assistência tão cheia de simpatias pelo orador como o daquela noite.

Estávamos nos últimos dias de estada no Rio. Tínhamos de aproveitar apenas o Domingo. Fomos à indispensável e sempre sugestiva missa do Igrejinha e logo após, aproveitando o bom tempo, demos volta pela praia. Às três horas saímos a nos despedir de alguns parentes. Dividimo-nos em duas turmas. Fui com Ilkens à residência de sua genitora Dona Yayá com quem me dava de de que residia em Fortaleza. Zuleica e Lili foram ao apartamento da prima Lenita Viana, enfermeira do Hospital da Marinha. há muito residindo no Rio. Ainda visitei o tio João Viana, que com Elisa, morando em Pernambuco, eram os últimos tios maternos que me restavam. Estava bem velhinho e encontrei-o só. Já sabia que estava na Guanabara pelo notícia de minha palestra que vira nos jornais. É o tipo do cearense que não esquentar lugar em parte alguma. Somente a velhice o reteve no Rio. Jovem ainda, emigrou para o Amazonas, vivendo algum tempo no Amapá, hoje território, casando-se ali com cearense de Lavras da Mangabeira. Residiu em Belém, regressando ao Ceará onde foi delegado de polícia em Fortaleza, depois que se formou em direito. Mudou-se para Minas onde exerceu a mesma função policial em Araxá. Morou em S. Paulo, para depois montar escritório de advocacia na própria capital da República de então. Aliás quase todos os seus irmãos tiveram o destino de sair do Ceará. Três deles morreram na Amazônia, um em S. Paulo. Outro, após peregrinar pelo estado do Amazonas finalmente falecera em Crato estando seus descendentes toda: residindo em S. Paulo e um em Fortaleza. Só minha mãe e a tia Rosa ficaram em Crato e ali faleceram. Tio João que fora homem de espírito muito vivo, parecia sombra do passado, embora ainda tivesse a conversa aprumada, lembrando-se de episódios de sua infância, em Crato, Encontramo-nos todos à noitinha em casa, quando Zuleica foi arrumar os malas para viajarmos a Belo Horizonte, de ônibus, na Turi, na manhã do dia seguinte. Encerramos assim temporada inesquecível no Rio, em ambiente de primeira, prolongamento de nossa própria casa.

## I I I

Não era de nosso itinerário ir a Belo Horizonte. Foi no Rio que me lembrei disso, pois, tinha muita vontade de conhecer a capital mineira e zona de mineração histórica, sobretudo a obra imortal do Aleijadinho na escultura e arquitetura. Escrevi ao Dr. Raimundo Siébra, chefe de Endemias Rurais de

Minas, se seria possível arranjar-me transporte para visitar Ouro Preto, Congonha dos Campos e Sabará. O passeio seria assim de caráter cultural. Pretendia igualmente escrever sobre o que iria ver. Sua resposta foi positiva. Precisava resolver o caso da nossa hospedagem em Belo Horizonte. Dirigi-me, em carta, ao amigo de meu filho Caubi, também gerente do Lilly em Minas e região adjacente — Snr. Galvão Filho, solicitando-lhe arranjar-me hotel, naquela cidade. Poucos dias depois recebi sua resposta, dizendo que nunca admitiria que os pais de Caubi se hospedassem noutra residência, a não ser a dele. Já o conhecia de Recife, quando era viajante do mesmo laboratório. Todos os caminhos me foram assim abertos para realizar velho sonho que alimentava de conhecer, de perto, aquela zona, de papel tão importante no desenvolvimento e povoamento do Brasil.

No dia 10, pela manhã, em taxi, saímos de casa. Era a data aniversária do mais velho de nossos netos e aquilo nos avivou as saudades do Crato. Saudosos, nos despedimos de Lili que soube, com sua gente nos prender com sua viva hospitalidade fraterna. Graças a Deus, o tempo e distância não quebraram os laços de amizade segura, formados e alicerçados pelos nossos pais. Viajamos em confortável ônibus da Turi, dispondo até de banheiros. O dia estava bom e o frio das vizinhanças de Petrópolis era até acariciante. Na descida da serra, chegou até a fazer calor. A manhã ficara tão clara quanto em terras do Nordeste. A viagem pelo Estado de Minas, com suas montanhas sucessivas, é sempre agradável e muito nos faz bem ao espírito. Passamos em Juiz de Fora que eu conhecia anteriormente, em passagem rápida, em trem da central, ao voltar de S. Paulo ao Ceará, por Minas e o rio de S. Francisco. É a melhor cidade do percurso. Demoramos um pouco para o almoço e tivemos tempo de ver o centro urbano com prédios de vários andares e comércio intenso. O número de veículos é impressionante. É cidade industrial, apesar de ter sofrido várias crises nos últimos anos, conforme me informaram em Belo Horizonte.

O ônibus parou na rodovia de Belo Horizonte. Não vimos logo Galvão. Antes mesmo de descermos na rodoviária chegou ele apressado, acompanhado de sua esposa Dona Clímenes. Reconheceram-nos logo e senti que ficaria imediatamente hospedado por aquela ótima gente, com costumes tipicamente nostálgicos. Em poucos minutos de percurso em taxi, ficamos a boletada; comodamente no décimo andar do importante edifício Solar da Avenida João Pinheiro, na bonita e simpática metrópole de Minas Gerais.

O apartamento é vasto e o ambiente o mais acolhedor que poderíamos imaginar. Os próprios filhos do casal possuem a mesma vocação de hospitalidade dos pais. Em breve passaram a tratar-nos familiarmente por vovô e vóvó. Daquela andar avistávamos parte do centro de Belo Horizonte, com arranha-céus de belo estilo de mais de vinte andares, todos primando pela bonita e impressionante arquitetura. Avista-se também a Igreja de N. S. de Lourdes que tem construção parecida com o templo francês, conhecido universalmente pelos prodígios e de igual invocação. Pode Belo Horizonte orgulhar-se de ser cidade das mais encantadoras do Brasil.

A temperatura estava bem agradável e podemos dormir bem dispostos até o dia seguinte. Não queríamos perder tempo. Após o café, saímos com os meninos menores. No Edifício dos Correios e Telégrafos, passei telegrama para o neto Tiago que completara anos na véspera.

Zuleica escreveu: "Belo Horizonte — É bem empregado o nome. Demos uma volta pelo centro, visitamos a Catedral de Boa Viagem, muito linda em estilo gótico, havendo ali adoração perpétua. Andamos pelo Parque Municipal que é uma beleza! Logos e extensas avenidas, árvores e

normes! Devem ter sido aproveitadas das antigas florestas, pois, a cidade tem apenas 70 anos.

Do décimo andar do Condomínio Solar, onde estávamos hospedados, de todos os lados a vista é lindíssima. Do centro da cidade vê-se serra azul detrás das árvores e dos edifícios. Os prédios públicos, de construção mais antiga são também muito bonitos.

Galvão Filho, o meu hospedeiro que se ausentou no primeiro dia, movido pelas suas obrigações do Lily, para cidade mais afastada, ainda não arranjou telefone para o seu apartamento. Acompanhado de sua filha Lurdinha, fui ao andar superior, tentar falar com o Dr. Raimundo Siebra. Lurdinha me atendeu e com pouco tempo depois, chegava ali com caminhonete rural. Após rápida palestra sobre a nossa terra, dirigiu-se ao seu serviço e deixou-nos o veículo á disposição. Com o chofér que é um perfeito cavalheiro, estabelecemos programa de visitas, a executar em três dias.

Tínhamos de poupar o tempo e aproveitar a oportunidade para no mais curto espaço, ver aquêlê trecho de Minas, que foi teatro das maiores epopéias que já se desenrolaram na terra — a das bandeiras, símbolo da pujança de uma raça e de uma nacionalidade em formação.

Naquele mesmo dia rumamos a Sabará. Não fomos só os dois. A nossa hospedeira, senhora entusiasta, recentemente a residir em Belo Horizonte, Dona Clímenes Galvão acompanhou-nos, em tôda aquela inesquecível e proveitosa excursão. O percurso para o primeiro ponto escolhido é rápido. Em pouco tempo, deixamos cidade moderna, planejada e construída com todos os requisitos da civilização, para vermos um pedaço do Brasil colonial, do tempo da mineração. Sabará era o sonho dos bandeirantes. Daquelas montanhas se arrancava o ouro para enriquecer Portugal. Êste o esbanjou em profusão, em obras suntuárias ou em negócios mais feitos com a sua protetora Albion que teve a habilidade de locupletar-se mais com as riquezas arrancadas do subsolo pelo paulista ou pelo emboaba, do que mesmo a descuidada Lusitânia.

A estrada para Sabará ostenta natureza belíssima e, de quando em quando, a gente se depara com palmeira cheia de espinhos, muito parecida com a macaúbeira do Cariri, ou Macaíba do Maranhão e Paraíba. Perguntei ao motorista qual o nome que davam, em Minas, àquele vegetal. Respondeu-me simplesmente que era o de côco de espinho. Não me explicou se polpa era comestível, como a nossa, no Cariri.

Atingimos a cidade pela parte mais moderna. Perguntando a um e a outro, chegamos finalmente ao edifício de estilo colonial, bem conservado, onde fica o conhecido MUSEU DO OURO, testemunha viva do período da mineração daquele precioso metal. Tem andar superior que se sobe por escada, onde fica a administração. Fomos visitar a parte do Museu, que nos interessava. Já havia ali, muitos estrangeiros, americanos e alemães, todos munidos de máquinas fotográficas e de cadernos de anotações. Em qualquer lugar histórico de Minas, encontramos sempre profusão de turistas de outras partes à cata de informações. Andam em busca de observação da obra do Aleijadinho, êste gênio de nossa raça, filho de português e negro, mulato brasileiro que provou ao mundo inteiro, ser balela a superioridade racial do branco puro.

O pátêo do Museu do Ouro tem calçamento tãco, de pedras redondas, que deveria ter sido o maior martírio para os pés dos pobres escravos descalços. Até de sapatos, tem-se dificuldades de andar. O ambiente encheu-nos de evocação do passado. Recuamos instintivamente no tempo. Ouvimos, na imaginação, o tifintar das esporas dos senhores e a azáfama

dos funcionários da corôa, exigentes a extorquir tudo do minerador que lhe trazia pepita e a nada ceder de suas prerrogativas em bem do Rei e de seus próprios interesses. O dolo nasceu com o homem, que se enche de cobiça, em frente ao reluzente metal, arrancado das entranhas da terra e que compra todo o conforto imaginável. Relembramos colonos, homens fortes altos, vestidos de gibão impecável com seu cavalo ricamente ajeazado, amarrado em frente ao velho palácio da cata. Mas, há outro vestígio da vida antiga, que nos causa tristeza e desolação na alma. Enquanto o potentado, com sua família, ostentava tanta riqueza e arrogância, o pobre filho da África, escravizado pela injustiça humana, só tinha sofrimento e humilhações. Entretanto, era ele que arrancava a pepita, escondida nas aluviões ou tratava da mineração dos filetes aúreos quando veio o trabalho da verdadeira mineração, na segunda fase da extração do precioso e cobiçado metal. Naquele Museu estavam ainda seus grillhões e as diversas máquinas infernais que faziam o suplício do único trabalhador braçal daquele El-Dourado, devassado pela pertinácia do bandeirante de S. Paulo.

No salão de entrada, há sugestivo fôrro do tecto, com desenho das quatro partes do mundo, então conhecidas dos geógrafos. A Oceania ainda não estava desvendada aos olhos e aos interesses econômicos da civilização. Naquele meio, tudo nos recorda o período de ostentação, onde a moeda era o ouro em pó. O que é de tudo aquilo? Restam apenas poucos objetos reclusos em Museu. O ouro, o diamante e as esmeraldas de tanto sonho, foram para a Europa para a reconstrução de Lisboa ou excoou-se para as burras do inglês, sempre mais sabido do que os outros. O Brasil, ao fazer sua independência, praticamente nada tinha do metal e das pedras preciosas que custaram tanto sangue e atrozes sofrimentos dos bandeirantes e dos escravos. Em paga do reconhecimento de sua liberdade política ainda teve a jovem nacionalidade de pagar grossa indenização á mãe pátria, esquecida de que D. João VI esvasiara totalmente o dinheiro público nacional, incluindo a reserva de ouro do Banco do Brasil.

Em Sabará, há muitas amostras da riqueza de Minas, vestígios do esplendor de uma época cujo patrimônio maior que nos legou não foi o ouro que se mudara. Foi o amor pela liberdade, nascida ali e a obra imorredoura do Aleijadinho e outros artistas, que construíram igrejas e monumentos imperecíveis. O patrimônio do Museu é enorme em peças de valor histórico e de arte. Há cadeiras de couro, bem confeccionadas, datadas de 1711. Existem corôas riquíssimas do Divino, festa de caráter religioso e folclórica, que medrou de norte a sul do Brasil. A corôa ficava sempre para uma criança de família de certo mérito, a qual transmitia a outra, no ano subsequente, depois de eleito e, debaixo de festas de caráter popular. Ainda hoje sobrevive esta festa em S. Paulo e noutros pontos do país. No Ceará a festa do Divino esteve muito em voga, em Sobral. Nunca encontrei vestígios da mesma na região cariense, nem mesmo tradição popular, nem em qualquer escrito de cronista antigo. Prataria portuguesa, cadeiras de jacarandás, lustres, porcelana chinesa representam o luxo do tempo que se equiparou, em esplendor, à Lisboa, Olinda e Bahia. Há também o retrato do Marquês de Pombal, figura histórica, que apesar de apreciada em Portugal, se tornou nefasta ao Brasil com a expulsão dos jesuítas que começaram, com bases seguras, a disseminação da instrução no Brasil e a defesa intransigente do americano. Foi golpe de morte na cultura intelectual do sertão e o retrocesso no processo de civilização racional dos aborígenes.

O quinto do ouro era pago naquela intendência, com todo o rigor.

Balanças e prensas pululam naquele ambiente, que nos relembra os séculos XVII e XVIII. Podemos encontrar as batéias primitivas, introdução da cultura e experiência do africano na colônia, baldes de prata, com corrente do mesmo metal, talvez mais barata na época do que a corda de agave de hoje. Há bonita e enorme cama de jacarandá, com pés torneados, prova do trabalho artístico em madeira, feito do lado de cá do Atlântico. Santos de pedra sabão, material brasileiro, atestam o senso de arte do elemento humano que se formava na colônia, com a aculturação do negro, branco e indígena. Miniatura de minas de ouro, e rodas d'água para socar o minério, a fim de isolar o ouro, mostram o que foi o período de esplendor da cata nos Gerais. Foi trabalho do labor paulista, que transformou a terra em capitania independente, agora dos mais futuros estados do Brasil, embora momentaneamente em plena crise. Almofarizes de todos os tamanhos e pesos diversos comprovam o labor contínuo daquela casa que arrecadava o imposto do rei, com o aparato militar que a protegia. Barras de ouro são expostas para mostrar que o espírito de dolo já medrava. Há algumas falsas, produto da esperteza de mistificadores de outrora, que preferiam imitar o precioso metal, com mil artifícios e esforço, a expôr-se à batéia no leito dos rios, ou a extrair os filões do sub-solo.

Cada coisa daquela nos evocava o período de opulência da época da mineração. Há amostras não só do reluzente metal, com barras até de meio quilo, como de diamantes mal lapidados. Em diversos recantos há velhas arcas, os cofres antigos, todos guarnecidos de ferro, onde se guardavam os quintos da cata.

Em Sabará não restam somente vestígios da mineração. O Aleijadinho passou naquelas paragens, deixando seu rastro luminoso, na Igreja de Nossa Senhora do Carmo, com suas balastradas de pedra sabão, o mármore de Minas Gerais. A grade da comunhão é trabalho precioso em jacarandá esculpido a canivete pelo grande artista da época colonial. Anjos, imagens e pia de pedra sabão relembram-lhe a arte com toda a pujança. Há ouro revestindo altares e imagens, sem a profusão da Igreja de S. Francisco, da Bahia. Outros artistas igualmente enriqueceram aquele templo. Joaquim da Rocha, com imagens e o pintor, companheiro do Aleijadinho — Manuel Ataíde, que mostrou magistralmente seu espírito de verdadeiro nacionalista, utilizando tinta de origem silvestre.

Já que penetramos nos umbrais do reino encantado da arte do Aleijadinho, precisamos conhecê-lo, em linhas rápidas, através do paulista quatrocentão — Paulo Prado, em seu livro ENSAIO SOBRE A TRISTEZA BRASILEIRA, edição José Olímpio, págs. 85 e 86:

“Dêste lado do mar, após tanto deslumbramento e tanto bulício afanoso de ambição e loucuras e como para atestar a perenidade do espírito criador libertado dos interesses e accidentes humanos, de todo êsse passado apenas resta uma quase ruína que é uma obra de arte, a obra de Aleijadinho, escultor e architecto. Nasceu em Ouro Preto em 1730, era pardo escuro, filho de um português e de uma africana; sabia ler e escrever, mas parece não ter frequentado outra aula além das primeiras letras. Padecia de uma terrível moléstia incurável, em que perdeu todos os dedos dos pés, só andando de joelhos, das mãos restavam-lhe apenas os polegares e os índices. Atormentado por dores cruciantes, narravam que êle próprio, servindo-se de formão, cortava com uma pancada de macêto, o membro que o fazia sofrer. Êsse monstro físico, asqueroso de face atormentada e disforme, de pálpebras caídas e boca estuporada, escondia-se debaixo de uma tolda para trabalhar nas igrejas. Não lhe perturbava o gênio inculto nenhum ensinamento de acadêmicos ou de mestres, a sua obra surgiu e viveu na espontaneidade da

imaginação criadora, sem nenhuma deformação. Trabalhou nas capelas de São Francisco de Assis, de Nossa Senhora do Carmo e na das Almas, em Ouro Preto, nas matrizes de São João do Mórro Grande e de Sabará, nas de Mariana e Santa Luzia. Detacavam-se na sua obra a matriz e a capela de São Francisco, em São João del Rei, e os templos e estátuas de Congonha dos Campos. Foi o único grande artista que durante séculos possuiu o Brasil. E' o que resta do maravilhoso potosi dos Gerais que por tanto tempo assombraram o mundo".

Nunca tão perfeita obra saiu de mãos tão imperfeitas como a que o Aleijadinho deixou em Minas Gerais, como patrimônio imperecível do gênio brasileiro. Seu nome ultrapassou os limites do Brasil, e hoje, naquela região privilegiada, outrora cobiçada pelo seu ouro, diamantes e esmeraldas, abundam os turistas estrangeiros em busca das preciosidades que ele deixou às gerações presentes e futuras.

Naquela Igreja de Nossa Senhora do Carmo, enterravam-se os jesuítas, que catequizaram a região naqueles tempos de tanta miséria, esplendor e heroísmo.

Sabará não é só o passado. Há zona moderna. Fizemos lanche em restaurante atualizado e com serviço tão bem feito quanto a de qualquer capital do Brasil.

Na volta a Belo Horizonte, à tardinha, tivemos tempo de conhecer outro monumento de arte, digno de ser conhecido e admirado. Foi a Igreja de São Francisco da Pampulha. Saímos até há bem pouco do século XVIII, em Sabará, para emergirmos, minutos depois, em pleno século XX, com outra obra genial da época presente. E' a prova de que o Brasil não morreu artisticamente. Infelizmente, não podemos entrar na Igreja de São Francisco, moderna expressão da arte nacional de Niemeyer e Portinari.

Podemos ver o seu interior, através das vidraças exteriores. Já havíamos percorrido as aprazíveis margens do lago artificial — a Pampulha. Belo Horizonte mostra ser cidade moderníssima e que está sempre a evoluir, em qualquer sentido. O tempo mudara e Minas construiu sua parte nova. O ouro quase que se extinguiu, mas o ferro que dá muito maior riqueza do que o metal amarelo que reluz, ressuscitara os esplendores daquele estado. Na verdade passava então séria crise, após a revolução de 31 de Março. Todo movimento de remodelação, sofre esta crise natural, que não atesta decadência e sim dá sinais de franca evolução. Não são sintomas da menopausa e sim, exclusivamente da puberdade.

O simples painel de S. Francisco a falar aos peixes, em pastilhas de cunho revolucionário em matéria de arte, por si só já nos compensou bem da visita. Graças a Deus, ainda conseguimos enxergar nitidamente pelas vidraças os permenores do interior daquele templo moderno, que, pelas linhas avançadas esteve por algum tempo interdito ao culto religioso. A Igreja, porém, não é ofensa à evolução da arte. Arquitectura, pintura, escultura estão sujeitas ao progresso desde que não pequem contra a moral e contra a estética. Aquêl templo da Pampulha representa o belo do tempo atual tal qual aquêles outros, construídos pelo Aleijadinho, ou por êle adornados, demonstram a grandeza artística do pretérito.

No dia 12, a excursão foi mais prolongada e meio exaustiva para mim no ponto de vista físico mas assaz compensadora. Visitámos a cidade Museu, riquíssima em recordações históricas. — Ouro Preto, a Vila Rica de outrora. E' lugar sagrado para todos nós, que temos amor ao Brasil. E' terra venerada para os verdadeiros filhos desta pátria que deveremos amar, de norte a sul. Saímos às 8 horas em ponto. A estrada é toda pavimentada,

mas com pouco movimento de caminhões, assim demonstrando não ser economicamente compensadora. Raramente a gente se depara com habitação, ou gado a pastar, como é natural nas regiões criadoras de Minas. A zona é de mineração e por isso há ausência de plantações. Naturalmente, na qualidade de material pesado como o minério, o seu transporte far-se-á pela via férrea. Atravessamos a cidade de mineração — Itabarito. Após quase três horas de marcha regular da caminhonete, em mãos bem seguras, chegamos à velha cidade, berço da idéia de independência do Brasil. Nebli-nava e fazia frio. Já estávamos mais ou menos acostumados ao clima. O carro parou em frente à Escola de Minas, antigo palácio dos governadores. Indaguei de um funcionário o local da residência do professor catedrático da Escola — Dr. Antônio Pinheiro Filho, meu conterrâneo, amigo e colega do Colégio Diocesano de Crato. Um menino de rua, ao ouvir a conversa, ofereceu-se a nos guiar à casa que eu procurava e que fica à rua Conde de Bobadela. Havia lhe escrito do Rio, avisando aquela visita. Foi com efusão que nos recebeu. Esperava-nos não para um simples dia, mas para uma semana inteira. Sua senhora, mineira — D. Valda e filhos que eu conhecia, trataram-nos com aquela mesma hospitalidade tão comum ao brasileiro em geral. Não podíamos perder tempo, diante de tantas preciosidades que nos reclamavam a visita. Com o casal, saímos pela cidade. Entramos no restaurante da Escola, a funcionar no antigo FORUM. Há um dito comum entre todos os povos, creio eu:

Ah, se as paredes falassem! As paredes de Ouro Preto sabem falar diretamente à alma de seus visitantes.

Contam história e ressuscitam tanta coisa que logo nos comovem. Aquêlo FORUM tão solene de outrora reproduz cenas, quando ouvidores e doutores em ciência jurídica davam sentença e discutiam leis afonsinas ou manuelinas, defendendo ou acusando criminosos de outros tempos. Qual o maior delito naquelas priscas eras? O de sonhar com um Brasil livre das garras do estrangeiro.

Seguiu-se a visita à Escola de Minas de tanta nomeada por êste Brasil afóra e com soma incalculável de benefícios ao ensino técnico de mineração às gerações e mais gerações. Foi fundada em 1876, pela visão esclarecida de nosso velho Imperador Pedro II. Dalí para cá não cessou o sua faina benéfica de espalhar engenheiros especializados em mineração e geologia. Nesse setor poucos países nos podem bater. Entra-se por um pátio interno. Fiquei tão comovido naquela casa de tantos ensinamentos históricos e de saber bem aplicado, como se ultrapassasse os umbrais de majestoso templo. Em Ouro Preto, na rua, subimos ladeiras e nos edifícios escalamos escadas e mais escadas. Tive de fazer da fraqueza força e galgar escadarias. Não poderia deixar de ir à Biblioteca. O Prof. Antônio Pinheiro Filho é cicerone formidável. Conhecedor de tudo e, com fluência de linguagem, tem tanto devotamento por aquela cidade de sua esposa e filhos, como se fosse mesmo Crato, seu torrão natal! A Biblioteca é otimamente organizada e possui edições raríssimas. Há dez volumes de substancioso trabalho de M. Buffon, de 1877, com gravuras inteiramente a mão. Mas, a surpresa maior para nós foi o Museu de Mineração, no andar superior, a ocupar várias salas. A disposição de tôdas aquelas peças não poderia ser melhor e mais atraente. Amontoam-se pedras preciosas e semi preciosas: diamante, berilo, topásio, turmalina, ametistas, esmeraldas, tudo que aguçava a appetite dos bandeirantes e dos primeiros mineradores e que ainda hoje servem de chamariz à ambição humana. Existem ali também minérios de outras regiões brasileiras, como ágata do Rio Grande do Sul, cristais ci-



clópicos e tanta coisa que a gente fica embasbacada em contemplá-las. Meu Deus, quanta riqueza o país possui e quanta pobreza ainda perdura em tantos lares brasileiros! Barras e pepitas pululam naquele palácio de deslumbramento, tudo ciosamente guardado e só utilizado em missão nobre de educação da juventude para as lides da mineração. Aquêlê tesouro não é cobigado pelos olhos que cotidianamente o vêem. A riqueza que almejam é exclusivamente a lição viva que fornece em aulas e em visitasões culturais. Para bem atestar a origem do topônimo daquela abençoada terra, há a amostra do ouro prêto que não é mais do que a ganga do minério. O Museu de Mineração da Escola dá-nos a impressão exata da pujança e da riqueza, escondidas no sub-solo brasileiro. Nossás horas, no entanto, estavam contadas. Não podíamos demorar mais naquela contemplação em sala tão cheia de ensinamentos e que nos inspira tanta confiança no ensino técnico, no potencial econômico e no futuro promissor do país. Tínhamos de conhecer outros pontos e outras relíquias da antiga Vila Rica. Bem perto se achava outra casa de grandes evocações que é também lição viva da história. É o Museu da Inconfidência. Tudo ali recorda aquêlê punhado de idealistas, que sonhou em tornar o Brasil livre da tutela lusitana. Foi movimento de intelectuais que souberam sentir com a pátria que despertava. As idéias estavam disseminadas entre os letrados. Debalde a corôa fechava os portos para a importação de livros e publicações de doutrinas veiculadoras da liberdade. Os Estados Unidos deram o primeiro passo para a emancipação das colônias do continente. O enciclopedismo francês extravasava idéias para o mundo inteiro. O Brasil não poderia se fechar, dentro de nova muralha chinesa. Os panfletos chegavam até aqui e despertavam o amor pela causa da liberdade. Mais do que isso, havia o cansaço do domínio estrangeiro. Minas em pêso trabalhava, de sol a sol, na mineração para mandar quase tudo para além do Atlântico. Havia ainda a ameaça do aumento de impostos da cata e cobrança do atrasado. A ânsia de liberdade palpitava no elemento nacional e mais cedo, ou mais tarde, teria de eclodir. A Inconfidência Mineira foi dos sinais mais decisivos. Tiradentes, o menos letrado de todos, representou a figura do homem prático, que tentaria pôr a idéia em realização. Foi sacrificado mas constituiu símbolo de liberdade para todo o Brasil. Não é figura irreal, como quis demonstrar, pelo esquecimento, o historiador máximo do Brasil — nosso conterrâneo Capistrano de Abreu. Foi seu cochilo de Homero, que depois tentou reparar. Tiradentes está bem vivo e o Museu da Inconfidência tem o mérito de demonstrar isso. Localiza-se onáe foi o presídio, com suas enormes paredes e seu tétrico ambiente. As lápides dos inconfidentes se alinham naquelas quase escuras salas, ao lado de restos da força que estrangulou o alferes martir e idealista, com outras lembranças evocativas daquela façanha, afogada no sangue do proto-mártir, no desterro e prisões de muitos outros.

As igrejas de Ouro Prêto são quase incontáveis e a figura do Aleijadinho aparece, com sua monumental obra, em muitas delas. Ouro Prêto é um Museu só, com raríssimas exceções. No meio daquilo tudo, há novos edifícios. Como contraste feliz, o hotel moderníssimo, aproveitando depressão do terreno, com planta de Niemeyer. Em Ouro Prêto a gente fica aturdida, sem saber o que visitar primeiro, de tanta preciosidade para se ver. Mesmo os arredores da cidade são de impressionar. Em qualquer ponto, há uma raridade. Até os acidentes da natureza têm a sua história a contar-nos.

Em certo lugar, o meu amigo Prof. Antônio Pinheiro que teve o dom de pôr em ordem aquela visita que fizemos à cidade, apontou-me o alto de montanha e mostrou-me:

— Olhe o Itacolomi!

Volvi a vista para o alto e lá divisei aquela pedra em cima de um monte. Forçosamente tive que rever, naquela pequena pedra, como o nome indica, em relação ao tamanho da montanha que o suporta, tôda a odisséia das bandeiras. Aquilo era o marco antigo da entrada na região da abundância do ouro. Para o paulista se constituia o símbolo da riqueza que se avizinhava. Tinha emoções tal qual o antigo cruzado ao avistar a Terra Sagrada da Palestina, que êle pretendia reconquistar para a fé. Detrás dela também lhe ficaria reservada a luta árdua para a posse do que o homem cobiçava para si e os seus companheiros. Muitas vêzes não encontrava, naquelas paragens, nem o ouro, nem diamantes e sim novas e duras delusões!

Entramos na Igreja de Assis, com muitos vestígios da passagem artística do Aleijadinho, acompanhados do casal Dr. Antônio Pinheiro a guiarnos e explicar tudo. Passamos rapidamente pela casa das Catas, onde cunhavam as moedas e célebre também por ter sido encarcerado ali o infidente Cláudio Manuel! da Costa que por temor da justiça dura de Portugal, preferiu enforcar-se. A Casa de Marília lembra os amores do poeta Tomás Antônio Gonzaga, homem que nasceu para o amor terno e para dedilhar a lira, envolvido em processo que o aniquilou em vida. Não teve a pena capital como Tiradentes, mas a justiça da rainha dona Maria matou-lhe a alma, deportando-o para Moçambique. Casou-se ali prosaicamente, não por ser infiel à sua Marília, mas porque, semi-demente, necessitava de dedicada enfermeira. Como poderia um poeta tão terno, quase uma moça, meter-se em tamanha enrascada, como a de um crime de lesa-majestade? Era o maior delito da época. O idealismo de rodas literárias é inteiramente diverso da prática, quando sobrem o período das lutas e dos sacrifícios. Morreu louco o grande poeta, precursor do romantismo no Brasil, com seus versos amorosos e com o romance imortal com Marília que lhe foi fiel até ao fim. A rainha que mandava Portugal e colônias, também morreu louca, fora de Portugal e relativamente muito perto de Vila Rica.

Em Ouro Prêto, um dia só não chega para nada. Um mês ainda é pouco para se conhecer aquêl mundo de tantas coisas. E' recuo ao passado.

Passamos pelo POUSO DO CHICO REI, convertido em hotel bem caro. O homem esquece facilmente as coisas sérias. Aquela casa que foi a residência de autêntico herói africano, dos grandes precursores da libertação dos escravos, pois lutara galhardamente para a sua própria alforria, de sua família e de sua gente, fôra esquecido, para dar lugar a outro fato de importância relativamente corriqueira. Todos apontavam aquela residência que fizera época, noutros tempos, como o hotel do crime cometido, há bem pouco por dama de alta sociedade, nora de conhecido político, contra a rival que a roubara o amor de seu marido.

Aquela casa fôra a moradia palaciana de antigo escravo, cuja força de vontade era tamanha que realizou quase o impossível, em pleno apogeu da escravatura nas Gerais. Convertera-se em hotel de luxo, com móveis antigos, arrumados com muito gôsto, com diária caríssima. Chamou a

atenção do espírito feminino de minha esposa, de Dona Valda Pinheiro e de Dona Clímenes, o bêrço de balanço confeccionado em madeira entalhada, servindo então de floreira.

CHICO REI foi figura digna de registro. Contam tantas maravilhas de sua tenacidade super-humana que parece muita coisa estar vinculada a lendas. O fato é que deixou obras concretas a exemplo daquele palácio mobiliado a capricho e a rica Igreja de S. Francisco de Assis. Provou, naquela época, em que o escravo não tinha a menor personalidade, sendo simples parte da máquina de extrair minérios, ou riqueza para o branco bem afortunado, que o africano tinha ânsias de sacudir os grilhões. A luta pela abolição não foi esforço exclusivo de intelectuais e políticos exaltados. Os quilombos foram a prova de que o negro queria viver com seu direito de criatura humana, como qualquer outro. Pegara em armas e rebelara-se contra a situação humilhante do cativo que lhe impôs o branco. Em sua terra de origem infelizmente tinha a convivência do irmão de raça, que o vendia ao mercadejador de carne humana, por má interpretação da desumana lei primitiva da guerra.

Contam que Chico Rei fora chefe de clan africano, vencida e vendida aos mercadores de escravos. Metido, com sua família e sua gente, em navio negreiro, sofreu o diabo pela estrada salgada, através do Atlântico. Testemunhou a morte do esposa, de filhos e de fiéis súditos de outrora. Não tinha mentalidade de escravo porque nascera para mandar. A nobreza de sentimentos não é ligada à cor da pele. Chico Rei, ninguém lhe sabe o nome que tinha no continente africano, jurou a si mesmo ou ao Deus que conhecia então, que iria libertar-se do cativo. Escravo pela ganância do homem branco, facilmente se tornou católico. Compreendeu que Cristo viera ao mundo para a liberdade de todo o ser humano. Recebeu o nome de cristão de um dos maiores e mais humildes santos da Igreja. Jurou que lutaria, por meios legais para a alforria de todos os seus.

Chico Rei cumpriu seu juramento, feito em presença de Deus e de seu Santo. Nas horas de folga de seu cativo, dedicou-se ao trabalho noutra mister. Alforriou a si próprio. Fêz espécie de sociedade com todos os membros de seu antigo clan. Libertou filhos e súditos. Contraíu segundas núpcias, dentro das leis da Igreja. Adquiriu terrenos em zona de mineração e com seu povo, em breve, constituiu fortuna relativamente grande para a época. Construiu templo consagrado ao seu patrono, o pobresinho de Assis. Para que melhor padroeiro para um antigo escravo do que São Francisco que só vivia para os humildes? Para que maior humilhação do que o cativo?

A Igreja ainda está de pé, com sua forma rotunda na frente. O medalhão de seu Santo adorna-lhe frontispício, e todo em pedra sabão. O dedo do Aleijadinho andou por ali, nos altares e nas imagens. Foi o trabalho de dois homens de sangue negro, todos mostrando que não há superioridade racial. Apenas há falta de oportunidade para o homem subir e vencer nesta terra.

Chico Rei fêz o palácio para morar, tal qual o branco requintado e de bom gosto fazia naquela Vila Rica, de tanto esplendor. Na Igreja de S. Francisco, havia festa da coroação do Rei, símbolo da realeza que aquele prêto tinha por direito ancestral e por direito de conquista de sua liberdade e de sua gente em terra, em que a escravidão se constituía repugnável

instituição. Naqueles momentos, era êle rei de fato e reconhecido pela Igreja e pelos senhores. Os prêtos libertos, ou não, adornavam os cabelos pichainhos com pó de ouro, da Vila Rica pródigo. Todo aquêlê reluzente adôrno era deixado no templo para que servisse para a caixa de alforrias de outros escravos. Haverá página mais bela na luta da abolição do cativo, do que aquela traçada por Chico Rei e outros irmãos da mesma raça?

Ouro Prêto é assim. É lição perene de brasilidade.

Visitamos a Igreja do Pilar. O ouro é tão abundante quase, como na de S. Francisco, de Salvador. O altar, com degraus, tem a forma de trono para a Nossa Senhora do Pilar. Águias de púlpito, medalhões, são revestidos de reluzente metal. A corôa da Virgem e os anjinhos do medalhão são confeccionados em ouro.

Há lendas sugestivas naquela cidade de tantos anos. Contam que roubaram a cabeça de Tiradentes, quando foi morto e esquartejado por amor ao Brasil livre, que para êle se circunscrevia mais a Minas do que ao restante da colônia. Conduziram a relíquia preciosa para o môrro, dos mais altos da cidade e que tem ainda o nome de "cabeça". Além de casa histórica conservada, há outras que lembram os vultos proeminentes de Ouro Prêto. O diabo é que a gente não tinha tempo de conhecer tudo, tim-tim-por-tim-tim. Que vontade não tive eu de entrar na casa que pertenceu ao escritor Bernardo Guimarães. Foi abolicionista com seu romance A ESCRAVA ISAURA, espécie de CABANA DO TIO TOMÁZ, em que substituiu o herói negro por bonita mestiça que trazia no seu sangue, os tristes estigmas de cativa.

Naquele dia, almoçamos em Ouro Prêto, na residência do Dr. Antônio Pinheiro, em convivência com a família mineira, onde se reuniram as duas hospitalidades — a cearense e a daquele estado tão tipicamente brasileiro, como o nosso. As frentes das casas daquela histórica cidade, são imutáveis, desde o período colonial. Há muito confôrto interno, mas externamente até, em muitos casos, as paredes são de taipa, revestidas de rebôco e pintura.

Valvemos à tardinha para Belo Horizonte, impregnados daquelas lições de história e de brasilidade, proporcionadas pela épica Vila Rica, das catas e das conspirações patrióticas.

Outra excursão proveitosa estava-nos reservada para o dia subsequente, em Congonhas do Campo. Não nos dirigimos diretamente para a sede que é o verdadeiro santuário artístico do Aleijadinho. Aproveitamos a bela manhã ensolarada para um passeio na capital mineira. Percorremos, em marcha lenta, a cidade jardim, com suas residências confortáveis e ultramodernas. Minas é o passado e o presente que se casam tão magnificamente, em beleza e atrativos múltiplos. Notamos uma falha que recai sôbre a limpeza pública, a cargo da Prefeitura. Os terrenos baldios, naquele trecho residencial imponente, são convertidos em autênticos depósitos de lixo, aos quais chamamos no Ceará, simplesmente de cisqueiros. As ruas daquele bairro aristocrático são largas e as residências parece que fazem torneios de belezas uma com as outras, pelas linhas modernas de construção, confôrto e jardinagem. Depois, passamos, em seguida, a visitar a cidade industrial. Belo Horizonte, nesse setor, pode competir com outros centros

importantes do país, especialmente, na indústria do ferro e aço, embora momentaneamente passando por crise de real repercussão no país.

A verdade, porém, é que o ouro cedera lugar ao metal utilitário que estava a ressuscitar Minas Gerais, com riqueza ao alcance de toda a população e mil vezes mais proveitosa.

Dada aquela volta pela cidade, tomamos a estrada de Congonhas que, em certo trecho, é a mesma de Ouro Preto. Dirigimo-nos diretamente para a Igreja, logo ao chegar a Congonhas que apesar de antiga, tem tom bastante alegre. A temperatura baixara sensivelmente, mas suportamos bem o frio com os agasalhos que levávamos. Outro companheiro se juntara à nossa caravana de sempre. Tratava-se do filho do casal Galvão Filho — Francisco que dava a mim e à Zuleica o nome familiar de vovôs.

Quando penetramos no templo, o sacerdote capelão fazia um batizado. A Igreja de Bom Jesus é patrimônio artístico do Brasil e é conhecida em todos os centros cultos do universo. É o trabalho máximo da arte barroca do Aleijadinho, com seu cunho individual, que se tornou de cunho inteiramente brasileiro. Os profetas do patamar do templo chegam até a simbolizar a arte barroca do Brasil, por aí afora. São estátuas maiores de que uma pessoa normal. Aquêlê artista, apesar de não ter frequentado escolas de escultura, sabia dar a proporção de distância de seus trabalhos. Nos passos foi que o grande escultor esmerou-se em tudo, com aquêlê motivos da Paixão de Cristo, com a expressão de sentimentos e atitudes que revelam acima de tudo, o gênio artístico, dos primeiros da América. A porta da Igreja é outra amostra grandiosa de entalhar, com anjo, corôa e flores

Passo a copiar as pequenas notas de Zuleica :

"Tudo aqui são obras do Aleijadinho, o altar bellissimo, com muitos santos e anjos, tudo em pedra sabão, pintado com cores suaves e ouro por Manuel da Costa Ataíde. Na sacristia há grande pia do mesmo material, tão abundante alí. Os painéis de Ataíde, sugestivos, se sucedem. Numa cruz do corredor, bem imponente, há a inscrição XX: É ESTA A MESMA CRUZ LEVANTADA POR FELICIANO MENDES, FUNDADOR DA DEVOÇÃO DO BOM JESUS, FEVEIREIRO DE 1757. Nessa mesma cruz há pintura de Nosso Senhor Jesus Cristo. Na Igreja, os enormes lustres são sustentados por duas cabeças de dragão. Ao lado, há a casa dos milagres, com vários e sugestivos ex-votos. A Igreja de Bom Jesus fica num alto, vendo-se a cidade, lá em baixo. Na frente do patamar, descendo degraus ficam as estações em santuários, ou templos minúsculos. Numa das últimas, em tamanho natural, onze figuras, Cristo sôbre a cruz, de lado um dos ladrões amarrados, com rosto bem expressivo. Os outros passos, sempre com igual número de estátuas são eminentemente sugestivos e todos traduzem o sentimento de cada figura, de dor ou de rancor, quando se trata de um algoz do Mestre. Êsses santuários em número de seis, são abobadados e com portão de ferro".

A Igreja de Congonhas tem assistência de padres e o apostolado é contínuo. Exerce sua função natural na difusão da fé e dos sacramentos, ao par de monumento também impercível da arte que nos legaram os artistas Aleijadinho e Ataíde.

Aquela pormenorizada visitaçào à Igreja de Bom Jesus que tanto nos comoveu pelo duplo sentido religioso e artístico, causou-nos bastante fome. Fomos então refazer as fôrças em confortável restaurante, em baixo,

na cidade, que é bonita também. Infelizmente, a gente só encontra estrangeiros em busca daquelas relíquias que perduram como lição perene às gerações presentes e futuras.

A fama momentânea de Congonhas não se prendia ao sentido místico e artístico da Igreja de Bom Jesus. Um curandeiro espírita, Arigó depois às voltas com a justiça, estava a despertar mais a atenção para Congonhas do que todo aquele amontoado de preciosidades, que a celebraram por este mundo afora. Como é falaz a mente humana! Já era noite, quando voltamos. Pela terceira vez atingimos a bela capital mineira no período noturno, quando de longe podíamos avistá-la, deslumbrante de luz com seus extensos rosários de lâmpadas faiscantes. Nenhuma visão de qualquer outra cidade é mais bonita do que Belo Horizonte, ao anoitecer, vista pela estrada que vem do Rio. É um lago de luz de múltiplas cores.

O dia 14 ainda nos proporcionou agradáveis passeios. Pela manhã fomos com os meninos de Galvão, nosso hospedeiro, até o Parque Municipal, com suas árvores seculares. A alacridade das crianças, que brincam em contacto com a natureza exuberante, despreocupadas, com medo da correria de veículos, é a melhor orquestra do ambiente. Tormamo-nos crianças também com nossos companheiros que nos chamavam de avós. Viajamos no trenzinho pelas alamedas e andamos de bote, guiados pela perícia juvenil de Galvõesinho.

Às quatro horas, com o casal Galvão Filho, fomos conhecer o melhor cinema de Belo Horizonte e dos primeiros do Brasil — o PALLADIUM. Tudo em Minas cheira à mineração. Minha mulher anotou: Luxo sóbrio a maior sala de espera que já vi, tôda atapetada”.

Houve coincidência bem agradável quando entrámos no amplo e suntuoso salão de exhibições. O jornal que passava na tela, exhibia a visita do bispo do Crato — D. Vicente de Araújo Matos, às obras do Governador Carlos Lacerda, na Guanabara. Saudoso, lembrei-me da terra natal.

Ao sairmos do Palladium, chovia com impertinência. Galvão Filho havia saído com certa antecedência para resolver negócio do Lilly. O cinema ficava perto da Avenida em que estávamos hospedados. A verdade, porém, é que não podíamos voltar a pé, pela neblina a cair. Debalde esperamos a passagem de taxi desocupado. Era a hora crucial do *rusch* em Belo Horizonte. A azáfama crescia de minuto a minuto. Nisso, Clímenes, mostrando a sua coragem de nordestino, meteu-se no meio de turbilhão de gente e de veículos, isso sem presentirmos. Eu tenho resquícios de neurite e não posso ter agilidade em andar. Esperei no ponto, inquieto, em companhia de Zuleica. A demora de Clímenes estava a nos aterrar. Voltou mas trazendo um taxi, proeza quase impossível naquela hora de movimento estonteante.

O dia encerrar-se-ia com chave de ouro. Pela manhã, consegui falar pelo telefone de amável vizinho, com o velho amigo Prof. Aires da Mata Machado Filho, que desde há muito me era familiar pelos seus livros e que conhecera pessoalmente por ocasião do quinto congresso brasileiro de folclóre, em Fortaleza.

Após a nossa volta do Palladium, chegou êle ao apartamento em que nos hospedávamos, acompanhado da filha Cecília que nos conduziu, de carro, para a sua residência á rua Prof. Drummond de Andrade. Aguardava-nos ótima surpresa.

Aires da Mata Machado Filho é dos grandes vultos da inteligência nacional dos tempos presentes. É dos mineiros que mais se projetam na cultura do Brasil, pelo seu talento multiforme. É professor de português dos mais seguros e competentes, folclorista, crítico e filólogo de primeira ordem. Alia tudo isso a uma bondade e simpatia impressionantes. É o mineiro autêntico e dos mais autênticos, pois, é filho de Diamantina. Precede de uma grande família das Alterosas.

Minas foi criada e alimentada com o melhor sangue que existe no Brasil. O mineiro é descendente do audaz bandeirante paulista, do emboaba que foi a nata trabalhadora de Portugal, tudo isso caldeado com o sangue do aborígene audaz, do melhor e mais selecionado africano, justamente aquele que se especializava na mineração. Minas conserva a tradição de famílias seculares, vindas do período colonial. A nobreza de Aires da Mata Machado é, acima de tudo, de uma linhagem da inteligência. Com sua senhora Dona Solange faz dupla extraordinária que ficará como exemplo.

Conhecera e admirara Minas Gerais, naqueles poucos dias. Faltava-me, no entanto, penetrar num lar nitidamente mineiro. Meus bons hospedeiros eram nordestinos da cabeça aos pés. Aires da Mata Machado Filho e Dona Solange, hoje na lista dos nossos melhores amigos, facilitaram-me isso, naquela noite memorável.

Nunca tive homenagem a falar-me tanto ao coração. Classifiquei-o de serão familiar, à mineira. Estavam ali, pessoas da família e folcloristas de Belo Horizonte. A jovem Cecília tocava violão e os cânticos tipicamente mineiros, ecoavam no ambiente. Tivemos de fazer parte do cântico. Quando chegou a minha vez de cantar o solo, tive de entoar o maneiro-pau, muito bem recebido naquele meio de folclorista. Lamentei não saber de cór outras coisas. Pelejei para lembrar-me do baião de Luís Gonzaga, em louvor no Crato, mas fiquei inibido. Sou péssimo decorador de versos e em matéria de modinhas, estou com atraso de trinta anos. Chegou a vez dos improvisos. Mata Machado e as filhas do casal multiplicaram os improvisos sobre Crato. Ele e dona Solange ainda não conheciam minha cidade. Vieram conhecê-la meses depois, a fim de dar aquele professor de tanta nomeada, curso de português, na Faculdade de Filosofia de Crato, que tanto sucesso fez em toda região. Para completar a noitada que se caracterizou pela simplicidade em tudo, vieram igualmente os quitutes mineiros ao encargo da Dona Solange. Se não fôsse o controle que tenho na dieta alimentar, muito me excederia naquela reunião que marcou dos pontos altos de nosso passeio a Belo Horizonte.

No Domingo, encerramos a excursão por Minas, assistindo a Missa na Igreja de Boa Viagem, expressiva invocação de Nossa Senhora para nós que iam viajar. Naquêle dia, quase o Brasil inteiro, inaugurava a cerimônia religiosa em vernáculo. É grande invocação do Concílio Ecumênico, da gestão dos dois iluminados sucessores de Pedro — João XXIII e Paulo VI. Com meus preconceitos arraigados de católico, meio tradicional, temia que a Missa em português, ou noutra língua viva não fôsse quebrar a secular unidade da Igreja. Ali, naquele templo em estilo gótico, da capital mineira, com armação metálica e revestida de alvenaria, senti mais uma vez a eternidade da Igreja, sempre assistida pelo Espírito Santo. O latim que foi vulgar na Idade Média, cada vez se afastava da massa da população, nesta trepidante vida de hoje. Já não constituía o elo de unidade do Ca-

tolicismo, agora que os povos estão tão próximos um dos outros pelos rápidos meios de transporte e de comunicação. Senti que a missa em português envolvia todos os fiéis dando-lhes imediata participação naquele tocante ato religioso. Agora já estranho bastante, quando assisto missa celebrada em latim, embora ache que no canto litúrgico seja mais expressivo do que em qualquer língua viva.

Sentimos, nas igrejas de Belo Horizonte, que bem intenso é o espírito religioso de sua gente. A frequência de homens muitas vezes excede a do sexo feminino, ao contrário da maioria das cidades nortistas.

Deixamos Belo Horizonte, às 11,45. Galvão Filho, Clímenes e Francisco nos acompanharam até à Rodoviária, com a solicitude de sempre. Sentimos que foram bem curtas as horas que convivemos com aquela boa gente.

Não me foi possível agradecer pessoalmente ao Dr. Raimundo Siebra a espontaneidade em nos ceder a condução para as cidades históricas, da época da mineração do ouro. O dever o chamara a visitar algumas regiões de seu vasto campo de jurisdição do Serviço de Endemias Rurais, do qual é eficiente chefe, naquela importante unidade da federação brasileira. É dos cratenses que mais se projetaram no Brasil. É filho de lar tipicamente cariense. Todos os seus irmãos se destacaram noutros sectores de atividade humana. Seu genitor — Joaquim Siebra fôra em Crato padrão de homem íntegro, em todos os sentidos.

Dr. Raimundo Siebra já tem representado o país pelo exterior, em congressos de medicina preventiva, com real brilhantismo.

#### I V

A viagem pelas ótimas rodovias de Minas, na zona mais adiantada do estado, é bastante empolgante. Seus restaurantes de estradas nada deixam a desejar, asseados e sortidos do que há de mais apetitoso ao paladar. O cenário é bellssimo e encontramos, naquele percurso, abundância de gado a pastar, pachorramente, tal qual sonhávamos ser o estado de Minas Gerais.

Há outrossim, sinais de boa produção de café e de outras culturas, a proporção que nos avisinhávamos de S. Paulo.

Estávamos a 15 de Agosto e encostamos na estação rodoviária, às 21,30, antes do horário previsto, conforme me afirmara o encarregado da venda de passagens da empresa. Zuleica affligiu-se um pouco porque o bom amigo e primo Dr. José de Siqueira Cavalcanti não se encontrava à nossa espera. Expliquei-lhe que lhe marcara a chegada para às 22 horas em ponto e que os paulistas de nascimento e de adoção têm a pontualidade britânica porque não podem perder tempo no meio de seus imensos afazeres. Com a bagagem na plataforma, esperamos mais um pouco, eu sentado numa das malas.

Quando o relógio da estação souu dez horas da noite, avistamos ao longe as silhuetas de três pessoas que se aproximavam, na direção da plataforma destinada aos ônibus de Minas. Reconheci logo o meu grande amigo e sua consorte Adelina. Com efusão os abraçamos. A outra pessoa era o Edson que ajudava José em distribuir autos pelo Forum, cartórios e correspondência no correio. Sua casa não nos era estranha. Levou-nos em seu carro, atravessando S. Paulo noturno, pelo centro, com movimento intenso de veículos e com as luzes multicores das casas comerciais. S. Paulo é incontestavelmente o orgulho do Brasil e tem o dom de apaulistar todos os seus moradores, quer procedam de outros pontos do país, ou do estrangeiro.



Em breve, estávamos aboletados na residência amiga da Avenida Sabiá, 797, em Moema, dos melhores bairros da maior cidade do Brasil. Nada nos constrangia naquele meio. José Siqueira e Adelina nos colocaram logo à vontade com aquela naturalidade de trato, inexcusável. Os filhos não ficam atrás. José de Siqueira Cavalcanti Filho, Zito simplesmente como o chamam em casa, sua esposa alemã — Uta, Maria Luisa, filha do casal e seu noivo ali presente Francisco, ambos estudando direito, completam os membros daquela família que tem o culto inato da hospitalidade. Até as criancinhas, filhas do casal Zito-Uta, mimosas todas elas, com sangue alemão e brasileiro, mistura que dá verdadeiros tipos de beleza e de eugenia, já nascem delicadas naquele ambiente. Jantamos e fomos dormir em seguida, a refazer as forças da longa jornada em ônibus. A temperatura estava assaz agradável. Passaram os dias frios anteriores, chegando até a roubar muitas vidas de pobres indigentes da Paulicéia. Toda cidade opulenta, por maior conforto e prosperidade que possua, tem sempre seu lado ruim, que é a sua população marginal.

A data anterior fôra santificada e o dia 16 era domingo. Ninguém sabia do aniversário de Zuleica naquela data. A comemoração não poderia ser melhor do que a Missa, ali bem perto da Igreja de Nossa Senhora Aparecida. Estava repleta de fieis. Foi celebrado em português com a participação de todos os presentes e com uma unção admirável, muito mais do que em Crato, terra predominantemente católica. Como em Belo Horizonte, parece até que havia maior número de homens do que de mulheres, todos cantando ou respondendo o ofício religioso. Muitos deles se aproximaram da mesa da comunhão. Nas Igrejas da Paulicéia, há sempre vários japoneses e naquele Templo o próprio sacristão era de origem nipônica. Isso comprova que o catolicismo está a fazer a sua obra catequética e nacionalizadora, entre aqueles colonos, aparentemente impermeáveis.

Logo após o almoço, saímos a andar pela cidade, guiados por José Siqueira e em companhia de Adelina, Maria Luisa e seu noivo Francisco de Azevedo, paulista, com quem nos demos bastante. Mais tarde, na residência dos avós maternos onde fôra passear, pegamos Claudinha, filha de Zito. Quanto S. Paulo crescera naqueles dois anos, desde a última vez que estivemos lá. Visitamos Santo Amaro, Morumbi, bairro todo moderno, de opulentas residências, na Avenida Brasil,, Parque Ananguera, com sua exposição, sobressaindo-se a cidade colonial, reprodução de casas da época da formação da capitania. S. Paulo comprova que o Brasil é capacitado a progredir em todos os sentidos. Não precisamos de figurinos estrangeiros a copiar. Basta que o país inteiro imite o estado bandeirante para, no futuro, figurarmos entre as nações mais evoluídas do globo. S. Paulo também, é o que pude notar satisfeito, deixou de ser dominada exclusivamente por elementos alienígenas, como outrora, da primeira vez que a visitei. Em todo lugar, em todos os recantos, ouvimos sempre aquele português com sotaque paulistano que nós, cearenses de linguagem cantante, achamos musicalmente muito monotona. Até os japonesinhos falam assim.

O sotaque paulista é mais inconfundível do que o de qualquer outra região do país, no meio daquela amálgama de gente. Em casa do bom amigo José Siqueira Cavalcanti, que á maneira de sua esposa Adelina, conservava o linguajar cearense, muitas vezes confundia eu a voz de Maria Luisa, nascida na Paulicéia com a de Uta que procedia da Alemanha, embora viesse

parã o Brasil ainda criança. Naquêlo estado pioneiro, que dilatara as fronteiras do Brasil, arrebatando as linhas do tratado de Tordesilhas, é onde se processa a maior miscigenação do país, em beneficio exclusivo da nacionalidade. Italianos, nórdicos, orientais, paulistas tradicionais e nordestinos se mesclam intensamente, tal qual acontecia com Minas Gerais na época da mineração e com o sangue das três raças que nos formaram. Mas, não há prejuízos para o elemento nacional que será o vencedor, como já podemos concluir sem medo de erro. S. Paulo é absorvente e é dos estados mais autenticamente brasileiros. Seu papel histórico é o mesmo do passado. Ontem fêz a odisséia das bandeiras, a repetição, em terra, do que os navegadores portugueses fizeram no mar. Agora sua missão é diversa, embora não menos importante. Expande a indústria renovadora no país. Seu exemplo, iniciativa e capitais já se irradiam por outros recantos, como podemos comprovar com o atual surto de progresso industrial, na faixa litorânea de Pernambuco. Por isso, estaremos totalmente redimidos economicamente, sem necessidades de formulas exóticas, no dia em que o Brasil se apaulistar.

No dia 17, com o tempo bom, acompanhamos José Siqueira e esposa até S. Amaro, bairro de seus melhores clientes. E' êle advogado dos mais catados naquela opulenta e próspera capital. De forma que se tornou quase hábito de nossa parte, acompanha-lo por diversas vèzes, naquele trecho paulistano que se tornou familiar para nós. Enquanto visitava a clientela, ficávamos com Adelina e Cláudia, a ver o movimento daquela colmeia humana. Nordestinos que conhecíamos pelo aspecto físico, japoneses e italianos, desfilavam naquele logradouro, todos preocupados, agindo em busca talvez de qualquer negócio. Ninguém ali se encostava inativo a matar o tempo quase sempre aproveitado naquele importante centro de trabalho e de negócios, dos mais intensos da América Latina. Visitei casas comerciais, relojarias e repartições públicas. Tive a oportunidade de ver que o paulista não é o homem duro, apegado exclusivamente aos seus afazeres, como se tem tal impressão pelo resto do país. E' tão amável e tão hospitaleiro, quanto qualquer outro do Ceará, Bahia ou de Minas. Não é derramado à primeira vista. Não pode é perder tempo em conversa fiada, pois, para o lazer tem horas reservadas. Em casa, no interior do lar ninguém o excede em fidalguia de trato.

Foi uma das observações que fiz em contacto com o lar paulista e comprovada, naquele mesmo dia. Encaminhamo-nos à residência do primo de Zuleica — Raimundo Moreira Pequeno, gerente de agência de um banco paulista, num dos principais bairros da cidade. Mora na Consolação. E' casado com paulista e residia, então, com os sogros, todos de S. Paulo. Já conhecia os últimos, pessoalmente, de viagens anteriores. Nunca vi gente mais hospitaleira, delicada e espontânea do que Dona Clarinda, o Snr. Teixeira e filha Clara, senhora de Raimundo. Naquêlo meio, ficamos à vontade e até os quitutes que nos ofereceram em almôço e jantares, parecem com o tempêro do lar cearense. A sisudez paulista, filha da asáfama dos negócios, tem apenas rótulo externo, como pôde observar noutras ocasiões, até entre alguns de alta posição, ou bem aquinhoados da fortuna.

Não saímos à noite. Agarramo-nos aos programas de televisão que se pode variar à vontade naquela terra, com cinco ou seis estações.

O dia 18 apresentava ser tão normal como outro qualquer. Às duas horas visitamos a sede do conhecido e acatado jornal "A GAZETA" a fim

de falar com o escritor Rossoni que eu conhecera pessoalmente no 5.º Congresso Brasileiro de Folclóre. Mostrou-nos as oficinas daquele órgão de intensa atuação no meio e falou-nos do imponente edifício, prestes a ser conculvido, com 42 andares, para a futura sede de "A GAZETA". Voltamos de taxi para casa. À tarde conversávamos sôbre coisas corriqueiras na sala de jantar. José Siqueira estava ausente em seus múltiplos negócios no Forum e em cartórios, quando o telefone tilintou de agência de banco daquelas mediações. Adelina foi atender e voltou preocupada. Dera-se fato pouco comum, ligado a cheque que ele emitira, o que não posso deixar de registrar.

Um marginal, que há também em S. Paulo, apesar de seu culto intransigente ao trabalho, pediu auxílio ao José que fôra advogado do pai de tal sujeito, a fim de pagar a passagem de ônibus para o seu bairro. Nunca deixa êle de atender um pedido de a'guém e em qualquer circunstância. Conservou êsse inato espírito de caridade, vindo de seus dignos pais Teófilo Artur de Siqueira Cavalcanti e Maria Luisa Sisnando de Siqueira Cavalcanti, mais conhecida com o apelido familiar de Badinha. José não tinha dinheiro miúdo e, mais que depressa, encheu cheque de duzentos cruzeiros ao portador, encdssando-o logo em seguida. A agencia do banco não ficava longe. O marginal apresentou o papel no GUICHET e não tardou em receber não o valor exato do cheque mas a vultosa quantia de duzentos mil cruzeiros. O camarada, intimamente se admirou da multiplicação do dinheiro que José Siqueira lhe dera, mas externamente não pestanejou. Recebeu a quantia como se fôsse a êle destinada e evaporou-se. O caixa enganara-se e só no balanço foi que notou, alarmado, o que fizera. Telefonou para a residência de quem emitira o cheque, mas não estava êle em casa. Mais tarde, retornou José de seus afazeres no centro e com êle e Adelina dirigimo-nos ao Banco. O cheque realmente fôra de duzentos cruzeiros e o caixa alarmara-se com justa razão. Todo prejuízo recaira sôbre seus ombros. A mandado do gerente, também inquieto, o balanço se repetiu, sempre com a quantia a faltar. José se alarmou. Convidou gerente, caixa e com Adelina dirigiram-se todos a uma busca ao lugar onde provavelmente deveria moiar aquêle marginal que já era conhecido com trapaceiro experimentado no jogo do bicho, que bancou, em certa época. Logo ao sair, teve José a felicidade de encontrar amigo e cliente que exercia o cargo de inspetor da política. Passava de motociclo. Chamou-o e foi logo atendido. O policieci! deixou o motor em casa de José e incorporou-se à lotação dos improvisados detetives. Andaram de seca e meca por bribocas de subúrbios, que antes desconheciam. Finalmente, após informações, deram com a modesta habitação do larápio. Bateram-lhe à porta. Levantou-se da cama e atendeu-lhes. Interrogado, tentou negar o fato. O inspetor de polícia, com duas palavras de ameaça de levá-lo ao delegado, forçou-lhe a confissão imediata. Realmente recebera a quantia de duzentos mil cruzeiros no banco, inventando pretexto fútil para assim proceder. Gastara, perto de quinze mil cruzeiros, com alimentos, e ainda lhe restava quase tudo que devolveu ao caixa. José e Adelina, condoidos com a miséria daquele marginal, não consentiram que o levassem à prisão. O caixa criou alma nova diante do bom desfecho da situação. José ainda o conduziu à residência, onde a espôsa o aguardava preocupada, ainda inquieta porque, naquêle dia, celebravam o aniversário da filhinha. E' escusado dizer que todos os passageiros do carro participaram ainda dos quitutes da festa. José foi ao Banco e ainda pagou o prejuízo

dos quinze mil cruzeiros, eximindo assim o caixa de qualquer prejuízo. Registraré o fato a fim de mostrar o bom coração de meu amigo que não se deixou envolver pelo materialismo frio que o dinheiro dá a muita gente que enriquece, metalizando o próprio coração. Naquele dia, chegaram em casa, após duas horas da madrugada e eu de meu quarto, ainda ouvi a narração do episódio que Adelina fez aos filhos.

A 18 de Agosto, a atender convite do gerente, visitamos o laboratório Lilly. Antes me anunciara pelo telefone, dizendo ser o pai de Caubi de Figueiredo, gerente daquela organização no norte e com sede em Recife. Recebidos com a máxima cordialidade pelo superintendente americano Sr. Buchanan, fomos logo apresentados aos seus imediatos auxiliares. Satisfeitos, tanto eu como Zuleica sentimos que nosso filho era bastante estimado naquele meio. Apesar de ser grande laboratório, quase todos a quem fui apresentando, conheciam Caubi e demonstravam até estima por êle. Havia também outro funcionário da direção, o Sr. Bonilla que também tomou parte em nossa recepção. Após a conversação animada no escritório da direção geral, recebemos o convite para o almoço no restaurante do próprio laboratório, aliás já anunciado a mim, de véspera. Gostei daquele almoço íntimo entre funcionários do Lilly, dos mais afamados laboratórios do mundo, sediado na América do Norte e com ramificações em todos os países civilizados do globo.

Sou diplomado em farmácia e quando exercia as atividades profissionais, tinha por hábito, ao visitar grandes cidades, conhecer de perto as organizações farmacêuticas. O ambiente, por conseguinte, me fazia bem e não me era estranho. O almoço não primava pela quantidade de pratos e sim, pela qualidade de poder nutritivo da ração à maneira americana de preocupar-se mais com o valor alimentar da refeição. No entanto, servi-me bem na bandeja, da mesma forma do SAPS. O ambiente encantou-me pela sobriedade de atitudes dos presentes. Notei que a refeição servida era idêntica a dos empregados de menor categoria, prova de que, naquele laboratório, se praticava um igualitarismo todo de origem democrática.

Concluído o almoço, acompanhado de nossos simpáticos companheiros, um dos Estados Unidos e outro exilado cubano, percorremos as diversas seções do Laboratório Lilly de S. Paulo. Vimos a fabricação, contróle, embalagem dos vários produtos que alicerçaram a reputação universal da indústria farmacêutica, honra da ciência universal. Em todos os recantos daquela organização, em pleno trabalho, só encontramos eficiência e o mais fino trato com as pessoas visitantes. Tive orgulho de meu filho trabalhar ali.

Não nos despedimos com o adeus. Foi até logo, ou até breve, ao nosso sistema brasileiro. Os Srs. Buchanan e Bonilla, passaram a nos fazer outro convite. Teríamos ainda de jantar com êles e respectivas espôas em hotel, ou restaurante, do centro paulistano, em dia e hora que marcassem e de nossa conveniência. Não poderíamos deixar de atender a essa outra prova de fidalguia de trato daqueles bons estrangeiros, que só tinham palavras de louvor e de simpatia para com meu filho.

Às 20 horas, após o jantar, fomos a cinema, bem perto. Não é sala de exibição de luxo. É cinema de bairro que exhibia filme que bem me impressionou, pois, tinha como motivo a luta entre jovens estudantes italianos. Intitulava-se GUERRA DOS BOTÕES e muito me fez recordar episódios de

minha meninice, na terra natal, quando crianças se guerreavam entre si, com rua a entricheirar-se uma com a outra. A Itália, como país latino, tem alguns hábitos parecidos com os nossos, muitos dos quais têm origem na Península Ibérica, tão vinculada outrora à pátria de Dante.

A Guerra de Botões, com naturalidade toda à italiana, mostra a luta entre meninos de duas aldeias, enquanto, nós, em Crato, brigávamos em torno da bandeira da rua onde morávamos.

O dia 20 passou sem novidade. A temperatura que se mantivera suave, nos últimos dias, baixara sensivelmente. S. Paulo, como ouvi de muitas bocas, possui tôdas as quatro estações em 24 horas. Com poucos minutos, o tempo pode melhorar ou piorar. Isso às vezes provoca sérios resfriados, que leva muito a gente a complicações maiores, até de forçá-la a sanatórios. Zuleica, com Adelina, foram a Salão de Beleza. Fiquei em casa a ler. À tarde recebemos a visita do irmão de José Siqueira — Dr. Teófilo Filho, professor de direito, escritor e encarregado da secção de jurisprudência do grupo tríplice de jornais paulistas — "FOLHAS". É belo talento, com conversa viva, casado com Edite, descendente de cearenses. São pessoas de nossas relações, que mantém, em São Paulo, um lar de costumes todos à moda do Ceará. O jantar foi-nos servido às 21,30 naquela noite fria-enta. A atmosfera tépida da sala de refeição convidou-nos a prolongar a palestra, bem animada, até meia noite. Todos de casa estavam ali, excluindo as crianças que dormiam. Francisco Azevedo que tem conversação, com bastante chiste, estava em nossa roda. Tem o condão de, em poucos minutos, analisar qualquer reunião social, expondo seu parecer, com precisão e humor em torno de todos os presentes, incluindo-lhes as atitudes e o modo de vestir.

Movimentamo-nos bastante a 21 de Agosto. Dirigimo-nos a SEARS, mais ou menos às nove horas. Passo a palavra a Zuleica:

"No edifício do Rio, há muitos andares, com escadas rolantes. Aqui em S. Paulo, existe só o andar térreo e o subterrâneo, havendo de tudo que se procura, sem preços exagerados. Lá fizemos tôdas as compras para presentes. À tarde novamente fomos à cidade. Enquanto José Siqueira resolvia casos ligados à sua profissão de advogado, ficamos dentro do carro, em garagem de aluguel, enorme. Encontrou-nos êle a dormir a sono solto. Retornamos pelo centro urbano. Demoramos em Santo Amaro, como de costume. Aquêlê passeio, em bairro que é verdadeira cidade, com seu vasto e sortido mercado, já nos era bem familiar. Estava no comércio local o grosso da clientela de José Siqueira. Já me habituara com a estátua monumental de Borba Gato, o infatigável sertanista, genro de Fernando Dias Pais Leme, e verdadeiro desvendador das pedras verdes que eram as esmeraldas legítimas. Acho-o muito prosaico naquela sisudez. Dificilmente o compreenderia em sua pôse de escultura o antigo guiador de bandeiras, tão ardente que ousou até a sacrificar o representante do onipotente Rei da Espanha, então a dominar o mais vasto império que já houve na face deste planeta. Claudinha não se conformava com o sobrenome dele. Preferia chamá-lo em sua inocência, de mundo bem confinado, de Borba Cachorro, Borba Leão, ou Borba Onça. Achava, ela que gato não exprimiria valentia.

Proseguimos a excursão além de Santo Amaro. Já estava tarde, nosso guia precisava ir até Embuguassu, falar com cliente. A estrada de pouco a pouco foi piorando e dentro em breve o carro penetrava em pleno

zona rural. Entramos em região bastante habitada, com alguma movimentação de ônibus e caminhão, mas onde escasseava a iluminação particular e faltava por completo a iluminação pública. A rodovia igualmente estava em petição de miséria, com lamaçal abundante, quase como no trecho de Tucano, no interior da Bahia. S. Paulo cresce desmesadamente. Engole cidades vizinhas, povoados, mas não tem tempo de digiri-las. O processo de assimilação é paulatino. Por isso, podemos ver muitas chagas, encravadas em seu próprio organismo. Depois de mais de uma hora em estrada ruim, vencida pela perícia no guidon do meu amigo, o carro riscou em frente à mercearia de italiano. José e Adelina foram conversar com o proprietário no compartimento interno e com Zuleica, sentei-me aquém do balcão a ver o movimento da freguesia. Era noite fechada. A energia elétrica não chegava até àquelas paragens. Lâmpada de querosene, a pressão, iluminava o ambiente, com diversos freguêses, alguns bebendo pinga. Conversavam entre si sobre coisas banais de agricultores, como sucede em toda parte. Ouvi frase com sotaque italiano e português, todos já entrando naquela linha não musicada do falar, muito estranha aos nossos ouvidos habituados a fala cantante do cearense em geral. Ouvi também o caipira de S. Paulo a emitir opinião e até mesmo um nordestino, chegou a cavalo, apeando-se na porta. Todos se entendiam bem, mas sem o ruído das rodas típicamente nordestinas. S. Paulo deglutia aquela gente toda, formando tipo verdadeiramente nacional.

Procurei entrar na conversação com jeito especial de quem não quer querendo. Indaguei de um vizinho qual a plantaçoão preferida dos agricultores que residiam naquela zona. Plantavam cereais e hortas, ou criavam galinhas. Ampliei as perguntas para saber a nacionalidade de pessoas daquela redondeza. Respondeu-me tudo direitinho, sem se enfadar. Soube assim que naquele trecho havia verdadeira amálgama de povos: nordestinos, japoneses, italianos e portugueses, todos convivendo harmonicamente um com os outros e tudo falando predominantemente o português. O paulista, por conseguinte, continuava, naquela era industrial, com o mesmo espírito nacionalizador do tempo das bandeiras. De toda aquela miscigenação, resultara num tipo só, o brasileiro. Até o judeu e o alemão, com seus múltiplos preconceitos raciais, igualmente se misturavam a olhos vistos. É o milagre da terra que não pratica a discriminação racial. A seu favor tem o fator tempo. Em Pernambuco, na sua capital, onde há muita gente de origem israelita, sei de muitos casos de judeus casados com brasileiras, ou vice versa, embora mais dificilmente, e até com mestiças de cor negra bem acentuada. Embaguassu, nas visinhanças da Paulicéia, comprova o processo normal da mestiçagem brasileira, como outrossim a mistura de culturas diversas, em benefício de um todo comum. O Brasil marcha aceleradamente para ser a pátria da RAZIA CÔSMICA, conforme a profecia do sociólogo mexicano José Vasconcelos.

De volta à casa, após o jantar, agarramo-nos aos programas de televisão, variadíssimos naquela noite, com a presença de Miss Universo, do Brasil e outras, do Governador Carlos de Lacerda e de Juanita Castro, irmão do ditador cubano Fidel Castro, presentes todos na capital paulista. Preferimos nos reter com Tv. que entrevistou Juanita.

Ficamos a ver e ouvir a mana do manda chuva de Cuba, de pés e mãos atados á corriola — russo — chinesa. Respondeu ela às primeiras

perguntas um tanto nervosa. Dava a entender que não compreendia bem o português falado apressadamente pelos jornalistas brasileiros. A direção cortou logo o interrogatório indiscreto, baseado no sentir da entrevistada quanto ao problema do seu parentesco tão próximo com Fidel. Entretanto, saiu-se bem quando disse colocar o caso coletivo acima de seu caso particular.

As palavras de Dona Juanita tiveram o dom de impressionar a todos nós. Pintou, com côres realistas, a situação de sua terra, após a revolução vitoriosa que apeou do poder o ditador inescrupuloso Batista. Ela foi entusiasta partidária do irmão, para findar o repudiando, quando se atirou êle nos braços do comunismo, doutrina visceralmente infensa do sentir verdadeiro do cubano. Falou no morticínio e nas prisões pela mínima desobediência ao atrabiliário Fidel Castro e sua camarilha. Tocou no ponto nevrálgico da carestia da vida e da escassez de produtos de primeira necessidade. Disse que era muito melhor morrer de vez no paredão do que ficar prisioneiro em Cuba. Ao perguntar-lhe o reporter se ela odiava ao irmão, respondeu simplesmente:

— Não o odeio, e simplesmente ao regime dele. Para melhor comprovar suas asserções, chamou a atenção para o fato de nenhum exilado brasileiro, da revolução de 1.º de Abril, ter querido ir para Cuba, que antes chamavam de Paraíso da America atual.

Ao despertarmos, no dia imediato, conversamos logo sôbre o Crato, recordando saudosos a sua movimentada festa da Padroeira Nossa Senhora da Penha, que começara naquele dia.. Tôda a cidade já deveria ter o ar festivo de sempre, com parques infantis a funcionarem, banda de música em alvorçadas, repique de sinos, foguetes e o início do novenário, a noitinha, com a Praça da Sé cheia de gente, alegre e comunicativa.

No período da tarde, ás três horas, fomos rever Santos, depois de vários anos. Copiarei as notas de Zuleica:

“Chegamos ás cinco horas. Anúamos de carro pelas praias que estão bellíssimas, com jardins e palmeiras. Santos, depois de 15 anos que estivemos lá, parece outra cidade. Altos e belos edifícios por tôda a parte, nas praias principalmente. Parece Copacabana ou Botafogo. A iluminação é bastante farta, com anúncios de várias côres. Logo depois, José Siqueira nos levou a jantar no restaurante “O JANGADEIRO”, onde nos serviram peixe e boa sobremesa. O JANGADEIRO possui enorme salão, desocupado, por não ser sábado ou domingo, com 90 mesas. Tôdas as suas paredes são envidraçadas, a frente dá para o porto cheio de navios e de barquinhos, em vai-e-vem constante. Escureceu e com a iluminação do salão, terminou a bonita visão do estreito. Apenas vimos luzes a refletirem-se no mar. Regressamos a S. Paulo, às 7,30, com neblina incessante. Subindo a serra, a garôa aumentou a cerração densa e quase se não distinguia a estrada, apesar dos OLHOS DE GATO, que são postesinhos com espécie de espelho que refletem a luz do carro. José Siqueira estêve a afobar-se naquela semi-escuridão com intenso movimento de veículos. Eu já receiosa, encomendava-me a Deus. Felizmente, quando passamos o pior, que foi a subida da serra, o tempo melhorou um pouco. À tarde, na ida, presenciamos a visão da estrada de Santos, Via Anchieta, que é bellíssima. A reprêsa de Santo Amaro que, da outra vez que visitamos, vimos como um extenso lago, estava vazia e feia, como certos açudes esturricados do Nordeste, em tempo de Sêca. S. Paulo passava então por sensível estiagem. Na volta, com a dissipação

do russo, avistamos fábricas e laboratórios bem iluminados, cada uma delas a mais bela, sobressaindo-se o Laboratório Fontoura. Foi impressionante passeio, o de Santos. Não foi melhor porque a cerração impediu-nos de ver melhor a paisagem de certos trechos”.

Não podemos chegar em casa no tempo previsto. O tráfego estava no auge, com jôgo de futebol que se dera em Santos, entre clubes de primeira linha do Brasil. Demoramos bastante, parados, em vários lugares com o congestionamento de veículos.

Em casa, só tivemos o tempo rápido de mudar de roupas. Tínhamos apalavrado com Francisco Azevedo e Maria Luísa, irmos ao cinema Metrôpole, com êles. Havia dificuldades em transporte. Tivemos a felicidade de encontrar, a sobrinha de José Siqueira — Neise, acompanhada de seu noivo, ou candidato a isso — Antônio Carlos. E’ filha de Elias Siqueira e de Dô-ninha.

Assim, acompanhados de dois casais de jovens noivos, fomos ao melhor cinema do Brasil, nós que tínhamos filhos mais velhos do que todos êles. Mas, é sempre agradável a companhia de moços, quando nos tratam com urbanidade, como sucedia com aquêles companheiros.

A descrição do bom gôsto e do luxo sóbrio daquele cinema cabe a Zuleica, com sua sensibilidade feminina :

“O cinema Metrôpole é o mais novo da capital paulista. E’ uma beleza! A sala de espera é muito mais bonita e luxuosa do que a do PALADIUM, de Belo Horizonte. Enormes lustres no centro. Pelas paredes vermelhas há também vários candelâmbros de cristal reluzentes. Subimos ao salão de exibições em escadas de mármore branco, com corrimões dourados e fôfos tapetes.

O ambiente interno não destoava do luxo da entrada. O filme exibido foi a PANTERA COR DE ROSA. Foi uma bomba — muito luxo, com a Cardinale, mas sem pé e nem cabeça. O cinema, no entanto, é tão bonito que compensou a paulificância do filme. Ao terminar o espetáculo, descemos pela escada rolante. Fora estava um frio de matar. Os próprios paulistanos, nosos companheiros, batiam o queixo”.

No domingo, 23, após o café matinal, visitamos a Igreja de Nossa Senhora Aparecida para missa. Quase não encontramos cadeira vazia de tanta gente. A cerimônia religiosa, em português, já estava familiar a todos os presentes que respondiam ao sacerdote, coletivamente, com a atenção possível. Rara era a pessoa que não entoava os salmos e outros cânticos religiosos, sobressaindo-se a voz dos homens.

Estávamos a almoçar, quando Raimundo, Clara e as duas filhas vieram-nos apanhar para passar o resto do dia em casa deles. Funcionário do Banco Mercantil e recentemente fôra elevado a uma gerencia melhor, na Vila Pompéia. Estava ainda a residir com seus sogros á rua Paulo Orozimbo na Consolação. De lá, nos conduziu em seu Wolks até a residência de minha tia afim Judith, á rua Piauí. Ali estavam também Neusa minha prima e sua filha Lígia Maria, moça bastante inteligente, que se dedica á pintura. São parentas próximas, inteiramente paulistanas e muito amigas nossas, herança esta que lhes foi legada pelo meu tio Paulo Moreira Viana, de quem falarei noutra ocasião. Judith nos convidou a jantar em dia que nos comunicaria, pelo telefone. Ao voltarmos á casa de Raimundo, encon-



tramos o primo Mário e esposa Maria Luísa, as simpatias personificadas, os quais também nos convidaram para almoço, em seu apartamento, no próximo Domingo.

Ao voltarmos à Avenida Sabiá, enquanto viamos na Tv. o desfile das misses, do Brasil e do mundo, fui chamado duas vezes para atender telefonema interestadual. Lili, Silvinha, Ilkens e Amílcar reavivaram-nos as saudades dos dias passados no Rio, no seu bom convívio. Mais tarde, Francisco Vasconcellos, me chamou para comunicar-me que na Rádio Ministério da Educação, no programa do maestro cearense Aluísio Pinto, iriam transmitir os motivos folclóricos que êle Vasconcellos gravara em Crato, e com comentários de sua parte. Fiquei bastante satisfeito com a notícia daquela irradiação que seria ótima propaganda do folclóre do Cariri, o qual já se tornara conhecido em vários pontos do país e começava a interessar até pesquisadores estrangeiros.

Passamos o período da manhã do dia 24, em casa. Às 16 horas, com os indispensáveis companheiros rumamos para Campinas. Saimos um pouco tarde, pelos múltiplos afazeres de meu hospedeiro que, em seu escritório, não tem um minuto de repouso, tão procurado é êle, não só por pessoas ricas como pobres. A rodovia para Campinas é das melhores e das mais bonitas de S. Paulo. Muitas vezes, a gente passa em alamedas de eucaliptos, com seu cheiro agradável e característico. O vai-e-vem de veículos é contínuo. Às 17,30 entramos na cidade, em trecho rodoviário complicadíssimo. Campinas, mesmo de longe, já apresenta belo aspecto de urbe moderna. Poucas cidades brasileiras a superam em bom gosto em construção e em asseio. Penetramos pelas ruas centrais de comércio e fomos direto a colégio dos Salvatorianos para José Siqueira e Adelina visitarem o cunhado de seu irmão Geraldo — Padre Estanislau. Só os dois tiveram licença da enfermeira para entrar no quarto do doente, sacerdote cearense muito estimado em Campinas. Estava bastante mal, com os dois rins atrofiados. José Siqueira não teve esperanças. Voltou da visita certo de que o sacerdote duraria muito pouco. Seu tratamento iria ser feito nos Estados Unidos da América. Pelas simpatias que gozava na cidade, as despesas correriam por conta dos campinenses. Com êle iriam médico, enfermeira e sua irmã que lhe doaria um dos rins. A intervenção de transplantação daquele órgão ainda teria efeito problemático, conforme informaram os médicos norte-americanos que se encarregariam daquele melindroso caso. Poucos dias depois, Maria Alba, esposa de Geraldo e irmã do Padre Estanislau telefona a Adelina participando a morte de seu irmão, antes de viajar para a América.

Enquanto, em Campinas, nossos companheiros visitavam o padre enfermo, entramos na igreja do Colégio que é bem moderna, tendo no altar monumental Cristo em parede, de côr preta.

"Passamos o resto do dia a procura da residência do Mário Penteado para quem levavamos encomenda de Jefferson. Depois de rodar por tôda a parte e a pedir informações a quem passava, acertamos com a NOVA CAMPINA, bairro moderno e longe da cidade. E' edificado sôbre um morro, avistando-se de lá, panorama muito bonito, com a cidade em baixo que é grande, limpa, bem iluminada e cheirando a jasmim. Possui ruas amplas e ediffícios de 12, 13 e mais andares. O bairro de Nova Campinas é uma

tramos o primo Mário e esposa Maria Luísa, as simpatias personificadas, os quais também nos convidaram para almoço, em seu apartamento, no próximo Domingo.

Ao voltarmos à Avenida Sabiá, enquanto víamos na Tv. o desfile das misses, do Brasil e do mundo, fui chamado duas vezes para atender telefonema interestadual. Lili, Silvinha, Ilkens e Amílcar reavivaram-nos as saudades dos dias passados no Rio, no seu bom convívio. Mais tarde, Francisco Vasconcellos, me chamou para comunicar-me que na Rádio Ministério da Educação, no programa do maestro cearense Aluísio Pinto, iriam transmitir os motivos folclóricos que êle Vasconcellos gravara em Crato, e com comentários de sua parte. Fiquei bastante satisfeito com a notícia daquela irradiação que seria ótima propagação do folclóre do Cariri, o qual já se tornara conhecido em vários pontos do país e começava a interessar até pesquisadores estrangeiros.

Passamos o período da manhã do dia 24, em casa. Às 16 horas, com os indispensáveis companheiros rumamos para Campinas. Saimos um pouco tarde, pelos múltiplos afazeres de meu hospedeiro que, em seu escritório, não tem um minuto de repouso, tão procurado é êle, não só por pessoas ricas como pobres. A rodovia para Campinas é das melhores e das mais bonitas de S. Paulo. Muitas vezes, a gente passa em alamedas de eucaliptos, com seu cheiro agradável e característico. O vai-e-vem de veículos é contínuo. Às 17,30 entramos na cidade, em trecho rodoviário complicadíssimo. Campinas, mesmo de longe, já apresenta belo aspecto de urbe moderna. Poucas cidades brasileiras a superam em bom gosto em construção e em asseio. Penetramos pelas ruas centrais de comércio e fomos direto a colégio dos Salvatorianos para José Siqueira e Adelina visitarem o cunhado de seu irmão Geraldo — Padre Estanislau. Só os dois tiveram licença da enfermeira para entrar no quarto do doente, sacerdote cearense muito estimado em Campinas. Estava bastante mal, com os dois rins atrofiados. José Siqueira não teve esperanças. Voltou da visita certo de que o sacerdote duraria muito pouco. Seu tratamento iria ser feito nos Estados Unidos da América. Pelas simpatias que gozava na cidade, as despesas correriam por conta dos campinenses. Com êle iriam médico, enfermeira e sua irmã que lhe doaria um dos rins. A intervenção de transplantação daquele órgão ainda teria efeito problemático, conforme informaram os médicos norte-americanos que se encarregariam daquele melindroso caso. Poucos dias depois, Maria Alba, esposa de Geraldo e irmã do Padre Estanislau telefona a Adelina participando a morte de seu irmão, antes de viajar para a América.

Enquanto, em Campinas, nossos companheiros visitavam o padre enfermo, entramos na igreja do Colégio que é bem moderna, tendo no altar monumental Cristo em parede, de côr preta.

"Passamos o resto do dia a procura da residência do Mário Penteadó para quem levamos encomenda de Jefferson. Depois de rodar por toda a parte e a pedir informações a quem passava, acertamos com a NOVA CAMPINA, bairro moderno e longe da cidade. E' edificado sôbre um morro, avistando-se de lá, panorama muito bonito, com a cidade em baixo que é grande, limpa, bem iluminada e cheirando a jasmim. Possui ruas amplas e edificios de 12, 13 e mais andares. O bairro de Nova Campinas é uma

nos bairros mais afastados, bosques de eucaliptos que dão muita graça à cidade.

À tarde, Doninha de Elias e sua amiga lancharam em casa de José Siqueira. Doninha é criatura ótima que já residiu em Crato. Expedito Dantas, muito amigo de José, visitou-nos naquela tarde e muito conversou sobre coisas do Ceará, sobre literatura e jornalismo em S. Paulo. Convidou-nos para almoço, em seu apartamento, no Braz"'. (Zuleica). Estivemos em casa de Geraldo, irmão de José Siqueira, mais ou menos, às 20 horas. José Siqueira foi conosco a fim de dar notícias pormenorizadas à Rosa Alba, do estado de saúde do Padre Estanislau.

Não sai na manhã do dia 27. Zuleica e Adelina foram a salão de beleza, voltando mais tarde com José Siqueira. Fiquei lendo. Naquele dia, deveríamos jantar com o gerente do Lilly, conforme convite anterior, com dia e hora marcados por telefone. Judith e Neusa passaram a tarde conosco.

O Sr. e senhora Buchanan, o Sr. e senhora Pedro Bonilla chegaram exatamente às 19 horas, nos conduzindo de carro até ao Hotel Jaraguá. Ali encontramos também o Sr. Shwant, brasileiro e alto funcionário do Lilly que conheci, no Rio, onde trabalhava por ocasião de minha palestra sobre folclore, na Casa do Ceará. Zuleica tem a palavra:

"Os dirigentes do Lilly foram muito gentis conosco, prova de que têm muito apreço a Caubi, a quem se referem com muita simpatia. A senhora Buchanan, muito elegante, vestia seda pura de cor preta e usava estola de pele. A senhora Pedro Bonilla (cubanos) estava com vestido azul e preto, estampado, com manteau também preto.

O Jaraguá passa por ser dos melhores hotéis de S. Paulo. Os salões são atapetados, com iluminação em estilo moderno. Apesar do luxo, o Sr. Buchanan ainda lastimou porque não ficamos no salão principal das refeições, então em reparo. Antes, conduziram-nos ao bar, para aperitivos. Os dois cubanos, com sua mistura de espanhol e português, faziam-se compreender não muito bem. Sr. Buchanan fala corretamente a nossa língua, enquanto sua consorte encontrava dificuldade em exprimir-se, quando estão o gaúcho, Swants, muito afável, servia de intérprete. No salão de refeições, enquanto nos serviamos consomé, peixe, vinho, a conversa girava sobre assuntos vários. Bonilla comparava certos aspectos de Cuba com o Brasil e contava a desilusão que lhe causara a revolução fidelista, a qual deu, de início, todo o seu entusiasmo. Sua senhora o secundava em informações com seu castelhana bem apressado e sempre de bom humor. A Srna. Buchanan lamentava o clima de S. Paulo a ocasionar-lhe constantes resfriados. O marido que conhecia o norte, elegiu bastante os pratos do Recife, Fortaleza e Bahia. Mostrou reais simpatias pelo nortista e recordou o cardápio regional que Regina, a esposa de Caubi, lhe servira na capital pernambucana. Dei-lhe, à receita de outros, comuns ao Cariri cearense e facéis de serem feitos em qualquer cidade nortista. Copiou o nome desses quitutes para experimentá-los em excursão que pretendia fazer ao Nordeste. A sobremesa de morango com creme de Chantilly estava uma delícia".

Foi em atmosfera agradável, com conversação bem viva, que concluímos aquele jantar de sete pessoas, mas com elementos de três nacionalidades. Sr. Bonilla, ainda não contente com tantas afabilidades, pediu-me o nome dos medicamentos do Lilly que eu e Zuleica usávamos a

fim de mandar-nos uma provisão. Ditei-lhes os nomes e no outro dia, recebi um pacote de todos êles. Também me acrescentaram afavelmente, que fazíamos parte da família Lilly, como pais de Caubi e não deveríamos mais comprar os seus produtos. Estando êles prontos a atender tôda a requisição de minha parte. Não dispensei mais êsse oferecimento.

Os dois casais com o Sr. Swants, ainda nos levaram de carro, até à residência de José Siqueira Cavalcanti. Não quiseram entrar conosco, mas o Sr. Buchanan externou a sua admiração pela imponente casa de meu amigo.

Ao entrar na sala, a turma tôda estava na mesa a conversar. Maria Luisa e Francisco acharam que Zuleica poderia, com o vestido que usara, entrar em qualquer reunião elegante, sem qualquer desdouro.

Aliás, preciso tocar em certo ponto da elegância feminina, relacionando-a com as diversas viagens que fiz ao sul do país. Da primeira e segunda vêzes que estive no Rio, achei que a carioca vestia-se muito mais elegante do que qualquer outra do Brasil, incluindo mesmo a fortalezense que tem jeito especial de bem trajar-se. Últimamente, porém, a elegância possuiu a padronizar-se. Pouco ou nenhuma diferença, há entre moças e senhoras do Rio, ou de uma cidade como Maceió, Campinas, Crato, Fortaleza, ou Teresina.

Na manhã de 28 de Agôsto, como habitualmente, ficámos na pra-cinha de Santo Amaro. Lemos ali a correspondência que chegara de Crato. Às 4 horas, dirigimo-nos á FENIT, no Ibiapuera, com o casal Siqueira e Edson Penteadado. E' figura que ainda não foi mencionada devidamente. E' de côr, filho da dedicada empregada da casa, de nome Bia, procedente de Juazeiro od Norte. Sabia cozinhar muito bem, com pratos à maneira cariariense. Doente de flebite, fazia das fraquezas fôrça e não sabia repousar, nem mesmo quando Adelina a forçava a isso. Casara ela em S. Paulo e enviuvara, ficando apenas com Edson como herança. Filho e mãe viviam a discutir. Edson, sempre empertigado, só obedecia a José Siqueira que o tratava bem, mas na hora necessária, quando queria passar os pés adiante das mãos, sabia tratá-lo com energia. Servia para conduzir a correspondência ao correio e autos e petições a cartórios e ao Forum. Como no seu trabalho frequentemente ia ao correio, aproveitava-o a levar as minhas quase cotidianas cartas ou telegramas.

Entramos na Fenit, à noitinha, profusamente iluminada.

"Ao centro, ficava enorme coluna branca encimada por grande bola dourada, tendo ao redor fonte luminosa, refletindo luzes e côres. Concha branca de proporções vultosas ficava ao lado. Mais adiante, outras menores, com tecidos maravilhosos abriam e fechavam-se continuamente. **Stand**s de fazendas harmonicamente decorados estendiam-se por tôda a parte. Notei que quase todos os tecidos eram estampados, belíssimos, e graúdos. E' um deslumbramento! O recinto é enorme, abaulado, cheio de lâmpadas filoras, cada **stand** o mais belo, com arranjo de flores e plantas. Aqui e ali, pequenos aquários, tanques a refletirem a profusão de luz. Havia grande restaurante sempre lotado. O movimento de visitantes era intenso e por tôda a parte os vendedores de balas. Muitos dos **stand**s ofertavam-nos lembranças, sôbressaindo-se os da Guanabara, onde predominava a propaganda das rea-

lizações de Carlos de Lacerda e a alegria carioca transbordava a agradecer e a bem impressionar os visitantes". (Notas de Zuleica).

A FENIT mostrou a pujança da indústria de tecidos de S. Paulo, a qual pode ombrear-se, sem desdouro, com as mais evoluídas do mundo. Noutras ocasiões e, com o mesmo sucesso, S. Paulo organiza outras exposições de seu crescente parque industrial, orgulho e honra da terra brasileira.

29-8 — Mais ou menos, às 13 horas, os primos de Zuleica — Raimundo Pequeno e Clara nos vieram buscar em seu carro, conduzindo-nos ao apartamento de meu primo Mário Viana, há muito radicado na Paulicéia e casado com a Prof. Maria Luísa, de ascendência italiana. A mistura de elementos nordestinos com gente de outra procedência é bem acentuada em S. Paulo. Duas irmãs tem Mário, naquela capital, uma casada com japonês católico e outra com italiano, tôdas vivendo muito bem, sem problemas domésticos.

Zuleica falará apreciando aquela refeição em ambiente amigo:

"O almoço feito por Maria Luísa estava gostoso e constava de frango, torta de palmito, sobremesa de frutas, pudim de arroz muito gostoso, com doce de pêssego por cima".

Às 15,30, Raimundo e Clara novamente nos apanharam em seu Volks, nos conduzindo ao Parque Agua Branca, onde havia exposição folclórica, com objetos do artesanato do Nordeste, do Rio Grande do Sul, de S. Paulo e Minas. É o local de exposições pecuárias de repercussão em todo o Estado. É muito amplo e bonito. Já conhecíamos anteriormente, quando em 1949, nos hospedamos com o tio Paulo Viana, naquela mesma avenida Agua Branca. O Parque então não havia sido ainda convertido em lugar de exposições pecuaristas, embora fôsse muito arborizado e propício a passeios repousantes, em contacto com a natureza.

Penetramos no enorme salão destinado ao festival folclórico. Vimos objetos do Ceará e velhinha fazia renda de bilros, tal qual conhecíamos, desde a meninice, em nossa terra. Sou curioso e cobri-lhe de perguntas. Nada me respondeu e continuou no seu trabalho na troca de bilros. Conclui que não conhecia nada do Nordeste.

Sentamo-nos nas vizinhanças do local de exibições e não tardou a vinda de um grupo de três pares, com trajes tipicamente gaúchos. Moças e rapozes eram assaz simpáticos e dançaram bem com eletrola a tocar músicas regionais do Rio Grande do Sul. Mocinha bem graciosa quase caía, mas soube sair-se bem. Após a exibição, acerquei-me do grupo. Indaguei-lhe de que região gaúcha procediam. Riram-se. Compreendi que eram gaúchos, mas de S. Paulo. Riram-se muito quando lhes disse isso.

Na mesa central, havia alguns livros de folclóre, incluindo um de Câmara Cascudo que me citava. Não vi ali nenhuma pessoa entendida em assuntos folclóricos. Sentados, encontrei jovens que tomavam notas. Perguntei-lhes se eram estudiosos no assunto. Responderam-me simplesmente serem seminaristas a paisana, da paróquia paulistana de Santa Rita de Cassia, aliás, paroquiado pelo primo de Zuleica — Padre Antônio Dias Pequeno. Disse-lhes ser eu folclorista do norte e da Associação Brasileira de Folclóre. Pediram-me alguns dados sôbre danças e músicas populares nordestinas, que lhes forneci do pouco cabedal á minha disposição. Em terra

de cegos quem tem olho é rei. Dei-lhes também a lista de alguns livros em torno do assunto, incluindo o meu: O FOLCLORE NO CARIRI, existente na Livraria S. José, no Rio.

Ainda, com Raimundo, Clara e suas duas filhinhas, demos uma volta pelo Parque de Águas Belas, onde iria realizar-se, no mês seguinte, a tradicional exposição de gado. E' cheio de gramado, árvores, jardins e tanques com peixes. No centro há pavilhões enormes para escola como também outros para granja. A tarde estava bem clara e quente, lembrando o clima nordestino. Jantámos com Raimundo, na Aclimação, regressando às 9,30.

No outro dia, domingo, assistimos a missa, como sempre, na Aparecida e às 13 horas fomos atender o convite para almoço no apartamento de Expedito Dantas, no Braz e conduzidos pelo José Siqueira que se esmerava o possível para que a nossa estada em S. Paulo fôsse cento por cento, coberta de êxito. Expedito já nos esperava em baixo, bem perto da igreja matriz do Braz, conforme nos indicara como ponto de referência. O meu amigo merece registro especial nesta espécie de diário. Há muito deixara Crato para morar naquela capital que é sonho de muitos cearenses. É dos mais perfeitos auto-didatas que conheço. Dotado de inteligência privilegiada, fêz apenas curso elementar. Mas, desde pequeno se agarrara a leituras sérias. Aprendeu bem a nossa língua, estudou outras, dominando-as bem. Na Paulicéia empregou-se em jornais e como tradutor de grande editora, vinculando-se bem no meio intelectual, com ótimas relações. Estava doente, quando o encontrei, em consequência de diabetes, com complicação que lhe atingira um olho. Seguia regime drástico e estava a recuperar-se a fim de voltar às suas lides intelectuais na editora e também para retomar às suas leituras na ótima e variada biblioteca que possui. Desde rapazinho, foi meu bom amigo e sempre nos correspondemos. Foi graças a sua interferência, que publiquei, em S. Paulo, os meus dois primeiros livros: **RENOVAÇÃO e MEU MUNDO É UMA FARMÁCIA.**

Casara com Dona Maria José que tinha diploma de enfermeira e é natural de Minas Gerais, mas o casal não tinha filhos. Residia com êles o seu irmão Geraldo, também filho de Crato. O apartamento é próprio e bem espaçoso. O almoço, feito e servido pela espôsa, estava primoroso e a conversa descambou para as recordações de nossa terra natal. A palestra demorou, sempre animada, até às 16 horas, quando a boa família que nos hospedava nos apanhou no carro para uma volta pelo A.B.C., zona industrial da Paulicéia, correspondendo às iniciais de suas cidades:

S. André, S. Bernardo do Campo e S. Caetano.

Ninguém pode deixar de extasiar-se com o progresso de S. Paulo, concentrado nas indústrias daquelas três cidades satélites, ou verdadeiros subúrbios da metrópole econômica do Brasil. As fábricas se sucedem, uma após outras e mesmo naquele domingo, o movimento de veículos mostrava a pujança daquele triângulo de progresso. Mas,, chuva impertinente, a engrossar de minuto a minuto, começou a cair. Só podemos conhecer — S. Bernardo e S. Caetano. Riscamos S. André, impedidos pela chuva que já se precipitava em borbotões. Na volta o congestionamento de trânsito, estava inquietante como da vez que fomos a Santos. O próprio carro ençalhou no meio de

turbilhões de veículos, momento crucial que requer toda perícia e sangue frio do motorista. José Siqueira provou isso e conduziu-nos à casa, sãos e salvos.

Saimos no dia 31 para o passeio normal com José Siqueira, em visita a Santo Amaro, onde tem êle o melhor de seus negócios. É tão popular ali que eu o aconselhei a candidatar-se a qualquer cargo eletivo. Mas, não tem êle vocação para a política que ficou toda com seu irmão—Dr. Elias de Siqueira Cavalcanti que ocupava então lugar proeminente no governo Ademar de Barros. Aproveitamos a oportunidade para procurar encomenda de minha sogra dona Maria do Carmo que nos pedira, Dorbandex, do laboratório Moura Brasil. Debalde o procurámos em sete ou oito farmácias. Foi Clara que nos arranjou dois vidrinhos daquele medicamento, em drogarias do centro. Registro o fato a fim de comprovar que nem tudo é fácil de se encontrar no comércio de uma grande cidade. Longe vai o tempo das vacas gordas, em que, em certa drogaria de Salvador, poderíamos comprar todo e qualquer medicamento que fôsse registrado na Saúde Pública do Brasil.

À noite, tínhamos convite para jantar com Judith, viúva de meu tio Paulo e sua filha a prima Lígia, em confortável e amplo apartamento térreo da rua Piauí. O ambiente é inteiramente paulistano, mas a hospitalidade é tão espontânea, como a de qualquer ambiente nordestino. Aliás por duas vezes, quando Paulo era vivo, hospedei-me na residência deles, uma em Itararé e outra na própria capital paulista, à avenida Águas Brancas. Aquêlê meu tio que foi dos melhores amigos que possuí, deixara o Ceará e fixara-se no sul de S. Paulo, onde se casara com Judith, filha de Itapetinga. Exercia a profissão de farmacêutico, mudando-se depois para a capital, trocando logo depois a farmácia por outro meio de vida. O jantar foi agradabilíssimo naquele ambiente amigável. Lígia tem duas filhinhas e estava viúva também. Aliás, naquela família, cuja amizade conservo, o elemento varão desapareceu totalmente. Paulo falecera. O filho rapaz morrera em plena juventude. Chamava-se Décio. Os dois genros Licínio, bacharel em direito, casado com Neusa e o engenheiro Haroldo, faleceram, também bastante jovens. Restavam as viúvas que enfrentaram a vida, com aquela coragem peculiar ao paulista, e também pela educação de trabalho da própria família no meio trepidante daquela imensa colmeia humana. Havia duas filhinhas de Ligia e outra de Neusa.

Eu e Zuleica nos dávamos perfeitamente naquele convívio. Foi reunião inesquecível e cheia de recordações que, graças a Deus, não nos amofinaram pelo transbordar de sentimentalismo. Às 21,30, retornamos à casa em que estávamos hospedados, guiados pela Neusa que foi chamada por Lígia para isso, a qual residia a dois passos da rua Piauí. Judith nos acompanhou.

Não fomos pernoitar, assim que chegamos. Ainda assistimos televisão, até tarde, acompanhando o teatrinho de TV que exibia o PRIMO BASILIO de Eça de Queiroz. O escritor lusó, com seu humor, é atrativo permanente, sempre atualizado. No Brasil continua com sua roda de admiradores entusiastas. O elenco estava bom. O cinismo do primo Basilio, encarnado no ator, foi tão real, que tive até vontade de esganá-lo.

Já estávamos nos aproximando do fim da excursão em São Paulo. Naquele primeiro de Setembro que correspondia ao dia da Padroeira do Crato, fomos visitar Igreja de Nossa Senhora da Aparecida para nossa homenagem à lórginqua terra natal que, naqueles instantes, festejava com entusiasmo, a Nossa Senhora da Penha. Depois, visitamos farmácia para eu tomar injeção. Já era conhecido ali, embora ignorassem que eu fôsse farmacêutico. Jovem nipônico que trabalha com italianos, fêz-me aplicação subcutânea, e delicadamente perguntou-me se me dera bem com medicamento que comprara anteriormente naquele estabelecimento.

Rumamos ao lugar que já nos era bem familiar — Santo Amaro. No percurso, passamos no Laboratório Lilly, a despedirmo-nos dos gerentes Srs. Buchanan e Bonilla, que nos cumularam de tanta gentileza naquela capital. Santo Amaro transformara-se em imensa estufa, com excesso de calor. Tivemos saudades dos dias calorentos de Crato, onde sempre corre brisa refrescante, mesmo em plena soalheira. Naquele dia, ainda nos despedimos de Raimundo Moreira Pequeno, e família e do Dr. Teófilo Cavalcanti Filho, espôsa e filhos. Sua residência estava em reparos e por isso desculpou-se de não nos ter ofertado o almoço que sempre nos proporcionava naquela capital. Mostrou-me a tese que fizera a fim submeter-se a concurso para livre docente na Faculdade de Direito da Universidade de S. Paulo. Sempre o conhecia a ler e a comentar livros jurídicos. Colaborava na revista de Direito de S. Paulo e mantinha a sessão jurídica do grupo "FOLHAS".

Despertamos no dia seguinte, com o clima inteiramente mudado. Fazia frio intenso e garôa impertinente caía a fustigar os transeuntes. O clima de S. Paulo é inteiramente maluco, foi a conclusão de minha espôsa. Mesmo assim, saímos pela manhã para a farmácia, igreja e Zuleica fêz algumas compras no comércio.

Em casa, o telefone e a televisão enguiçaram. Naquele dia estava marcado para mim uma entrevista na TV Cultura, no programa de folclôre com o escritor paulista Alceu Maynard de Araújo. Já era meu velho conhecido. E' a simpatia em pessoa. Estivera em Crato em pesquisas. Lá o conheci e ajudei-o em seu trabalho, mostrando-lhe alguns motivos folclóricos regionais. No ano seguinte, naquela capital, consegui uma ligação telefônica para a sua residência. Marcou-me encontro no Instituto Histórico e Geográfico de S. Paulo. Teófilo Filho, ou familiarmente o Teoflinho, levou-me com Zuleica, até ali. O prof. Alceu recebeu-me com a maior amabilidade, apresentando-me a vários membros daquele Instituto. Levava meu livro o FOLCLORE NO CARIRI e leu trecho dêle para diversos consócios. Chuva de perguntas fôram-me dirigidas a respeito de minha região. Respondi-lhes com as informações que me pediam. Visitamos as diversas dependências do Instituto que tanto renome tem dado a S. Paulo. Naquela ocasião se realizava exposição comemorativa do centenário do jornalista falecido — Júlio de Mesquita. Na biblioteca muito rica em livros e cartografias raras, há coleção quase completa da REVISTA DO INSTITUTO DO CEARÁ, assim como de instituições congêneres de outros estados.

Também o viro antes, no dia 25 de Agosto de 1964, à rua Florêncio de Abreu, no Departamento Estadual de Administração, então dirigido por êle. E' espécie de secretaria do Estado de S. Paulo. Possui cerca de



250.000 funcionários públicos estaduais todos administrados pelo DEA. Já nos esperava ali, pois, o encontro fôra marcado pelo telefone. Encontrei-o em plena atividade, mas é dessas pessoas que sabem dividir bem o tempo. Recebeu-nos com a maior das amabilidades. Seu recente livro O FOLCLORE NACIONAL, em que me cita, estava em pleno cartaz nos jornais paulistas e no Rio. Acabara êle de chegar de Brasília, onde presidira o Festival Folclórico, daquela capital e de cunho nacional. Após rápida palestra, encarregou um dos seus amáveis funcionários a mostrar-nos as principais dependências de sua repartição supermovimentada. Todos os chefes de secção nos receberam com a melhor das simpatias, comprovando que o paulista é tão amável quanto qualquer outro filho do restante do Brasil. Vive entretanto, preocupado com os múltiplos afazeres e não pode perder tempo em frivolidades. Sempre me dei muito bem com o paulistano, especialmente no âmago de seu lar, que é então inexcedível em gentileza.

Só a direção do DEA ocupa o sétimo andar todo do edifício e em todos os recantos daquela repartição só surpreendi trabalho e muito intenso. Ninguém ali perde tempo noutros assuntos ou ocupações alheias ao fim daquela dinâmica repartição, dirigida tão eficientemente pelo prof. Alceu Maynard de Araújo. No salão da revista, fomos recebidas por moça distinta, elegante e bonita. Tanto eu como Zuleica e o nosso cicerone achamos que tinha ela pinta de verdadeira MISS. Confessamos-lhe isso com tôda a franqueza. Pelo sorriso espontâneo que expressou, demonstrou ser-lhe muito agradável aquela confissão.

Na volta da visita, estivemos ainda com o Dr. Maynard de Araújo que nos mandou servir sandwiche com laranja, numa atmosfera de muita cortesia. Às 18 horas, conduziu-nos êle ao salão nobre daquele departamento para assistirmos parte do ensaio do ORFEON composto de funcionários públicos, de moças, senhoras e até de idade e homens já feitos. E a regida pelo Prof. Escalante que nos foi apresentado e o coral compunha-se de cinco vozes. Estavam a ensaiar missa, mas resolveram cantar alguns números folclóricos, já que o Prof. Maynard me apresentou como folclorista do Nordeste. Passaram então a entoar o RIO DE SÃO FRANCISCO e CANDOMBLÉ, do folclôre baiano e CANINHA VERDE PAULISTA, com perfeição que bem nos entusiasmou.

O Prof. Escalante ainda teve ocasião de falar comigo sôbre os motivos folclóricos de minha terra. Lembrei-lhe a gravação que o Dr. Francisco Vasconcellos fizera em Crato. Interessou-se pela mesma, encarregando-me de facilitar-lhe o conhecimento daquelas músicas e respectivos versos, originárias do Cariri cearense. A minha interferência deu ótimos resultados. Alguns dias mais tarde, Vasconcellos foi a S. Paulo, exibindo as gravações colhidas em Crato para o Prof. Escalante. Naturalmente, aproveitou ou aproveitará muitos delas, desde que são motivos que estão sempre a provocar o interesse dos musicistas nacionais e estrangeiros, como vem acontecendo,

com bastante intensidade, nêstes últimos tempos. O folclôre de Crato e adjacências cada dia ganha mais admiradores.

Voltamos ao programa da TV Cultura de S. Paulo. Instala-se no coração da Paulicéia, no 15.º andar do edifício 230, à rua 7 de Abril. O escritor Alceu Maynard encarrega-se da parte referente ao folclôre, no programa de cultura. Cheguei primeiro ali, acompanhado de minha esposa. Daí a duas horas estava eu a ser entrevistado no canal 2. O escritor Alceu Maynard exibiu duas publicações cratenses a "REVISTA DE POESIA" e "ITAYTERA" do Instituto Cultural do Cariri, sob minha direção. Apresentou-me também aos TV espectadores do programa, citando Crato, como dos centros mais importantes, no ponto de vista cultural, do norte do país. Em seguida fêz-me série de perguntas que lhe respondi. Após isso, chamou também a atenção de todos para o cachimbo de estilo incáico que eu levei a S. Paulo, pertencente ao Museu do Crato e peça encontrada dentro de igabaça, em escavações feitas na rodovia que liga minha cidade à localidade pernambucana de Exu.

Tem, êsse objeto, encontrado a dez léguas de Crato, soterrado com urna funerária de confecção inferior, provocado a admiração de muitos estudiosos. Sobre esse cachimbo, artisticamente confeccionado, ainda com vestígios de carvão no seu interior, já escrevi no BOLETIM GEOGRÁFICO, do Rio e até antropólogos estrangeiros já o fotografaram. Além das linhas perfeitas, em sua parte posterior, tem a figura de monstro humano, comum entre representações artísticas dos povos quéxuas e aimoras dos Andes.

Após o programa, seguimos com êle, em seu carro até o edifício do DEA. De lá mandou-nos deixar em casa, em companhia do funcionário cearense que já conhecíamos anteriormente — Snr. Almir Araújo. Fazia êle parte do coral do Prof. Escalante. Foi conosco até á residência de José Siqueira, a quem conhecia como, igualmente, aos seus irmãos, notadamente o Dr. Elias de Siqueira Cavalcanti

A noite foi bem chuvosa, mas não nos recolhemos em casa. Com José Siqueira, Adelina e Maria Luísa, visitamos a residência do Snr. Ricardo Azevedo, pai do noivo de Maria Luísa. Naquele dia fazia aniversário natalício a sua senhora Dona Lourdes. Foi festa encantadora, quando tive o oportunidade de conhecer outra família paulista. O ambiente de simpatias e de alegria espontânea não poderia ser mais acolhedor. José Siqueira que tem gênio comunicativo, pôde expandir-se à vontade. Nunca conheci gente mais simpática, em qualquer parte do Nordeste do que aquela. Até o momento presente, ainda não encontrei qualquer motivo para achar o paulista fechado ou sem espirito de hospitalidade. Não conheço os milionários, chefes da alta indústria e do alto comércio. Mas, essa classe, no norte, especialmente, sempre é intolerável e creio que o paulista deve ser melhor do que o enfatuado ricoço de Fortaleza, da Bahia ou do Recife.

Com a magnífica impressão daquele lar paulista, saímos dali debaixo

de copiosa chuva e com frio mais ou menos intenso. Ainda demoramos um pouco no apartamento de Elias Siqueira e de Doninha, para as despedidas. Todos estavam quentes. Recebeu-nos muito amavelmente moça de Santos que passava dias a costurar para a família.

Naquela noite, jantamos às 10,30, como acontecera muitas vezes. Era a hora que Maria Luísa e Francisco, nos dias comuns, voltavam da Faculdade de Direito da Universidade de S. Paulo. Os outros serviam-se mais cedo, mas em casos especiais entrávamos no horário dos estudantes. Na ocasião daquela refeição, ainda recebemos a visita de Raimundo Moreira Pequeno e Clara, que vinham despedir-se e trazer-nos encomendas destinadas aos parentes de Crato. Sairam às 11,30, hora comum de visitas no Rio ou S. Paulo e extravagante para qualquer cidade nordestina, mesmo em grande centro como Recife, ou Fortaleza.

Nosso retorno estava marcado para 3 de Setembro. Já era tempo de encerrar-mos a inesquecível excursão, em que, em todos os recantos, fomos cumulados de atenções. Pelo telefone reservara as passagens com agência de transporte pertencente a Osório Ribeiro da Silva, cunhado de meu irmão Anibal, cirurgião-dentista em nossa terra. É rapaz muito ativo há muito radicado na Paulicéia, onde tem agência à rua Cavalheiro, no Braz, além de ser proprietário de alguns ônibus de linhas para Fortaleza e Crato.

A manhã foi quase tomada em arrumações da viagem. Dirigimo-nos ainda à igreja de Nossa Senhora Aparecida e dei um pulo até à farmácia a fim de fazer provisões de medicamentos para longa travessia no Rio - Bahia.

Ao meio dia, partimos no carro de José Siqueira com Adelina e Claudinha. Anteriormente, conheci o Braz inteiramente dominado por elementos italianos. Encontrei a rua Cavalheiro e vizinhanças, invadida quase que totalmenté por nordestinos. Todos os ônibus tinham letreiros de Recife, Crato, Fortaleza, Bahia, Caruarú e assim por diante. O sotaque predominante é inteiramente nordestino. S. Paulo, onde se dá a maior miscigenação presente do Brasil, de pouco a pouco está a absorver tôda a contribuição estrangeira para o seio da nacionalidade. Não podemos desprezar o papel importante desenvolvido pelo filho do nordeste, nessa amálgama que tende a nacionalizar o Brasil, dentro do mais puro cunho de compreensão mútua.

Aquêlê trecho do Braz é agora dominado por cearenses, paraibanos, e pernambucanos. O paulista chama a todos de baiano. Qual a razão disso? Seria recente a denominação que é comum em todo o interior paulista? Creio que a causa se prende ao período da colonização. Todo nordestista chegava a S. Paulo ou a Minas pelo caminho natural do S. Francisco. A porta comum era a Bahia. Daí todos os imigrantes oriundos daquelas bandas ficaram com denominação de baianos. Os maiores inimigos dos bandeirantes, os emboabas não eram exclusivamente portugueses. Em mistura com lusitanos e considerados estranhos, em Minas, pelos paulistas, havia

baianos, pernambucanos e outros. A confusão do nortista com o filho da Bahia foi evidente.

Na Agência do Expresso Cearense fui recebido por Osório que me ofereceu gratuitamente uma passagem e recomendou-me aos tripulantes do carro, que por sinal, era dos mais luxuosos estacionados naquele trecho. José Siqueira, com seu gênio expansivo, fêz logo camaradagem com todos os presentes, indagando uma coisa de um e de outro, e abraçando efusivamente a qualquer um. Expedito Dantas também foi ao nosso bota fora. Demoramos cerca de meia hora, sempre em palestra e apresentações. O ambiente era movimentado, com predominância de nordestinos.

Às 13 horas, o ônibus, lotado, deu sinal de partida. Ainda vimos, ao sair, as silhuetas de José, Adelina e Expedito. Claudinha, mimosa como sempre, acenava-nos com suas mãosinhas. Foi a bela imagem que nos ficou de S. Paulo.

## V

Deixamos assim S. Paulo, "com todo o seu movimento, beleza, grandeza, frio e garôa, calor e vento, tão variável o clima, que dizem haver as quatro estações num dia só". (Zuleica).

A tarde tôda foi muito agradável, naquele primeiro dia. Passamos em Aparecida do Norte, terra que, se Deus quiser, ainda pretendemos conhecer, com sua imponente Basílica e os perenes milagres de Nossa Senhora, tão conhecidos em todo o Brasil. Atravessamos, á noitinha, Barra Mansa, com prédios altos e comércio tão ricamente iluminado quanto o de qualquer capital. Com certo orgulho de brasileiro, vimos Volta Redonda, com suas chaminés e edifícios de apartamento a comprovar que tínhamos entrado na idade da siderurgia, caminho direto e rápido do progresso. Na ida já havíamos passado por Três Rios e a revemos tôda iluminada a estender-se ao comprido da rodovia, a margem do Paraíba. Finalmente, fomos pernoitar no quilômetro 21, em hotelzinho com pouco conforto. Foi a noite que senti mais frio em tôda a excursão. O quarto em que dormimos era totalmente desabrigado e os cobertores não nos impediam de sentir, na pele, a baixa temperatura. Tive saudades do calor do Norte. Revemos Minas, no trecho pela Rio-Bahia. Vimos Governador Valadares e Teófilo Otoni, à distância. Encontramos sempre muitos escolares a pé ou bicicletas pelas estradas. O motorista José Marcos Costa, era senhor completo do guidon. Seu ajudante Milton Cidrão Duarte sabia quase tôdas as canções irradiadas pelo Brasil afóra e procurava animar o ambiente. As montanhas se sucediam, de quando em quando. Aqui e ali uma cidade com sua igreja em estilo moderno e sempre limpa. Os passageiros não perdiam a ocasião de um papo. Eram cearenses e pernambucanos, residentes em S. Paulo que iam passar as férias entre seus familiares do Nordeste. Só uma família retornava definitivamente ao Ceará. Morava em Santos e por motivo de

saúde de seu chefe, buscava novamente o clima quente e estável do sertão cearense. Todavia, seus membros não malsinavam S. Paulo. Quem sabe? Nalgum dia, ao defrontarem-se com qualquer sêca ainda buscarão o sul, como eterna Canaan do nordestino! Não podemos fugir á contingência nêsse nomadismo tão nosso e que nos vem de tempos assaz recuados.

Seria a predestinação de uma raça, como afirmou o romancista cearense José de Alencar, em IRACEMA ao referir-se a Moacir o primeiro filho mestiço do Ceará, que teve de emigrar?

Conosco, naquele ônibus, havia pequenos negociantes, agricultores e até um militar paulista, cearense, que ia rever a família em Aurora, no Ceará.

Pernoitamos em Medina que conhecíamos anteriormente. Zuleica quase que deslocava um pé na saída do ônibus. O hotel é amplo mas estava ainda em construção e seus empregados tratam muito bem os hospedes em geral. No dia 5, logo pela manhã, atingimos a Bahia, onde a paisagem muda por completo. Termina a sucessão ininterrupta de montanha, com seus vales, com aldeias bonitinhas e igrejas de estilo moderno. Minas das estradas boas também é a terra clássica da erosão. Aquelas cordilheiras que foram devastadas em suas matas, desgastam-se a olhos vistos. E' zona rural arrasada, que dará muito trabalho, mais adiante, para a recuperação, quando sua população crescer. Infelizmente, nenhum povo, de qualquer região do globo, adota a experiência dos outros. Só aprende uma lição quando sofre na pele as consequências de sua imprevidência. Até a próspera nação americana pagou bem caro os seus êrros em não preservar-se contra o mal secular da erosão.

Passamos em Vitória de Conquista que conhecíamos rapidamente em pouso de avião. Possui bom campo de aviação e é centro telefônico de importância, na região, como bem demonstra seu importante edificio de interurbanos.

No planalto baiano, onde fica a cidade de Periperi, a estrada é toda uma linha reta e por isso se torna bastante monótona. A proporção que penetrávamos na Bahia, o frio ia diminuindo, até atingirmos o calor normal da época de estilo do Nordeste. Em Poções, o ônibus parou um pouco para abastecer-se de água. Aproveitamos a ocasião para chupar ótimas laranjas da região. Na Bahia, mesmo em zonas sertanejas, há sempre boas laranjas para vender. Poções foi atingida pela febre de mudanças de nomes Passara a ter o topônimo originário do antigo chefe da revolução de 1930 — Djalma Dutra. Como é que se chama o filho de uma cidade como essa? Até hoje não me conformei com essa mudança de denominação de localidades em homenagens a heróis ou mesmo a grandes vultos nacionais. Naquela localidade, vendem-se chapéus de couro, muito bem feitos, sob a forma de chapéus de feltro ou de massa, como chamamos no Cariri. Custavam então 1.000 cruzeiros. Em Conquista havia outros de melhor confecção, à

razão de 1.500 a unidade. Fabricam também, em profusão, esteiras de palmeira curicuri, abundantes na zona, à semelhança das que fazem no Cariri e no Piauí, com folhas de carnaúba.

Almoçamos em Jequié, como na ida. Revi o negro velho mendigo que me provocara uma crônica para os jornais e procedente de Lençóis. Reconheceu-me, demonstrando alegria. Aproveitei-o para me guiar até ao edifício dos correios e telégrafos. Passei dois telegramas, um para Lili e Ilkens desejando boa viagem aos Estados Unidos, pois saiam naquele dia e outro de parabens pelo aniversário da prima e quase irmã de Zuleica, Ione,, espôsa do Dr. Daltrô Holanda, diretor do Hospital de Russas, no estado do Ceará. A tabela do telégrafo subira e tive que pagar três ou quatro vezes mais da taxa anterior. Um caboclo que entregara telegrama para taxar, não teve o dinheiro suficiente para pagar e teve assim de ir em busca de refôrço monetário para seu telegrama.

Ainda fizemos lanche em Milagres, onde encontramos cegos a pedirem esmolas, acompanhados de viola e violão, tirando emboladas, até um tanto ou quanto animadas. Um fotógrafo local tirou-nos flagrante quase todos juntos, em frente ao ônibus. Pernoitamos em Feira de Santana, ponto terminal da estrada asfaltada. Um caminhão a bloquear-nos á rua, enalhado, com máquina quebrada, impediu-nos de nos alojar no ótimo dormitório que já conhecíamos anteriormente, onde há certo confôrto. Aboletamo-nos em pensão, cuja proprietária primava pela antipatia e com sanitários dos mais lastimáveis. A nota chocante foi ela negar ligação no fogão a gás á pobre mãe fazer o mingáu para filhinho a chorar de fome. Todos os hóspedes ficaram desapontados e não abandonaram o hotel por ser tarde da noite e não haver lugar para onde ir. Soubemos que ela não era baiana, pois, a Bahia se caracteriza pela sua inata alma hospitaleira. Essa mãe desatendida viajava com oito crianças desde Santos. Logo ao sair daquela pensão, encontrou, mesmo em Feira de Santana, pequeno café que lhe forneceu agua fervida, nas proporções que ela necessitasse.

A viagem prosseguiu pela manhã e até Araci, havia ainda asfaltagem mal feita, que de qualquer forma sempre era melhor do que a estrada de terra batida, estragada pelo último inverno. Entramos, de cheio, na zona dos solavancos e repetidos catabis, vencidos galhardamente pela perícia do motorista e a cantoria animada do ajudante.

Á proporção que nos aproximava de Tucano, a rodovia piorava. Tí-nhamos bastante medo do trecho crucial da ida, em que o ônibus encahará com o bloqueio de caminhão, atolado no lamaçal. Saimos de Tucano, ás duas e tanto da tarde. Logo adiante, um homenzinho, mal trajado, com enorme facção, pediu lugar em nosso veículo. O ajudante, gaiato por natureza, começou a troçar do novo passageiro que até confessou servir-se do ônibus por ter seu jipe enalhado ali por perto. Conversa vai, conversa vem, o homem acabou por confessar que era o proprietário daquêles roçados que

víamos em todos os lados. Só de agdve, possuía 300 tarefas. Mais adiante, o ônibus emperrou, metido nos sulcos profundos, abertos pela lama seca. O passageiro de última hora foi o que prestou melhor serviço, com seu facão e jeito especial, para desencahar o veículo, e assim pôde ser admirado e aplaudido por todos.

Após pernoite meio incômodo, chegamos em Barra do Tarrachil, mais ou menos às sete horas. O São Francisco estava mais seco e com água bem limpa, formando bonito espetáculo para as nossas vistas. A travessia daquele rio que nos evoca o período do povoamento antigo de tôda região, incluindo o do próprio Cariri cearense, é sempre cheio de evocações. Sua paisagem igualmente é das mais belas que a gente pode imaginar, especialmente pelo contraste com a caatinga ressequida que se acaba de atravessar nos adustos sertões da Bahia.

Tomamos café em restaurante, instalado pitorescamente às margens pernambucanas do São Francisco. De lá avistamos grande roda, instalada às margens do rio a puxar água em movimentos lentos para a serventia do próprio restaurante.

Após a lavagem do ônibus na beira do rio, prosseguímos a viagem, em estrada de terra batida, coberta com piçarra, em velocidade quase máxima. A rodovia ali é melhor do que na Bahia, de Feira de Santana para cá. Após hora e meia de percurso, estávamos em Salgueiro. Tínhamos atravessado a faixa estreita de Pernambuco, num abrir e fechar de olhos.

Encontramos Salgueiro, tôda festiva. Celebrava o 7 de Setembro. Nosso veículo demorou um pouco naquela cidade do sertão de Pernambuco. Tivemos tempo de ver bem de perto a passagem da garbosa mocidade dos colégios e grupos escolares da simpática localidade. Chamou-nos a atenção a robustez daqueles jovens, com seus impecáveis e até luxuosos uniformes. Bandas musicais, até uma delas executada por moças, passaram dando tom de animação militar a tudo aquilo. Senti que o sertão, afastado, a centena de léguas do litoral, também progride a olhos vistos. Salgueiro, até há bem pouco, nada valia como aglomerado humano de importância. E' encravado em zona seca. Aquêlê desfile de jovens estudantes, limpos, robustos, alegres, em bonitos uniformes de gala, acompanhados de professôres também impecavelmente trajados, à maneira de qualquer capital, mostra que está em franco progresso. E ali há indústria promissôra, sobressaindo-se costumes, fábricas de beneficiar algodão e bem montados engenhos de cana.

Naquele dia da Independência, que celebramos também em plena marcha de ônibus pelas estradas nordestinas, fomos almoçar em Jati que tem movimentado posto fiscal do Ceará, onde se aglomera carros e mais carros de carga, para a respectiva fiscalização. Em Missão Velha, Barbalha e Juazeiro do Norte ficaram muitos dos nossos companheiros de viagem.

O ônibus chegou em Crato, justamente após quatro dias e duas horas de viagem. Foi tempo recorde, pois, a estrada em grande trecho da Bahia,

estava em estado lastimável. Era dia de feira em Crato e as comemorações de 7 de Setembro realizaram-se no período da manhã. A cidade estava inteiramente entregue à azáfama daquelas reuniões semanais, que atraem multidão incalculável de tôdas as diversas partes do Nordeste.

Por deferência especial, o motorista José Marcos e seu ajudante Milton Cidrão foram nos deixar em casa, à rua Lima Verde, 2. Naquela data completava dois meses que viajávamos em importante trecho da terra brasileira. Muito aproveitamos com aquela visita que nos vivificou o espírito. Muito lucrei no ponto de vista cultural pelos contactos intelectuais que tive no sul e pelas observações que colhi daquela excursão por terra, em estradas boas e ruins, no asfalto e na piçarra. O enfado de dias exaustivos,, dentro do ônibus, foi compensado de sobejo pela alegria do contacto com a natureza e com a pujante civilização do triângulo Minas, Rio e S. Paulo. Estava também ansioso para rever os netos, a família, os parentes mais próximos e os velhos e bons amigos de Crato. Com aquelas férias deliciosas, pude retornar ao trabalho, com decisão e coragem.

CRATO, 1966.



# Itaytera

## DIRETORIA

DO

INSTITUTO CULTURAL DO CARIRI

Eleita para o Ano Social entre  
Outubro de 1965 e 1966

### Presidente

José Alves de Figueirêdo Filho

### Vice-Presidente

Pe. Antônio Gomes de Araújo

### Secretário Geral

João Lindemberg de Aquino

N.º 10 — ANOS 1965 - 1966

### 2.º Secretário

Zuleica Pequeno de Figueirêdo

### Comissão da Revista "ITAYTERA"

J. de Figueirêdo Filho

Pe. Antônio Gomes de Araújo

João Lindemberg de Aquino

### Comissão de Sindicância :

Celso Gomes de Matos

Euclides Francelino de Lima

Dr. Jefferson de Albuquerque e Sousa

### Comissão de Letras, Ciências e Arte :

Dr. Edízio de Figueirêdo Abath

Dr. Raimundo de Oliveira Borges

Dr. Antônio Duarte Júnior

## I N D I C E

NO DÉCIMO NÚMERO .. . . . .	3
ALENCAR NOS IDOS DE 17 E 24 .. . . . .	7
REVISTA "ITAYTERA" (Índice dos assuntos) .. . . . .	101
O ANTIGO EGITO .. . . . .	153
O ROMANCE DE J. DE FIGUEIREDO FILHO .. . . . .	162
A "SERRA DO JOÁ" .. . . . .	164
O MUNDO ESTRANHO DOS CANGACEIROS .. . . . .	165
O PADRE QUE PERDEU A CRENÇA .. . . . .	169
MUDANÇA DE PIANOS .. . . . .	177
1.º FESTIVAL DE FOLCLORE DO CEARÁ .. . . . .	185
DISCURSO .. . . . .	193
REMINISCÊNCIA .. . . . .	197
CABÓCA DA MINHA TERRA .. . . . .	200
IDÉIAS, LIVROS E FATOS .. . . . .	202
REVOLUÇÃO ECONÔMICA NO VALE DO CARIRI .. . . . .	205
MARECHAL RONDON .. . . . .	209
† INHAMUNS .. . . . .	213
NOVOS POEMAS .. . . . .	218
A BEM DA VERDADE .. . . . .	221
HISTÓRIA DOS PARTIDOS CEARENSES .. . . . .	225
SERAFIM LEITE E A FUNDAÇÃO DE FORTALEZA .. . . . .	229
MUNICIPALISMO .. . . . .	237
ANÁLISE LITERÁRIA .. . . . .	241

## S E P A R A T A S

NO ALFALTO E NA PIÇARRA  
 APÓSTOLO DO NORDESTE

# No Décimo Número...

J. DE FIGUEIREDO FILHO

"ITAYTERA" circula, na presente edição, pela décima terceira vez. Nasceu, em 1955, em edição quase bisonha, fruto de um punhado de idealistas. Seu número inicial foi uma revelação promissora, prova da capacidade criadora do cratense. Mauro Mota, diretor do "DIÁRIO DE PERNAMBUCO" o decano dos jornais da America Latina, saudou-a em suelto como das melhores revistas, no gênero, do país. Dali para cá sua vida tem sido cheia de vitórias constantes. É solicitada em vários centros do Brasil e sua repercussão conseguiu atravessar fronteiras externas.

O órgão oficial do INSTITUTO CULTURAL DO CARIRI, a pedido daquelas entidades, de renome internacional, mantém intercâmbio com a Biblioteca do Congresso de Washington, com a Biblioteca Pública de Nova York e mais recentemente com a THE GENERAL LIBRARY OF CALIFORNIA.

Já foi exibida, em Agosto de 1964, em programa da TV CULTURA de S. Paulo, pelo escritor Alceu Maynard de Araújo que a qualificou das melhores revistas culturais do norte brasileiro.

Sua vida luminosa de nove movimentados números, está minuciosamente relatada, na presente edição, em trabalho monumental, oriundo da inteligência e da paciência invulgar da bibliotecônoma, diretora da Biblioteca da Universidade do Ceará — Maria da Conceição Sousa.

Foi batizada pelo Padre Antônio Gomes de Araújo, com a água lustral de sua primorosa cultura e seu nome procede de uma interpretação do sábio piauiense, vinculado ao Crato e ao Ceará — Dr. Marcos de Macêdo. Vejamos o que diz aquêle auxiliar da fecunda administração do Padre José Martiniano de Alencar, o maior administrador que a província cearense já possuiu e que ainda pode servir de padrão para governos estaduais:

E' uma corrupção visível (BATATEIRA) do termo ITAYTERA, pelo qual os tupís designaram o maior e mais belo manancial do Araripe, e que se decompõe do seguinte

modo : ITA, pedra, Y ou Yg, água, TÊRA, por entre, isto é, água que corre, precipitando por entre pedras”.

Temos assim, naquele topônimo ameríndio, a descrição exata da nascente do Batateira e do primeiro curso do riacho, no sítio Loanda, município de Crato.

Esta revista, pela primeira vez, traz a publicação de um livro, em suas páginas. Trata-se de “NO ASFALTO E NA PIÇARRA”, impressões de viagem, em ônibus, do autor destas linhas, com a colaboração da esposa Zuleica Pequeno de Figueiredo. Também publica a tese de João Lindemberg de Aquino, para conquistar a cadeira da secção de letras do Instituto Cultural do Cariri e que tem o patrocínio da figura inconfundível do Apóstolo do Nordeste, e igualmente jurista, educador e orador — Padre Ibiapina.

A edição presente é das mais alentadas, assim comemorando condignamente a saída de seu décimo número, correspondente aos anos de 1965 e 1966.

---

## Sócio Correspondente do Instituto Arqueológico de Pernambuco

RECIFE, 19 de Abril de 1966

Ilmo Snr.

Prof. José Alves de Figueiredo Filho :

Motivo de saúde levou-me a demorar a comunicação que ora faço da inclusão do nome de V. Sa. no quadro de sócios correspondentes do Instituto Arqueológico.

O Instituto assim procedendo pela unanimidade de seus sócios presentes recebe o ilustre confrade com as efusões de regozinje e de reconhecimento do valor que inclui num dos quadros que reúne outros nomes ilustres conhecidos e festejados nas letras brasileiras e estrangeiras.

Apresento assim a V. Sa. a segurança de nossa consideração.

(a) Olympio Costa Júnior, Secretário

Se vem chegando...  
Ou se vai saindo do Crato,  
V. S. encontrará o

# POSTO SHELL

ÓLEOS, COMBUSTIVEIS E LUBRIFICANTES

Um Atendimento Perfeito!

Completo Serviço de Lavagem!

Lubrificantes ao Prêço do Rio e S. Paulo!

Brevemente: Modernissimo Restaurante.

# POSTO SHELL

ORGANIZAÇÃO

ANTONIO PRIMO DE BRITO

Av. Pe. Cícero, S/N

CRATO

—

CEARÁ

**CIA. SUL CEARENSE DE PAPEIS**

# *Sulcepa*

**PAPEIS DE VÁRIAS QUALIDADES**

**FÁBRICA:**

**Bairro Industrial de MURITY**

**ESCRITÓRIO:**

**Rua Dr. Miguel Lima Verde, 20 - CRATO**

**UMA INDÚSTRIA QUE HONRA O CARIRI**

# ALENCAR NOS IDOS DE 17 E 24

Padre Antônio Gomes de Araújo

(Vice-presidente do I. C. C., sócio correspondente nesta cidade do Instituto do Ceará e da Academia Cearense de Letras e portador da MEDALHA COMEMORATIVA da inauguração do MONUMENTO GUSTAVO BARROSO em Fortaleza.)

E

OUTRAS

NOTAS

Classificador de si próprio na galeria dos historiadores classificados, (1) ou sejam, de talento (referimo-nos ao assunto na edição anterior desta revista) — o tenaz pesquisador, velho médico-general Carlos Studart, duvidando, ou, melhor, negando o fato por nós enunciado em nosso "1817 NO CARIRI", de que José Martiniano Pereira de Alencar, estudante cratense e carbonário do velho seminário de Olinda, gozava as férias nesta região — perguntou, sentencioso como sempre, ao fim de sua claudicante argumentação:

"Onde as ameadadas viagens do jovem diácono ao Cariri?" (2)

Preliminarmente esclarecemos que Alencar gozava as férias em Crato desde o ingresso no seminário. Por outro lado, não afirmamos terem sido ameadadas as viagens (tinhámos nos referido a viagens de férias e não de outra natureza) de nosso seminarista subversivo a esta região, porque não ignoramos ocorressem as férias de seminário

(1) "O Padre Gomes de Araújo e "A Revolução de 1817 no Ceará", p. 18. Carlos Studart Filho. Tipografia Minerva. Fortaleza - Ceará. 1962 — Pasuindo pelo delírio de sua típica e mórbida megalomania intelectual (infelizmente sem fundo cultural correspondente) não percebe, o autor, ser rasante e de curto fôlego, seu vôo de historiador, enquanto o do historiador de talento autêntico, alcança, sempre em vertical, as alturas transcendentais das sínteses imortais, partindo das grandes análises. As produções históricas do médico-general historiador não passam de acumulados, às vezes indigestos, embora seu valor indiscutível. Em geral, superficiais e sem toque da arte, suas sínteses históricas, ao contrário das do confrade Raimundo Girão — profundas e medulares, tocadas da Graça e da Beleza. Carrega, o médico-general cronista, as implicações daquela megalomania: complexo de superioridade intellecto-cultural, oraculidade, infalibilidade, intocabilidade do tabu, reacção furiosa, esquizofrênica, contra qualquer restrição a fruto de sua sabença, chegando até, seu espírito polémico, à ausência de lisura intelectual e de ética.

(2) Opúsculo citado, p. 38.

naquelas eras somente uma vez por ano. Empregamos a expressão — “férias anuais” — para exprimir nosso pensamento, (1817 NO CARIRI, citado, p. 17) de modo a não ficar dúvida. Estamos, portanto, diante de um acréscimo manifestamente malicioso do caracterizado espírito polêmico do médico-general historiador. Exemplo contundente da improbidade deste espírito, têm-lo nas passagens seguintes:

“Poderíamos, outrossim, repetir o que afirmou o Chefe de Divisão José Ferreira Lôbo, em sua proclamação de 25 de abril de 1817, OU APELAR PARA A PALAVRA DE PEREIRA DA SILVA, O MESTRE TÃO ACATADO SEMPRE PELO PADRE GOMES”.

“PARA DAR UMA APARÊNCIA DE VERDADE A SEUS DEVANEIOS, FOI O PADRE GOMES BUSCAR APOIO EM PEREIRA DA SILVA...”

\* \* \*

“NÃO É, POIS, PEREIRA DA SILVA UM HISTORIADOR EM QUEM SE POSSA CONFIAR DE OLHOS FECHADOS... (3)

Ora, o historiador Pereira da Silva não é, não foi e não será, de modo algum, do nosso gênero. Jamais o citamos escrevendo ou falando. Nossos escritos andam por aí e desafiam contestação. De Mirabeau disse Rivarol que por diheiro o grande tribuno era capaz até de uma ação boa. Parodiando o escritor, podemos asseverar que, no empenho de derrotar o adversário, o espírito polêmico do médico-general escritor é capaz até de uma ação boa, se esta por ventura coincidir com os elementos de vitória previstos pelo referido e sinistro espírito. Da falsa e fria atribuição, como vimos, à distorção, fraude, truque, mutilação, chantagem, intelectuais, não há distância. Se não é cinismo, parece, por parte de quem proclama sempre o próprio culto à honestidade intelectual...

\* \* \*

À luz dos livros poderíamos provar que o seminarista subversivo, Alencar, gozava as férias nessa região. Aproveitamos, entretanto, a oportunidade feliz da existência do documento, até porque a história é uma questão de crítica e não de autoridade. Não reproduziremos os documentos,

(3) Opúsculo citado, pp. 18 e 33, nas quais se encontram as desonestas passagens supracitadas.



atendendo à angústia de espaço. Mas, deremos, dêles, informação substancial, embora, lacônica, com a indicação obrigatória das respectivas fontes para confronto posterior por parte de quem venha a interessar-se pelo assunto. Prevenimos ainda ao leitor que o escriba eclesiástico e o civil antecederam o nome do nosso seminarista Alencar do título de — padre — costume da época, bastando para tanto que alguém se matriculasse aluno de seminário e o frequentasse com a alegação ostensiva de pretender fazer-se sacerdote. O futuro brigadeiro e então coronel Leandro Bezerra Monteiro tratou Alencar por — “padre mestre” — quando este tentou pessoalmente aliciá-lo no sítio — Porteiras — para o golpe político que desfêcharia em 3 de maio de 1817 na vila do Crato (4). Entretanto, Alencar não assinava, então, o nome com o tratamento de — padre — como se poderá ver dos documentos.

Aos fatos:

Em 14 de agosto de 1812, Alencar assinou pessoalmente como testemunha, escritura de compra e venda pela qual o capitão-mor José Alves Feitosa e sua mulher dona Maria Alves Feitosa, moradores na vila de São João do Príncipe, vendiam o sítio “Pedro de Melo”, no Brejo Grande, a Pedro André Alves Rodovalho (5).

No dia 10 de maio do ano de 1813, Alencar apadrinhou pessoalmente, na pia bastimal da Matriz de Nossa Senhora da Penha da Paróquia do Crato. O documento, embora em parte deteriorado, deixa ler visivelmente:

“Foram padrinhos o Padre José Martiniano Pereira de Alencar e dona Bárbara Pereira de Alencar” (6).

Em tempo: aquela Bárbara Pereira de Alencar era a genitora de Alencar, o nosso seminarista nacionalista e revolucionário.

A primeiro de maio de 1814, Alencar apadrinhou pessoalmente na pia batismal da citada matriz, à párvula Antonia, filha de José Carlos de Oliveira (7).

Este mesmo José Carlos de Oliveira, amigo e compadre de Alencar, o acompanharia na insurreição nacionalista do referido 3 de maio de 1817, e cairia nas malhas da alçada

(4) Dias da Rocha Filho, “Vida do Brigadeiro Leandro Bezerra Monteiro”.

(5) Livro de “Nota”, fls. 70 e seguintes. 1812-1813. 1.º Cartório, de Antônio Machado — Crato-Ceará.

(6) Livro de registro de batizado, fls. .... 1813-1815 — Paróquia citada.

(7) Livro citado, fls. 43. Anos citados. Paróquia citada.

instaurada no Crato pelo ouvidor Manuel José de Albuquerque (8).

No dia 2 de janeiro de 1816, Alencar assinou pessoalmente procuração no cartório da vila do Crato, constituindo seus bastantes procuradores em Oeiras, Piauí, aos irmãos coronel Manuel de Sousa Martins e o tenente coronel Joaquim de Sousa Martins (9). O coronel Manuel de Sousa Martins foi o primeiro presidente da província do Piauí e sucessivamente barão e visconde de Parnaíba. Era parente de Alencar. Este, por morte de seu pai (1809), herdara bens no Piauí. O documento declara que Alencar era do termo do Crato.

No dia 3 de outubro de 1814, Alencar foi presente ao comêço da demarcação das terras que possuía no sítio São José, termo da vila do Crato.

“Auto de princípio de demarcação que mandou fazer o juiz ordinário capitão José Ferreira da Conceição a requerimento do Padre José Martiniano de Alencar e da viuva Antonia Maria”.

“No ano do nascimento de Nosso Senhor Jesus Cristo de mil oitocentos e quatorze, aos 3 dias do mês de outubro do dito ano, neste sítio de São José, termo da Real Vila do Crato, capitania, e comarca do Ceará Grande aonde foi vindo o juiz ordinário o capitão José Ferreira da Conceição comigo escrivão do seu cargo adiante nomeado, e o piloto Francisco José de Andrade, e o ajudante da corda Inácio Pedro de Lavor, e a requerimento dos autores o Padre José Martiniano Pereira de Alencar e da viuva dona Antonia Maria, — viemos à beira do rio Batateira no lugar onde extremam os mesmos requerentes da presente demarcação para o efeito de se... (ilegível) do travessão, e por êles foram apresentados os seus títulos, etc. (10).

Alencar herdara terras, as citadas, do sítio São José, por

(8) Documentos do Arquivo. Tomo XXXVIII — Recife — Pernambuco. (a)

(9) Livro de “Notas”, ffs. 2 a 3 — 1816 — Cartório citado.

(10) Fragmentos dos autos da citada demarcação, em poder do autor.

(a) Em vez do que está escrito na nota (8), leia-se: “Documentos para a História da Revolução no Ceará em 1817”. Segunda Série. In Revista do Arquivo Estadual, de Pernambuco. Tomo XXXVIII, pág. 218. — Secretaria do Governo de Pernambuco, “Documentos do Arquivo Estadual”, V. II, págs. 7 a 14 — Recife — 1943

morte de seu pai. Não as vendera em vida e os seus herdeiros não as procuraram.

\* \* \*

A revolução caririense, deflagrada sucessivamente nas vilas do Crato e Jardim nos dias 3 e 5 de maio de 1817 por Alencar na condição de emissário ESPECIAL do governo revolucionário de Pernambuco, foi de tal envergadura, que não é admissível tenha sido preparada no espaço de três ou quatro dias, tantos mediaram entre a chegada de Alencar ao Crato e o referido três de maio. Aparentemente sufocada, entretanto ela continuaria em pleno curso nos espíritos, e explodiria, desta vez irremediável (1822-1823), encarnada no Governo Temporário, que a câmara de Crato reconheceria, depois de o ter inspirado, e lhe daria por presidente ao capitão-mor José Pereira Filgueiras, que o conduziria, do Cariri a Fortaleza, e aí o instalaria para todo o Ceará, como de fato instalou. A grandeza do epílogo daria a medida da importância da revolução já na sua frustrada experiência dos idos de maio de 17. Mais: nas malhas da alçada, instaurada em Crato pelo ouvidor Albuquerque, caíram 39 acusados, (z) e 19 foram pronunciados pela Alçada da Bahia, sem contar quem escapou à rede da justiça, ou fôsse, Pedro Antunes de Alencar Rodovalho (b) um dos ascendentes do Marechal Humberto de Alencar Castelo Branco, Presidente da República.

E' igualmente inadmissível que a mesma revolução tenha sido preparada em pouco mais de quinze dias pelo ouvidor João Antonio Rodrigues de Carvalho, tanto foi o espaço de tempo que êle permaneceu neste Cariri, de Crato para Jardim, em correição e com o fim de inaugurar a vila do mesmo Jardim, como o fêz, e nomeou as respectivas autoridades (3.1.1816), e constituiu o patrimônio vilarengo (14.1.1816) (11)

Por igual não se poderia atribuir ao carmelita e subversivo Frei Francisco de Santana Pessoa, a preparação remota da referida revolução. Fugido de seu convento na

- (z) Irineu Pinheiro. "Efemérides do Cariri", págs. 291 e 292. — Documentos do Arquivo, Vol. II. Secretaria do Governo de Pernambuco — Recife. 1943.
- (11) Livro de "Querelas", fl. 94. 1812 - 1815, Cartório citado — Livro de "Notas", 1816 — Cartório citado — João Brígido, "O Ceará", pág. 437.
- (b) Pedro Antunes de Alencar Rodovalho, supracitado, ocupando posto de importância, participou da Expedição de Coxias, em cuja crônica seu nome aparece com variante, mas se trata da mesma pessoa. Cf. Revista do Instituto Histórico do Brasil, Tomo XLVIII, pp. 491, Rio de Janeiro. 1885.

Paraíba, perseguido pelo superior por intermédio do Governador Sampaio, que se dirigiu no mesmo sentido ao capitão-mor José Pereira Filgueiras, na verdade o frade fujão não se refugiara no Ceará, como se suspeitara, mas no sertão pernambucano, Distrito de Riacho da Brígida, depois Leopoldina e hoje Parnamirim. Os livros de registro de batizado de Boa Vista (nalgum tempo Coripós) e Cabrobó denunciam no tempo a presença do frade liberal naquelas paragens no exercício avulso de suas funções sacerdotais inclusive até março de 1817. A prova de documento de arquivado, êle surgiu pessoalmente no Cariri, em 22 de abril de 1817, dia em que batizou na Matriz da mesma vila, a Antonia, filha de Alexandre Raimundo Bezerra e neta de Francisco Carlos Zacarias de Rezende (12). Ambos, como o frade batizante, seriam cúmplices na dita rebelião de 3 de maio (13). Como se vê, à luz de documentos, Frei Francisco de Santana Pessoa não marcou presença pessoal nesta zona antes daquela data. E não foi, mesmo, capelão de Barbalha, ou do capitão-mor José Pereira Filgueiras, mas não, quanto a êste, em virtude do motivo econômico alegado por certo autor (x)...

Resta a suspeita de ter sido Gerardo Henrique de Mira o preparador a longo prazo, da citada revolução de Alencar. Mas esta suspeita não tem fundamento documentado, pelo menos até agora. Vejamos pelos documentos o espaço de tempo de sua presença pessoal em Crato. "Branco, casado, morador na praça de Pernambuco", estava na vila do Crato, de 14 de abril de 1816, inclusive até 8 de maio do mesmo ano. (14) No princípio do ano de 1817, encontrava-se no

- (12) Livro de registro de batizado, fls. 44 — 1816 - 1820 — Paróquia de Nossa Senhora da Penha do Crato, citada (y)
- (13) Documentos do Arquivo Estadual (de Pernambuco), Vol. II, pp. 7 a 14. Recife — 1943.
- (14) Livro de matrícula dos sócios da Irmandade do S.S. Sacramento da Matriz de Nossa Senhora da Penha do Crato. 1815 - 1854, fl. 54 — Livro de "Notas", fls. 34 a 36. 1816. Cartório citado — Gerardo Henrique de Mira não foi comerciante em Aracati, como se diz.
- (x) O Padre João Bandeira, os irmãs Martinho e Manuel da Costa Agra, incluídos na devassa do ouvidor Albuquerque (Revista do Instituto do Ceará, 1917, ed. especial, p. 152, e Docs. do Arquivo Estadual, citado, Vol. II, pp. 7 a 14) não agiram subversivamente no Cariri. O primeiro residia em Piancó, Pb. (Docs. do Arquivo Estadual, cit. Vol. III, p. 272) e os dois últimos, no citado Distrito do Riacho da Brígida, da pernambucana Comarca do Sertão. (Docs. do Arquivo, cit. Vol. IV-V, pp. 91, 293 e 311).
- (y) O supracitado Francisco Carlos de Rezende participou da expedição de Caxias no posto de tenente quartel mestre. Revista do Instituto Histórico Brasileiro, Tomo citado, pp. 494 e 495.

Recife. Embarca neste porto com destino ao de Aracatã, sendo, aí, prêso ao pisar a terra firme, no dia 18 de setembro do dito ano de 1817. Estava e ficara em Recife quando Alencar partiu para o Ceará com o fim de fazer revolução. Do Recife escrevera 4 cartas a pessoas nesta então vila do Crato, por exemplo, a Alencar e ao capitão José Ferreira da Conceição. Elas concorreram para perder o missivista, que faleceu nas cadeias de Fortaleza, em 5 de novembro do dito ano de 1817. (15). O resto já se sabe. Portanto, pelo visto, Gerardo Henrique de Mira não dispôs de tempo bastante, no Cariri, para ter preparado remotamente a mencionada revolução do jovem seminarista Alencar. Desta maneira, inclina-se para êste a autoria da elaboração remota da sua própria revolução. "Discípulo do Padre Miguelinho e frequentador dos conciliábulos em que se ensinavam as mais adiantadas doutrinas e as mais liberais teorias" (16), aflorando-lhe tendência para líder político, patriota de ardor quase fanático em consequência da idade, custa crer que Alencar se tenha mantido mudo — quanto à sua ideologia política — em suas estadas de férias nesta região, ou fôsse, de 1812 até inclusive o ano de 1816. De modo que, nos três dias que precederam ao três de maio de 1817, visara apenas: de um lado, a convencer da oportunidade da deflagração do movimento rebelionário aos que havia previamente conquistado às novas idéias, tarefa fácil a julgar pelo número de acusados pelo ouvidor Manuel José de Albuquerque, como foi visto; e, por outro lado, a tentar a adesão dos realistas sabidamente intransigentes, por isso mesmo não abordados na preparação a longo prazo, adesão, agora em vão tentada como os acontecimentos se encarregaram de provar. Partir porém, desta frustração de um proselitismo revolucionário de última hora sobre realistas emperdenidos para concluir que Alencar não fazia viagens de férias ao Cariri, é privilégio da lógica de primário...

Dissipa-se como bôlha de sabão, a sentença infundada segundo a qual o ouvidor João Antonio Rodrigues de Carvalho fôra a alma da revolução de 1817 no Ceará, (17) pois,

---

(15) Ver Revista do Instituto do Ceará — 1917. Edição Especial — "Anotações" de O. Lima à História da Revolução de 1817 em Pernambuco, de Muniz Tavares, p. 351 — 1917. Edição Especial. Recife — Pernambuco.

(16) Studart (não confundir com o **sucedâneo** na Secretaria do Instituto do Ceará), Revista do Instituto do Ceará, edição especial, p. 119 — 1917.

(17) Carlos Studart Filho, opúsculo citado, pp. 18, 36 e 47.

como se viu à luz dos documentos, não o foi sob os céus do Cariri.

\* \* \*

Autor do trabalho, subversivo, subterrâneo e **prévio**, culminado com o 3 de maio de 1817 — a Alencar cabe o título, inconcussamente conferido pela história: de pioneiro das revoluções políticas **CONCRETAS** ocorridas em terras do Ceará.

Não só deste título pioneiro, Alencar foi portador, mas também do título de autor intelectual da revolução que incorporou o Ceará à Confederação do Equador. Conspirou em 17, conspiraria em 1840 (Maioridade) e em 1842 (baldernas dos liberais), conspirou em 1824. Dissolvida a Constituinte, embarcou para Pernambuco (22.11.1823); (g) desembarcou no Recife (12.12.1823); assistiu à reunião do Grande Conselho, da qual Manuel de Carvalho Paes de Andrade saiu eleito govêrno de Pernambuco (13.12.1823); chegou a Fortaleza (15.2.1824); **partiu de Fortaleza para o Crato** (8.3.1824); assistiu em Fortaleza à reunião do Grande Conselho (29.4.1824). Viera de Pernambuco especialmente comissionado para levantar o Ceará, (como o fôra em 1817 pelo govêrno revoluconário do Recife). Desincumbiu-se discreta e cabalmente de sua missão. De cá, escrevia a Paes de Andrade pondo-o ao corrente de sua atividade conspiratória. Uma de suas cartas, encontra-se no Arquivo Nacional, da qual conseguimos cópia por intermédio do nosso amigo dr. Sampson Siqueira de Melo, residente no Rio. Transcrevemo-la previnindo que o documento não é inédito: **"CERTIDÃO** — Em cumprimento ao despacho exarado no requerimento de LUIZ SAMPSON SIQUEIRA DE MELO, no qual alegando ser brasileiro, solteiro, funcionário público federal, residente na Rua Viveiro de Castro, 54. Apto. 1.103, nesta cidade pede certidão da carta de José Martiniano de Alencar a Manuel de Carvalho Paes de Andrade. **CERTIFICO** que revendo a caixa sete centos e quarenta e dois, pacotilha um, datada de 5 de maio de mil oito centos e vinte e quatro, consta o seguinte: "Meu amº — Durante amº estada no Ceará escrevi-lhe por três vezes, e destas cartas terá visto, que não me descudei da comissão de que me encarregou o Govº dessa província: creio, que a corres-

(g) "Alencar deixa a côrte e parte para o norte, em demanda do sertão do Ceará, a levantar a revolta contra o despotismo de D. Pedro I". J. E. Tôres Câmara, citando J. N. J., in Revista do Instituto do Ceará, Tomo Especial, p. 309. 1924.

pondência do Gov<sup>o</sup> deste com o desta Província terá sido conforme aos nossos desejos. Fácil me foi no Ceará, e fácil me tem sido aqui plantar no Povo as idéias de liberdade, que nós desejamos Semear, por isso digo-lhe que tôda esta Província está bem animada. Agora pm está tudo consternado. Com a notícia dos tons altos de Morgado, e o desaforo cometido pelos dois Majores Lamenha, e Souza, e como já não saiba o resultado dêstes barulhos, a êste Povo tenha o maior cuidado pela Sua Conservação na Presidencia do Gv<sup>o</sup> determinou a Camara desta V<sup>o</sup> mandar a hi hu próprio buscar notícias Suas a qual o resultado destas contendas, e tão bem Saber se ahi Se jura, ou não a Constituição Imperial: bem sabe, que estamos colocados no Centro destes Matos, e necessitamos Saber do que vai pelo grande Mundo: Satisfassa pois V. aos desejos deste povo, e pague com isto o amor, e adhezão que elle tem, dando-nos notícias circunstanciadas do Estado dessa Prassa, e mormte. de V. mesmo, de cuja conservação na Presidencia pende o animo, valor, e coragem deste Povo, que muito confia de V. Aqui só se Sabem notícias athé 25 de março; e a Continuação do que Sucedeu Posterior a esse dia he que Se dezeja Saber. V. tem sido bem omisso em escrever-me; apezar de Suas occupações, hm podia ter me escrito alguã vez: Satisfaza pois agora a este dever. Recebi os Folhetos, que me mandou aos quaes tenho dado o conveniente uso. Se Pernco. não jurar a Constituição J. tão bem esta Província a não jura. Como o Capmor José Pereira Filgueiras, e meu mano Tristão Glz. de Alencar tem hão conseguido felismente ganhar huã ascendencia extraordinaria Sobre os Povos desta Província aponto de nada se fazer Senão pela direção delles, e Como estes sejam adesivos a' boa Cauza, e me oção bem vê q' facil he termos a' Província disposta a Cauza da liberdade, e com isto deve V. contar. Ja lhe disse que todo este Povo o ama cordialmente; e por t<sup>o</sup> nestes lugares tem V. hu recurso certo, e hu abrigo Seguro p<sup>o</sup> salvar-se, e sustentar por muito tempo o Pendão da liberdade, no caso de q. ahi periguem, por Cabala dos Servis os Negócios da Pátria. Meu Mano, e o Filgueiras, inda estão no Ceará, pem. breve Se

recolhem a este centro p<sup>o</sup> ficarem livres de Alguã traição com a xegada da Fragata, e fizerem Se aqui fortes p<sup>o</sup> darem disto ao resto de Província, q toda treme com medo do Cariri, onde estão os Goianistas do Ceará. Adeus, escreva-me, e faça que o Gov<sup>o</sup> responda ao Officio da Camara. — Seu fiel Am<sup>o</sup> I. M. de Alencar. — Crato 5 de Maio de 1824. No verso da carta lê-se: Exm<sup>o</sup> Snr. Manuel de Carvalho Paes d'Andrade. — Pernambuco. — Documento êsse arquivado nesta Répartição. E para constar onde convier, eu Rosina Ferrari, Arquivista Classe "A" desta Repartição, passei a presente certidão que assino. Rosina Ferrari. Confere com o original existente na Seção de Documentação Histórica do Arquivo Nacional. Em 1 de julho de 1965. José Pires dos Santos — Chefe da Seção.

De acôrdo com o anexo II da Lei n. 4.505, de 30.11.1964, pagou a importância de Cr\$ 500 (quinhentos cruzeiros) pela guia de Recolhimento da Taxa de Serviços Públicos, item II inciso 2. MFGB 346 65 jul 7 500 D73.

Rio de Janeiro, 7 de julho de 1965

Pedro Muniz de Aragão — Diretor"

(Firma reconhecida)

Fomos rigorosamente fieis à cópia, como julgamos que ela tenha sido ao original. Tobias Monteiro, êste, sim, historiador de talento, leu a citada carta no Arquivo Nacional e destacou um pequeno trecho, que publicou no primeiro tomo de sua História do Império, para robustecer o seu pensamento de que Alencar foi o autor intelectual do movimento rebelião que conduziu o Ceará ao seio da Confederação do Equador.

A mencionada carta autoriza a conclusão de que seu autor escolheu o Crato por centro de sua conspiração na província, até porque Tristão, e Filgueiras tinham domicílio respectivamente em Crato e Barbalha. Desta região partiram para Fortaleza (Filgueiras foi nomeado governador das armas do Ceará pelo Governo Imperial (m) em consideração aos serviços prestados no Maranhão, para o que o mesmo

---

(m) Revista do Instituto do Ceará, Tomo Especial, pp. 314 e 315 — 1924.



Governo o havia nomeado a 16 de abril de 1823) (n) resolvidos a eliminar a autoridade de Pedro I, na província, o que realizaram após simulações e estudadas protelações em marchas e contramarchas entre Filgueiras e Pedro da Costa Barros, escolhido presidente do Ceará.

Na opinião de Pedro Theberge era Alencar personagem astuciosíssima “que sempre teve a habilidade de forjar os planos e de os mandar executar por outros, conservando-se por trás da cortina, salvo de riscos e comprometimentos (18). João Brígido o alcunhou figuradamente de — raposa (19). Leonardo Mota, também, figuradamente, o chamava de — Zé Suçuarana (20).

Na verdade, era Alencar vocacionado conspirador político e sabia imprimir à conspiração, a imprescindível face oculta, um dos fundamentos do êxito das conspirações.

\* \* \*

Em nota ao nosso trabalho — “O Autor de Iracema: Caririense de Origem” — publicado na revista de cultura — CLÁ — número 21, Ano XVII, Fortaleza, Ceará, dezembro de 1965 — edição comemorativa da passagem do primeiro centenário da publicação de IRACEMA, de José de Alencar, escrevemos à página 87: “Ficou registrado que o Senador Alencar nasceu no ano de 1792, data que contraria àquela até agora apresentada pelos cronistas, baseados na tradição, pois não existe o respectivo registro, ou seja, 1794. Acontece que em 10 de abril de 1832 foi escolhido Senador do Império, pôsto, então, legalmente inacessível a quem não contasse a idade mínima de 40 anos completos, e Alencar não somaria, naturalmente, senão 38 — caso houvesse nascido em 1794. Resta a hipótese da fraude, ou fôsse, que Alencar tivesse recuado de dois anos a propalada data de seu nascimento. Neste sentido recorreremos, nos comêços de 1964, aos préstimos valiosos do mais autorizado pesquisador da história do Ceará naquele momento — Ismael Pordeus.

(18) Citação de Irineu Pinheiro, “Efemerides do Cariri”, págs. 95 e 96. Imprensa Universitária do Ceará — Fortaleza — 1963.

(19) Idem, Idem, pág. 366.

(20) Leonardo Mota foi em vida sócio efetivo do Instituto do Ceará e da Academia Cearense de Letras. Festejado folclorista, publicou obras sobre o assunto, que o imortalizaram nas letras nacionais. É sua obra prima — “Cantadores”.

(n) A Carta Imperial, de 16 de abril de 1823, nomeando Filgueiras chefe da expedição do Ceará em auxílio ao Maranhão, conhecida por Expedição de Caxias, está transcrita às pp. 545 e 546 da Revista do Instituto Histórico do Brasil, Tomo citado.

No fim do mesmo ano, recebemos dêle a seguinte mensagem, oral, lacônica, incisiva e decisiva, por intermédio do nosso comum amigo, Coronel do Exército Nacional, Raimundo Teles Pinheiro: "Diga ao Padre Gomes que não houve fraude". Assim sendo, o Senador Alencar, nasceu mesmo, no ano de 1792".

Alencar juntou aos documentos de habilitação de sua candidatura ao Senado do Império, o de idade, fornecido pela Cúria diocesana de Pernambuco. O atestado curial rezava que Alencar, aluno de Seminário de Olinda, tinha em abril de 1817, a idade, que em 1831, arredondaria aquela mínima exigida por lei para o exercício do mandato de senador do Império. (Como se vê o citado Seminário não tinha, pelo menos no tempo, o documento específico da data matemática do nascimento de Alencar). Lemos este atestado curial, publicado em um exemplar do "Cearense Jacauna", jornal editado e dirigido em Fortaleza pelo Cônego José Ferreira Lima Sucupira e que sustentou a referida candidatura. O exemplar foi-nos exibido pelo nosso inviolável amigo, o citado Leonardo Mota, no ano de 1941, quando eramos seu hóspede na sua casa de residência em Fortaleza, Joaquim Távora, n.º 506. No tempo, o consagrado folclorista empenhava-se na obtenção de elementos, escritos e iconográficos, com os quais pretendia elaborar uma história eclesiástica do Ceará plano que a morte não lhe permitiu realizar. Com seu desaparecimento, a família entregou à Cúria arquidiocesana de Fortaleza, o acervo dos dados por êle reunidos sobre o assunto. Provavelmente o precioso exemplar do "Cearense Jacauna" terá seguido o destino do acervo, para o qual havíamos concorrido com quase duas centenas de informações colhidas nos arquivos paroquiais desta Diocese, sendo, uma delas, referente à data e lugar do nascimento do Padre Verdeixa, que foi deputado provincial, fundou e dirigiu o jornal "A Liberdade". (21). Vimos uma coleção em mãos do dito Leonardo Mota.

Se Alencar apelou para a Cúria de Olinda, presume-se que o ato do seu batizamento não foi registrado no livro competente da paróquia de Missão Velha, a do seu nascimento, ou no congênere da freguesia do Crato (na qual poderia ter sido batizado), a da residência e domicílio de seus pais, Capitão José Gonçalves dos Santos e D. Bárbara Pereira de Alencar. Em vão, examinamos todos êstes livros.

(21) Revista do Instituto do Ceará, Tomo LV, Ano LV, 1941, pág. 5 e seguintes.

E' um detalhe da biografia de Alencar, que talvez nunca se esclarecerá devidamente: a data exata de seu nascimento.

\* \* \*

A dúvida, que perdurou por tempos, sôbre se Alencar ordenara-se padre dissipou-se com a publicação de seu testamento. Foi, mesmo, sacerdote. E quanto à data e lugar de sua ordenação sacerdotal, assegurou-nos Leonardo Mota, o dito, que Alencar se ordenara presbítero no ano de 1825 em São Luiz do Maranhão, segundo informação, que lhe prestara, um amigo residente na capital da terra dos Timbiras, o qual colhera o informe em velho jornal maranhense. Recordo-me da observação do Leota (também era conhecido por esta forma contrata de seu nome) ao prestar-lhe a informação, ou fôsse, que Alencar, para salvar a vida, relacionou mentiras em sua célebre "Súplica", entre elas, a alegação de que fôra ao Crato em 1824, celebrar a sua primeira missa.

\* \* \*

Como os leitores de "Itaytera" não sejam os mesmos, pois aumentam sempre, repetiremos nesta edição, agora de modo completo, o exemplo que demos na edição anterior, relativo à megalomania intelectual do velho médico-general Carlos Studart :

"Em verdade, não somos apenas, cronistas somos, igualmente e sôbretudo historiadores classificados, ou seja, daqueles que estudam honestamente os fatos em suas causas e consequências".

"Antigo catedrático de História e Geografia do Brasil, na Escola de Cadetes de S. Paulo, demos à publicidade vários escritos versando temas históricos e trabalhos de exegese que mereceram dos entendidos rasgados encômios". Opúsculo citado, pág. 18, já citada (X) — Os grifos são do transcritor.

---

(X) Repetimos: entendemos por historiador classificado, ou de classe, o historiador de talento. Deixamos, claro, no curso dêste trabalho, nosso conceito sôbre esta categoria de historiador. Para sê-lo, não basta que alguém se nomeie tal; que estude honestamente (?) os fatos em suas causas e consequências, pois o historiador sem talento (como o autor em foco) igualmente pode fazê-lo, por sinal que os autores de compêndio de história o fazem (autores de compêndio de história da categoria de O. Lima e João Ribeiro, historiadores de talento, constituem exceções que confirmam

a regra); que tenha sido catdrático da escola-de-cadetes; que verse temas históricos e trabalhos de exegese e receba por isso, RASGADOS encômios de entendidos, ou não, sobretudo quando êstes RASGADOS encômios são suspeitos, pelo fato mesmo de serem RASGADOS, rasgos de muléttas-de-apôio-mútuo, maneira de suprir a deficiência de cada...

Conhecemos publicações históricas do esforçado pesquisador e cronista, o médico-general Carlos Studart—suficientes para se ter um juízo do autor—cronologicamente desde O ANTIGO ESTADO DO MARANHÃO E SUAS CAPITANIAS FEUDAIS (em que a tônica é a superficialidade, por exemplo, o tema “Os Missionários”, um capítulo mancão), até “Os Aborígenes do Ceará” (Revista do Instituto do Ceará, Tomo LXXVI, Ano LXXVI, p. quarenta e seis — 1962), prontuário haurido em fontes de segunda mão, no qual, por exemplo, o habitat dos aborígenes *Inxus* é situado nas nascentes do Salgado, mançada classificada, esta. (Leia-se Pereira da Costa, “Anais Pernambucanos”, Vol. V, pág. 160 — Recife — Pernambuco — 1953). Tais publicações, com seu valor próprio incontestável, não passam entretanto, de compilações, prontuários, ou fichários a seu modo, os quais de modo algum trazem a marca do historiador de talento, sem falar na ausência de originalidade, e do novo, pois são em geral, hauridos em assuntos já explorados por outros e dados à publicidade.

O médico-general chega a criar, ou perfilhar, sem maior exame, a lenda de Frei Fidelis, fundador de uma capela, em 1704, germe que evoluiu para a atual Matriz do Crato (DADOS PARA UMA HISTÓRIA ECLESIASTICA DO CEARÁ”, in Revista do Instituto do Ceará, LXXI, pág. 51 — 1957). Entretanto, nenhum documento, autêntico, veraz e pacífico, até agora revelado, acusa a presença nesta terra, de eclesiástico, regular ou secular, ou de templo algum — antes de 1740. Eis um mito, pois, a somar-se a outro, já citado: o habitat dos aborígenes *Inxus*, situado nas nascentes do Salgado (“Os Aborígenes do Ceará”, Revista do Instituto do Ceará, LXXVI, pág. 46 — 1962), quando êstes índios, estendendo-se do rio S. Francisco pelo Brígida acima, não ultrapassaram sequer as fraldas pernambucanas da serra do Araripe (Pereira da Costa, “ANAIIS PERNAMBUCANOS, Vol. V, pág. 160 — Recife - Pernambuco).

Vamos abandonar estes temas, aos quais tornaremos oportunamente, e voltemos a O ANTIGO ESTADO DO MARANHÃO E SUAS CAPITANIAS FEUDAIS. Carlos Studart Fi-

lho. Imprensa Universitária de Fortaleza — 1960. Todos os capítulos dêste livro atestam a incapacidade do autor para a síntese em PROFUNDIDADE das obras vistas, ocorrendo, às vezes, a insuficiência de consulta a fontes de determinado tema. Exemplifiquemos nossa última assertiva. A consulta a todas as principais crônicas das ordens religiosas impõe-se preliminarmente a quem se proponha tratar de suas missões, o que, todavia, não exclui a conveniência do confronto com outras fontes. Afirmamos, por exemplo, que é mancão, o capítulo — “Os Missionários”, do citado livro do médico-general Carlos Studart, págs. 253 e seguintes. Na verdade, o autor não consultou obras fundamentais, como “I CAPUCINI NEL BRASILE. MISSIONE E CUSTÓDIA DEL MARANHÃO. P. Metódio Da Membro, OFM. Capp. Milano, 1957, tendo, o autor (é professor de Missiologia da Propaganda Fide), percorrido o Brasil em consulta às fontes, depois de fazê-lo na Europa; “P. Fr. Cláudio d’Abbeville, HISTÓRIA DA MARANHÃO. Livraria Martins Editôra, São Paulo, 1945; “NÓVO ORBE SERÁFICO BRASÍLICO”, de Frei Antônio de Sta. Maria Jaboatão, OFM, Rio de Janeiro, 1858-1859, I e II; “AS MISSÕES CARMELITANAS (DO NORTE DO BRASIL)”, de André Pratt, O. C., Recife — 1940; “A ORDEM FRANCISCANA NO BRASIL” de Frei Basílio ROEWER, OFM. VOZES, Petrópolis, 1957. Porque, em suas consultas, marginou estas obras basilares, C. Studart produziu um capítulo superficial e cheio de inexatidões — o referido.

Sob o ângulo em que nos colocamos, perfila-se para referência especial, a figura de Frei Vicente do Salvador, OFM. HISTÓRIA DO BRASIL, não vai muito tempo, em quinta edição comemorativa do 4.º centenário do nascimento do autor. Infelizmente não temos à mão esta última edição, razão por que usamos a 3.ª, S. Paulo. 1931—Carlos Studart, no seu mencionado livro, cita às páginas 50, 51, 61, 74, etc., a HISTÓRIA DO BRASIL do Pai da história do Brasil, fazendo-o porém sem indicar as páginas como se não tivesse consultado a obra prima de Frei Vicente, contentando-se em transcrever as citações de outros autores. Por isto, não foi mais feliz na exposição do assunto. Exemplo: à pág. 125, alude aos “dois capuchinhos de Santo Antonio” — na realidade franciscanos ou capuchos — em referência ao que Frei Vicente do Salvador e Jaboatão informam com suficiência incomparavelmente superior. (Cf. Salvador, págs. 467 e 472, o qual apresenta dados mais exatos; confronta, á pág. 477, a atividade dos capuchinhos francêses com a dos fran-

ciscanos olindenses e censura aqueles por terem vindo ao Brasil a convite e em companhia de herejes francêses. Por outro laço, os franciscanos não chegaram ao Pará em 1616 (Carlos Studart, pág. 258), mas em 1917, conforme a palavra autorizada de Jaboatão, t. II, págs. 118-122, e Roewer, pág. 61. Nem o companheiro de Frei Cosme de Damião foi Frei André (Carlos Studart, pág. 271), e sim Frei Manuel da Piedade, OFM., natural de Olinda. (Cf. Salvador, págs. 467 e 472). Manoel Severim não foi religioso, não sendo portanto frei (Carlos Studart, pág. 272, último trecho), porém irmão de Frei Cristovão de Lisboa, OFM. Manuel Severim de Faria era Chantre da Sé. de Évora. (Ver Salvador, pág. XIII e I).

O médico-general Carlos Studart, págs. 125, 179, 272, 273, etc. confunde capuchos com capuchinhos, tratando-se sempre de franciscanos ou capuchos. (O termo capucho é hoje obsoleto, enquanto capuchinhos se usa unicamente para os frades barbados).

Carlos Studart Filho, o dito, p. 273, usa o termo **Província eclesiástica**, que todavia, significa várias dioceses ou prelazias sufragâneas de um arcebispado. Mas, aqui, nem se trata de **Província**, pois os franciscanos fundaram apenas uma custódia ou comissariado. Na mesma página 273, 3.º trecho, o mesmo Carlos Studart afirma que todos os frades seguiram para o Maranhão, o que não é exato, porque dois franciscanos ficaram no Ceará (cf. Salvador, págs. 535). E a nota noventa e quatro causa confusão, pois a Custódia de Santo Antonio, com séde em Olinda e fundada em 1584 e instalada em 1585 (Carlos Studart erra dizendo-a "fundada em 1585"), nada tem a ver com o Maranhão por se estender da Paraíba ao Sul. O fato de terem seguido cinco franciscanos da Custódia de Olinda para o Maranhão não prova qualquer dependência de uma relação a outra, até porque êsses cinco frades, em poucos anos, regressaram à Custódia olindense, a que pertenciam (Cf. Frei Venâncio Willeke. OFM. FREI MELCHIOR DE STA. CATARINA, OFM. PRIMEIRO CUSTÓDIO FRANCISCANO DO BRASIL. Editora VOZES, Petrópolis, dezembro, 1961. Do mesmo autor, MISSÕES DA CUSTÓDIA DE STO. ANTONIO DO BRASIL. IN *Província Franciscana de Santo Antonio*, Recife. 1957).

Na referida pág. 272, o médico-general Carlos Studart escreve que a "ação missionária desenvolvida pelos religiosos do Carmo em terras maranhenses e os frutos que dela colheram são pouco conhecidos, em detalhes". Ocorre que

o autor, falho na lista dos autores consultados, não incluiu a citada obra de Frei Pratt.

O que aí fica, basta para provar que o médico-general Carlos Studart não é, como se julga e proclama, tão outra Clio, ou tão do sangue da coruja de Atenas. Topa, tomba, cai e rola na rampa quiabenta de insuficiências como outro mortal, sobretudo hoje, em sua idade crepuscular.

A julgar pelo referido — O ESTADO DO MARANHÃO E SUAS CAPITANIAS FEUDAIS — seu autor continua anacrônico quanto ao conceito errôneo de nossos historiadores, entre eles, por exemplo, Varnhagen, Capistrano de Abreu, João Ribeiro e outros, que, ignorando o direito público da Idade Média e a essência do regime feudal, identificaram o sistema de nossas antigas capitanias ou donatárias com aquele regime. Por outras palavras: partiram da semelhança ou analogia de características do mesmo sistema com o regime feudal, para identificarem sistema e regime, tomando semelhança por identidade. (Não esquecer que no regime feudal, a terra isto é, o econômico determinava distinções sociais).

O primeiro golpe mortal, contra tal conceito foi desferido em 1930, por Queirós Lima em profundo e decisivo estudo intitulado "Capitanias Hereditárias", in Revista dos Estudos Jurídicos, n.º 2, Rio de Janeiro, agosto de 1930, págs. 115 e 117, citação de Hélio Viana, HISTÓRIA DO BRASIL, Vol. I, págs. 63 e seguintes, 2.º edição, Editôra Melhoramentos, 1961; e 3.º edição, revista e aumentada, Vol. citado, págs. citadas, Editôra citada, 1965. Sucessor de Rodolfo Garcia no campo da pesquisa da história do Brasil, Hélio Viana, historiador de talento, e fôlego nacional, é dos revisionistas de vanguarda no assunto. Traz na sua mencionada HISTÓRIA DO BRASIL, págs. citadas, brilhante síntese do referido estudo de Queirós Lima. Entre este último autor e Hélio Viana, surgiu, incidindo na mesma linha revisionista, Roberto C. Simonsen (hoje desaparecido do número dos vivos), HISTÓRIA ECONÔMICA DO BRASIL, Tomo I, págs. 124 e seguintes. Companhia Editôra Nacional. São Paulo. 1944. 2.º Edição.

Há, como não seria de estranhar, a inútil reação anacrônica a este revisionismo vital.

Dinâmica, a História tem, em sua flexibilidade à revisão, uma das características de seu próprio dinamismo.

O erudito e parciculto médico-general Carlos Studart nasceu sob o signo da contradição, transitando, por vezes, do

pitoresco ao ridículo. Repetimos: em 15 de novembro de 1952, nesta cidade do Crato ofereceu-nos, êle, pessoalmente, um exemplar de sua sofrível monografia HISTÓRIA DOS HOLANDESES NO CEARÁ, separata da Revista da Academia Cearense de Letras, 1956. Imprensa Oficial — Fortaleza — 1956. Conferiu-nos, no autógrafo, o título de ILUSTRE HISTORIADOR DO CARIRI, para, dez anos depois, cassar-no-lo... em seu já citado imbróglgio, “O Padre Gomes de Araújo e “A Revolução de 1817 no Ceará”. (Leia-se esta Revista, N.º 9 — Anos 1963, 1964, p. 12). E na lista dos autores, constantes da bibliografia, que acompanha a monografia O ANTIGO ESTADO DO MARANHÃO E SUAS CAPITANIAS FEUDAIS, figura CRUZ (JOSÉ DA) FILHO. HISTÓRIA DO CEARÁ. São Paulo. 1931. Em 1961, portanto, um ano depois da publicação daquele livro sem originalidade, do médico-general Carlos Studart, igualmente citamos Cruz Filho e sua HISTÓRIA DO CEARÁ, na bibliografia (o médico-general dedicou-lhe uma crítica zoila e cabotina) que anexamos a nosso 1817 NO CARIRI. O médico-general zoilando, zoilou, assim:

“Exageradamente liberal, sob certos aspectos, O PADRE GOMES NÃO SE CONSTRANGE EM DAR A ENTENDER QUE APOIA O SEU ESCRITO EM RESUMOS DIDÁTICOS, FEITOS PARA AS ESCOLAS DO ESTADO. GRANDE SURPRESA E EMBARAÇO DEVE TER EXPERIMENTADO O BRILHANTE AUTOR DA “HISTÓRIA DO CEARÁ” (RESUMO DIDÁTICO) AO VER O SEU COMPÊNDIO PÔSTO NA RELAÇÃO DAS OBRAS A QUE PEDIU CONSELHO O PADRE ESCRITOR”. (“O PADRE GOMES DE ARAÚJO E “A REVOLUÇÃO DE 1817 NO CEARÁ”, CARLOS STUDART FILHO. TIPOGRAFIA MINERVA — CEARÁ: FORTALEZA — 1962 — PÁGINA 70).

Vejam só! Se o ilustre médico-general cita Cruz Filho — príncipe dos poetas cearenses — ou outro de seu nível no conhecimento da história do Ceará, julga-se não diminuído da categoria do historiador, que se proclama; mas se outro igualmente o fizer, sem sua prévia aprovação, aí do atrevido... porque se abaterá sobre êle, a condenação fulminante de quem, outra Clio, ou coruja de Atenas, dispõe do poder de conferir e cassar o título de historiador...

ÊLE CONTRA ÊLE SEMPRE...

Pode-se imaginar o tormento experimentado por Cruz



Filho em consequência dos impactos que lhe causavam as “surpresas e embaraços” EM CADEIA, originários das citações de sua “leve e amena” HISTÓRIA DO CEARÁ, feitas por carrascos, como: CARLOS STUDART FILHO, “O ANTIGO ESTADO DO MARANHÃO E SUAS CAPITANIAS FEUDAIS, na bibliografia, pp.347/349; Pedro Calmon, HISTÓRIA DO BRASIL, Vol. IV, p. 1295, nota 44, José Olympio, Rio de Janeiro, 1959; P. Fr. Fidelis M. de Primério, OFM, cap., CAPUCHINHOS EM TERRAS DE SANTA CRUZ, NOS SÉCULOS XVII, XVIII e XIX, S. Paulo, Liv. Martins, 1942; H. Firmeza, (falecido professor de História do Brasil e História Universal do antigo Liceu do Ceará, hoje, Colégio Estadual), CRÔNICAS ESCOLHIDAS, pp. 242 e 243, Editora “Instituto do Ceará”, Fortaleza, 1965; Padre Antonio Gomes de Araújo, 1817 NO CARIRI, p. 29. Coleção Cadernos de Cultura. Faculdade de Filosofia do Crato. 1962. E há mais gente de maior importância intelectual do que o médico-general censor, gente que cita assuntos históricos tratados por Cruz Filho, entre eles, J. E. Tórres Câmara, Revista do Instituto Histórico do Ceará, Tomo Especial, pp. 333. 1924.

Perfilhando o Governador Sampaio, a quem tem por oráculo e aceita de olhos fechados quase, apesar de se proclamar daqueles historiadores que estudam honestamente os fatos — o historiador medíocre, médico-general Carlos Studart atribui os qualificativos “falsário e ladrão” a Inácio Tavares Benevides, (op. Cit., p. 24), casado com uma irmã da heroína cratense Bárbara Pereira de Alencar, e revolucionário cratense de 1817. E o faz ao influxo do ódio e com soberano desprezo, esquecido de que MANUEL DO NASCIMENTO CASTRO E SILVA, tabelião do Crato, foi acusado e processado como falsário e ladrão pelo ouvidor do Ceará, Manuel Antonio Galvão. Ao contrário do médico-general acadêmico, que não baseou a acusação contra Inácio Tavares Benevides, apesar de se inculcar honesto em ciência histórica, provarei, à base do documento de fonte de primeira mão, ou seja, de arquivo — a minha informação. MAGISTRADO JUSTO: em 8 de fevereiro de 1812, no livro de “Notas”, última página, do cartório desta então vila do Crato, o citado ouvidor Galvão escreveu em relação ao dito tabelião CASTRO E SILVA:

“Visto em correição. Grande erro muito próximo da falsidade cometeu este tabelião em unir a fôlha 57 à 58. Se, por engano, saltava fôlha, devia declará-lo no fim da nota. Por este erro merecia suspensão e multa pecuniária. Atribuindo porém,

à ignorância e não à malícia, tal êrro, não lhas imponho. Crato, 20 de fevereiro de 1812. Galvão". 1.º Cartório, de Antonio Machado. Crato — Ceará. E' ocioso dizer que o tabelião a quem Galvão se refere, é o dito MANUEL DO NASCIMENTO CASTRO E SILVA.

Em 6 de dezembro de 1813, o referido ouvidor Galvão escreveu :

"Visto em correição. A p. 31 está cortada a raza pelo Escrivão Manuel do Nascimento Castro e Silva na quantia de 1260, quando importa em seicentos e setenta e dois réis. À p. 36 pela própria letra do Escrivão está cortada a raza em 1800, quando importa a quantia em 819 réis. Isto é um FURTO. O escrivão atual certifique se a letra das contas citadas é do Escrivão Castro, e passe certidão dêste Provimento e a entregue ao Escrivão da Correição para juntar à devassa. Castro fica obrigado à restituição que demais levou contra o Regimento. Crato, 6 de dezembro de 1813 — Galvão — "Livro de "Querelas", fls. 43 e 44. 1812 — 1815 — Cartório de Antonio Machado — Crato—Ceará.

O citado Galvão, honra lhe seja, foi dos magistrados que recusaram submeter a toga ao satrapismo quase de cubata africana, do Governador Sampaio, que visava na sua sabujisse ante o Governo português, sobretudo a conquistar títulos de nobreza para sua pessoa e as dos filhos, como de fato conseguiu.

Manuel do Nascimento Castro e Silva foi absolvido pelo Juiz-de-Fora, do Ceará, José da Cruz Ferreira, um caráter sem caráter, laçao do Governador Sampaio, como o foi de autoridades em Pernambuco. A respeito dêste magistrado dessôrado, podem ser consultados : Pereira da Costa, ANAIS PERNAMBUCANO, Vol. VII e VIII, respectivamente pp. 426 a 460, e 24; Documentos Históricos, CI, pp. 214 e 233, Biblioteca Nacional; ídem, Vol. CIII, p. 114.

O Governador Sampaio — inaugurou o empreguismo no Ceará, empregando os amigos — era capaz de baixa, baixíssima calúnia. Por exemplo, caluniou, sem uma prova sequer, o ouvidor do Ceará, João Antonio Rodrigues de Carvalho, atribuindo-lhe atos tão repugnantes, que repugnam ao simples bom senso.

Ainda com relação a Inácio Tavares Benevides. Acompanhou o sobrinho, Alencar, nas jornadas libertárias de 17 e 24. Em consequência da primeira, foi prêso, processado e pronunciado. (O. Lima, 'Anotações' à HISTÓRIA DA RE-

VOLUÇÃO DE 1817 EM PERNAMBUCO, edição citada). Em resultado da segunda, prenderam-no, os imperialistas, amararam, martirizaram a pauladas e lançaram semivivo-semimorto às chamas de uma fogueira, no mês de outubro do ano de 1824 na vila de Jardim (Irineu Pinheiro, JOSE' PE-REIRA FILGUEIRAS, p. 16. Tip. Ramiro, Crato — Ceará, 1952 — Tôres Câmara, Revista do Instituto do Ceará, pp. 327/328. Tomo especial. 1924).

Patriota, herói e mártir da idéia de liberdade — INÁ-CIO TAVARES BENEVIDES, a lembrar, outro martírio, em si de intensidade menos trágica, porém de caráter circunstancial mais significativo, o do sobrinho afim, da épopéia de Santa Rosa, o mesmo das jornadas patrióticas de 17, e 23 (Expedição de Caxias) e do temerário golpe político de 24 — TRISTÃO GONÇALVES DE ALENCAR ARARIPE. Isto não pode ser intuído pelo gagaismo intelectual do pretense dono da história do Ceará e codono da hitória do Brasil e do ecumênico... o "alencaririfobo" médico-general Carlos Studart.

RETIFICAÇÕES NECESSÁRIAS: em nosso trabalho — A HEROINA CRATENSE BÁRBARA DE ALENCAR — edição anterior desta revista, quando considerávamos atualmente em vacância o lugar de secretário do Instituto do Ceará (é claro que em tēmos comparativos relacionados com o nível histórico cultural do atual secretário, que não é sucessor mas sucedâneo) tínhamos em mente indicar como ponto de partida daquela vacância, não o desaparecimento do Barão de Studart, o grande secretário morto, mas o afastamento espontâneo do seu sucessor imediato, o Raimundo Girão, historiador, (e escritor), que, como tal ergue-se para o alto deixando a perder de vista na linha horizontal, o consócio e sucedâneo na secretaria do Instituto. Retificamos aqui o lamentável cochilo de nossa memória. Igualmente, cochilona, quando consentiu em que seu portador houvesse esquecido de acrescentar o nome de Capistrano de Abreu ao do Barão de Studart, para somá-los na condição dos únicos historiadores de talento — atemo-nos à clássica e extensíssima acepção do vocábulo — ainda nascidos sob o sol do Ceará e no solo de Iracema.

Que cochilo, equívocos, ou erros, nos domínios de Clio, conosco se verifiquem, não há que estranhar, pois não somos historiador e muito menos no-lo proclamamos... Ora-culidade em história é privilégio de Mestre Carlos Studart, o sábio e lingüista de areia dos "verdes mares bravios" de Fortaleza...

Cidade do Crato, 21.4.66.

## CADERNOS DE LOUCURAS

JOARYVAR MACÊDO, natural de Lavras da Mangabeira, é professor e bom poeta, agora residente em Crato. Enfeixou suas poesias num opúsculo, editado na EMPRESA GRAFICA "A AÇÃO". Sua apresentação é assaz original:

Corção afirma que todos nós  
temos um pouco  
de louco,  
de poeta,  
de palhaço.

Constitue exceção a afirmativa:  
de palhaço não sei quanto tenho;  
os outros que o digam;  
de poeta nada tenho, a menos que  
inveja de quem o é:  
de louco tenho tudo; confirmam no  
meu Caderno de Loucuras:

Tem poesia, no entanto, êle tem tudo. Tem alma sentimento e sabe nos prender bem o coração com maviosos versos de quem nasceu para versejar, em bom estilo

## C O N F U S Ã O

Há momentos que eu vivo sem tristeza,  
há momentos que eu vivo na esperança,  
São horas em que minh'alma descansa,  
como se fôsse o mundo só beleza.

Há momentos que vivo na frieza  
Há momentos de total desconfiança,  
em que meu espírito nada alcança,  
Senão o mundo cheio de vilezas.

Muitas vêzes o tédio me crucia,  
Muitas vêzes um riso me alivia,  
e vivo eternamente em confusão.

Esta vida que tenho e não entendo,  
assim mesmo confuso, vou vivendo  
vou vivendo e não quero morrer, não.

Vale a pena a gente ler o livro do poeta Joaryvar Macêdo.

# Café CRATO

BOM ATÉ A ÚLTIMA GÔTA!  
PURO! SABOROSO! AROMÁTICO!

Café Crato

Praça Siqueira Campos

Torrefação

Rua Senador Pompeu

CRATO

—

CEARÁ

## CLUBE RECREATIVO GRANGEIRO

Local aprazível

Piscina

Esporte

Breve inauguração

PLANEJAMENTO

E VENDAS:



**imobiliária**  
**SANTA MARTA**

TELEFONE, 353

---

# CITIBRÁS

CIA. MAURITIENSE DE FIBRAS NATIVAS E ÓLEOS VEGETAIS

USINA EM MAURITI:

Escritório de compas em Crato,  
á Rua Tristão Gonçalves N.º 6

# CITIBRÁS

*Compra seu algodão por melhor preço*

# REVISTA "ITAYTERA"

(v. 1 - 9)

## INDICE DOS ASSUNTOS

- ABATH, THEOPISTO FILGUEIRAS** — biografia  
QUIXADÁ FELICIO — Teopisto (Itaytera, Crato, 3: 185, 1957)
- ABORÍGENES** — Lendas, mitos, etc.  
MENEZES, Bruno de — Crenças e mitos dos aborígenes (Itaytera, Crato, 3: 113, 1957).
- ADVOGADO** — Discursos, ensaios e conferências  
ARARIPE, Antônio de Alencar — A profissão de advogado (Itaytera, Crato, 4: 157 - 158, 1958).
- AÍUBA** — História  
FEITOSA, Carlos — No tempo dos coroneis. Um touro da ponta baixa tresmalhado... (Itaytera, Crato, 9: 87 - 90, 1963 - 4).
- ALENCAR, ALEXANDRINO de** — biografia  
BRIGIDO, João — Almirante Alexandrino de Alencar (Itaytera, Crato, 9: 131, 1963 - 4).
- ALENCAR, BARBARA de** — biografia  
ARARIPE, Tristão de Alencar — Barbara de Alencar (Itaytera, Crato, 9: 77 - 80, 1963 - 4).  
ARAUJO, Antônio Gomes de — Em defesa da memória de Barbara de Alencar (Itaytera, Crato, 7: 9 - 12, 1961).  
ARAUJO, Antônio Gomes de — A heroína Barbara de Alencar (Itaytera, Crato, 9: 12, 1963 - 4).  
ARAUJO, Antônio Gomes de — 1817 no Cariri, Crato, 7: 79 - 102; 118, 1961).  
FIGUEIRÊDO FILHO, J. — Homenagem a heroína de 1817 (Itaytera, Crato, 8: 25 - 28, 1962).
- ALENCAR, BARBARA** — Poesia  
ALENCAR, Livino de — Frei Carlos e Dona Barbara (Itaytera, Crato, 3: 78 - 81, 1957).
- ALENCAR, HERON FELICIO de** — biografia  
QUIXADÁ FELICIO — Brilha na universidade da Bahia um filho do Crato (Itaytera, Crato, 7: 167 - 8, 1961).
- ALENCAR, JOSE' MARTINIANO de** — (o filho)  
...O sofrimento de Alencar em 1877 (Itaytera, Crato, 4: 104 - 5, 1958).  
ARARIPE, Tristão Gonçalves de Alencar — José Martiniano de Alencar (Itaytera, Crato, 9: 120 - 122, 1963 - 4).  
SISSON, S. A. — José Martiniano de Alencar (Itaytera, Crato, 1: 75 - 80, 1955).
- ALENCAR, JOSE' MARTINIANO de** — (o pai)  
ARARIPE, Antônio de Alencar — Senador Alencar (Itaytera, Crato, 6: 113 - 115, 1960).

ARARIPE, Tristão Gonçalves de Alencar — Senador José Martiniano de Alencar, o pai (Itaytera, Crato, 9 : 113 - 120, 1963 - 4).

ARAUJO, Antônio Gomes de — 1817 no Cariri (Itaytera, Crato, 7 : 79 - 102; 118, 1961).

**ALENCAR, MARIA ARNALDINA de** — biografia

ALENCAR, Meton Soares de — D. Maria Arnaldina de Alencar (Itaytera, Crato, 5 : 195 - 199, 1959).

**ALENCAR, P. COELHO de** — Roteiro Genealógico da Família Coelho de Barbalha

ARAUJO, Antônio Gomes de — Roteiro genealógico... (Itaytera, Crato, 1 : 163 - 4, 1955).

#### **ALENCARES**

ARARIPE, Antônio de Alencar — Os Alencares no Parlamento nacional (Itaytera, Crato, 5 : 136, 1959).

ARARIPE, Antônio de Alencar — A família do Pau-Sêco (Itaytera, Crato, 6 : 190 - 196, 1960).

ARARIPE, Tristão de Alencar (10.º do nome) — Alencares, ardorosos campeões do sentimento... (Itaytera, Crato, 9 : 63 - 81, 1963 - 4).

ARARIPE, Tristão de Alencar (8.º do nome) — A família Alencar (Itaytera, Crato, 8 : 139, 1962).

CARVALHO, José — Origem da família Alencar no Brasil (Itaytera, Crato, 3 : 227 - 230, 1957).

#### **ALIMENTAÇÃO — CARIRI**

LUCENA, Raimundo — A ração do trabalhador caririense e a cárie dentária (Itaytera, Crato, 2 : 255 - 7, 1956).

#### **ALIMENTAÇÃO — NORDESTE**

FIGUEIREDO FILHO, J. — Flagrantes da alimentação no sertão nordestino (Itaytera, Crato, 29 : 32, 1962).

**ALVES PEQUENO, ANTONIO LUIZ** — biografia

BRITO, José de Figueiredo — Maxixes & Malabares (Itaytera, Crato, 5 : 37 - 58, 1959).

GOMES de MATOS, Celso — Centenário do Cel. Antônio Luiz (Itaytera, Crato, 9 : 43 - 46, 1963 - 4).

**ANJOS, AUGUSTO dos** — biografia

GOMES de MATOS, Pedro — Augusto dos Anjos (Itaytera, Crato, 3 : 129, 1957).

**ARANHA, OSWALDO** — Necrológio

PIMENTA, Joaquim — Um túmulo que se abre sobre a história (Itaytera, Crato, 6 : 161 - 167, 1960).

**ARARIPE, ANA TRISTE de ALENCAR** — biografia

ANA TRISTE (Itaytera, Crato, 6 : 197 - 8, 1960) (In "Heroinas do Brasil")

ARARIPE, Tristão Gonçalves de Alencar — Ana Triste (Itaytera, Crato, 9 : 123 - 5, 1963 - 4).

**ARARIPE, OTAVIANO CICERO DE ALENCAR**

MAJOR OTAVIANO CICERO DE ALENCAR ARARIPE (Itaytera, Crato, 9 : 91 - 94, 1963 - 4).



**ARARIPE, TRISTÃO GONÇALVES DE ALENCAR, 1789** — biografia  
ARARIPE, Tristão Gonçalves de Alencar — II Tristão Gonçalves (Itaytera, Crato, 9: 111-2, 1963-4).

**ARARIPE, TRISTÃO GONÇALVES de ALENCAR (2.º nome) 1821 - 1908**  
biografia

ARARIPE, Tristão de Alencar — Tristão de Alencar Araripe (2.º nome); (Itaytera, Crato, 9: 125, 1963-4).

**ARARIPE JUNIOR, TRISTÃO de ALENCAR** — biografia

ARARIPE, Tristão de Alencar — Araripe Junior (Itaytera, Crato, 9: 128-9, 1963-4).

**ARARIPE** (lugar) — Descrições

CARVALHO, José — Páginas escolhidas de um escritor cratense (Itaytera, Crato, 1: 97-99, 1955).

**ARARIPE, Chapada do**

ANJOS, Nelson da França Ribeiro dos — Síntese histórica da geologia da Chapada do Araripe (Itaytera, Crato, 8: 132-138, 1962).

TAVORA, Fernando, Mal. — Chapada do Araripe (Itaytera, Crato, 9: 31-2, 1963-4).

**ARRAIS, AQUILES** — biografia

QUIXADÁ FELICIO—Minha bandeja é fria (Itaytera, Crato, 6: 141-2, 1960)

**ARTE — CRATO — HISTÓRIA**

FIGUEIRÉDO FILHO, J. de — Bandas cabaçais do Cariri (Itaytera, Crato, 1: 107-112, 1955).

**BAHIA — HISTÓRIA — CANUDOS**

VILANOVA, Onório — Relembrando um herói de Canudos (Itaytera, Crato, 5: 185, 1959).

**BARBALHA** — Abastecimento d'água

SOUSA, Silvano de—A nascença do Camêlo (Itaytera, Crato, 8: 20-22, 1962)

**BARBALHA — HISTÓRIA**

CALLOU, Antônio Marchet — Barbalha (Itaytera, Crato, 5: 126-133, 1959)

COELHO, Antônio C. — Centro de melhoramento de Barbalha (Itaytera, Crato, 5: 99-102, 1959).

**BARROSO, GUSTAVO** — À margem da História do Ceará

ARAUJO, Antônio Gomes de — À margem da história do Ceará (Itaytera, Crato, 8: 5-19, 1962).

**BEATO LOURENÇO**

ARAUJO, Antônio Gomes de — 1817 no Cariri (Itaytera, Crato, 7: 79-102; 118, 1961).

O "POVO", Fortaleza — O Beato Lourenço (Itaytera, Crato, 7: 111, 1961).

BEBEDOURO VER AIUABA

**BEIJA FLOR** (alcunha)

OS POETAS POPULARES JURITY e BEIJA-FLOR (Itaytera, Crato, 1: 113-115, 1955).

**BEVILAQUA, CLOVIS**

DUARTE JUNIOR — Clovis Beviláqua (Itaytera, Crato, 5: 1-30, 1959).

**BEZERRA, ANTONIO**

Ver MENEZES, Antônio Bezerra de

**BRASIL. CONGRESSO. CÂMARA dos DEPUTADOS** — Parlamentares  
cearenses

ARARIPE, Antônio de Alencar — Os Alencares no Parlamento nacional  
(Itayera, Crato, 5: 136, 1959).

**BRASIL — HISTÓRIA**

PINHEIRO, Raimundo Teles — Em que pese o estigma. Eles constituíram  
e conservaram imperecível monumento (Itayera, Crato, 6: 125-126, 1960)

**BRASIL — HISTÓRIA — ABOLIÇÃO dos ESCRAVOS**

FREITAS, Antônio Barbosa de — Ave, Libertas (Itayera, Crato, 2: 104  
105, 1956).

**BRASIL — HISTÓRIA — GUERRA DO PARAGUAI**

ARARIPE, Antônio de Alencar — Cícero Franklin de Lima (Itayera, Crato,  
8: 96-100, 1962).

PINHEIRO, Raimundo Teles — Saudações a Sampaio (Itayera, Crato, 5:  
83-86, 1959).

**BRASIL — HISTÓRIA — INVAZÕES ESTRANGEIRAS**

PINHEIRO, Raimundo Teles — Invações francêsas e holandesas no Brasil  
(Itayera, Crato, 2: 114-130, 1956).

**BRASIL — HISTÓRIA — RESTAURAÇÃO PERNAMBUCANA**

STUDART FILHO, Carlos Martim Soares Moreno — o condutor da guerra  
da restauração pernambucana (Itayera, Crato, 4: 124-140, 1958).

**BRASIL — HISTÓRIA — REVOLUÇÕES — COLUNA PRESTES**

SILVA, Otacílio Anselmo e — 228 dias a serviço da Coluna Prestes  
(Itayera, Crato, 3: 117-128, 1957).

**BRASIL — PRESIDENTES**

LIMA JUNIOR, Félix — Presidente Epitácio Pessoa (Itayera, Crato, 5:  
59-62, 1959).

**BRASILIA (D. F.) — CONDIÇÕES ECONÔMICAS**

CARVALHO, Francisco Givaldo Peixoto de — Da significação de Brasília.  
Aspecto político e econômico (Itayera, Crato, 6: 117-121, 1960).

**BRASILIA (D. F.) — POESIA**

CARVALHO, Francisco Givaldo Peixoto de — Não ser sobre Brasília  
(Itayera, Crato, 9: 58, 1963-4).

**BREJO SANTO — HISTÓRIA**

ARAÚJO, Antônio Gomes de — Ata da inauguração da vila de Brejo Santo  
(Itayera, Crato, 1: 72-74, 1955).

SILVA, Otacílio Anselmo e — Esboço histórico do município de Brejo Santo  
(Itayera, Crato, 2: 187-224, 1956).

SILVA, Otacílio Anselmo e — Falsos e autênticos super homens (Itayera,  
Crato, 9: 23-25, 1963-4).

**BRIGIDO, JOÃO** — biografia

GOMES de MATOS, Celso — João Brígido (Itayera, Crato, 2: 132-6, 1956)

**BRITO, J. B.** — autobiog.

BRITO, J. B. — Reminiscências; Tipos populares do Crato antigo (Itayera,  
Crato, 2: 259-64, 1956).

**CALDAS, (Fonte)**

SOUSA, Silvano — A nascença do camêlo (Itayera, Crato, 8: 220-222, 1962)

**CAMPO ALEGRE VER BEBEDOURO e AIUABA**

**CAMPOS, NANGE.** Flagelados de 1.ª classe

SILVA, Otacílio Anselmo e — A cerca de flagelados de 1.ª classe (Itaytera, Crato, 4: 173-174, 1958).

**CANGACEIRISMO**

PIMENTA, Joaquim — O cangaceirismo nordestino (Itaytera, Crato, 3: 243-5, 1957).

**CAPITAL**

BARBOSA, Teodorico — O fortalecimento do capital (Itaytera, Crato, 1: 81-2, 1955).

**CARIE DENTÁRIA**

LUCENA, Raimundo — A razão do trabalhador e a cárie dentária (Itaytera, Crato, 2: 255-257, 1956).

**CARIRI — CONDIÇÕES ECONÔMICAS**

BRITO, José de Figueirêdo — A contribuição dos números na construção econômica do Cariri (Itaytera, Crato, 2: 227-229, 1956).

COELHO, Antônio C. — Possibilidades econômicas da região (Itaytera, Crato, 4: 95-98, 1958).

TAVARES, Amarílio Gonçalves — A situação atual e as perspectivas econômicas da indústria da rapadura no Cariri (Itaytera, Crato, 7: 140-44, 1961).

**CARIRI — CONDIÇÕES MORAIS e SOCIAIS**

BRITO, José de Figueirêdo — A contribuição dos romeiros, etc. (Itaytera, Crato, 2:227-229, 1956).

**CARIRI — CRÍTICAS E OBSERVAÇÕES**

ARAÚJO, F. Corrêa de — Os intelectuais do Crato falam sobre o Cariri: e suas lutas seculares (Itaytera, Crato, 1: 103-106, 1955).

**CARIRI — DESCRIÇÕES E VIAGENS**

COELHO, Antônio C. — Aspectos e curiosidades do Cariri (Itaytera, Crato, 7: 124-128, 1961).

PIMENTA, Joaquim—Canaan em terra seca (Itaytera, Crato, 5: 94-97, 1959)

**CARIRI — ENDEMIAS**

CONDE, Hermínio de Brito — Aspectos de administrativos da prevenção, etc. (Itaytera, Crato, 8: 85-95, 1962).

**CARIRI — ESTADO SANITÁRIO**

MONTEIRO, PINHEIRO — O Ceará através da Medicina (Itaytera, Crato, 2: 65-85, 1956).

**CARIRI — HISTÓRIA**

ALCANTARA, José Denizard Macêdo de — Vida do brigadeiro Leandro Bezerra Monteiro (Itaytera, Crato, 3: 86-98, 1937).

ARAÚJO, Antônio Gomes de—A Bahia nas raízes do Cariri (Itaytera, Crato, 1: 3-47, 1955).

MONTEIRO — Lembrando o Cariri (Itaytera, Crato, 8: 43-52, 1962).

NASCIMENTO, F. S. — Um capítulo do devassamento do Cariri (Itaytera, Crato, 5: 31-35, 1959).

NASCIMENTO, F. S. — A conquista do Cariri (Itaytera, Crato, 7: 119-123, 1961).

SILVA, Otacílio Anselmo e — A História do Padre Cícero (Itaytera, Crato, 5: 107-115, 1959).

**CARIRI — INDÚSTRIAS**

AQUINO, J. Lindemberg de — Cimento do Cariri (Itaytera, Crato, 8: 38-41, 1962).

**CARIRI, ESTADO do**

ITAYTERA — Estado do Cariri (Itaytera, Crato, 3: 176-180, 1957).

**CARTAS PASTORAIS**

CRATO. Diocese — Carta pastoral de D. Vicente... (Itaytera, Crato, 7: 168-9, 1961).

**CAVALCANTI, JOSÉ de SIQUEIRA, biografia**

CAVALCANTI, José de Siqueira — A grandeza de nossa pequenez (Itaytera, Crato, 9: 27-28, 1963-4).

**CEARÁ — CONDIÇÕES ECONÔMICAS**

MONTENEGRO, Abelardo Fernando — Emancipação econômica do Ceará (Itaytera, Crato, 2: 106-109, 1956).

**CEARÁ — CONDIÇÕES MORAIS e SOCIAIS**

O POVO — O Beato José Lourenço (Itaytera, Crato, 7: 111, 1961).

**CEARÁ — HISTÓRIA**

MONTEIRO, PINHEIRO — Antônio Bezerra de Menezes (Itaytera, Crato, 5: 63-78, 1959).

**CEARÁ — HISTÓRIA — REVOLUÇÃO de 1817**

— O sofrimento de Alencar em 1817... (Itaytera, Crato, 4: 104-5, 1958)

ARAUJO, Antônio Gomes de — Os 21 de 17 (Itaytera, Crato, 3: 237-240, 1957)

Ver também CRATO — HISTÓRIA — REVOLUÇÃO de 1817

**CEARÁ — HISTÓRIA — CONFEDERAÇÃO do EQUADOR, 1824**

ARARIPE, Tristão de Alencar (10.º nome — Os Alencares. Arduos campeões do sentimento nativista, etc. (Itaytera, Crato, 9: 63-81; 11-129, 1963-4).

**CEARÁ — HISTÓRIA — REVOLUÇÃO de 30**

SILVA, Otacílio Anselmo e — O Ceará na Revolução de 30 (Itaytera, Crato, 1: 118-141, 1955).

**CEARÁ — MIGRAÇÃO e EMIGRAÇÃO**

ARARIPE, Jósio de Alencar — Os páus de Arara (Itaytera, Crato, 5: 179-181, 1959).

**CEARÁ — UNIVERSIDADE — HISTÓRIA**

ARAUJO, Antônio Gomes de — O Magnífico Reitor da U. do Ceará (Itaytera, Crato, 5: 37-58, 1959).

NASCIMENTO, F. S. — A Universidade que mais cresce no Brasil (Itaytera, Crato, 6: 150-157, 1960).

**CEARÁ — UNIVERSIDADE — FACULDADE DE FILOSOFIA**

**CIÊNCIAS e LETRAS — HISTÓRIA**

PIMENTA, Joaquim — Uma revolução no ensino universitário (Itaytera, Crato, 7: 60-61, 1961).

**CEARÁ — UNIVERSIDADE — FACULDADE DE FILOSOFIA do CRATO — RELATÓRIOS**

CEARÁ — UNIVERSIDADE — FACULDADE de FILOSOFIA do CRATO —  
ATIVIDADES (Itaytera, Crato, 6: 158-159, 1960; 7: 184-185, 1961;  
8: 59-63, 1962).

#### **CIÊNCIA POLÍTICA**

MENEZES, DJACIR — A economia e a ciência política (Itaytera, Crato, 4:  
112 - 115, 1958).

#### **COELHO (pessoas) — GENEALOGIA**

ARAÚJO, Antônio Gomes de — Roteiro genealógico da família Coelho de  
Barbalha (Itaytera, Crato, 1: 163 - 164, 1955).

#### **COLERA MORBUS — CEARÁ**

MONTEIRO, PINHEIRO — O Cariri através da Medicina (Itaytera, Crato, 2:  
65 - 85, 1956).

#### **CONGRESSO ABOLICIONISTA CEARENSE, 1881, Maranguape**

FREITAS, Antônio Barbosa de — Ave Libertas (Itaytera, Crato, 2: 104-105,  
1956).

#### **CONGRESSO DE JORNALISTAS do INTERIOR, 1.º Crato, 1961**

BRAGA, Julio M. — Da missão do jornalista do interior (Itaytera, Crato, 8:  
194 - 204, 1962).

DUARTE JUNIOR — Congresso pioneiro (Itaytera, Crato, 6: 66-75, 1961).

PARTICIPANTES do Congresso de jornalistas do interior (Itaytera,, Crato, 6:  
188 - 189, 1960).

#### **CRATO — CENTENÁRIOS**

ARARIPE, Antônio de Alencar — Centenário da cidade do Crato  
(Itaytera, Crato, 4: 175 - 179, 1958).

AQUINO, J. Lindemberg de — Município do Crato comemorou condigna-  
mente o seu centenário (Itaytera, Crato, 9: 102 - 104, 1963 - 4).

#### **CRATO — CINEMAS**

MATOS, FLORIVAL — Crato e o seu primeiro cinema (Itaytera, Crato, 1:  
148 - 149, 1955).

SISNANDG, Jayme — O cinema Paraíso (Itaytera, Crato, 8: 55, 1962).

#### **CRATO — CONDIÇÕES ECONÔMICAS**

ARARIPE, Antônio de Alencar — Possibilidades econômicas do Cariri  
(Itaytera, Crato, 5: 151 - 157, 1959).

FIGUEIREDO FILHO, J. de — Feira — Retrato econômico do Crato  
(Itaytera, Crato, 2: 90 - 103, 1956).

MOTÁ, MAURO — Engenhos de rapadura do Cariri (Itaytera, Crato, 6:  
171 - 173, 1960).

#### **CRATO — DESCRIÇÕES e VIAGENS**

HORÁCIO, Gustavo — Descrição da cidade do Crato em 1892 (Itaytera,  
Crato, 5: 165 - 171, 1959).

SAMPAIO, Pedro — Reminiscências (Itaytera, Crato, 2: 111, 1956).

#### **CRATO — DESCRIÇÕES e VIAGENS — VISITAS PANORÂMICAS**

PEREIRA, Antônio Levi Epitácio — O Crato visto de cima (Itaytera, Crato,  
1: 116 - 117, 1956).

**CRATO — DIOCESE — HISTÓRIA**

FIGUEIREDO FILHO, José de — D. Vicente escolhido terceiro bispo do Crato (Itaytera, Crato, 6 : 123-124, 1960) VER também **CARTAS PASTORAIS**

**CRATO — ENDEMIAS**

LOSSIO, Rubens Gondim — Campanha piloto de UDAS (Itaytera, Crato, 7 : 13 - 58, 1961).

**CRATO — ESTUDO e ENSINO**

FIGUEIREDO FILHO, José de — Flagrantes do ensino no momento atual (Itaytera, Crato, 3 : 104 - 112, 1957).

**CRATO — EVOLUÇÃO LITERÁRIA**

NASCIMENTO, F. S. — Esboço da evolução literária do Crato (Itaytera, Crato, 4 : 65 - 70, 1958).

**CRATO — FOLCLORE**

ARAUJO, Antônio Gomes de — Mitos e realidades. O mito de Frei Fidelis, mito da Penha na Pedra (Itaytera, Crato, 6 : 7 - 16, 1960)

BRITO, J. B. — Reminiscências. Tipos populares (Itaytera, Crato, 2 : 259 - 264, 1956).

**CRATO — HISTÓRIA**

ARARIPE, Antônio de Alencar — Centenário da cidade do Crato (Itaytera Crato, 4 : 175 - 179, 1958).

ARAUJO, Antonio Gomes de — O Instituto, Frei Carlos e o Jardim da praça da Sé (Itaytera, Crato, 1 : 162 - 163, 1955).

ARAUJO, Antônio Gomes de — Mitos e realidades. O mito de Frei Fidelis, mito da Penha na Pedra (Itaytera, Crato, 6 : 7 - 16, 1960).

BRIGIDO, João — Almirante Alexandrino de Alencar (Itaytera, Crato, 9 : 131, 1963).

BRITO, J. B. — Reminiscências. Tipos populares do Crato antigo (Itaytera, Crato, 2 : 259 - 264, 1956).

COELHO, Antônio C. — Município padrão (Itaytera, Crato, 6 : 200, 1960).

CRATO. CÂMARA MUNICIPAL — ATAS da... (Itaytera, Crato, 5 : 147 e 158; 182, 184, 188 - 194, 1959).

DUARTE JUNIOR — Congresso pioneiro (Itaytera, Crato, 6 : 66-75, 1961).

FEITOSA, Antônio — O papel da Igreja Católica no desenvolvimento religioso e cultural do Crato (Itaytera, Crato, 1 : 143 - 146, 1955).

FIGUEIREDO FILHO, José de — Influência do Crato... (Itaytera, Crato, 7 : 170 - 173, 1961).

FIGUEIREDO FILHO, José de — Maxixes & Malabares (Itaytera, Crato, 5 : 37 - 58, 1959).

FIGUEIRÊDO FILHO, J. de — Renasce pujante o rico folclóre... (Itaytera, Crato, 1 - 2, 1958).

GOMES de MATOS, Celso — Centenário do Cel. Antônio Luiz (Itaytera, Crato, 9 : 43 - 46, 1963 - 4).

GOMES de MATOS, Celso — O Cel. José Belém de Figueiredo (Itaytera, Crato, 7 : 129 - 134, 1961).

HORACIO, GUSTAVO — Descrição da cidade do Crato em 1892 (Itaytera, Crato, 5 : 165 - 171, 1959).

- LOSSIO, Moacir Gondim — Isto é Crato (Itaytera, Crato, 2: 150-178, 1956).
- LOSSIO, Rubens — A Igreja na formação do Crato (Itaytera, Crato, 1: 150 - 153, 1955).
- LOSSIO, Rubens — Nossa Senhora da Penha de França, padroeira do Crato (Itaytera, Crato, 6: 15 - 68, 77 - 78, 1960).
- MENEZES, Bruno de — Mestre José Fernandes (Itaytera, Crato, 9: 99 - 100, 1963 - 4)
- PINHEIRO, Raimundo Teles — Discurso pronunciado... na cidade do Crato em 20-6-55 (Itaytera, Crato, 3: 49 - 52, 1957).
- SOUZA, Silvano de — Padre Mestre Ibiapina (Itaytera, Crato, 6: 89 - 108, 1960).

**CRATO — HISTÓRIA — POESIA**

- ALENCAR, LEVINO de — Frei Carlos e D. Barbara (Itaytera, Crato, 3: 78 - 81, 1957).

**CRATO — HISTÓRIA — REVOLUÇÃO de 1817**

- ARAÚJO, Antônio Gomes de — A heroína Barbara de Alencar (Itaytera, Crato, 9: 7 - 12, 1963 - 4).
- ARAÚJO, Antônio Gomes de — Os 21 de 17 (Itaytera, Crato, 3: 237 - 240, 1957).
- ARAÚJO, Antônio Gomes de — 1817 no Cariri (Itaytera, Crato, 7: 79 - 102; e 118, 1961).
- LEÃO, Mucio — Cronistas da Revolução de 1817 (Itaytera, Crato, 3: 231 - 235, 1957).
- SILVA, Otacílio Anselma e — Fato inédito na vida política do Cariri (Itaytera, Crato, 6: 175 - 179, 1960).
- TEMÓTEO, Jurandi — O sentimento nativista e a independência (Itaytera, Crato, 6: 146 - 148, 1960).

**VER TAMBÉM: CEARÁ — HISTÓRIA — REVOLUÇÃO de 1817**

**CRATO — INDÚSTRIA e COMÉRCIO**

- ALL RIGHT — Rapaduras (Itaytera, Crato, 5: 183 - 184, 1959).

**CRATO — LEIS, DECRETOS, etc.**

- BRASIL. CONGRESSO. CÂMARA dos DEPUTADOS — Requerimento n.º 336, de 1953 (Itaytera, Crato, 1: 60, 1959).

**CRATO — MUSEU e GALERIAS**

- AQUINO, J. Lindemberg de — Museu do Crato (Itaytera, Crato, 1: 57, 1955).

**CRATO — POESIA**

- SISNANDO, Jaime — Meu Crato (Itaytera, Crato, 1: 147, 1955).

**CRATO — POLITICA e GOVERNO**

- CRATO. CÂMARA MUNICIPAL — Atas da... (Itaytera, Crato, 4: 194 - 200, 1958; 147 e 158, 182, 184, 188 - 194, 1959).
- FIGURAS REPRESENTATIVAS da Vila do Crato quando passou a categoria de cidade (Itaytera, Crato, 1: 55 - 56, 1955).
- PINHEIRO, Raimundo Teles — Aspectos administrativos do Crato de 1870 (Itaytera, Crato, 4: 73 - 80, 1958).

REGIÃO do CARIRI a) Antiga divisão administrativa do Cariri, isto é, até 1950 (Itaytera, Crato, 5 : 200, 1959).

#### **CRATO — TRADIÇÕES**

ARAUJO, Antônio Gomes de — Mitos e realidades. O mito de Frei Fidélis... (Itaytera, Crato, 6 : 7 - 16, 1960).

#### **CRATO — USOS e COSTUMES**

MONTEIRO, Elisabeth Barbosa — Uma noite a espera de Lampião (Itaytera, Crato, 3 : 207, 1959).

#### **CRATO — VIDA SOCIAL e COSTUMES**

GOMES de MATOS, Celso — Pedro Peixoto e Zuza da Botica (Itaytera, Crato, 5 : 79 - 82, 1959).

HOLANDA, JOSÉ de MORAIS — Engaste de duas pérolas (Itaytera, Crato, 6 : 169, 1960).

MATOS, FLORIVAL — Crato e o seu primeiro cinema (Itaytera, Crato, 1 : 148 - 9, 1955).

#### **ECONOMIA POLITICA**

MENEZES, DJACIR — A economia e a ciência política (Itaytera, Crato, 4 : 112 - 115, 1958).

MONTENEGRO, Abelardo Fernando — Emancipação econômica do Ceará (Itaytera, Crato, 2 : 106 - 109, 1956).

#### **EDUCAÇÃO — BRASIL**

PIMENTA, Joaquim — Um grande artífice da cultura educacional contemporânea (Itaytera, Crato, 4 : 40 - 44, 1958).

DUARTE JUNIOR — Urnas de 1962 (Itaytera, Crato, 8 : 111 - 114, 1962)

#### **ELETRIFICAÇÃO do CARIRI**

ARARIPE, Antônio de Alencar — Excerto de discurso (Itaytera, Crato, 7 : 159 - 160, 1961).

BORGES, Raimundo de Oliveira — Discurso... (Itaytera, Crato, 7 : 135 - 139, 1961).

DUARTE JUNIOR — De Recife a Paulo Afonso (Itaytera, Crato, 3 : 55, 1957).

DUARTE JUNIOR — Presente de Natal (Itaytera, Crato, 7 : 104-107, 1961)

#### **EUROPA — DESCRIÇÕES e VIAGENS**

PINHEIRO, Raimundo Teles — Impressões de uma viagem aos santuários da Europa (Itaytera, Crato, 1 : 90 - 96, 1955).

#### **EXU, GUALTER MARTINIANO de ALENCAR ARARIPE,**

Barão de — biografia

INSTITUTO HISTÓRICO de VITORIA de SANTO ANTÃO — O Barão de EXU (Itaytera, Crato, 4 : 171 - 172, 1958).

#### **FANATISMO RELIGIOSO**

"O POVO", Fortaleza — O Beato José Lourenço (Itaytera, Crato, 7 : 111, 1961).

#### **FELICIO, Quixadá Ver QUIXADÁ FELICIO**

FERNANDES, JOSÉ — biografia

MENEZES, Bruno de — Mestre José Fernandes (Itaytera, Crato, 9 : 99 - 100, 1963 - 4).



- FERRARA, CARLOS MARIA de, frei** — biografia  
 ARAUJO, Antônio Gomes de — O Instituto, Frei Carlos e o Jardim da praça da Sé (Itaytera, Crato, 1: 162-163, 1955).
- PINHEIRO, Raimundo Teles — Discurso pronunciado... (Itaytera, Crato, 3: 49-52, 1957).
- FERRARA, CARLOS MARIA de, frei** — **POESIA**  
 ALENCAR, Levino de — Frei Carlos e D. Bardara (Itaytera, Crato, 3: 78-81, 1957).
- FIGUEIREDO, ELISIO GOMES** — biografia  
 MONTEIRO, PINHEIRO — O Cariri através da medicina (Itaytera, Crato, 2: 65-85, 1956).
- FIGUEIREDO, JOSÉ ALVES de** — biografia  
 GOMES de MATOS, Celso — Pedro Peixoto e Zuza da Botica (Itaytera, Crato, 5: 79-82, 1959).
- FIGUEIREDO, JOSÉ ALVES de** — Beato José Lourenço "O POVO", Fortaleza — O Beato José Lourenço. Opusculo de José Alves de Figueiredo (Itaytera, Crato, 7: 111, 1961).
- FIGUEIREDO, JOSÉ BELEM de** — biografia  
 BRITO, José de Figueiredo — Maxixes & Malabares (Itaytera, Crato, 5: 37-58, 1959).
- GOMES de MATOS, Celso — O Cel. José Belém de Figueiredo (Itaytera, Crato, 7: 129-134, 1961).
- FIGUEIREDO, MANUEL BELEM de** — biografia  
 MONTEIRO, PINHEIRO — O Cariri através da Medicina (Itaytera, Crato, 2: 65-85, 1956).
- FIGUEIREDO FILHO, JOSÉ de** — Cidade do Crato  
 MATOS, J. Jaguaribe de — Cidade do Crato (Itaytera, Crato, 9: 80, 1962)
- FIGUEIREDO FILHO, JOSÉ de** — Engenhos de rapadura do Cariri  
 CARVALHO, TELES de — Novo livro de José de Figueiredo Filho (Itaytera, Crato, 4: 141, 1958).
- FIGUEIREDO FILHO, JOSÉ de** — O folclóre do Cariri  
 MOTA, Waldetário Pinheiro — Carta do dr... (Itaytera, Crato, 9: 105, 1963-4).
- VIANA, Ulysses — Instantâneos do interior (Itaytera, Crato, 8: 116-7, 1962)
- FILGUEIRAS, JOSÉ PEREIRA** — biografia  
 ARAUJO, Antônio Gomes de — 1817 no Cariri, Itaytera, Crato, 7: 79-102; e 118, 1961).
- ARAUJO, Antônio Gomes de — Raizes Sergipanas (Itaytera, Crato, 7: 79-102; e 118, 1961).
- FILOSOFIA**  
 MONTENEGRO, Abelardo Fernando — O ceticismo criador (Itaytera, Crato, 3: 43-45, 1957).
- FLORESTAS**  
 QUEIROZ, Antônio Alves de — Em defesa das florestas (Itaytera, Crato, 1: 159-161, 1955).
- QUEIROZ, Antônio Alves de — Floresta nacional Araripe - Apody (Itaytera, Crato, 2: 234-244, 1956).

## **FOLCLORE**

NASCIMENTO, F. S. — O folclore no mundo social da criança (Itaytera, Crato, 8: 205 - 209, 1962).

### **FOLCLORE — BRASIL — CEARÁ**

CABRAL, Kleber Maia — O interesse (Itaytera, Crato, 7: 76 - 78, 1961).

NUNES, J. Belizário — Aboio: gemido e carvão (Itaytera, Crato, 9: 136 - 138, 1963 - 4).

### **FOLCLORE — BRASIL — CEARÁ — CARIRI**

FIGUEIRÉDO FILHO, J. de — Bandas cabaçais do Cariri (Itaytera, Crato, 1: 107 - 112, 1955).

FIGUEIRÉDO FILHO, J. de — O folclore no Cariri (Itaytera, Crato, 8: 122 - 123, 1962).

FIGUEIRÉDO FILHO, J. de — Renasce pujante e rico folclóre caririense (Itaytera, Crato, 4: 1 - 2, 1958).

QUIXADÁ FELICIO — O folclóre no Cariri (Itaytera, Crato, 8: 57-58, 1962)

### **FOLCLORE — BRASIL — MARANHÃO**

VASCONCELLOS, Francisco — O Bumba-meu-boi em São Luiz do Maranhão (Itaytera, Crato, 9: 35 - 42, 1963 - 4).

### **FOLCLORE — BRASIL — SERGIPE**

FIGUEIRÉDO FILHO, J. de — Brasil do chapéu de couro (Itaytera, Crato, 9: 82 - 84, 1963 - 4).

### **FOLCLORE — POESIA**

OS POETAS POPULARES JURITI e BEIJA FLOR (Itaytera, Crato, 1: 113, 1955).

### **FONTES**

SOUZA, Silvano — A nascença do camêlo (Itaytera, Crato, 8: 20-22, 1962)

### **FORTALEZA — HISTÓRIA**

MENEZES, PAULO ELPIDIO de — Fortaleza de 1897 (Itaytera, Crato, 5: 137 - 138, 1959).

### **FORTALEZA — HISTÓRIA — FONTES**

GIRÃO, Raimundo — O Padre Serafim Leite e a fundação de Fortaleza

### **FOSSEIS**

FIGUEIRÉDO FILHO, J. de — Representantes fósseis (Itaytera, Crato, 5: 3 - 8, 1959).

### **FREI FIDELIS — LENDAS**

ARAUJO, Antônio Gomes de — Mitos e realidades. O mito de Frei Fidelis (Itaytera, Crato, 6: 7 - 16, 1960)

### **FURTADO LEITE — GENEALOGIA**

ARAUJO, Antônio Gomes de — Nota genealógica. Os Furtado Leite (Itaytera, Crato, 3: 211, 1917).

### **GENEALOGIA**

ARARIPE, Antônio de Alencar — A família do Pau-Sêco (Itaytera, Crato, 6, 190 - 196, 1960).

ARARIPE, Tristão de Alencar — Alencares, ardorosos campeões do sentimento nativista (Itaytera, Crato, 9: 63 - 81, 1963 - 4).

ARARIPE, Tristão de Alencar — A família Alencar (Itaytera, Crato, 8: 139, 1962).

- ARAÚJO, Antônio Gomes de — Roteiro genealógico...  
(Itaytera, Crato, 1: 163-164, 1955).
- ARAÚJO, Antônio Gomes de — Nota genealógica. Os Furtados Leite  
(Itaytera, Crato, 3: 211, 1957).
- ARAÚJO, Antônio Gomes de — Raízes Sergipanas  
(Itaytera, Crato, 3: 6-41, 1957).
- ARAÚJO, Antônio Gomes de — Roteiro genealógico da família Coêlho de  
Barbalha (Itaytera, Crato, 1: 163-164, 1955).
- CARVALHO, José — Origem da família Alencar no Brasil  
(Itaytera, Crato, 3: 227-230, 1957).
- LEITE MARANHÃO, José — Família do Coité (Itaytera, Crato, 3:  
99-102, 1957; e 2: 65-85, 1956).
- MENEZES, Bruno de — Uma parcela da família Menezes do Cariri  
(Itaytera, Crato, 5: 173-178, 1959).
- GOMES de MATOS, ALCIDES**
- BANTIM, José de Paula — Rápidos traços da vida de um grande homem  
(Itaytera, Crato, 4: 159-163, 1958).
- GOMES de MATOS, JOÃO** — biografia
- BANTIM, José de Paula — Rápidos traços da vida de um grande homem  
(Itaytera, Crato, 4: 159-163, 1958).
- GOMES de MATOS, RAIMUNDO**
- MENEZES, Paulo Elpídio de — Gomes de Matos (Itaytera, Crato, 8:  
81-82, 1962).
- GREVE**
- ONOFRE, Hariberto Xavier — Aspectos histórico-jurídico da greve  
(Itaytera, Crato, 4: 45-53, 1958).
- IBIAPABA — DESCRIÇÕES e VIAGENS**
- FERREIRA, Pedro — Palmeiras da Ibiapaba (Itaytera, Crato, 8: 23-24, 1962)
- IBIAPINA, JOSÉ ANTONIO** — biografia
- SOUZA, Silvano de — Pe. Mestre Ibiapina (Itaytera, Crato, 6: 89-108, 1960)
- IBIAPINA, JOSÉ ANTONIO — HINOS**
- SIMÕES, Teresa Rosado, comp. — Hino do Padre Ibiapina  
(Itaytera, Crato, 4: 109, 1958).
- IGREJA CATOLICA — CRATO**
- FEITOSA, Antônio — O papel da Igreja Católica no desenvolvimento...  
(Itaytera, Crato, 1: 143-146, 1955).
- LOSSIO, Rubens — Nossa Senhora da Penha de França, Padroeira do Crato  
(Itaytera, Crato, 6: 15-68; e 77-78, 1960).
- IGREJA CATOLICA — JUAZEIRO**
- ARAÚJO, Antônio Gomes de — Padre Ribeiro da Silva  
(Itaytera, Crato, 4: 3-37, 1958).
- INDÚSTRIAS — NORDESTE**
- CARVALHO, Francisco Givaldo Peixoto de — Considerações à margem da  
industrialização do nordeste (Itaytera, Crato, 7: 70-75, 1961).
- INSTITUTO CULTURAL DO CARIRI, Crato**
- INSTITUTO CULTURAL DO CARIRI, Crato — Ata da Assembléia geral...  
para a eleição de sua nova Diretoria (Itaytera, Crato, 4: 203-204, 1958)

INSTITUTO CULTURAL DO CARIRI, Crato — Ata da sessão de fundação e instalação (Itaytera, Crato, 1: 179 - 180, 1955).

INSTITUTO CULTURAL DO CARIRI, Crato — Estatutos (Itaytera, Crato, 1: 181 - 188, 1955).

INSTITUTO CULTURAL DO CARIRI, Crato — Fôram multiplas as atividades de... (Itaytera, Crato, 6: 3 - 6, 1960).

#### **INSTITUTO CULTURAL DO CARIRI, Crato — HISTÓRIA**

FIGUEIRÉDO FILHO, J. de — 10 anos de lutas (Itaytera, Crato, 8: 3 - 4, 1962).

#### **ITABAPAVA, MUNICÍPIO da, R. J.**

DUTRA, Pedro Gonçalves — Município de Bom Jesus (Itaytera, Crato, 5: 145 - 146, 1959).

#### **ITAYTERA (revista)**

FIGUEIRÉDO FILHO, J. de — Explicando (Itaytera, Crato, 1: 1 - 2, 1955).

FIGUEIRÉDO FILHO, J. de — A jornada prossegue incentivada pelas primeiras vitórias (Itaytera, Crato, 2: 1, 1956).

FIGUEIRÉDO FILHO, J. de — Poucas palavras neste terceiro número (Itaytera, Crato, 4: 1, 1957).

FILGUEIRAS LIMA, Antônio — O professor Filgueiras Lima... (carta) (Itaytera, Crato, 9: 110, 1963 - 4).

GIRÃO, Eduardo Henrique — Carta dirigida ao Cel. Raimundo Teles Pinheiro (Itaytera, Crato, 8: 124 - 125, 1962).

GIRÃO, Raimundo — Itaytera (Itaytera, Crato, 5: 134, 1959).

MENEZES, Djacir — Carta (Itaytera, Crato, 5: 176, 1959).

VIANA, Ulisses — Instantâneos dos municípios (Itaytera, Crato, 7: 187, 1961)

#### **ITAYTERA — ETIMOLOGIA**

NASCIMENTO, F. S. — Considerações sôbre o étimo "Itaytera" (Itaytera, Crato, 3: 199, 1957).

#### **ITAYTERA — POESIA**

FIGUEIRÉDO, José Alves de — Itaytera (Itaytera, Crato, 1: 100 - 102, 1955)

#### **JACOME, HORACIO — POESIA**

FIGUEIRÉDO, José Alves de — Horácio Jácome (Itaytera, Crato, 2: 64, 1956)

#### **JARDIM — HISTÓRIA**

LINHARES, Maria Luiza — Notícia histórica sôbre o município de Jardim (Itaytera, Crato, 3: 61 - 77, 1957).

NASCIMENTO, F. S. Fragmentos da crônica literária de Jardim (Itaytera, Crato, 1: 49 - 50, 1955).

SILVA, Otacílio Anselmo e — Fato inédito na vida política do Cariri (Itaytera, Crato, 6: 175 - 179, 1960).

#### **JORNALISMO**

DAVIS, Robert — A voz da imprensa (Itaytera, Crato, 4: 164, 1958).

#### **JUAZEIRO — CONDIÇÕES MORAIS e SOCIAIS**

ARAUJO, Antônio Gomes de — Apostolado do embuste (Itaytera, Crato, 2: 3 - 63, 1956).

- ARAÚJO, Antônio Gomes de — Padre Ribeiro da Silva  
(Itaytera, Crato, 4 : 3 - 37, 1958).
- ARAÚJO, Antônio Gomes de — Raízes sergipanas  
(Itaytera, Crato, 3 - 41, 1957).
- DUARTE JUNIOR — Congresso pioneiro (Itaytera, Crato, 6 : 66-75, 1961)
- GOMES de MATOS, Celso — Padre Cícero — o incompreendido  
(Itaytera, Crato, 1 : 83 - 89, 1955).
- MENEZES, Paulo Elpídio de — Nos domingos em Juazeiro — 1891 — 1892  
(Itaytera, Crato, 4 : 188 - 190, 1958).
- O "POVO" — O Beato José Lourenço (Itaytera, Crato, 7 : 111, 1961)

#### **JUMENTO**

- GOMES de MATOS, Celso — O camêlo do sertão (Itaytera, Crato, 3 :  
191 - 195, 1957).

#### **JURITI (alcunha)**

- OS POETAS POPULARES JURITI e BEIJA-FLOR (Itaytera, Crato, 1 : 113, 1955)

#### **KACILDO, FRANCISCO DANTAS LARANJEIRA, chamado**

- NASCIMENTO, F. S. — Kacildo (Itaytera, Crato, 5 : 150 - 151, 1959) .

#### **LEIS e LEGISLAÇÃO**

- BORGES, Raimundo de Oliveira — Conflito de leis (Itaytea, Crato, 1 :  
155 - 156, 1955).

#### **LEITE, VICENTE ROSAL FERREIRA — biografia**

- AQUINO, J. Lindemberg de — Vicente — Esse desconhecido  
(Itaytera, Crato, 2 : 137 - 141, 1956).

#### **LEITE MARANHÃO, JOSÉ'**

- LEITE MARANHÃO, José — Família do Coité (Itaytera, Crato, 3 :  
99 - 102, 1957).

- MONTEIRO, Pinheiro — O Cariri através da Medicina (Itaytera, Crato, 2 :  
65 - 85, 1956).

#### **LIMA, CICERO FRANKLIN de — biografia**

- ARARIPE, Antônio de Alencar — Cícero Franklin de Lima  
(Itaytera, Crato, 8 : 100, 1962).

#### **LIMA, WALDEMAR DE PAULA — biografia**

- SILVA, Otacílio Anselmo e — 288 dias a serviço da Coluna Prestes  
(Itaytera, Crato, 3 : 117 - 128, 1957).

#### **LIMAVERDE, MIGUEL — biografia**

- MONTEIRO, Pinheiro — O Cariri através da medicina (Itaytera, Crato, 2 :  
65 - 85, 1956).

#### **LINGUA LATINA — DICIONARIOS**

- ALENCAR, José Arrais de — Excerptos de um vocabulário latino  
(Itaytera, Crato, 3 : 201 - 204, 1957).

#### **MACHADO FILHO, AIRES da MATA — O negro e o Garimpo em Minas Gerais**

- J. F. F. — O negro e o garimpo em Minas Gerais (Itaytera, Crato, 9 :  
97, 1963 - 4)

#### **MARROCOS, JOSÉ' — biografia**

- ARAÚJO, Antônio Gomes de — Apostolado do embuste (Itaytera, Crato, 2 :  
3 - 63, 1956).

**MARTINS, ANTONIO DIAS**

LEÃO, Múcio — Cronistas da Revolução de 1817 (Itaytera, Crato, 3 : 231 - 235, 1957).

**MARTINS FILHO, Antônio** — biografia

ARAUJO, Antônio Gomes de — O magnífico Reitor da U. do Ceará (Itaytera, Crato, 5 : 9 - 17, 1959).

**MATOS, VICENTE de ARAUJO**, bispo do Crato

CRATO. DIOCESE — Carta pastoral (Itaytea, Crato, 7 : 168 - 169, 1961).

FIGUEIREDO FILHO, J. de — D. Vicentê, escolhido 3.º bispo (Itaytera, Crato, 6 : 123 - 124, 1960).

**MEDICINA — CEARÁ — HISTÓRIA**

MONTEIRO, Pinheiro — O Ceará através da Medicina (Itaytera, Crato, 2 : 65 - 85, 1956).

**MELO, JOAQUIM FERREIRA de** — biografia

SOUZA, Silvano de — Aspectos de uma vida (Itaytera, Crato, 2 : 65 : 85, 1961).

**MENDONÇA, ANTONIO PINHEIRO LOBO e** — Genealogia

ARAUJO, Antônio Gomes de — Raízes sergipanas (Itaytera, Crato, 3 : 6 - 41, 1957).

**MENEZES — GENEALOGIA**

MENEZES, Bruno de — Uma parcela da família Menezes do Cariri (Itaytera, Crato, 5 : 173 - 178, 1959).

**MENEZES, ANTONIO BEZERRA de** — biografia

MONTEIRO, PINHEIRO — Antônio Bezerra de Menezes (Itaytera, Crato, 5 : 63 - 78, 1959).

**MENEZES, CANDIDO** — biografia

MONTEIRO — Relembrando o Cariri (Itaytera, Crato, 8 : 43 - 52, 1962).

**MENEZES, PAULO ELPIDIO de** — O Crato do meu tempo

A. A. — Correção de equívocos (Itaytera, Crato, 6 : 111, 1960).

**MISSÕES e MISSIONÁRIOS**

LOSSIO, RUBENS — Nossa Senhora de França, padroeira do Penha (Itaytera, Crato, 15 : 77 - 78, 1960).

**MONTEIRO, LEANDRO BEZERRA** — biografia

ALCANTARA, José Denizard Macêdo — Vida do Brigadeiro Leandro B. Monteiro (Itaytera, Crato, 3 : 86 - 98, 1957).

**MONTEIRO, MANUEL RODRIGUES** — biografia

ARRAIS, Raymundo Monte — D. Manoel Monteiro (Itaytera, Crato, 5 : 117 - 120, 1959).

DADOS SOBRE o Dr. MANUEL RODRIGUES (Itaytera, Crato, 5 : 121 - 123, 1959).

**MUNICIPALISMO**

VIANA, Ulysses — Municipalismo (Itaytera, Crato, 9 : 60 - 61, 1953 - 4).

**MUSICA — CRATO**

MENEZES, Paulo Elpidio de — A música do mestre Belinho (Itaytera, Crato, 7 : 62 - 63, 1961).

## **NATAL — USOS e COSTUMES**

LIMA JUNIOR, Felix — Pedidos de festas (Itaytera, Crato, 9: 47-52, 1963-4)

## **NORDESTE**

CARVALHO, Francisco Givaldo Peixoto de — Considerações à margem da industrialização do nordeste (Itaytera, Crato, 7: 70-75, 1961).

CONDE, Hermínio de Brito — Antiguidades do tracoma no nordeste (Itaytera, Crato, 9: 15-22, 1963-4).

CONDE, Hermínio de Brito — O nordeste e o oriente médio (Itaytera, Crato, 6: 129-140, 1960).

## **NOTAS BIBLIOGRÁFICAS — CRÍTICAS, OBSERVAÇÕES e COMENTÁRIOS**

ITAYTERA — Bibliográficas, notas e comentários (Itaytera, Crato, 1: 166-168, 1955; 3: 131-176, 1957; e 4: 143-154; e 180-181, 1958).

## **OLHOS, DOENÇAS dos**

CONDE, Hermínio de Brito — Aspectos administrativos da prevenção e assistência, etc. (Itaytera, Crato, 8: 85-95, 1962).

## **OLIVEIRA, APOLONIA CORREIA de — GENEALOGIA**

ARAÚJO, Antônio Gomes de — Raízes sergipanas (Itaytera, Crato, 3: 6-41, 1957).

## **OLIVEIRA, BARBARA de — GENEALOGIA**

ARAÚJO, Antônio Gomes de — Raízes sergipanas (Itaytera, Crato, 3: 6-41, 1957).

## **ORDENS RELIGIOSAS — CEARÁ**

SOUZA, Silvano de — Padre Mestre Ibiapina (Itaytera, Crato, 6: 89-108, 1960).

## **OURICURI — HISTÓRIA**

SILVA NETO, Francisco Pedro — Ouricuri através de suas tradições (Itaytera, Crato, 3: 219-223, 1957).

## **PADRE CÍCERO — BIOGRAFIA**

ARAÚJO, Antônio Gomes de — Apostolado do embuste (Itaytera, Crato, 2: 3-63, 1956)

ARAÚJO, Antônio Gomes de — Qual a versão certa da casa onde nasceu o Padre Cícero? (Itaytera, Crato, 5: 141-144, 1959).

GOMES de MATOS, Celso — Padre Cícero — o incompreendido (Itaytera, Crato, 1: 83-89, 1955).

SILVA, Otacílio Anselmo e — Fui aspirante ao "Ceu" através da História do Padre Cícero (Itaytera, Crato, 4: 83-93, 1958).

SILVA, Otacílio Anselmo e — A História do Padre Cícero (Itaytera, Crato, 5: 107-115, 1959; 7: 64-69, 1961).

## **PALEONTOLOGIA**

FIGUEIREDO FILHO, J. de — Representantes fósseis da fauna... (Itaytera, Crato, 5: 3-8, 1959).

## **PAULA NEVES, CORIZANDE APARECIDA de**

VASCONCELOS, Francisco — Uma itajubense no Crato (Itaytera, Crato, 9: 141, 1963-4).

- PAUS BRANCOS, JOSE' FERREIRA dos**  
SILVA, Otacilio Anselmo e — Falsos e autênticos super-homens  
(Itaytera, Crato, 9: 23-25, 1963-4).
- PAZ, MANUEL LUDGERO de CARVALHO**  
ALCANTARA, José Denizard Macêdo de — O poeta Ludgero — primeira  
lira cratense (Itaytera, Crato, 7: 107-110, 1961)
- PEIXOTO, PEDRO** — biografia  
GOMES de MATOS, Celso — Pedro Peixoto e Zuza da Botica  
(Itaytera, Crato, 5: 79-82, 1959).
- PERNAMBUCO — HISTÓRIA — REVOLUÇÃO DE 1817**  
LEÃO, Múcio — Cronistas da Revolução de 1817 (Itaytera, Crato, 3:  
231-235, 1957).
- PESSOA, EPITACIO — PRESIDENTE DO BRASIL**  
LIMA JUNIOR, Felix — Presidente Epitacio Pessoa (Itaytera, Crato, 5,  
59-62, 1959).
- PIMENTA, ALICE.** Encruzilhada de destinos  
FIGUEIRÉDO FILHO, J. de — Encruzilhadas de destinos  
(Itaytera, Crato, 5: 135, 1959).
- PINHEIRO, IRINEU** — biografia  
MONTEIRO, PINHEIRO — O Cariri através da Medicina  
(Itaytera, Crato, 5: 65-85, 1956).
- PINHEIRO, IRINEU — NECROLÓGIO**  
DUARTE JUNIOR — In memoriam (Itaytera, Crato, 1: 61-75, 1955).
- PINHEIRO, IRINEU** — Cidade do Crato  
MATOS, J. Jaguaribe — Cidade do Crato (Itaytera, Crato, 9: 80, 1962).
- PINHEIRO, RAIMUNDO TELES** — Esboço histórico do Crato  
MELO, Luiz Gonzaga de — Carta ao Tte. Cel. Raimundo Teles Pinheiro  
(Itaytera, Crato, 6: 88, 1960).
- PINHEIRO FILHO, ANTÔNIO** — biografia  
ITAYTERA — Antônio Pinheiro Filho (Itaytera, Crato, 7: 152-153, 1961).
- PIQUI**  
QUEIROZ, Antônio Alves de — Piquí (Itaytera, Crato, 3: 217-218, 1957).
- PLANTAS — NOMENCLATURA**  
LUETZELBURG, Ph. von — Nomes de algumas plantas (Itaytera, Crato, 6:  
181-186, 1960).
- POESIA**  
ALENCAR, Adauto — Imprevidência (Itaytera, Crato, 6: 109, 1960).  
ALENCAR, Juarez — A Dança do tempo (Itaytea, Cato, 8: 83-84, 1962).  
ALENCAR, Levino de — Frei Carlos e D. Barbara (Itaytera, Crato, 3:  
78-81, 1957).  
ALENCAR, Metom Soares de — D. Maria Arnaldina de Alencar  
(Itaytera, Crato, 5: 195-199, 1959).  
ALVES, José Wanderley — Poema da chuva (Itaytera, Crato, 8: 68-69, 1962).  
ALVES de OLIVEIRA — Sacerdotiza (Itaytera, Crato, 9: 109, 1963-4).  
AQUINO, M. Patrício de — Não importa (Itaytera, Crato, 7: 193, 1961)  
BALTAR, Arnold — Reminiscência (Itaytera, Crato, 1: 142 b, 1955).



- CALLOU, Antônio Marchet — A palmeira do Caldas (Itaytera, Crato, 4: 143, 1958).
- CAMPOS, Augusta — Quadras (Itaytera, Crato, 6: 167, 1960).
- CARVALHO, Francisco G. Peixoto de — Não ser sobre Brasília (Itaytera, Crato, 9: 58, 1963-4).
- CARVALHO, José — Inverno Cearense (Itaytera, Crato, 4: 115, 1958).
- CARVALHO, Otacílio Pereira de — Mulher perdida (Itaytera, Crato, 4: 123, 1958).
- ELESBÃO, Raimundo — O itinerário da vida (Itaytera, Crato, 8: 64, 1962).
- FEITOSA — Últimos versos (Itaytera, Crato, 9: 108, 1963-4).
- FERREIRA, Pedro — Crato (Itaytera, Crato, 5: 8, 1959).
- FERREIRA, Pedro — Fortaleza (Itaytera, Crato, 3: 53, 1957).
- FERREIRA, Pedro — Mãe (Itaytera, Crato, 2: 142, 1956).
- FERREIRA, Pedro — Romance (Itaytera, Crato, 9: 147, 1963-4).
- FIGUEIRÊDO, José Alves de—Horácio Jácome (Itaytera, Crato, 2: 64, 1956)
- FIGUEIRÊDO, José Alves de — Itaytera (Itaytera, Crato, 1: 100-102, 1955)
- FIGUEIRÊDO, José Alves de — No Crato (Itaytera, Crato, 3: 47, 1957).
- FIGUEIRÊDO, José Alves de — Quimera (Itaytera, Crato, 9: 130, 1963-4)
- FIGUEIRÊDO, José Alves de — Sertaneja Cearense (Itaytera, Crato, 5: 138, 1959).
- FIGUEIRÊDO, José Alves de — Soneto (Itaytera, Crato, 4: 94, 1958)
- FIGUEIRÊDO, José Alves de — Trovas (Itaytera, Crato, 6: 157, 1960).
- FIGUEIRÔ, XÉCO, Agilberto Freire — Tropeando (Itaytera, Crato, 4: 81-88, 1958).
- FILGUEIRAS, Djanira — Tristeza (Itaytera, Crato, 9: 28, 1963-4).
- FREITAS, Antônio Barbosa de — Ave Libertas (Itaytera, Crato, 2: 104-105, 19956).
- FURTADO, Dolores — Mucuripe (Itaytera, Crato, 9: 146, 1963-4).
- GALENO, Juvenal — Tristão de Alencar (Itaytera, Crato, 4: 38-39, 1958).
- HOLANDA, J. — Lendários (Itaytera, Crato, 8: 54, 1962).
- HOLANDA, José de Moraes—Gleba alcantilada (Itaytera, Crato, 7: 59, 1961)
- JURANDI — Algumas poesias de... (Itaytera, Crato, 9: 134-135, 1963-4)
- LEITE, José Marques — Crato te saluto (Itaytera, Crato, 7: 5-6, 1961)
- LINHARES, AUGUSTO — Aspiração (Itaytera, Crato, 4: 106, 1958).
- LOBO, G. — Soneto (Itaytera, Crato, 9: 144, 1963-4)
- LOPES, José de Ribamar — Carretão (Itaytera, Crato, 4: 54-55, 1958).
- MARTINS, Carlyle — Manhã no Caldas (Itaytera, Crato, 1: 48, 1955).
- MONTEIRO, João Dantas — Despertando (Itaytera, Crato, 6: 128, 1960)
- MONTEIRO, João Dantas — A justiça (Itaytera, Crato, 7: 134, 1961).
- MONTEIRO, Olga de Lacerda—Serra do Araripe (Itaytera, Crato, 8: 33, 1962)
- MORAIS, Meton Barreto de — Canção de Pai Joaquim (Itaytera, Crato, 2: 185-186, 1956).
- NOBRE, Manoel — O ébrio (Itaytera, Crato, 8: 79, 1962).

- PATATIVA, isto é, Antônio Gonçalves da Silva, chamado — Minha sodade (Itaytera, Crato, 8: 118-121, 1962).
- PEREIRA, Francisco Givaldo — A arte e a paz (Itaytera, Crato, 9: 25, 1963-4).
- PEREIRA, Manoel — O meu Brasil (Itaytera, Crato, 4: 103, 1958).
- PEREIRA, Manoel — vocação (Itaytera, Crato, 3: 85, 1957).
- PEREIRA, Pedro — Santa Quitéria (Itaytera, Crato, 9: 130, 1963-4).
- OS POETAS POPULARES JURITI e BEIJA-FLOR (Itaytera, Crato, 1: 113, 1955)
- ROCHA, João Alves — Poemas (Itaytera, Crato, 9: 148-149, 1963-4).
- SAMPAIO, Alacoque — A descida da montanha (Itaytera, Crato, 5: 148-149, 1959).
- SAMPAIO, Luiz — Fim (Itaytera, Crato, 3: 181, 1957).
- SAMPSON, Luiz — Jornada final (Itaytera, Crato, 6: 150, 1960).
- SAMPSON, Luiz — Pergunta (Itaytera, Crato, 2: 137, 1956).
- SIEBRA, Aderson — Duas poesias de... (Itaytera, Crato, 8: 115, 1962).
- SILVA, Antônio Gonçalves da — Ingem de ferro (Itaytera, Crato, 9: 59, 1963-4).
- SISNANDO, Jaime — Meu Crato (Itaytera, Crato, 1: 147, 1955).
- SOUSA, José Newton Alves de — Canaviais (Itaytera, Crato, 3: 103, 1957).
- SOUSA, José Newton Alves de — Poema do riso e da dor (Itaytera, Crato, 5: 8, 1960).
- SOUSA, José Newton Alves de — Poemas (O Senhor morto, Pescaria, Saveiros, noturno peninsular, S. João (Itaytera, Crato, 6: 143-146, 1960).
- SOUSA, José Newton Alves de — Poemas (Símbolo I, II, III; Transitivo de Deus; Amigos eu vou partir; Casa em silêncio; Missão num sítio (Itaytera, Crato, 7: 154-155, 1961).
- SOUSA, José Newton Alves de — Poemas caririenses (As Lavadeiras, O gado, A Lua e os eucaliptos, O canto dos periquitos, Os Lenhadores, o pastorzinho, A neblina (Itaytera, Crato, 8: 65-67, 1962).
- SOUSA, José Newton Alves de — Velho Solar (Itaytera, Crato, 133, 1963-4)
- VASCONCELLOS, Francisco — Uma itajubense no Crato (Itaytera, Crato, 9: 141, 1963-4).

#### PROFESSOR PRIMÁRIO, FORMAÇÃO do

- FEIÉS, Joaquim Pinheiro — O professor primário... (Itaytera, Crato, 1: 157-158, 1955).

#### PSICOLOGIA INFANTIL

- NASCIMENTO, F. S. — O folclore no mundo social da criança (Itaytera, Crato, 8: 205-209, 1962).

#### RÁDIO e DIFUSÃO

- RÁDIO ARARIPE do CRATO — a líder do Cariri (Itaytera, Crato, 4: 169-170, 1958).

#### RAPADURAS

- ALL RIGHT — Rapaduras (Itaytera, Crato, 5: 183-184, 1959).
- MOTA, Mauro — Engenhos de rapadura (Itaytera, Crato, 5: 63-78, 1959).

TAVARES, Amarílio Gonçalves — A situação atual e perspectivas econômicas da indústria da rapadura no Cariri (Itaytera, Crato, 7: 140 - 144, 1961).

**RATISBONA, LEANDRO de CHAYES e MELO**

MONTEIRO — Relembrando o Cariri (Itaytera, Crato, 8: 43-52, 1962).

**RECIFE — DESCRIÇÕES e VIAGENS**

DUARTE JUNIOR — De Recife a Paulo Afonso (Itaytera, Crato, 3: 55, 1957)

**RELIGIÃO — INFLUÊNCIAS**

LOSSIO, RUBENS — A Igreja na formação do Crato (Itaytera, Crato, 1: 150 - 153, 1955).

**RELIGIÃO e DIREITO**

MOTA, Valdetário Pinheiro — O Direito no antigo testamento (Itaytera, Crato, 5: 158 - 164 e 172, 1959).

**ROCHA, JOSÉ COELHO de FIGUEIREDO**

COUTO, Francisco — Mons. José Coêlho de F. Rocha (Itaytera, Crato, 4: 165 - 168, 1958).

**ROTARY CLUB, Crato — ANIVERSÁRIO**

SOUSA, Jefferson de Albuquerque — Porque os rotarianos vão comemorar os 20 anos do Rotary Club de Crato (Itaytera, Crato, 3: 197, 1957).

**SAMPAIO, ANTONIO — POESIA**

PINHEIRO, Raimundo Teles — Saudação a Sampaio (Itaytera, Crato, 5: 83 - 86, 1959).

**SANTA QUITÉRIA (cidade) — POESIA**

PEREIRA, Pedro — Santa Quitéria (Itaytera, Crato, 9: 130, 1963 - 4).

**SANTOS, JOÃO BRIGIDO dos VER BRIGIDO, JOÃO**

SERAINÉ, FLORIVAL. Ensaio de interpretação linguística

TEIXEIRA, Nunes — Ensaio de interpretação linguística (Itaytera, Crato, 1: 142 - 142<sup>a</sup>, 1955).

**SIEBRA, ADERSON**

VIANA, Ulisses — O poeta Aderson (Itaytera, Crato, 4: 99 - 102, 1956).

**SILVA, ANTONIO GONÇALVES da, VER PATATIVA**

SILVA, DOMINGOS CARVALHO da — A fênix refractária

VASCONCELOS, Arnaldo — A "Fênix refractária" (Itaytera, Crato, 5: 102 - 105, 1959).

SILVA, PEDRO RIBEIRO da — biografia

ARAÚJO, Antônio Gomes de — Padre Pedro Ribeiro da Silva (Itaytera, Crato, 4: 3 - 37, 1958).

SOARES MORENO, MARTIM — biografia

STUDART FILHO, Carlos — Martim Soares Moreno — o condutor da guerra da restauração pernambucana (Itaytera, Crato, 4: 124 - 140, 1958).

**SOLIDARISTICAS**

DUARTE JUNIOR — Solidarísticas (Itaytera, Crato, 4: 185 - 187, 1958).

SOTER, VICENTE — biografia

GOMES de MATOS, Celso — O Padre Vicente Soter (Itaytera, Crato, 6: 83 - 87, 1960).

**STUDART, GUILHERME, Barão de** — biografia

ITAYTERA — Comemorações em Crato do Centenário do Barão de Studart (Itaytera, Crato, 2: 88-89, 1956).

MOTA, Moacir — O Barão de Studart (Itaytera, Crato, 2: 251-252, 1956)

**SUCUPIRA, JOSE' FERREIRA LIMA**

MONTEIRO — Relembrando o Cariri (Itaytera, Crato, 8: 43-52, 1962).

**TAUÁ — DESCRIÇÕES e VIAGENS**

PIMENTA, Joaquim — Cancan em terra sêca (Itaytera, Crato, 5: 94-97, 1959).

**TAVARES, FRANCISCO MONIZ** — biografia

LEÃO, Múcio — Cronistas da Revolução de 1817 (Itaytera, Crato, 3: 231-235, 1957).

**TEIXEIRA, ANIZIO** — biografia

PIMENTA, Joaquim — Um grande artifice da cultura educacional contemporânea (Itaytera, Crato, 4: 40-44, 1958).

**TELES, JOAQUIM FERNANDES** — biografia

MONTEIRO, PINHEIRO — O Cariri através da medicina (Itaytera, Crato, 2: 65-85, 1956).

**TIPOS POPULARES**

BRITO, J. B. — Reminiscências (Itaytera, Crato, 2: 259-264, 1956).

**TRACOMA**

CENTRO DE PESQUISAS OFTALMOLÓCAS do CARIRI CEARENSE, Crato — Saneamento ocular do Cariri (Itaytera, Crato, 5: 124, 1959).

CONDE, Hermínio de Brito — Antiguidade do tracoma no nordeste (Itaytera, Crato, 9: 22, 1963-4).

CONDE, Hermínio de Brito — Aspectos administrativos da prevenção, etc. (Itaytera, Crato, 8: 85-95, 1962).

CONDE, Hermínio de Brito — O nordeste e o oriente médio (Itaytera, Crato, 6: 129-140, 1960).

LOSSIO, Rubens Gondim — Campanha piloto de UDAS contra o tracoma do caririense (Itaytera, Crato, 7: 13-58, 1961).

MONTEIRO, Pinheiro — O Cariri através da medicina (Itaytera, Crato, 2: 65-85, 1956).

**TURISMO**

AQUINO, J. Lindemberg de — Fomento ao turismo no Cariri (Itaytera, Crato, 6: 79-82, 1960).

AQUINO, J. Lindemberg de — Turismo no Cariri (Itaytera, Crato, 5: 87-92, 1959).

**VARIOLA**

MONTEIRO, Pinheiro — O Cariri através da medicina (Itaytera, Crato, 2: 65-85, 1956).

**VIRGEM MARIA**

LOSSIO, Rubens — Nossa Senhora da Penha, padroeira do Crato (Itaytera, Crato, 6: 15-68; 77-78, 1960).

# REVISTA "ITAYTERA"

(v. 1 - 9)

## INDICE DOS AUTORES

- ... — O sofrimento de Alencar em 1817... (Itaytera, Crato, 4: 104-5, 1958)
- A. A. — Correção de equívocos (Itaytera, Crato, 6: 111, 1960).
- ALCANTARA, José Denizard Macêdo de — O poeta Ludgero — primeiro  
lira cratense (Itaytera, Crato, 7: 107-110, 1961)
- ALCANTARA, José Denizard Macêdo de — Vida do brigadeiro Leandro  
Bezerra Monteiro (Itaytera, Crato, 3: 86-98, 1957).
- ALENCAR, Adauto—Imprevidência (poesia) Itaytera, Crato, 6: 109, 1960).
- ALENCAR, José Arrais de — Excerptos de um vocabulário latino  
(Itaytera, Crato, 3: 201-204, 1957).
- ALENCAR, Juarez — A Dança do tempo (Poesia) (Itaytera, Crato, 8:  
83-84, 1962).
- ALENCAR, Levino de — Frei Carlos e D. Barbara (Itaytera, Crato, 3:  
78-81, 1957).
- ALENCAR, Meton Soares de — D. Maria Arnaldina de Alencar (Itaytera,  
Crato, 5: 195-199, 1959).
- ALENCAR, Tristão Gonçalves Pereira de **Ver** **A**  
Araripe, Tristão Gonçalves de Alencar.
- ALL RIGHT — Rapaduras (Itaytera, Crato, 5: 183-184, 1959).
- ALVES, José Waldesley—Poema da China (Itaytera, Crato, 8: 68-69, 1962)
- ALVES de OLIVEIRA — Sacerdotiza (Itaytera, Crato, 9: 109, 1963-4).
- ANJOS, Nelson da Franca Ribeiro dos — Síntese histórica da geologia da  
Chapada do Araripe (Itaytera, Crato, 8: 132-138, 1962).
- ANSELMO, Otacílio ver SILVA, Otacílio Anselmo e
- AQUINO, J. Lindemberg de — Cimento do Cariri (Itaytera, Crato, 8: 38-  
41, 1962).
- AQUINO, J. Lindemberg de — Fomento ao turismo no Cariri  
(Itaytera, Crato, 6: 79-82, 1960).
- AQUINO, J. Lindemberg de — Município do Crato comemorou condigna-  
mente o seu centenário (Itaytera, Crato, 9: 102-104, 1963-4).
- AQUINO, J. Lindemberg de — Museu do Crato (Itaytera, Crato, 1:  
57, 1955).
- AQUINO, J. Lindemberg de — Turismo no Crato (Itaytera, Crato, 5:  
87-92, 1959).
- AQUINO, J. Lindemberg de — Vicente, êsse desconhecido  
(Itaytera, Crato, 2: 137-141, 1956).
- AQUINO, J. Lindemberg de — Valorização do Cariri (Itaytera, Crato, 3:  
187-189, 1957).
- AQUINO, M. Patrício de — Não importa (Itaytera, Crato, 7: 193, 1961).

- ARARIPE, Antônio de Alencar — Os Alencares no Parlamento nacional (Itaytera, Crato, 5: 136, 1959).
- ARARIPE, Antônio de Alencar — A família do Pau-Sêco (Itaytera, Crato, 6: 190-196, 1960).
- ARARIPE, Antônio de Alencar — Centenário da cidade do Crato (Itaytera Crato, 4: 175-179, 1958).
- ARARIPE, Antônio de Alencar — Cícero Franklin de Lima (Itaytera, Crato, 8: 96-100, 1962).
- ARARIPE, Antônio de Alencar — Excerto de discurso (Itaytera, Crato, 7: 159-160, 1961).
- ARARIPE, Antônio de Alencar — Possibilidades econômicas do Cariri (Itaytera, Crato, 5: 151-157, 1959).
- ARARIPE, Antônio de Alencar — A profissão de advogado (Itaytera, Crato, 4: 157-158, 1958).
- ARARIPE, Antônio de Alencar — Senador Alencar (Itaytera, Crato, 6: 113-115, 1960).
- ARARIPE, Gualter Martiniano de Alencar Ver Exu, Gualter Martiniano de Alencar Araripe, Barão de
- ARARIPE, Jósio de Alencar — Os páus de arara e a colonização no Paraná (Itaytera, Crato, 5: 179-181, 1959).
- ARARIPE, Tristão de Alencar (10.º do nome na família) — Os Alencares — ardorosos campeões do sentimento nativista e da emancipação política do Brasil. (Itaytera, Crato, 9: 111-129, 1964).
- ARARIPE, Tristão de Alencar — Ana Triste (Itaytera, Crato, 9: 123-125, 1963-4).
- ARARIPE, Tristão de Alencar — Barbara de Alencar (Itaytera, Crato, 9: 77-80, 1963-4).
- ARARIPE, Tristão de Alencar (8.º do nome) — A família Alencar (Itaytera, Crato, 8: 139, 1962).
- ARARIPE, Tristão Gonçalves de Alencar — José Martiniano de Alencar (Itaytera, Crato, 9: 120-122, 1963-4).
- ARARIPE, Tristão de Alencar — Tristão de Alencar Araripe (2.º nome: (Itaytera, Crato, 9: 125, 1963-4).
- ARARIPE, Tristão de Alencar — Araripe Junior (Itaytera, Crato, 9: 128-9, 1963-4).
- ARARIPE, Tristão de Alencar — Tristão de Alencar Araripe Junior (Itaytera, Crato, 9: 128-9, 1963-4).
- ARARIPE, Tristão de Alencar — Tristão Gonçalves de Alencar Araripe (Itaytera, Crato, 9: 111-2, 1963-4).
- ARARIPE, Tristão Gonçalves de Alencar — Senador José Martiniano de Alencar (Itaytera, Crato, 9: 113-120, 1963-4).
- ARAUJO, Antônio Gomes de — À margem da história do Ceará (Itaytera, Crato, 8: 5-19, 1962).
- ARAUJO, Antônio Gomes de — Ata da inauguração da vila de Brejo Santo (Itaytera, Crato, 1: 72-74, 1955).

- ARAUJO, Antônio Gomes de — Apostolado do embuste Itaytera, Crato, 2: 3-63, 1956).
- ARAUJO, Antônio Gomes de—A Bahia nas raízes do Cariri (Itaytera, Crato, 1: 3-47, 1955).
- ARAUJO, Antônio Gomes de — Em defesa da memória de Barbara de Alencar (Itaytera, Crato, 7: 9-12, 1961).
- ARAUJO, Antônio Gomes de — A heroína Barbara de Alencar (Itaytera, Crato, 9: 7-12, 1963-4).
- ARAUJO, Antonio Gomes de — O Instituto, Frei Carlos e o Jardim da praça da Sé (Itaytera, Crato, 1: 162-163, 1955).
- ARAUJO, Antônio Gomes de—Os intelectuais do Crato falam sôbre o Cariri e suas lutas seculares (Itaytera, Crato, 1: 103-106, 1955).
- ARAUJO, Antônio Gomes de — O Magnífico Reitor da U. do Ceará (Itaytera, Crato, 5: 9-17, 1959).
- ARAUJO, Antônio Gomes de — 1817 no Cariri (Itaytera, Crato, 7: 79-102; 118, 1961).
- ARAUJO, Antônio Gomes de — Mitos e realidades. O mito de Frei Fidelis (Itaytera, Crato, 6: 7-16, 1960).
- ARAUJO, Antônio Gomes de — Nota genealógica. Os Furtado Leite (Itaytera, Crato, 3: 211, 1957).
- ARAUJO, Antônio Gomes de — Padre Pedro Ribeiro da Silva (Itaytera, Crato, 4: 3-37, 1958).
- ARAUJO, Antônio Gomes de — Qual a versão certa da casa onde nasceu o Padre Cicero? (Itaytera, Crato, 5: 141-144, 1959).
- ARAUJO, Antônio Gomes de — Raízes sergipanas (Itaytera, Crato, 3: 6-41, 1957).
- ARAUJO, Antônio Gomes de — Roteiro genealógico da família Coêlho de Barbalha (Itaytera, Crato, 1: 163-164, 1955).
- ARAUJO, Antônio Gomes de — Os 21 de 17 (Itaytera, Crato, 3: 237-240, 1957).
- ARRAIS, Raimundo Monte — D. Manuel Monteiro (Itaytera, Crato, 5: 117-120, 1959).
- ASSUNÇÃO, Onório Francisco **VER** VILANOVA, Onório

## B

- BALTAR, Arnauld — Reminiscências (Itaytera, Crato, 1: 42 b, 1955).
- BANTIM, José de Paula — Rápidos traços da vida de um grande homem (Itaytera, Crato, 4: 159-163, 1958).
- BARBOSA, Teodorico — O fortalecimento do capital (Itaytera, Crato, 1: 81-2, 1955).
- BATISTA, Cícero Roma **Ver** PADRE CICERO
- BEZERRA, Antônio **Ver** MENEZES, Antônio Bezerra de
- BIBLIOGRAFIA, NOTAS, COMENTÁRIOS (Itaytera, Crato, 4: 143-154; 180-181, 1958).

- BORGES, Raimundo de Oliveira — Conflito de leis (Itaytera, Crato, 1 : 155 - 6, 1955).
- BORGES, Raimundo de Oliveira — Discurso... (Itaytera, Crato, 7 : 135 - 9, 1961).
- BRAGA, Julio — Da missão do jornalista no interior, etc. (Itaytera, Crato, 8 : 194 - 204, 1962).
- BRASIL. CONGRESSO. CÂMARA dos DEPUTADOS — Requerimento n.º 336, de 1953 (Itaytera, Crato, 1 : 60, 1955).
- BRIGIDO, João — Almirante Alexandrino de Alencar (Itaytera, Crato, 9 : 131, 1963 - 4).
- BRITO, J. B. — Nostalgia de passarinho (Itaytera, Crato, 7 : 161-162, 1961)
- BRITO, J. B. — Tipos populares do Crato antigo (Itaytera, Crato, 2 : 259 - 264, 1956).
- BRITO, José de Figueirêdo — A contribuição dos romeiros no construção econômica do Cariri (Itaytera, Crato, 2 : 227 - 229, 1956).
- BRITO, José de Figueiredo — Maxixes & Malabares (Itaytera, Crato, 5 : 37 - 58, 1959).

## C

- CABRAL, Kleber Maia — O interêsse (Itaytera, Crato, 7 : 76 - 78, 1961).
- CALLOU, Antônio Marchet — Barbalha (Itaytera, Crato, 5 : 126 - 133, 1959)
- CALLOU, Antônio Marchet — A palmeira do Caldas (Itaytera, Crato, 4 : 143, 1958).
- CAMPO ALEGRE Ver BEBEDOURO
- CAMPOS, Augusta — Quadras (Itaytera, Crato, 6 : 67, 1960).
- CARVALHO, Francisco Givaldo Peixoto de — Considerações à margem da industrialização do nordeste (Itaytera, Crato, 7 : 70 - 75, 1961).
- CARVALHO, Francisco Givaldo Peixoto de — Da significação de Brasília. Aspecto político e econômico (Itaytera, Crato, 6 : 117 - 121, 1960).
- CARVALHO, Francisco Givaldo Peixoto de — Não ser sôbre Brasília (Itaytera, Crato, 9 : 58, 1963 - 4).
- CARVALHO, José — Inverno Cearense (Itaytera, Crato, 4 : 115, 1958).
- CARVALHO, José — Origem da família Alencar no Brasil (Itaytera, Crato, 3 : 227 - 230, 1957).
- CARVALHO, José — Páginas escolhidas de um escritor cratense (Itaytera, Crato, 1 : 97 - 99, 1955).
- CARVALHO, Otacílio Pereira de — Mulher perdida (Itaytera, Crato, 4 : 123, 1958).
- CARVALHO, Teles de — Novo livro de José de Figueirêdo Filho (Itaytera, Crato, 4 : 141, 1958).
- CAVALCANTI, José de Siqueira — A grandeza de nossa pequenez (Itaytera, Crato, 9 : 27 - 28, 1963 - 4).
- CEARÁ — UNIVERSIDADE — FACULDADE de FILOSOFIA do CRATO -- ATIVIDADES (Itaytera, Crato, 6 : 158-159, 1960; 7 : 184-185, 1961; 5 a 63, 1962).



- CENTRO de PESQUISAS OFTALMOLÓGICAS do CARIRI CEARENSE, Crato—  
Saneamento ocular do Cariri (Itaytera, Crato, 5: 124, 1959).
- COELHO, Antônio C. — Aspectos e curiosidades do Cariri (Itaytera, Crato, 7: 124-128, 1961).
- COELHO, Antônio C. — Centro de melhoramento de Barbaça (Itaytera, Crato, 5: 99-102, 1959).
- COELHO, Antônio C. — Município padrão (Itaytera, Crato, 6: 200, 1960).
- COELHO, Antônio C. — Possibilidades econômicas da região (Itaytera, Crato, 4: 95-98, 1958).
- CONDE, Hermínio de Brito — Antiguidade do tracoma no nordeste (Itaytera, Crato, 9: 5-22, 1963-4).
- CONDE, Hermínio de Brito — Aspectos administrativos da prevenção, etc. (Itaytera, Crato, 8: 85-95, 1962).
- CONDE, Hermínio de Brito — O nordeste e o oriente médio (Itaytera, Crato, 6: 129-140, 1960).
- CONGRESSO de JORNALISTAS do INTERIOR, 1.º — Participantes do 1.º congresso. (Itaytera, Crato, 6: 188-9, 1960).
- COUTO, Francisco — Mons. José Coêlho de F. Rocha (Itaytera, Crato, 4: 165-168, 1958).
- CRATO. CÂMARA MUNICIPAL — ATAS da... (Itaytera, Crato, 5: 147 e 158; 182, 184, 194, 1959).
- CRATO. Diocese — Carta pastoral de D. Vicente... (Itaytera, Crato, 7: 168-9, 1961).
- CRATO. Prefeitura — Atas da Câmara (Itaytera, Crato, 194-200, 1958).

## D

- DADOS SOBRE o Dr. MANUEL RODRIGUES MONTEIRO (Itaytera, Crato, 5: 121-123, 1959).
- DAVID, Robert — A voz da imprensa (Itaytera, Crato, 4: 164, 1958).
- DUARTE JUNIOR — Clovis Beviláqua (Itaytera, Crato, 5: 19-30, 1959).
- DUARTE JUNIOR — Congresso pioneiro (Itaytera, Crato, 6: 66-75, 1961).
- DUARTE JUNIOR — De Recife a Paulo Afonso (Itaytera, Crato, 3: 55, 1957).
- DUARTE JUNIOR — In memoriam (Itaytera, Crato, 1: 61-71, 1955).
- DUARTE JUNIOR — Presente de Natal (Itaytera, Crato, 7: 104-107, 1961).
- DUARTE JUNIOR — Solidarísticas (Itaytera, Crato, 4: 185, 1958).
- DUARTE JUNIOR — Urnas de 1962 (Itaytera, Crato, 8: 111-114, 1962).
- DUTRA, Pedro Gonçalves — Município de Bom Jesus de Itabapora (Itaytera, Crato, 5: 145-146, 1959).

## E

- ELESBÃO, Raimundo — O itinerário da vida (Itaytera, Crato, 8: 64, 1962).
- ELESBÃO, Raimundo — Trinados da minha musa (Itaytera, Crato, 8: 53, 1962).

## F

- FEITOSA, Antônio sac. — Últimos versos (Itaytera, Crato, 9: 108, 1963-4).
- FEITOSA, Antônio — O papel da Igreja Católica no desenvolvimento... (Itaytera, Crato, 1: 143-146, 1955).
- FEITOSA, Carlos — No tempo dos coroneis. Um touro da ponta baixa tresmalhado... (Itaytera, Crato, 9: 87-90, 1963-4).
- FERREIRA, Pedro — Crato (Itaytera, Crato, 5: 8, 1959).
- FERREIRA, Pedro — Fortaleza (Itaytera, Crato, 3: 53, 1957).
- FERREIRA, Pedro — Mãe (Itaytera, Crato, 2: 142, 1956).
- FERREIRA, Pedro — Palmeiras da Ibiapaba (Itaytera, Crato, 8: 23-24, 1962).
- FERREIRA, Pedro — Romance Sintético (Itaytera, Crato, 9: 147, 1963-4).
- FIGUEIRÉDO, José Alves de—Horácio Jácome (Itaytera, Crato, 2: 64, 1956).
- FIGUEIRÉDO, José Alves de — Itaytera (Itaytera, Crato, 1: 100-102, 1955).
- FIGUEIRÉDO, José Alves de — No Crato (Itaytera, Crato, 3: 47, 1957).
- FIGUEIRÉDO, José Alves de — Quimera (Itaytera, Crato, 9: 130, 1963-4).
- FIGUEIRÉDO José Alves de — Sertanejo Cearense (Itaytera, Crato, 5: 138, 1959).
- FIGUEIRÉDO, José Alves de — Soneto (Itaytera, Crato, 4: 94, 1958).
- FIGUEIRÉDO, José Alves de — Trovas (Itaytera, Crato, 6: 157, 1960).
- FIGUEIRÉDO, Zuleica — Coisas que se foram (Itaytera, Crato, 9: 109, 1963-4).
- FIGUEIRÉDO FILHO, J. de — "Algo da minha vida" livro que nos encanta (Itaytera, Crato, 7: 174-5, 1961).
- FIGUEIRÉDO FILHO, J. de — Apresentando o Cariri na Casa do Ceará, no Rio (Itaytera, Crato, 9: 55-57, 1963-4).
- FIGUEIRÉDO FILHO, J. de — Bandas cabaças do Cariri (Itaytera, Crato, 1: 107-112, 1955).
- FIGUEIRÉDO FILHO, J. de — Brasil do chapéu de couro (Itaytera, Crato, 9: 82-84, 1963-4).
- FIGUEIRÉDO FILHO, J. de — 10 anos de lutas (Itaytera, Crato, 8: 3-4, 1962).
- FIGUEIRÉDO FILHO, José de — D. Vicente escolhido terceiro bispo do Crato (Itaytera, Crato, 6: 123-124, 1960).
- FIGUEIRÉDO FILHO, J. de — Encruzilhada de destinos (Itaytera, Crato, 5: 135, 1959).
- FIGUEIRÉDO FILHO, J. de — Explicando (Itaytera, Crato, 1: 1-2, 1955).
- FIGUEIRÉDO FILHO, J. de — Feira — Retrato econômico do Crato (Itaytera, Crato, 2: 90-103, 1956).
- FIGUEIRÉDO FILHO, José de — Flagrantes do ensino no momento atual (Itaytera, Crato, 3: 104-112, 1957).
- FIGUEIRÉDO FILHO, J. de — O folclore no Cariri (Itaytera, Crato, 8: 122-123, 1962).
- FIGUEIRÉDO FILHO, J. de — Homenagem a heroína de 1817 Barbara de Alencar (Itaytera, Crato, 8: 25-28, 1962).

- FIGUEIREDO FILHO, José de — Influência do Crato... (Itaytera, Crato, 7: 170 - 173, 1961).
- FIGUEIRÊDO FILHO, J. de — A jornada prossegue incentivada pelas primeiras vitórias (Itaytera, Crato, 2: 1, 1956).
- FIGUEIRÊDO FILHO, J. de — O jumento, nosso irmão (Itaytera, Crato, 9: 98, 1963 - 4).
- FIGUEIREDO FILHO, J. de — O negro e o garimpo em Minas Gerais (Itaytera, Crato, 9: 97, 1963 - 4).
- FIGUEIRÊDO FILHO, J. de — Poucas palavras neste terceiro número (Itaytera, Crato, 3: 1, 1957).
- FIGUEIRÊDO FILHO, J. de — Renasce pujante o rico folclóre cariense (Itaytera, Crato, 4: 1 - 2, 1958).
- FIGUEIRÊDO FILHO, J. de — Representantes fósseis (Itaytera, Crato, 5: 3 - 8, 1959).
- FIGUEIRÔ, Xéco pseud. de Agilberto Freire — Tropeando (Itaytera, Crato, 4: 81 - 88, 1958).
- FIGURAS REPRESENTATIVAS da Vila do Crato quando passou à categoria de cidade — 1853 (Itaytera, Crato, 1: 55 - 6, 1955).
- FILGUEIRAS, Djanira — Tristeza (Itaytera, Crato, 9: 28, 1963 - 4).
- FILGUEIRAS LIMA, Antônio de — Carta do Professor... (Itaytera, Crato, 9: 110, 1963 - 4).
- FREIRE, Agilberto **Ver** FIGUEIRÔ, Xéco
- FREITAS, Antônio Barbosa de — Ave Libertas (Itaytera, Crato, 2: 104 - 105, 1956).
- FURTADO, Dolores — Mucuripe (Itaytera, Crato, 9: 146, 1963 - 4).

## G

- GALENO, Juvenal — Tristão de Alencar (Itaytera, Crato, 4: 38-39, 1958).
- GIRÃO, Eduardo Henrique — Carta dirigida ao Cel. Raimundo Teles Pinheiro (Itaytera, Crato, 8: 124 - 125, 1962).
- GIRÃO, Raimundo — Itaytera (Itaytera, Crato, 5: 134, 1959).
- GIRÃO, Raimundo — O Padre Serafim Leite e a fundação de Fortaleza (Itaytera, Crato, 8: 70 - 79, 1962).
- GOMES de MATOS, Celso — O camêlo do sertão (Itaytera, Crato, 3: 191 - 195, 1957).
- GOMES de MATOS, Celso — O Cel. José Belém de Figueiredo (Itaytera, Crato, 7: 129 - 134, 1961).
- GOMES de MATOS, Celso — Centenário do Cel. Antônio Luiz (Itaytera, Crato, 9: 43 - 46, 1963 - 4).
- GOMES de MATOS, Celso — João Brígido (Itaytera, Crato, 2: 132 - 6, 1956)
- GOMES de MATOS, Celso — Padre Cícero — o incompreendido (Itaytera, Crato, 1: 83 - 89, 1955).
- GOMES de MATOS, Celso — O Padre Vicente Soter (Itaytera, Crato, 6: 83 - 87, 1960).

- GOMES de MATOS, Celso — Pedro Peixoto e Zuza da Botica (Itaytera, Crato, 5: 79-82, 1959).
- GOMES de MATOS, Pedro — Augusto dos Anjos (Itaytera, Crato, 3: 129, 1957).
- GRANJA, Sinharinha — Sítio Granjeiro (Itaytera, Crato, 8: 34-35, 1962).
- GRANJA, Sinharinha — Petrolina (Itaytera, Crato, 9: 85-86, 1963-4).

## H

- HOLANDA, J. — Lendários (Itaytera, Crato, 8: 54, 1962).
- HOLANDA, JOSÉ de MORAIS — Engaste de duas pérolas (Itaytera, Crato, 6: 169, 1960).
- HOLANDA, José de Morais—Gleba alcantilada (Itaytera, Crato, 7: 59, 1961)
- HORÁCIO, Gustavo — Descrição da cidade do Crato em 1892 (Itaytera, Crato, 5: 165-171, 1959).

## I

- INSTITUTO CULTURAL DO CARIRI, Crato—Ata da Assembléia geral do I. C. para a eleição de sua nova Diretoria (Itaytera, Crato, 4: 203-204, 1958)
- INSTITUTO CULTURAL DO CARIRI, Crato — Ata da sessão de fundação e instalação (Itaytera, Crato, 1: 179-180, 1955).
- INSTITUTO CULTURAL DO CARIRI, Crato — Estatutos (Itaytera, Crato, 1: 181-188, 1955).
- INSTITUTO CULTURAL do CARIRI, Crato — Fôram multiplas as atividades do... (Itaytera, Crato, 6: 3-6, 1960).
- INSTITUTO HISTÓRICO de VITORIA de SANTO ANTÃO — O Barão de EXU (Itaytera, Crato, 4: 171-172, 1958).
- ITAYTERA — Antônio Pinheiro Filho (Itaytera, Crato, 7: 152-153, 1961).

### PIQUI

- ITAYTERA — Comemorações em Crato do Centenário do Barão de Studert (Itaytera, Crato, 2: 88-89, 1956).
- ITAYTERA — Estado do Cariri (Itaytera, Crato, 3: 176-180, 1957).

## J

- J. F. F. — O negro e o garimpo em Minas Gerais (Itaytera, Crato, 9: 97, 1963-4)
- JURANDI — Alguns poemas de Jurandi (Itaytera, Crato, 9: 134-5, 1963-4).

## L

- LEITE, José Marques — Crato te saluto (Itaytera, Crato, 7: 5-6, 1961)
- LOSSIO, Rubens — A Igreja na formação do Crato (Itaytera, Crato, 1: 150-153, 1955).
- LOSSIO, Rubens — Nossa Senhora da Penha de França, Padroeira do Crato (Itaytera, Crato, 6: 15-68; e 77-78, 1960).
- LEANDRO da BARRA, VER CASTRO, Custodio de Oliveira e

- LEÃO, Mucio — Cronistas da Revolução de 1817 (Itaytera, Crato, 3: 231 - 235, 1957).
- LEITE MARANHÃO, José — Família do Coité (Itaytera, Crato, 3: 99 - 102, 1957).
- LIMA, Cícero Franklin de Alencar Ver Lima, Cícero Franklin de LIMA JUNIOR, Felix — Pedidos de festas (Itaytera, Crato, 9: 47-52, 1963-4)
- LIMA JUNIOR, Felix — Presidente Epitacio Pessoa (Itaytera, Crato, 5, 59 - 62, 1959).
- LINHARES, AUGUSTO — Aspiração (Itaytera, Crato, 4: 106, 1958).
- LINHARES, Maria Luiza — Notícia histórica sôbre o município de Jardim (Itaytera, Crato, 3: 61 - 77, 1957).
- LOBO, G. — Sonêto (Itaytera, Crato, 9: 144, 1963-4)
- LOPES, José de Ribamar — Carretão (Itaytera, Crato, 4: 54-55, 1958).
- LOSSIO, Moacir Gondim — Isto é Crato (Itaytera, Crato, 2: 150-178, 1956).
- LOSSIO, Rubens Gondim — Campanha piloto de UDAS contra o tracoma do caririense (Itaytera, Crato, 7: 13 - 58, 1961).
- LUCENA, Raimundo — A razão do trabalhador caririense e a cárie dentária (Itaytera, Crato, 2: 255 - 7, 1956).
- LUETZELBURG, Ph. von — Nomes de algumas plantas (Itaytera, Crato, 6: 181 - 186, 1960).

## M

- MACÊDO, Maria Alaide — Amizades valiosas (Itaytera, Crato, 2: 144, 1956)
- MAJOR OTAVIANO CICERO DE ALENCAR ARARIPE (Itaytera, Crato, 9: 91 - 94, 1963 - 4).
- MARANHÃO, José Leite Ver LEITE MARANHÃO, José
- MARTINS, Carlyle — Manhã no Caldas (Itaytera, Crato, 1: 48, 1955).
- MATOS, FLORIVAL — Crato e o seu primeiro cinema (Itaytera, Crato, 1: 148 - 149, 1955).
- MATOS, J. Jaguaribe — Cidade do Crato (Itaytera, Crato, 9: 80, 1962).
- MELO, Luiz Gonzaga de — Carta ao Tte. Cel. Raimundo Teles Pinheiro (Itaytera, Crato, 6: 88, 1960).
- MENEZES, Bruno de — Crenças e mitos dos aborígenes (Itaytera, Crato, 3: 113, 1957).
- MENEZES, Bruno de — Do Rio para Itaytera (Itaytera, Crato, 4: 182, 1958)
- MENEZES, Bruno de — Mestre José Fernandes (Itaytera, Crato, 9: 99 - 100, 1963 - 4)
- MENEZES, Bruno de — Uma parcela da família Menezes do Cariri (Itaytera, Crato, 5: 173 - 178, 1959).
- MENEZES, Djacir — Carta (Itaytera, Crato, 5: 176, 1959).
- MENEZES, DJACIR — A economia e a ciência política (Itaytera, Crato, 4: 112 - 115, 1958).
- MENEZES, PAULO ELPIDIO de — Fortaleza de 1897 (Itaytera, Crato, 5: 137 - 138, 1959).

- MENEZES, Paulo Elpídio de — Gomes de Matos (Itaytera, Crato, 8 : 81 - 82, 1962).
- MENEZES, Paulo Elpídio de — Nos domingos em Juazeiro — 1891 — 1892 (Itaytera, Crato, 4 : 188 - 190, 1958).
- MENEZES, Paulo Elpídio de — A música do mestre Belinho (Itaytera, Crato, 7 : 62 - 63, 1961).
- MONTEIRO — Relembrando o Cariri (Itaytera, Crato, 8 : 43 - 52, 1962).
- MONTEIRO, Elisabeth Barbosa — Uma noite a espera de Lampião (Itaytera, Crato, 3 : 207, 1957).
- MONTEIRO, João Dantas — A bravura de um jovem (Itaytera, Crato, 8 : 36 - 7, 1962).
- MONTEIRO, João Dantas — Despertando (Itaytera, Crato, 6 : 128, 1960).
- MONTEIRO, João Dantas — A justiça (Itaytera, Crato, 7 : 134, 1961).
- MONTEIRO, Olga de Lacerda — Serra do Araripe (Itaytera, Crato, 8 : 33, 1962).
- MONTEIRO, PINHEIRO — Antônio Bezerra de Menezes (Itaytera, Crato, 5 : 63 - 78, 1959).
- MONTEIRO, Pinheiro — O Cariri através da medicina (Itaytera, Crato, 2 : 65 - 85, 1956).
- MONTEIRO, PINHEIRO — Relembrando o Cariri (Itaytera, Crato, 8 : 43 - 52, 1962).
- MONTENEGRO, Abelardo Fernando — O ceticismo criador (Itaytera, Crato, 3 : 43 - 45, 1957).
- MONTENEGRO, Abelardo Fernando — Emancipação econômica do Ceará (Itaytera, Crato, 2 : 106 - 109, 1956).
- MORAIS, Meton Barreto de — Canção de Pai Joaquim (Itaytera, Crato, 2 : 185 - 186, 1956).
- MOTA, MAURO — Engenhos de rapadura do Cariri (Itaytera, Crato, 6 : 171 - 173, 1960).
- MOTA, Moacir — O Barão de Studart (Itaytera, Crato, 2 : 251-252, 1956).
- MOTA, Valdetário Pinheiro — Carta do dr... (Itaytera, Crato, 9 : 105, 1963 - 4).
- MOTA, Valdetário Pinheiro — O Direito no antigo testamento (Itaytera, Crato, 5 : 158 - 164 e 172, 1959).

## N

- NASCIMENTO, F. S. — Um capítulo do devassamento do Cariri (Itaytera, Crato, 5 : 31 - 35, 1959).
- NASCIMENTO, F. S. — A conquista do Cariri (Itaytera, Crato, 7 : 119 - 123, 1961).
- NASCIMENTO, F. S. — Considerações sobre o étimo "Itaytera" (Itaytera, Crato, 3 : 199, 1957).
- NASCIMENTO, F. S. — Esboço da evolução literária do Crato (Itaytera, Crato, 4 : 65 - 70, 1958).
- NASCIMENTO, F. S. — O folclore no mundo social da criança (Itaytera, Crato, 8 : 205 - 209, 1962).

- NASCIMENTO, F. S. Fragmentos da crônica literária de Jardim (Itaytera, Crato, 1: 49-50, 1955).
- NASCIMENTO, F. S. — Kacildo (Itaytera, Crato, 5: 150-151, 1959).
- NASCIMENTO, F. S. — A Universidade que mais cresce no Brasil (Itaytera, Crato, 6: 150-157, 1960).
- NOBRE, Manoel — O ébrio (Itaytera, Crato, 8: 79, 1962).
- NUNES, J. Belizário — Abôio: gemido e canção (Itaytera, Crato 9: 136-138, 1963-4).

## O

- OLIVEIRA, Alves de Ver ALVES de OLIVEIRA
- OLIVEIRA, José Siebra de — Tormenta e bonança (Itaytera, Crato, 8: 168, 1962).
- ONOFRE, Hariberto Xavier — Aspectos histórico-jurídicos da greve (Itaytera, Crato, 4: 45-53, 1958).
- OSÓRIO, Plínio — Palestra de... (Itaytera, Crato, 4: 191-193, 1958).

## P

- PATATIVA, isto é, Antônio Gonçalves da Silva, chamado — Minha sodade (Itaytera, Crato, 8: 118-121, 1962).
- PATATIVA, — Ingem de ferro (Itaytera, Crato, 9: 59, 1963-4).
- PAULA ALVES, Corizande — Aparecida de os bancos da praça (Itaytera, Crato, 9: 145, 1963-4).
- PEIXOTO, Francisco Givaldo — A arte e a paz (Itaytera, Crato, 9: 25, 1963-4).
- PEREIRA, Antônio Levy Epiácio — Carta aos que sofrem (Itaytera, Crato, 3: 83, 1957).
- PEREIRA, Antônio Levy Epiácio — O Crato visto de cima (Itaytera, Crato, 1: 116-117, 1956).
- PEREIRA, Manoel — O meu Brasil (Itaytera, Crato, 4: 103, 1958).
- PEREIRA, Manoel — Vocaçào (Itaytera, Crato, 3: 85, 1957).
- PEREIRA, Pedro — Santa Quitéria (Itaytera, Crato, 9: 130, 1963-4).
- PIMENTA, Joaquim—Canaan em terra sêca (Itaytera, Crato, 5: 94-97, 1959)
- PIMENTA, Joaquim — O cangaceirismo nordestino (Itaytera, Crato, 3: 243-5, 1957).
- PIMENTA, Joaquim — Uma revolução no ensino universitário (Itaytera, Crato, 7: 60-61, 1961).
- PIMENTA, Joaquim — Um túmulo que se abre sôbre a história (Itaytera, Crato, 6: 161-167, 1960).
- PINHEIRO, Raimundo Teles — Aspectos administrativos do Crato de 1870 (Itaytera, Crato, 4: 73-80, 1958).
- PINHEIRO, Raimundo Teles — Discurso pronunciado pelo Cel... na cidade da Crato, em 20-6-55 (Itaytera, Crato, 3: 49-52, 1957).

- PINHEIRO, Raimundo Teles — Idem na Escola Preparatória (Itayera, Crato, 7: 145-148, 1961).
- PINHEIRO, Raimundo Teles — Em que pese o estigma. Eles construíram e conservaram imperecível monumento (Itayera, Crato, 6: 125-126, 1960)
- PINHEIRO, Raimundo Teles — Impressões de uma viagem aos santuários da Europa (Itayera, Crato, 1: 90-96, 1955).
- PINHEIRO, Raimundo Teles — Invazões francesas e holandezas no Brasil (Itayera, Crato, 2: 114-130, 1956).
- PINHEIRO, Raimundo Teles — Saudações a Sampaio (Itayera, Crato, 5: 83-86, 1959).
- PINHEIRO, Raimundo Teles — Saudação a Sampaio (Itayera, Crato, 5: 83-86, 1959).
- O POVO, Fortaleza — O Beato José Lourenço; Opusculo de José Alves de Figueirêdo (Itayera, Crato, 7: 111, 1961).

## Q

- QUEIROZ, Antônio Alves de — Em defesa das florestas (Itayera, Crato, 1: 159-161, 1955).
- QUEIROZ, Antônio Alves de — Floresta nacional Araripe - Apody (Itayera, Crato, 2: 234-244, 1956).
- QUEIROZ, Antônio Alves de — Piqui (Itayera, Crato, 3: 217-218, 1957).
- QUIXADÁ FELICIO — Até logo, meu filho (Itayera, Crato, 5: 139-140, 1959).
- QUIXADÁ FELICIO — O Brasil de sued e jacintos (Itayera, Crato, 2: 86-87, 1956).
- QUIXADÁ FELICIO — Brilha na Universidade da Bahia um filho do Crato (Itayera, Crato, 7: 167-8, 1961).
- QUIXADÁ FELICIO — Carta ao advogado Duarte Junior (Itayera, Crato, 1: 51-54, 1955).
- QUIXADÁ FELICIO — Carta ao meu filho (Itayera, Crato, 4: 71-72, 1958)
- QUIXADÁ FELICIO — O folclóre no Cariri (Itayera, Crato, 8: 57-58, 1962)
- QUIXADÁ FELICIO — Minha bandeja é fria (Itayera, Crato, 6: 141-2, 1960)
- QUIXADÁ FELICIO — Remédio de sangue (Itayera, Crato, 4: 200, 1958).
- QUIXADÁ FELICIO — Teopisto (Itayera, Crato, 3: 185, 1957)

## R

- RÁDIO ARARIPE do CRATO — a líder do Crato (Itayera, Crato, 4: 169-170, 1958).
- REGIÃO do CARIRI a) Antiga divisão administrativa do Cariri, isto é, até 1950 (Itayera, Crato, 5: 200, 1959).
- ROCHA, João Alves — Poemas (Itayera, Crato, 9: 148-149, 1963-4).



## S

- SAMPAIO, Alacoque — A descida da montanha (Itaytera, Crato, 5: 148-149, 1959).
- SAMPAIO, Pedro — Reminiscências (Itaytera, Crato, 2: 111, 1956).
- SAMPSON, Luiz — Fim (Itaytera, Crato, 3: 181, 1957).
- SAMPSON, Luiz — Jornada final (Itaytera, Crato, 6: 150, 1960).
- SAMPSON, Luiz — Pergunta (Itaytera, Crato, 2: 137, 1956).
- SANTOS, João Brígido dos **Ver** BRIGIDO, João
- SCHULTZE, Maria Alayde — Abigail (Itaytera, Crato, 3: 225-6, 1857).
- SIEBRA, Aderson — Duas poesias de... (Itaytera, Crato, 8: 115, 1962).
- SILVA, Antônio Gonçalves da — Ingem de ferro (Itaytera, Crato, 9: 59, 1963-4).
- SILVA, Otacílio Anselmo e — Acêrca de flagelados de 1.ª classe (Itaytera, Crato, 4: 173-174, 1958).
- SILVA, Otacílio Anselmo e — O Ceará na Revolução de 30 (Itaytera, Crato, 1: 118-141, 1955).
- SILVA, Otacílio Anselmo e — 288 dias a serviço da Coluna Prestes (Itaytera, Crato, 3: 117-128, 1957).
- SILVA, Otacílio Anselmo e — Esbôço histórico do município de Brejo Santo (Itaytera, Crato, 2: 187-224, 1956).
- SILVA, Otacílio Anselmo e — Falsos e autênticos super homens (Itaytera, Crato, 9: 23-25, 1963-4).
- SILVA, Otacílio Anselmo e — Fato inédito na vida política do Cariri (Itaytera, Crato, 6: 175-179, 1960).
- SILVA, Otacílio Anselmo e — Fui aspirante ao "Ceú" através da História do Padre Cícero (Itaytera, Crato, 4: 83-93, 1958).
- SILVA, Otacílio Anselmo e — A História do Padre Cícero (Itaytera, Crato, 5: 107-115, 1959; 7: 64-69, 1961).
- SILVA NETO, Francisco Pedro — Ouricuri através de suas tradições (Itaytera, Crato, 3: 219-223, 1957).
- SISNANDO, Jayme — O cinema Paraíso (Itaytera, Crato, 8: 55, 1962).
- SISNANDO, Jaime — Meu Crato (Itaytera, Crato, 1: 147, 1955).
- SISSON, S. A. — José Martiniano de Alencar (Itaytera, Crato, 1: 75-80, 1955)
- SOUSA, Jefferson de Albuquerque — Porque os rotarianos vão comemorar os 20 anos do Rotary Club de Crato (Itaytera, Crato, 3: 197, 1957).
- SOUSA, José Newton Alves de—Velho solar (Itaytera, Crato, 9: 133, 1963-4)
- SOUSA, José Newton Alves de — Canaviais (Itaytera, Crato, 3: 103, 1957).
- SOUSA, José Newton Alves de — Poema do riso e da dor (Itaytera, Crato, 5: 8, 1960).
- SOUSA, José Newton Alves de — Poemas (O Senhor morto, Pescaria, Saveiros, Noturno peninsular, S. João (Itaytera, Crato, 6: 143-146, 1960).

- SOUSA, José Newton Alves de — Poemas (Símbolo I, II, III; Transitivo de Deus; Amigos eu vou partir; Casa em silêncio; Missão num sítio (Itaytera, Crato, 7: 154-155, 1961).
- SOUSA, José Newton Alves de — Poemas caririenses (As Lavadeiras, O gado, A Lua e os eucaliptos, O canto dos periquitos, Os Lenhadores, o pastorzinho, A neblina (Itaytera, Crato, 8: 65-67, 1962).
- SOUSA, Silvano, de — Aspectos de uma vida (Itaytera, Crato, 7: 163-66, 1961).
- SOUSA, Silvano de—A nascença do Camêlo (Itaytera, Crato, 8: 20-22, 1962)
- SOUSA, Silvano de — Padre Mestre Ibiapina (Itaytera, Crato, 6: 89-108, 1960).
- STUDART FILHO, Carlos — Martim Soares Moreno — o condutor da guerra da restauração pernambucana (Itaytera, Crato, 4: 124-140, 1958).
- SUCUPIRA, Luiz — Regionalismo construtor (Itaytera, Crato, 4: 183-184, 1958).

## T

- TAVARES, Amarílio Gonçalves — A situação atual e as perspectivas econômicas da indústria da rapadura no Cariri (Itaytera, Crato, 7: 140-44, 1961).
- TAVORA, Fernando, Mal. — Chapada do Araripe (Itaytera, Crato, 1: 142-142<sup>a</sup>, 1955).
- TELES, Joaquim Pinheiro — O professor primário, sua responsabilidade na época atual (Itaytera, Crato, 1: 157-8, 1955).
- TELES, Olga Pinheiro — Palestra (Itaytera, Crato, 4: 116-122, 1958).
- TELES, Joaquim Pinheiro — O professor primário... (Itaytera, Crato, 1: 157-158, 1955).
- TEMÓTEO, Jurandi — O sentimento nativista e a independência (Itaytera, Crato, 6: 146-148, 1960).

## V

- VASCONCELOS, Arnaldo — A "Fênix refractária" (Itaytera, Crato, 5: 102-105, 1959).
- VASCONCELLOS, Francisco — O Bumba-meu-boi em São Luiz do Maranhão (Itaytera, Crato, 9: 35-42, 1963-4).
- VASCONCELLOS, Francisco — Uma itajubense no Crato (Itaytera, Crato, 9: 141, 1963-4).
- VIANA, Ulysses—Instantâneos dos municípios (Itaytera, Crato, 7: 187, 1961)
- VIANA, Ulysses — Municipalismo (Itaytera, Crato, 9: 60-61, 1953-4).
- VIANA, Ulisses — O poeta Aderson (Itaytera, Crato, 4: 99-102, 1956).
- VILANOVA, Onório — Relembrando um herói de Canudos (Itaytera, Crato, 5: 185, 1959).

J. LINDEMBERG DE AQUINO

*Apóstolo do Nordeste*

1 9 6 6



## DEDICATÓRIA

A MEUS PAIS,  
EM CUJO EXEMPLO DE TRABALHO E AMOR A DEUS  
FOI FORMADO UM LAR VERDADEIRAMENTE CRISTÃO

AO EXMO. E REVDMO. SR. BISPO DIOCESANO DO CRATO,  
DOM VICENTE DE PAULO DE ARAUJO MATOS,  
QUE SOUBE COMPREENDER E ENGRANDECER A OBRA DO PE. IBIAPINA

AO DR. JOSE' ALVES DE FIGUEIREDO FILHO,  
ANIMADOR DO NOSSO DESENVOLVIMENTO CULTURAL E MESTRE EM  
NOSSA HISTÓRIA

A MADRE MARIA CARMELINA FEITOSA,  
ATUAL SUPERIORA DA CASA DE CARIDADE DO CRATO,  
CUJA ALMA, CORAÇÃO E CATIVANTE BONDADÉ TRADUZEM BEM O  
IDEAL SONHADO PELO PE. IBIAPINA, PARA O SOCORRO DOS FRACOS,  
POBRES E OPRIMIDOS

À DIOCESE DE SOBRAL,  
NO SEU GLORIOSO CINQUENTENÁRIO.

OFERECE,  
O AUTOR.  
CRATO, ABRIL DE 1966



## Ê S T E L I V R O . . .

O Cariri viu transcórre, em 1964, o centenário da chegada ás suas terras, do famoso Padre Ibiapina. Os meses de Outubro, Novembro e Dezembro de 1864 — há mais de cem anos, portanto — foram cheios de intenso fervor religioso, no sul do Estado, com a presença viva, atuante e luminosa dêsse grande sacerdote, cuja vida é tão cheia de imprevisíveis acontecimentos, e cuja marcante atuação social ainda hoje rende os seus frutos.

Chegou o Padre Ibiapina á cidade de Missão Velha aos 14 dias de Outubro de 1864, sendo suas pregações, as primeiras no Cariri, entre os dias 15 a 24 de Outubro.

No dia 14 de Novembro também de 1864 pregou pela primeira vez em Barbalha. Depois estêve em Porteiras com a sua ação evangelizadôra e social, deixando aquela cidade “entre lágrimas e suspiros”, conforme registra o jornal cratense “O Araripe”. Saiu de Porteiras a 8 de Dezembro de 1864.

No dia 2 de Fevereiro de 1865 inaugurou a Casa de Caridade do Cariri, em Missão Velha, a única que pretendia fundar na região.

Não foi essa a primeira vez que o Padre Ibiapina estêve no Cariri.

Fato curioso — antes estivera em Crato, onde chegou em 1819, garotinho, em companhia do seu pai, que viera exercer o posto de tabelião. E estivera em 1820, ainda garoto, na cidade de Jardim, onde frequentou aulas de Latim.

A sua 3.ª vinda ao Cariri deu-se em 1868, onde fundou a Casa de Caridade do Crato, inaugurada a 7 de Março de 1869. A 28 de Março do mesmo ano inaugurou a Casa de Caridade de Barbalha. E a 29 de Junho de 1869 inaugurou a Casa de Caridade de Milagres.

Associando-se ao vasto programa de comemorações que assinalam o centenário da chegada do Padre Ibiapina ao Cariri, levadas a efeito pela Casa de Caridade do Crato, escrevi êste pequeno escôrço biográfico do venerando Apóstolo dos Sertões, modesta contribuição para conhecimento de sua vida e sua obra. Outro objetivo não tem êste livro.

Não é obra volumosa, apenas um roteiro biográfico do ilustre clérigo, para conhecimento da geração dos nossos dias.

## D A D O S   B I O G R Á F I C O S

JOSÉ ANTONIO MARIA IBIAPINA, filho de Francisco Miguel Pereira Ibiapina, e de sua mulher, Teresa de Jesus Ibiapina, nasceu na Fazenda Morro da Jaibara, Município de Sobral, Ceará, a 5 de Agosto de 1806.

Diz o eminente literato e político cearense, Fernandes Távora :

“Com o nome secular de José Antonio Pereira Ibiapina, iniciou os seus estudos primários na cidade do Icó, onde seu pai passou a exercer o officio de tabelião, e sua clara intelligência lhe proporcionou rápido progresso no domínio das letras.

No Crato, onde chegou em 1819, frequentou apenas aulas e exercícios de religião, ministradas pelo Padre José Manoel Felipe Gonçalves, que julgou haver no discípulo vocação para o sacerdócio”.

Já o historiador brasileiro Alberto Amaral, diz, por sua parte :

“Francisco Miguel Pereira, seu pai, oriundo de uma das principais famílias de Sobral, havia sido destinado, pelos seus ascendentes, á vida sacerdotal. Ultimados os aprestos para a sua viagem rumo ao antigo e tradicional Seminário de Olinda, raptou Teresa Maria de Jesus, desposando-a pouco tempo depois. Sofrendo o novo casal uma grande repulsa dos genitores de Francisco Miguel, resolveu êste afastar-se do seio da família e dedicar-se á vida pastoril e á agricultura, para manter-se independentemente, transferindo, depois, sua residência de Sobral para a povoação de Ibiapina, sôbre a serra da Ibiapaba. Entregou-se então ao magistério, reunindo alguns alunos a quem administrava ensinamentos primários. Retirando-se de Ibiapina, Francisco Miguel guardou tão agradáveis recordações dessa localidade serrana, que resolveu juntar ao seu nome e de todos os seus filhos o daquele lugar, que tão bem o acolhêra” (“História de Sobral”, pág. 284).

A certidão de Batismo de Ibiapina está redigida nos seguintes termos :



“José, filho legítimo de Francisco Miguel Pereira e de Teresa Maria de Jesus, naturais e moradores nesta Freguesia de Sobral, nasceu a 5 de Agosto de 1806, e foi batizado nesta Fazenda do Olho Dagua a 25 do mesmo mês e ano pelo Rvmo. Pe. Antônio Mendes de Mesquita: padrinhos, Joaquim José de Souza e sua mãe Teresa Maria da Conceição; e para constar mandei fazer este assento, em que me assino. O Vigário, José Gonçalves de Medeiros”.

Depois de um ano no Crato (1819 a 1820) Ibiapina seguiu para Jardim, sempre acompanhando o tabelião seu pai. Ali iniciou seus estudos de latim com o renomado latinsita Joaquim Teotônio Sobreira de Melo. Em princípios de 1823 acompanhou sua família para Fortaleza, seguindo depois para Olinda, onde pretendia matricular-se no Seminário daquela cidade, para seguir a carreira eclesiástica.

Deixou o Seminário de Olinda por não lhe agradar o nível moral daquele educandário, que então estava influenciando pelas idéias da Revolução Francesa. Recolheu-se para estudar, no Convento da Madre de Deus.

Enquanto isso, rebentara no Ceará a Revolução de 1824. O seu pai foi fusilado como revolucionário. O seu irmão mais velho sofreu pena de degrêdo, para Fernando de Noronha, onde teve morte trágica, entre os rochedos daquela Ilha. Ibiapina voltou ao Ceará para cuidar da mãe e da família orfã.

Amparado por Martiniano de Alencar, voltou para o Recife, trazendo a família, tendo-a colocado em casa de parentes.

Voltou a se matricular no Seminário—continuando seus estudos—e residindo no Convento de São Bento.

Novamente abandonou os estudos eclesiásticos, matriculando-se em 1828 nos cursos jurídicos de Olinda, onde formou-se pela primeira turma de bachareis.

Graças á sua inteligência e á amizade de político influente, foi nomeado no ano seguinte á formatura para a cadeira de Lente Substituto daquela Escola. No outro ano já lecionava na Cadeira de Direito Natural.

Entre os seus discípulos figuraram Zacarias de Gois e Vasconcelos e João Maurício Vanderley, depois Barão de Cotegipe, duas grandes figuras do Império, o cearense Miguel Fernandes Vieira e o irmão do próprio Ibiapina, João Carlos Pereira Ibiapina.

Por decreto de 12 de Dezembro de 1833 foi nomeado Juiz de Direito e Chefe de Polícia na Comarca cearense de Quixeramobim. Com grande fama, foi o mais votado cearense para Deputado Geral na legislatura 1834 — 1837. Prestou juramento na Câmara do Império em 3 de Maio de 1835.

Voltando ao Ceará, onde pretendia casar-se com Carolina Clarens de Araripe, filha do Presidente da República do Equador, Tristão Gonçalves, sobrinha do Senador Alencar, Presidente do Ceará, soube em Fortaleza que ela fôra raptada e casara com um parente. Reassumiu sua Comarca.

Nunca mais falou em casamento.

Desgostou-se da política e do magistério. Instalou escritório de advogado em Recife, conquistando invejável destaque em sua nova profissão. Passou três anos na cidade de Brejo de Areia, na Paraíba. Em 1850, desgostoso da vida forense, por haver perdido causa justíssima, fechou seu escritório no Recife.

Sua vida era mesmo destinada ao sacerdócio.

Em 18 de Junho de 1857 recebeu ordens de menorista, em 19, subdiaconato, dois domingos depois, o Diaconato, e em 3 de Julho o Presbiterato. No dia 29 de Julho de 1857 celebrava sua primeira Missa no Convento da Madre de Deus.

“Seu sobrenome — diz Fernandes Távora — foi substituído de Pereira para Maria, em homenagem àquela que seria, pelo resto dos seus dias, o soberano motivo do seu culto e a segura inspiração do seu apostolado”.

Ibiapina foi Padre, aos 47 anos de idade, depois de intensa vida mundana e social, e extraordinária atividade parlamentar, de magistério e de fôro.

Depois de ordenado, foi nomeado Vigário Geral Provisor do Bispado e Professor do Seminário de Olinda. Demorou-se pouco nesses cargos. Rejeitou Paróquias e até a mitra episcopal. Queria dedicar-se às missões.

A sua volta ao Cariri deu-se em 1864.

“Em 1864, a convite do Padre Félix Arnaud Formiga, Vigário de Missão Velha, foi ali o Pe. Ibiapina, insigne missionário dos sertões nordestinos, e construiu, em menos de 4 meses, a primeira Casa de Caridade do Cariri, desde os seus fundamentos” (Irineu Pinheiro, in “Cidade do Crato”, pág. 25).

As casas de Caridade, segundo suas palavras "se destinavam a educar meninas orfãs, desvalidas, pensionistas, tendo uma aula para as meninas externas, a curar doentes e pobres, a receber enjeitados e mulheres convertidas".

A êsse Padre, segundo Irineu Pinheiro, atribuíram curas milagrosas. Peregrinou por quase todas as províncias nordestinas, inclusive no Maranhão, deixando enorme saldo de atividade criadôra.

Em virtude de tão fabulosa atividade física e mental, que lhe consumiu 30 anos (sòmente como sacerdote), faleceu o Padre Ibiapina aos 77 anos, 6 meses e 13 dias, no dia 19 de Fevereiro de 1883, ás duas horas da tarde, na Casa de Caridade de Bananeiras, Paraíba.

No dia seguinte, que foi terça feira, ás 6 horas da manhã, foi celebrada missa de corpo presente pelo Vigário José Eufrosino de Maria Ramalho. O seu enterro saiu com grande acompanhamento, ás duas horas da tarde, 24 horas depois da morte.

#### A CASA DE CARIDADE DO CRATO

Entre frondosas mangueiras, num sítio de agua corrente cujo terreno custara 3 contos de réis, fundou e instalou o Padre Ibiapina a Casa de Caridade do Crato, a única que sobrevive, hoje em dia, de sua grande obra, pelo menos no Ceará.

Informa Irineu Pinheiro: "Em 1868 levantou a Casa de Caridade do Crato., que ainda hoje funciona no sítio Pimenta, muito próximo da cidade, comprado ao chefe político conservador Miguel Xavier Henriques de Oliveira. Em 5 de Julho daquele ano subscreveu Miguel Xavier o seguinte documento—"Recebi do Rvmo. Padre Mestre José Antonio de Maria Ibiapina por mão do sr. José Soares Barbosa a quantia de três contos de réis (3:000\$000), importância do Pimenta, que lhe vendi para edificação da Casa de Caridade, cuja escritura lhe passarei a todo tempo que me for pedida. Crato, 5 de Julho de 1868, Miguel Xavier Henriques de Oliveira".

Em seu número de 14 de Março de 1869, assim narrou o hebdomadário cratense "A Voz da Religião no Cariri" a inauguração da Casa de Caridade do Crato:

“A Pátria e a Religião acabam de t er um d esses dias de glória que abrem uma página dourada na história e fazem época, nos anais da vida. Domingo, 7 do corrente, realizou-se o ato pomposo e brilhante da instala o da Santa Casa de Caridade, desta cidade. A importância desta festividade inaugural, a majestade augusta das cerim nias religiosas, a simpatia fascinante do Veneravel Padre Ibiapina atrairam   solenidade um concurso extraordinário, imenso e quase innumer vel. As pompas alegres e festivas do ato, as demonstra es entusiásticas e ovantes do povo, as galas inteiramente novas e belas que revestiram esta solenidade, são outras tantas epopéias ricas e magnificas que fizeram do 7 de Março um dia de glória para a Religião e de felicidade para a Pátria. Bem quiz ramos descrever esta festividade, mas não cabe em nosas fôrças a magnitudo do assunto”.

Continua o aludido jornal: “Neste mesmo dia, depois das cerim nias religiosas do ato, realizou-se um esplêndido e op paro jantar oferecido aos pobres pelo Veneravel Fundador do estabelecimento. Debaixo das pitorescas mangueiras do sítio da Casa de Caridade se estenderam 3 mesas de 110 palmos cada uma, e por 3 vezes foram cheias de todas as qualidades de manjares bem preparados e deliciosos. Os cavalheiros mais grados e distintos do lugar serviram  s mesas e liberalizaram aos mendigos, aos infelizes, aos pobres todas as aten es que se tem para com as altas sociedades.

Houve muita abundância, grande pompa e muito entusiasmo nesta esplêndida festa que realizou de certo modo, o belo sonho da igualdade humana. Segundo um cáculo bem fundado, como julga o senhor tenente coronel Miguel Xavier, comeram mais de mil pessoas neste magnifico banquete que quase nada custou. Sim, êste banquete aquém dos mais lautos jantares da aristocracia, quase nada custou. O povo do Crato s mente sabe como pode ser isto, e o Veneravel Padre Ibiapina, que nada tem de seu, exceto a batina e o breviário, foi o único que p de fazer uma destas festas sem rivais”.

O Primeiro Conselho Consultivo da Casa de Caridade comp s-se do coronel Antônio Luis Alves Pequeno, presidente, Padre Henrique José Cavalcante e José Soares Barbosa. No dia seguinte ao da inaugura o, partiu do Crato para Barbalha o Padre Ibiapina.

No mesmo número do aludido jornal, lê-se, em outras parte :

“No meio das mais vivas saudades e sentidas lágrimas nos disse o adeus da separação o Rvmo. Apóstolo do Cariri Novc, na manhã do dia 8 do corrente. Os serviços da Casa de Caridade de Barbalha e da Capela do Bom Jesus dos Aflitos, que se edifica no Caldas, reclamando a presença do Venerável Padre Mestre Ibiapina, nos privaram do doce e honroso prazer de possuí-lo entre nós por mais tempo. O seu acompanhamento foi muito brilhante e por demais numeroso”.

E' o mesmo historiador Irineu Pinheiro que, em sua obra, O CARIRI, escreve :

“Quinze anos depois, em 19 de Agosto de 1884, escreveu D. Joaquim José Vieira, Bispo do Ceará, no Livro de Tombo da Matriz do Crato as seguintes palavras :

“E' o melhor estabelecimento (A Casa de Caridade do Crato) dos quatro existentes no Vale do Cariri, pois a casa, feita com alguma architectura e ordem está colocada num sítio espaçoso e banhado por uma boa corrente d'agua.

Foi instalada essa Casa no ano de 1869, sendo sua primeira Superiora a religiosa Cecília do Coração de Jesus Ibiapina; o pessoal que hoje habita êste estabelecimento consta de 26 religiosas, trinta e duas orfãs e cinco mulheres conversas, ao tódo sessenta e três. São muitos os benefícios prestados á humanidade por esta instituição. Releva, porém, notar que maiores serão ainda os benefícios, que se poderão colher dêste estabelecimento, se as religiosas abrirem um externato onde ensinem a ler ás pobres crianças, ministrando-lhes ao mesmo tempo o ensino religioso e o amor ao trabalho”.

#### OUTRAS OBRAS DO PADRE IBIAPINA, NO SEU APOSTOLADO PELO NORDESTE

Espírito forte, resistência corporal á toda prova, dotado de uma capacidade de trabalho assombrosa, soube o Padre Ibiapina multiplicar e propagar as suas obras por diversos rincões do Nordeste Brasileiro.

Bem justa a alcunha que se lhe dá de Apóstolo do Nordeste, pois foi esta região o palco miraculoso de suas notáveis atividades.

Além da Casa de Caridade de Sobral, sua cidade, inaugurada em 27 de Setembro de 1862, fechada já neste século, que teve seu prédio vendido pelo Bispo de Sobral, D. José Tupinambá, que, com o produto da venda, erigiu a Santa Casa, naquela cidade, o Padre Ibiapina fundou mais o seguinte :

## C E A R Á

Casa de Caridade em Santana do Acaraú

Cemitério de Acaraú

Matriz na cidade de Acaraú

Canal no Rio Acaraú, facilitando a navegação e o acesso á cidade

Casa de Caridade de Missão Velha (Inaugurada a 2 de Fevereiro de 1865)

Casa de Caridade do Crato (Inaugurada a 7 de Março de 1869)

Cacimba pública ("Cacimba do Povo") em Barbalha

Cemitério para os coléricos, em Barbalha

Concluiu os serviços da Matriz em Barbalha

Casa de Caridade de Barbalha (Inaugurada em 28 de Abril de 1869 — construção em 30 dias)

Açude para abastecimento d'água na vila de Caldas

Capela na vila de Caldas

Capela e açude na cidade de Porteiras

Capela na cidade de Abaiara

Açude na cidade de Abaiara

Açude na Serra da Mãozinha (Milagres)

Capela e um açude em Goianinha

Igreja em Brejo do Coité.

## RIO GRANDE DO NORTE

Casa de Caridade em Açú

Casa de Caridade em Acari

## P I A U I

Cemitério em Picos

Igreja em Picos

Cemitério em Jaicós.

## P E R N A M B U C O

Casa de Caridade em Bezerros  
Casa de Caridade em Baixa Verde  
Hospital em Baixa Verde  
Igreja em Flores  
Cemitério Público em Flores  
Igreja e Açude em Santa Cruz  
Igreja em Barra de Santana  
Igreja, Açude e Cemitério em Mata Virgem  
Casa de Caridade e Açude em Gravatá.

## P A R A I B A

Casa de Caridade em Cajazeiras  
Casa Paroquial em Cajazeiras  
Açude Público em Barra do Joá  
Casa de Caridade em Sousa  
Casa de Caridade em Santa Luzia  
Casa de Caridade em São Luiz do Sabugi  
Casa de Caridade em Cabaceiras  
Igreja e açude público em Soledade  
Casa de Caridade em Pombas  
Casa de Caridade em Pocinho  
Hospital para coléricos em Areias  
Igreja em Campina Grande  
Cemitério em Alagoa Grande  
Hospital em Alagoa Nova  
Hospital em Brejo de Areia  
Casa de Caridade de Bananeiras  
Açude e Cemitério em Bananeiras

Tão grande serviço ao Nordeste, possivelmente, nem os administradores da cousa pública até hoje conseguiram realizar.

No entanto realizou-o, com o auxílio de Deus, e de verdadeiras multidões que acorriam ao seu chamado, o Padre Ibiapina, cujo nome ainda corre os sertões ressequidos do Nordeste, numa prece eloquente de agradecimento popular.

Era realmente extraordinário, êsse homem.

Havia obras suas que se faziam num dia, com 12 mil pessoas trabalhando ao som dos cânticos dos benditos e ladainhas.

Uma verdadeira epopéia de trabalho, de coragem, de luta e disposição, ajudando a cristianizar, e melhorar o Nordeste.

## A MORTE DO PADRE IBIAPINA

A morte do Padre Ibiapina foi comunicada ao Sr. Bispo de Olinda, Dom José, Conde de Santo Agostinho, pelo Vigário de Bananeiras, nos seguintes termos :

“Bananeiras, 23 de Fevereiro de 1883.

Exmo. e Rvdmo. Sr.

Com o coração transido de dôr levo ao alto conhecimento de V. Excia. Rvdma. que foi Nosso Senhor servido chamar a Si no dia 19 do corrente o muito inclito missionário apostólico, Pe. Dr. José Antônio de Maria Ibiapina, residente nesta Paróquia. Habitualmente enfêrmo, não obstante já contar setenta e oito anos de idade, prestava relevantíssimo serviço á causa de nossa Santíssima Religião, já edificando com o exemplo de suas virtudes heróicas, já pelo santo zêlo, de que era felizmente incendiado seu bemfazejo coração pela glória de Deus e salvação das almas.

Instituidor e Diretor immediato de uma casa de caridade nesta freguesia, como mediatamente de diversas outras na Diocése, deixou um vácuo que só a Munificência Divina poderá encher, inspirando a V. Excia. os meios de ocorrer as necessidades espirituais e temporais mesmo de tantas dezenas de almas reduzidas á orfandade pelo passamento de tão preclaro quão zeloso Diretor. Dando á V. Excia. Rvdma. a sentidíssima notícia da morte do inclito Padre Mestre Ibiapina resta-me a consolação de ter-lhe ministrado os socorros espirituais, e assistindo-o até o seu último momento.

Deus guarde a V. Excia. Rvdma. —

Exma. e Rvdma. D. José Pereira da Silva Barros,  
D. Bispo Diocesano.

Vigário José Eufrosino de Maria Ramalho”.



## IBIAPINA REDIVIVO

Até hoje permanece em todo o Nordeste, a lembrança dessa figura inigualável de homem e de sacerdote, que foi o Padre Ibiapina.

Em diversas cidades, existem ruas com seu nome. Em outras, escolas, orfanatos, abrigos.

Todos reverenciam a memória desse ilustre brasileiro, que para muita honra nossa, é cearense.

Hoje, mais do que nunca, IBIAPINA está redivivo graças á sua luta incansável pelo bem público, a que se dedicou, de corpo e alma.

A Casa de Caridade do Crato ostenta, orgulhosamente, num dos seus jardins, a sua estátua — figurando o sacerdote humilde e evangelizador.

E a grandêza dessa obra portentosa que ele fundou, no mais fértil dos terrenos, no meio religioso mais fértil, foi o nosso Crato — a Casa de Caridade do Crato, hoje considerada como o mais completo conjunto social-assistencial do Ceará e um dos maiores do Nordeste — nada mais é do que a vontade firme d'Aquele que quis que o nome e a obra do Seu filho ficassem perenizadas em terras do Cariri.

Ibiapina jamais morreu na lembrança e na gratidão do povo nordestino.

Ibiapina é ainda hoje o protótipo do exemplo de humildade e trabalho em prol da Causa de Deus e dos Homens.

Por isso, Ibiapina está redivivo.

LOJAS

*"A Exposição"*

Móveis

Exclusivamente

Móveis

De tôdos os estilos!

De tôdas as qualidades!

Para tôdos os gôstos

...e com prêços e condições acessíveis!

Em CRATO: Rua B. de Alencar, 138 - 146

Rua Nelson Alencar, 90 / 92

Em JUAZEIRO: Rua São Pedro, 716 - 720

# O ANTIGO EGITO

( Súmula histórica )

LUIS DE BORBA MARANHÃO  
Prof de História Antiga da  
Faculdade de Filosofia do Crato,  
agregada à Universidade do Ceará.

## I

### O País

O nome "Aigyptos", de etimologia grega, principalmente dado ao Nilo, como se encontra na Odisséa e, posteriormente, ao país (1), é de significado obscuro. Pretende-se, desde que sua civilização tem afinidades com a da Suméria, fixar-lhe a origem, relacionando-se o locativo Menfis — Ha-Ke-Ptah (lugar de veneração de Ptah) com a forma babilônica — Chi-Ku-Ptah, o que também é inseguro. Os semitas chamavam-no Misr ou Musr, os árabes Mars e os hebreus Misraim, agnome dado ao mestreanos, descendentes de Cam, repellidos pelos filhos de Chus, motivo pelo qual emigraram para o istmo de Suez. Os próprios nativos denominavam-no Kemet ou Kent (terra negra) (2).

Seu território, durante o paleolítico, abrangia área diversa da que se plasmou desde o fim da idade neolítica.

Estrabão, saudoso geógrafo grego, natural da Capadócia, admitia que o Egito, bem como seus desertos, serviram de leito ao Mediterrâneo.

O imortal Heródoto, pai da História, nascido em Haliarnasso, externava a hipótese de que o país dos faraós fôra, outrora, um golfo que se dilatava até a Etiópia. Sua presunção baseava-se na existência de conchas marinhas nas montanhas e na corrosão das pirâmides pelo sal disperso no ar (3).

Will Durant, mais parcimonioso, assevera não padecer dúvidas de que o "Delta foi uma baía" (4).

- 1) Eduardo Meyer, "História Universal" por Guilherme Oncken, v. I, p. 19, Tipografia José Bastos, Lisboa.
- 2) George Stendorff, "História de Egipto", in História Universal dirigida por Walter Goetz, Tomo I, p. 342, 1954, Espasa Calpe S. A., Madrid.
- 3) Heródoto, "História. 1.º v., L. II, ps. 114/115, 1964, Editores W. M. Jackson Inc., São Paulo.
- 4) Will Durant, "História da Civilização", Primeira Parte, Tomo I, p. 147, 4.º ed., 1957, Comp. Editora Nacional, São Paulo.

Estas opiniões têm o mesmo ponto de apóio. A aparente divergência entre elas reinante decorre, unicamente, da observação feita em épocas diferentes. •

O Mediterrâneo, na era secundária, três vezes maior do que atualmente, transgredia a África pelo vale inferior do Nilo e atingia o médio Níger (5). Havia, entre Marrocos e a Espanha, um istmo que unia o continente negro ao da Europa, por onde se passava, de um para o outro, a pé enxuto. Fraturando-se, no fim da idade terciária, essa massa de terra, gerou-se o espreito de Gibraltar, com trinta quilômetros de extensão, por onde se confundiram as águas do Mediterrâneo com as do oceano Atlântico (6). Este fenómeno deu causa a regressão das águas do solo africano, desnudando-se o terreno que lhe servira de abrigo, ficando impressos no arenito os seus vestígios como, entre outros motivos, atestam as minas de sal de Hoggar, as do Saara setentrional constatadas por Malfante, em 1447, nos oásis de Tuat; as contidas nas matas do lago Alberto (7); as conchas marinhas sedimentadas nas montanhas; os fósseis soterrados no vale do Nilo (8); a corrosão das pirâmides pelo sal impregnado no ar e, tanto no vale quanto no Delta, em profundidade mutável, um depósito de areia do mar (9). Na mesma ocasião, sobre o embasamento pré-cambriano da África, acumularam-se camadas de arenito de origem continental. Como prevenção a uma nova surtida marinha, no Magreb árabe, processaram-se levantamentos, como os da cadeia dos Atlas e montanhas do Rif, que oferecem relêvo alpino, seguindo idêntico fato em relação às colinas Arábicas. Esta mutação determinou o soterramento da flora que existia no Saara, explicável pelo grande lençol de petróleo ali encontrado, possivelmente de origem microvegetal, ou animal.

Consumada essa transformação, passou o Egito a ocupar o ângulo nordeste do continente africano, limitando-se, a oeste, com o deserto Líbico, despido de vegetação, de pastagens, carecido de água, banhado pelo vento, sem a mais leve condição para vivência humana, rumando para o Saara,

---

5 e 6) Enciclopédia Delta Larousse, v. I, ps. 371/372, 3.ª ed., 1964, Editora Delta S. A., Rio de Janeiro.

7) Emil Ludwig, "O Nilo. Biografia de um rio", p. 298, 5.ª ed., 1948, Editora Globo, Porto Alegre.

8) John A. Wilson, "La cultura egípcia", p. 38, 3.ª ed., Breviários del Fondo de Cultura Económica, México.

9) Eça de Queiroz, "O Egipto", Notas de viagem, p. 46, 4.ª ed., 1945, Livraria Lello etc. Irmão, Lisboa.

com o qual se confunde. Em tôda sua enorme e desolada vastidão não se encontra uma elevação superior a 500 metros, oferecendo, entretanto, depressões, como a de Quatara, com 137 metros abaixo do nível do mar (a maior do mundo). À leste espraia-se o mar Vermelho (10) e repousa o deserto Árábico, com suas colinas de formação pedregosa, de natureza arenosa e calcárea. É dotado de poços d'água onde os rebanhos se dessedentam. Possui filões de ouro, minas de diorito, pórfiro e jazidas de esmeraldas (11). Ao sul, o trópico de Câncer por onde o Nilo se precipita, como naja coileante, para encontrar, ao norte, em dunas de pouca altura e costas baixas, o Mediterrâneo.

Essa estratégica localização geográfica do país, que lhe proporcionava isolamento físico, constituía um obstáculo natural às invasões exteriores, o que não ocorria aos seus vizinhos contemporâneos, notadamente os mosopotâmios, sírio-palestinos e anatólícos (12).

Realmente, os desertos laterais, como as cataratas e o território núbio, ao sul, ofereciam naturais impecilhos à movimentação de tropas invasoras. Pelo norte, através do Mediterrâneo, também era impraticável uma incurção de porte, devido à fragilidade das primitivas embarcações e à falta de aparelhos de orientação em alto mar. Mais tarde, porém, estas barreiras foram superadas pelos hicsos, persas e romanos.

O território egípcio, pela ilusória amplitude dos seus desertos, abrange vasta área dimensional, porém sua vida socio econômica sempre se restringiu ao longo e estreito vale do Nilo, constituído de terra negra, semelhante a um grande oásis, com 32.000 quilômetros quadrados, pouco menor do que o reino da Holanda.

Este ubérrimo vale, como professa Weiss, é dividido em três partes:

- a) — Alto Egito ou Tebaida;
- b) — Médio Egito ou Heptanômia; e
- c) — Baixo Egito ou Delta (13).

10) Ehreberg, numa viagem feita em 1835, convenceu-se de que a côr do mar vermelho é devida a uma espécie de oscilários, entes microscópicos, intermediários entre o animal e o vegetal, de uma família pertencente às estrelas de Bory e S. Vincent" (Césaire Cantú, "História Universal", 1.º v., p. 273, 1954, Editora das Américas, S. Paulo).

11) Antônio G. Mattoso, "História da Civilização", ps. 18/19, 6.º ed., 1959, Livraria Sá da Costa, Editora, Lisboa.

12) John A. Wilson, obr cit., ps. 28/30.

13) J. B. Waiss, "História Universal", v. I, p. 538, 1937, Tipografia La Educación, Barcelona.

Não obstante os magnoz conhecimentos do eminente mestre, parece mais razoável, apenas, biparti-lo, como procedem Ellauri e Baridon (14), em Vale e Delta, para melhor se coadunar com a unificação das duas coroas, ao tempo de Menés. Não é dezarazoado lembrar, coadjuvando com esta divisão, que o antigo egípcio também chamava seu país de o das "Duas Terras" (15). Esta diversidade, aliás, torna-se mais evidente com a duplicidade de dialetos usados no norte e no sul, distintos de tal forma que o falado no Delta não era entendido em Elefantim (16) e vice-versa.

O Alto Egito, ou Vale, tem início na fronteira meridional, com a Núbia, na meseta de rocha branda que a cobre, descendo pela estreita margem do Nilo, verdadeiro corredor, com 1.000 quilômetros de extensão, comprimido por 15 de largura, em média (17), onde outrora deslisaram rios e ribeiros, para terminar um pouco abaixo do Cairo, velha cidade árabe.

O Baixo Egito ou Delta, assim chamado pela semelhança que oferece com o "D grego invertido (18), foi magistralmente comparado, por uma poeta árabe, "a um leque verde, um pouco fechado, tendo na extremidade, no cabo, uma jóia finamente cinzelada, que é o Cairo".

Eça de Queiroz, exímio modelador da palavra escrita, conformando o Delta, assegura que, "com efeito, junto do Cáiro, o Nilo separa-se em dois ramos que se afastam como as hastes dum compasso, e que vão, um desembocar em Rosetta, antiga cidade hoje arruinada, e o outro em Damietta, onde se bateu S. Luiz" (19).

O Delta é, pois, um triângulo voltado para o Mediterrâneo, com o vértice próximo do Cairo, abraçando uma área de terra plana, alagadiça, coberta de lagos e pântanos, com 17.000 quilômetros quadrados (20), delimitado pelos dois braços extremos do Nilo, que desaguavam, outrora, no Mediterrâneo, pelas bocas Canópica e Pelusiana.

---

14) Oscar Secco Ellauri e Pedro Daniel Baridon, "História Universal", Oriente, p. 61, 6.ª ed., 1955, Editora Kapelusz, Buenos Aires.

15) John A. Wilson, obr. cit., p. 34.

16) Adolf Erman, "The Literature of the Ancient Egyptians", ps. 25 e 233, 1927, Londres.

17) Alberto Malet, "História del Oriente", p. 27, Libreria.

18) Idel Becker, "Pequena História da Civilização Ocidental", p. 12, 1965, Dominus Editora S. A., São Paulo.

19) Eça de Queiroz, obr., p. 45.

20) Antônio G. Mattoso, obr., p. 18.

No alto Egito cresciam árvores preciosas como a tamarreira, o tamariz, o sincômore, cuja madeira era utilizada na construção de barcos e de toda espécie de artigos de carpintaria (21), embora na sua paisagem inexistissem florestas (22).

A cultura no Vale é mais rica do que no Delta, chegando a produzir duas ou três safras anuais, unicamente pela fertilidade proporcionada pelo Nilo. Nele germina e cresce o quena, com o qual, desde épocas imemoriais, as mulheres se requintavam pintando unhas de vermelho.

As rosas de todos os matizes perfumavam e embelezavam as campinas.

O papiro era abundante e fornecia matéria prima para embarcações, utensílios domésticos e papel. O lótus, além de inspirar os poetas, com seus deliciosos frutos, fazia os estrangeiros esquecerem a pátria.

No rio abundavam peixes, crocodilos, hipopótamos.

Os equinos, asininos, muares e bovinos foram importados da Ásia.

O céu egípcio é indiferente à sorte humana: — uniforme, limpo, liso, profundo, eterno, sem brumas, com uma a-bobada mais branca do que azulada.

A atmosfera é inundada de luz, com um sol cintilante, ardente, abrasador.

No Alto Egito havia precipitações d'água, porém, decaídas as árvores, as chuvas cessaram e a temperatura, notadamente no verão, é insuportável, principalmente quando sopra o asfixiante khamsin, soerguendo turbilhões de poeira (23).

Na região setentrional, pela influência do mar, o clima é mais ameno, variando entre 21 a 28° C. No Cairo as chuvas demoram até vinte dias, com uma precipitação de 32 mm e, em Alexandria, o inverno perdura por quarenta dias.

O Egito, não obstante a inclemência do céu, é um ídolo negro, majestoso, crestado pelo sol, vivificado pela natureza com a eterna seiva do Nilo.

---

21) V. Diacov e S. Cavalece, "História do Mundo", Antiguidade, p. 170, 1965, Editora Fulgor Limitada, São Paulo.

22) Mário Curtis Giordani, "História da Antiguidade Oriental", p. 63, 1963, Editora Vozes Limitada, Petrópolis.

23) Antônio G. Mattoso, obr. cit., p. 18.

# A PERNAMBUCANA

Fundada em Crato em 20/9/1913

RUA DR. JOÃO PESSÔA, 73

## **Irmãos Bezerra de Menezes & Cia.**

Compra e Beneficiamento de Algodão

**End. Telegráfico: - BEMENEZES**

Telefone: 203

**Avenida Teodorico Teles, 15 — CRATO-CEARÁ**



# NOSSA FAUNA CRIOLA

(Poema gauchesco por Xéco Figueiró)

Quem não conhece a AVESTRUZ  
Útil, pernalonga e manheira.  
E em bandos os populares ANÚS,  
Carrapateando na mangueira.

A nossa procurada PERDIZ  
Que vários campos habita;  
O QUÉRO-QUÉRO que se diz,  
Comissário e não é fita.

O POMBÃO alvo da garrucha  
QUASI SEMPRE MUI DANINHO  
A POMBA ROLA pecurrucha  
Que arrulha em seu ninho.

O minúsculo BEIJA-FLOR,  
Relíquia do meu jardim.  
E a CORUJA, meu senhor,  
Sempre séria para mim?

O JOÃO DE BARRO ou forneira  
Com seu ranchito fenomenal;  
O BENTEVI e a companheira  
ROUBANDO Charque no vara!

A CALANDRIA com atração  
De uma cantiga bonita...  
Destruindo a plantação  
Também tem a CATURRITA.

Pescando uns lambaris  
Temos o MARTIM PESCADOR.  
O SABIÁ que Deus o quiz,  
Para inspirar trovador.

O boliçoso CARDIAL,  
Com seu lenço colorado.  
PICA-PÁU que afinal,  
Deixa tudo furado.

O TRES PÓTE do manhado  
Que as chuvas anuncia,  
O PATO DO CAMPO a nado,  
Na lagôa todo o dia?

A GARÇA com a plumagem linda  
De saliência entre as demais;  
COLHEREIRO, com calma enfinda  
Em açudes sangaç e banhadais.

Do CARANCHO me lembrei  
Que rouba pintos de dia.  
Do CORVO, que não falei  
Está de luto, sabia?

Quem não conhece agora,  
A fauna do meu rincão;  
Dê uma voltá lá por fóra  
Que eu a mostro de coração.

## G L O S A R I O

AVESTRUZ, também conhecida por EMA.

ANÚ. Chamado de PAPA ARROZ.

PERDIZ. Chamado NAMBÚ CORDONIZ.

Quéro-quéro. Chamado TETÉO.

POMBÃO. Chamado AZA BRANCA

Pomba Rola. Chamada ROLINHA

Calandria. Chamada PAPA LAGARTO

Caturrita. Chamada MARACANÃ

Três Póte. Chamado de SARACURA

Cardial. Chamado GALO DE CAMPINA

CARANCHO Chamado de CARCARÁ.

# F U G A

FRANCISCO G. PEIXOTO

O vazio enche-me o espaço do presente  
sinto que não tenho substância  
sou feito de ilusão

Vivo nas gerações distantes dos meus ancestrais, desbravadores do  
desconhecido  
invejo-lhes a rudeza de espírito  
a vida dura das caatingas  
a condição de vaqueiro que não pude ser

Fui obstado nos meus sonhos de grandeza — pensava com o ideal de uma  
geração morta  
nunca ultrapassei em mim a condição de colono, atávica nos meus  
antepassados

Regressando  
no litoral fui um desajustado  
Cançam-me, na cidade, as linhas retas que enquadram a vida em tôdas  
as suas manifestações culturais

Choro as ondulações  
o arredondo dos morros que tombam ante a sanha destruidora dos niveladores  
de espaço

Repúdio à estéril monotonia dos formatos cúbicos das construções  
A cidade foi minha madrasta: no trabalho rotineiro e na ciência  
superficial dos tempos nacionais, apaguei a chama do amor

Em mim já não habita a ternura: as minhas emoções foram congeladas na  
razão fria da conjuntura

Volta e não sinto saudades  
Quero vencer  
vencer a quem se não tenho inimigos?

Meus inimigos são o tempo, as formas da vida citadina que passaram por  
mim indiferentes a minha indiferença

Sou colono  
a minha alma é de camponês

Marcho contra o tempo, contra o tempo do litoral imperialista  
das mil repúblicas de amanhã

Quero a tristeza das noites longas  
a expectativa das primeiras chuvas  
o cheiro da terra molhada  
a alegria da campina enverdecida

Quero chorar a relva murcha  
tratar do gado magro  
dessedentá-lo nos poços profundos de água salobra

A minha alma é de matuto  
sou como meus avós  
procuro as suas pegadas  
as pegadas que deixaram na fronteira do oeste

Vou em busca do aço esquecido  
do aço que golpeou a primeira árvore da Mata Atlântica  
que cortou as varas dos primeiros currais  
que escavou os primeiros garimpos

Quero encontrar a mensagem deixada  
pelos que tombaram sob a primeira flecha

Quero forjar a unidade perdida  
da Pátria esquecida  
no Brasil litorâneo.

Arcoverde (a caminho do sertão) agosto / 59

---

## C A N T A N D O

A branca rola saudosa  
Ama a quentura do ninho;  
A borboleta ama a rosa,  
O bugarí cerde arminho.

O colibri no balseiro  
Mui zelo tem pela flor;  
A sombra busca o viajero  
P'ra lenitivo ao calor.

O marinheiro alta noite  
Temendo do bravo mar  
O precipício, o açoite  
Vai lá no porto ancorar

O vate de sua lira  
Tirando as notas mais belas  
Canta do mar a safira,  
Do céu a lua, as estrelas.

Mas, eu somente a ti amo  
E só por ti sinto zelos,  
Do calor em que me inflamo  
Me protegem teus cabelos.

Busco o teu peito da vida  
Fugindo aos negros escolhos,  
Só posso cantar querida  
A luz dos teus negros olhos.

De José Alves de Figueirêdo, publicado na "Cidade do Crato" de 1.1.1902

---

## REVISTA DO CINCOENTENÁRIO DE UBAJARA

Em comemoração do cincoentenário do município, foi editada naquela cidade, a bem feita REVISTA DO CINCOENTENÁRIO DE UBAJARA. É uma síntese completa da evolução da comuna, nestes fecundos anos de sua vida autônoma.

A cidade tem muito progredido e comprova bem a capacidade criadora do povo cearense, em qualquer latitude. É supervisionada pelo Dr. Marijese Benevides e secretariada por Rui Barsi de Holanda. Sua colaboração esmerada, mostra o adiantado grau de cultura daquele município.

A sua história está magistralmente elaborada por Hemetério Pereira e traz, em suas colunas, várias descrições de um dos maiores pontos de turismo do norte brasileiro, sua imponente gruta, maravilha da natureza cearense que está a merecer carinho especial dos poderes públicos para atrair visitantes de todos os recantos do globo.

UBAJARA, em seu cincoentenário, fez de suas melhores comemorações, editando a sua poliantêia que dirá a todo o país, o muito que fizeram os seus habitantes, neste curto espaço de tempo.

# O Romance de J. de Figueirêdo Filho

CELSO GOMES DE MATOS

Parece tarde demais para fazer-se a crítica de um romance que foi publicado em 1938.

Este romance do nosso J. de Figueiredo Filho, decorridos 27 anos, vem no entanto a propósito do que escrevo hoje.

Não perdeu a sua atualidade, como não perdem os romances que se baseiam nos fatos reais, desprezando as ficções.

Quem diria que Júlio Verne errasse? No entanto errou.

No seu livro "A Viúva do Capitão Branica", descrevera êle uma cena que, garanto, não presenciara, e apesar de ser num simples detalhe, dispensável aliás, caiu n'água: disse que, numa toquia, o silêncio só era interrompido pelo berro das ovelhas ao receberem estas o golpe desastrado dado pela tesoura do tosquiador.

Ora, esta cena, que parece natural, não é verdadeira; foi imaginada. Todo animal ou ser vivente, ao ser torturado, berra. Menos o carneiro. O bode é o que mais berra no cacete, ao ser imolado.

E o carneiro não berra? me perguntarão. Berra, sim; berra pelo bando, a ovelha berra pelos filhos. Vivem berando. Na hora do sacrifício, porém, seja-lhe êste dado a pau, a faca ou a tiros, mesmo picadinho aos poucos, não berra; sofre tudo calado.

E é aqui que vem o êrro de Júlio Verne e os elogios que faço, embora tardiamente, ao modesto romance, de estrêia do amigo Figueirêdo.

Este romance não é uma obra prima, não. De grande valor literário, não diria isto, apesar da amizade que consagro ao seu autor. E' um livro que se recomenda por ser realista. Nêle não se encontram fatos imaginados, nem tipos criados pela invenção do seu autor. Quem o lê, verá que todo enrêdo do romance gira em tôrno de um só tipo, tipo real, encontradiço nos brejos do Cariri, o qual eu conheço e êle conhece—O rico Senhor de Engenho, tipo que destrói a felicidade dos lares pobres, maculando donzelas.

Este é o tipo antigo, de priscas eras. Gerou-se na lama dos brejos, entre canaviais, na sêca de 77. Figueirêdo, ao meu ver, fêz romance psicológico.

E isto, por que? Porque atirou no que viu. Não foi além, indo, sem o querer, até o recesso sujo da alma do rico senhor de engenho.

Em 1915, eu trabalhava nos brejos, na Vila de Santana do Cariri. Conheci no vilarejo uma mulher nova e bonita, a qual, enviuvado, se prostituiu e se entregara aos senhores de engenho e aos comerciantes ricos, isto para não ver morrerem de fome os seus filhinhos.

Mas, desaparecida a crise, passou ela a odiar os que a procuravam. Expulsava-os um a um com repugnância. Não era mais o heróico pelicano. E rediviva, voltou ao que era: mulher de respeito. Enchia os olhos de lágrimas cada vez que se lembrava da miséria em que caíra.

Mas um romance da sêca daria a sua vida de sacrifícios.

Porque fazer romance não é inventar. Para o enredo do romance os caminhos são os que nos ditam os fatos. A técnica é outra: é ser exato, verdadeiro, e não ficcionista.

Ora, se o carneiro não berra ao ser torturado, por que inventou?

O carneiro é um santo. É dele aquela nobre resignação que chamamos evangélica. Neste ponto de vista a sua coragem é superior à do jumento que geme no chicote e na cangalha. Depois é também da Igreja. E' o Cordeirinho do Senhor. Sendo êle a mais completa encarnação dos que sofrem calados, merece também um compêndio, uma biografia. Mas não sou eu que a faço; esta tarefa cabe ao Padre Vieira, o qual, com dados tão certos, magistrais, podemos dizer, nos deu a do jumento.

---

#### "HY-HY-TÉ", REVISTA DA FACULDADE DE FILOSOFIA DO CRATO

A Faculdade de Filosofia do Crato, dirigida pelo conhecido educador Prof. José Newton Alves de Sousa, tem feito um sensível movimento no meio caririense que se projetará, seguro, para os tempos porvindouros. Em substituição ao seu antigo órgão oficial, publica recentemente a revista "HY-HY-TÉ" que recebeu os maiores aplausos da crítica nacional. Seu nome procede de arma principal de nossos avoengos silvícolas o CARIRI. Era uma prancha de sarremesso utilizada por aquêles ameríndios, dos mais bravos do interior nordestino. O artigo de apresentação daquela bem feita revista é de autoria de J. de Figueirêdo Filho que se estende em pormenores em tôrno de nossos antepassados aborígenes, que, cada dia mais aparecem com qualidades especiais que o colocaram como nação ameríndia das mais características do Brasil.

# A "SERRA DO JOÁ"

JOSÉ DE SIQUEIRA CAVALCANTI

Nada mais belo aos olhos de minha mecânica que a "Serra do Joá".

A velha casa de repouso, de meus avós maternos, revela a abundância deles, no século passado.

De todos os ângulos da propriedade se via, na alvura imaculada de sua caiação, ladeada pela "Casa de Farinha" e ensombreada por magestosas cajaranas, plantadas ao tempo do Brasil Império, decerto.

Aparecia ao longe, quase sem contornos definidos, o casario de Joazeiro, emergindo, de um ponto mais alto, o "Horto", do Pe. Cícero.

A meio caminho viam-se rústicas estradas, percorridas, com certeza, por "carros de boi", vaqueiros, boiadeiros e viandantes, cheios de fé e esperança, de quando em vez, também, por um "Ford bigodinho", tão raro.

Éra simples e feliz a vida.

Contemplava-se, á noite, o céu estrelado. Cada constelação éra interpretada com originalidade.

As conversas se desenvolviam até pelas 19 horas. Nunca além.

Tudo convidava ao repouso e á serenidade.

A vida mui simples e feliz.

Para cada aflição uma promessa; por cada motivo um voto de fé.

Deus protegia e abençoava aquêle recanto de paz.

O sangradouro do açude, vez por outra, trazia um som diferente ao silêncio geral. E a "Casa de Farinha", naquele presente, evocava, já, um passado remoto.

Desnudos e fortes, os sertanejos produziam, na maquinária tangida á mão, a preciosa farinha, em soberba ostentação de força de vontade.

E os dias calmamente transcorriam, todos nós lá, despreocupados da vida, na imensidão verde da "Serra do Juá", onde Deus plantou a paz e repousante tranquilidade, ao lado do aroma brejeiro de flôres silvestres.

S. PAULO, 11 de ABRIL de 1966.

# “O Mundo Estranho dos Cangaceiros”

RAIMUNDO DE OLIVEIRA BORGES

(Do Instituto Cultural do Cariri)

É de autoria do Professor Estácio de Lima êsse livro magnífico.

Abundante como é a literatura do cangaceiro, era de pensar-se que não surgisse mais, entre nós, trabalho de valia sôbre o debatido assunto.

Vaersaram-no com efeito, sob os mais variados aspectos, entre muitos, Franklin Távora, Rodolfo Teófilo, Xavier de Oliveira, José Lins do Rêgo, Raquel de Queiroz e, por último, Nertan Macêdo, em “pequena obra prima no gênero”.

Para não falar, é claro, no insuperável “Os Sertões”, de Euclides da Cunha, em que o homem, produto do meio agreste e por êle amparado nos lances difíceis d vida, fez de “Canudos” a fuma trágica em que como fera se entocaiou, atraiu batalhões de todos os recantos do País, para, afinal, extenuado, deixar-se exterminar em verdadeiro suicídio coletivo.

Porque, na realidade, “Canudos não se rendeu. Exemplo único em tôda a história, resistiu até ao esgotamento completo. Expugnado palmo a palmo, na expressão integral do termo, caiu no dia 5, ao entardecer, quando caíram os seus últimos defensores, que todos morreram. Eram quatro apenas: um velho, dois homens feitos e uma criança, na frente dos quais rugiam raivosamente cinco mil soldados”.

Vasada nêsse estilo grandioso, a obra que fixaria dois momentos na história da nossa literatura, resistiria, por isto mesmo, inelutavelmente, à ação do tempo, impregnada dêsse sentido de perenidade que é o segredo de tôda criação genial, e perpetuada hoje em traduções no “hespanhol, no inglês, no francês, no italiano e até no dinamarquês”, tornando-se assim internacional o escritor famoso.

Mas, para atingir a grande meta não se julgou êle auto-suficiente, isolando-se no seu tósco escritório de São José do Rio Pardo. Ao contrário, recorreu aos Mestres naquêles pontos em que se sentia menos seguro, seguindo a orientação, entre outros, de Humboldt, Martius, Saint Hilaire, Orville-Derby, Nina Rodrigues e Teodoro Sampaio.

A seguinte passagem de Gilberto Freire é a respeito bastante elucidativa:

“Além de Orville-Derby — que segundo Arrojado Lisboa teria fornecido a Euclides da Cunha notas valiosas sobre a geologia do Brasil — (assunto em que o sábio norte-americano naturalizado brasileiro era mestre) — o autor de “Os Sertões” teve em Teodoro Sampaio não só um colaborador mas um orientador no estudo de campo de geografia e de história geográfica e colonial do Nordeste; e talvez — me aventuro a acrescentar, — um tradutor de trechos mais difíceis de língua inglesa em cujo conhecimento parece que Euclides da Cunha era patrioticamente fraco. Juntando-se, prossegue Gilberto Freire, a colaboração do paciente pesquisador de geografia física e humana e de história colonial do Brasil que foi Teodoro Sampaio à do geólogo Orville-Derby, e, ainda, a orientação do psiquiatra Nina Rodrigues quanto ao diagnóstico do Conselheiro e dos fanáticos de Caetés, o próprio esforço de pesquisa de Euclides nos arquivos da Bahia, e, de campo, no interior do Estado, vê-se como é precária a posição dos que ingenuamente exaltam em “Os Sertões” um livro improvisado. Nem improvisado nem fácil. Nem tão pouco caprichosamente individual de quem tivesse se retraído dos especialistas seus amigos ou conhecidos para escrever um livro de tamanha complexidade”.

Não é, pois, tão facilmente que se conseguirá uma revisão de obra assim solidamente apoiada, como de último, embora inutilmente, têm tentado alguns apressados pesquisadores, ávidos de notoriedade.

Não seria azado o momento para discutir, nem mesmo de leve aflorar as objeções que se têm levantado à cerca de certas conclusões de Euclides, não somente porque nos falece competência para a arrojada empresa, como ainda porque, na sua essência, a obra por si só vale uma literatura, permanece de pé e com a virtude ainda de inspirar trabalhos notáveis como êsse do atual Diretor do Instituto Nina Rodrigues da Bahia, doublé de sábio e de homem de letras, como demonstram as páginas vivas, coloridas, impressionantes e ao mesmo tempo doutas de “O Mundo Estranho dos Cangaceiros”.

Leendo-o, a impressão que nos salteia é a de ouvir a marcha dos jagunços pelos sertões, o estalo dos cascos de cavalos nas catingas e tableiros, os assobios e gritos de guerra dos bandidos, o choque das armas e, nos descansos, nas tréguas passageiras das “persigas” a toada monótona da “muié rendeira” que ainda hoje anima as horas sertanejas nos programas de Rádio e de Televisão.

Por outro lado, o autor imprime ao excelente estudo uma técnica ainda não explorada em trabalhos congêneres,



seja o diálogo com os famosos cangaceiros sobreviventes aos dramas do sertão, vaseado-o magistralmente no próprio linguajar matuto, a um só tempo rude e pitoresco.

"Labareda", "Volta Sêca", com os quais lidou como Presidente do Conselho Penitenciário de Salvador e para cuja recuperação concorreu decisivamente, perpassam em suas páginas em minuciosas e interessantes dialogações.

Por isto mesmo, muito embora verse assunto, como dissemos, largamente debatido, o trabalho do Professor Estácio de Lima, pela roupagem nova com que o veste o autor, pela amenidade e pelo encanto do estilo, com que suavisa o conteúdo científico, apresenta-se da mais palpitante atualidade.

Ousamos fazer, em carta ao mestre, ligeiras observações em tôrço de alguns cochilos de "Labareda", nos informes que lhe prestou a respeito de Izaias Arruda, que deu como coiteiro de bandidos da Paraíba e assinado em Rio Branco, Pernambuco, quando na realidade residiu êle em Missão-Velha, dêste Cariri cearense, onde foi Prefeito, tendo sido abatido a tiros de revolver em Aurora, Ceará, por um membro da valente família dos Paulinos.

Ouviu o "informante precioso" e a resposta que nos deu, aceitando e agradecendo os reparos, revela pela gentileza do tratamento a elevação do seu espírito, a grandeza do seu coração e a modéstia da sua inteligência privilegiada.

Permitimo-nos comprovar a assertiva com a transcrição de alguns tópicos da honrosa missiva:

"Agradeço-lhe, cordialmente, os informes relativos a Izaias Arruda, que aparece nas páginas de meu livro, evocado pelo famoso "Labareda". Chamei o precioso informante que admitiu a precariedade de sua geografia. Falara, realmente, em Paraíba, o que me induziu ao registro, como tudo agora, faz crer, erroneo. No que insiste "Labareda" é quanto à paisagem que lhe ficou perpetuada na memória: um largo e verdejante canal, que abrigara o grupo. Na propriedade cearense de Izaias Arruda, bem perto de Missão-Velha, ou Missão "véia", conforme a linguagem do "Anjo Roque", havia, realmente, êsse canal? Rogo-lhe apurar e avisar-me para a segunda edição, em perspectiva. São pequenos detalhes, de fato, porém eu agradeço, com tôda a sinceridade, a colaboração preciosa. Meu livro, conquanto escrito em linguagem literária, procura, acima de tudo, ser verdadeiro".

Por tôdas essas características, o trabalho do Professor Estácio merece ocupar, sem favor, como dos melhores no gênero, lugar distinto na biblioteca dos estudiosos.

# F. C. Pierre & Filhos

ELETRO - DOMÉSTICOS, MÓVEIS  
PEÇAS E ACCESSÓRIOS PARA BICICLETAS

TELEFONE: 232 — TELEGRAMA: "PEÇAS"

RUA SANTOS DUMONT, 52

CRATO — CEARÁ

## F I L I A L :

ARTIGOS FINOS PARA PRESENTES

RUA Dr. JOÃO PESSOA, 89

TELEFONE: 233

CRATO — CEARÁ

## Cooperativa Banco Caixeiral do Crato Ltda.

(Registros N.º. 335-(S. E. R.)-e 9-(D. A. C)

CAPITAL SUBSCRITO E REALIZADO CR \$ 27.372.730

RESERVAS . . . . . CR \$ 10.694.650

Rua Bárbara de Alencar esquina com João Pessoa - Crato-Ceará

# O Padre que Perdeu a Crença

Conto de ALCANTARA ARARIPE

No tempo do Império, na vila do Icó, Província do Ceará, havia um fazendeiro com ares de fidalgo e tido como rico. Ele mesmo se jactava de abastado. Em conversa com pessoas estranhas, sentia prazer em comunicar seus haveres, não deixando de pingar, em suas palestras, um aumento de seus possuídos. Um belo dia, disse à sua esposa :

— Como você sabe, nós temos muito recurso e não se sabe o dia do amanhã desconhecido. Devemos aproveitar parte desta fortuna, mandando o nosso primeiro filho para o seminário. Que acha você ?

— Seu plano está muito acertado — respondeu Joaninha, olhando o marido com atenção — o menino está com doze anos, já iniciou o curso das primeiras letras, sendo bom tempo de entrar no seminário. Seria de conveniência, você falar com o vigário da freguesia e ouvir-lhe a opinião.

— Está certo. Hoje mesmo falarei com êle nesse sentido. Logo depois me entenderei com o menino, na certeza de que ficará muito satisfeito, em virtude de ser um tanto inclinado para a religião católica.

Bernardino voltou com indizível alegria da casa do vigário. Êste aplaudiu, com louvores, a atitude do fazendeiro, acrescentando ser mais um defensor da religião de Deus com que êle pretendia enriquecer a fé cristã daquela freguesia.

Depois de relatar à esposa, com tôdas as minúcias, a conversa que tivera com o pároco, convidou o filho para falar-lhe em particular. Sentados debaixo de um tamarindeiro grande que, nos dias de calor mais intenso fazia às vêzes de sala de visitas, Bernardino iniciou :

— Meu filho, como é do conhecimento de todos os habitantes desta boa terra, tenho uma fortuna bastante elevada e não devo a quem quer que seja. Sou um dos maiores fazendeiros do Icó. E nesse caso, compreendo que posso gastar o suficiente para proporcionar-lhe um futuro brilhante, tendo ainda a considerar, ser você o meu primeiro filho. Dado o seu exemplar comportamento, acho-o capacitado a fazer-me a mim e à sua mãe, o gôsto que esperamos. Quero que se inicie, verdadeiramente, na lei de Deus, sendo sacerdote. Neste particular já falei com o vigário de quem obtive, além das necessárias instruções, palavras de incentivo e de conforto. Embora tenha a certeza de sua boa compreensão — que desejo abrir-lhe as portas do futuro com um grau de instrução condigno, capaz de elevá-lo a um pôsto de respeito e admiração — preciso ouvir-lhe a palavra de assentimento, se está disposto a sacrificar-se por Deus e por seus pais. A vaidade humana, via de regra, não deixa de ser um estôrvo à juventude, evitando-a seguir à vida sacerdotal. Isso acontece, porém, quando se verifica ausência de vocação.

Joãosinho com os olhos marejantes de lágrimas, beijou o rosto do pai, dizendo :

— Êsse sempre foi meu desejo. Desde que frequentei as primeiras missas, nasceu em mim a vontade de ser padre. Acreditava ser impossível celebrar uma missa na minha terra, para meus pais e para o povo. Hoje, sua bondade, pai, vem reforçar minha tendência.

Bernardino, comovido, abraçou o filho, beijando-lhe a testa branca, com estas palavras finais :

— Joãozinho, como me sinto feliz pela graça que acabo de conquistar, obtendo o que desejava : a confirmação de meu ideal, através da sua vocação inspirada por Deus.

O pai de Joãozinho voltou a falar com a espôsa, a respeito do enxoval do filho e na conveniência de conseguir do vigário o menino ir logo ajudando missas, durante aquêlo resto de ano, a fim de ir-se habituando aos misteres da igreja.

— Joaninha, estamos no mês de setembro — falou o fazendeiro — daqui para janeiro, do ano seguinte, acredito que o menino estará pronto para seguir. E' bom você mesma ir entender-se com o padre, no sentido de obter a relação do enxoval de Joãozinho, de acôrdo com as exigências do seminário. Veja bem : quero enxoval rico. Nada de economia. Tenho dinheiro. E logo em seguida, dê início às compras necessárias. O que não tiver no comércio daqui, manda-se comprar em Pernambuco. Vou mandar chamar o mestre Chico, para êle fazer um jôgo de malas de sola, de primeira qualidade. Tenho de encomendar a engorda de quatro animais, dos bons, pois a viagem é longa.

Nos primeiros dias de janeiro do ano imediato, o futuro seminarista estava pronto para viajar. No dia quinze do mesmo mês, o fazendeiro, depois de receber do vigário uma carta de recomendação, arrumar as malas e a carga de mantimentos, seguiu rumo ao seminário de Olinda, Província de Pernambuco, onde matriculou o filho. Como se tratava de uma localidade distante, por intermédio de um dos padres, conseguiu um procurador para efetuar os pagamentos no educandário e suprir o filho do necessário.

No ano seguinte, o fazendeiro foi visitar Joãozinho, tendo ficado satisfeito pelas informações colhidas dos padres, do seminário, a respeito do filho.

O menino quando vinha ao ló, passar férias, metido numa batina de casimira fina, impressionava o povo da vila. Alguns já o chamavam de padre, produzindo grande contentamento e orgulho aos seus pais.

\* \* \*

Chegou, afinal, o ano da ordenação do filho de Bernardino de Lima Feitosa. No mês de Fevereiro, recebeu uma carta de Joãozinho, dizendo não lhe ser possível vir passar as férias daquele ano com a família, em face de inúmeras ocupações no término do curso. Seria ordenado em dezembro, sendo que o dia da cerimônia ainda não estava marcado. Entretanto, atribuía ser depois do dia quinze, como nos anos anteriores. Escreveria precisando a data.

Nos primeiros dias de novembro, o seminarista comunicou aos pais que já estava pronto para receber as ordens sacerdotais, cuja solenidade realizar-se-ia, precisamente, no terceiro domingo de dezembro.

Antes três dias da data anunciada, Bernardino e Joaninha encontravam-se em Olinda para assistirem à ordenação do filho. Sua primeira missa, conforme autorização do Senhor Bispo, seria celebrada na sua terra natal.

O fazendeiro e a esposa, ao abençoarem o filho depois de ordenado, quase morreram de emoção. Num abraço apertado e demorado, choraram como crianças.

No dia seguinte, regressaram ao ló, onde os esperava estrondosa recepção, por parte dos seus amigos da vila.

A grande festa de regosijo com que o fazendeiro pretendia manifestar sua satisfação, estava marcada para o domingo da missa do padre João Coitinho Feitosa, para o que estavam convidadas as pessoas da localidade, sem distinção de classe, inclusive gente de fora.

O movimento começou na sexta-feira, com a chegada de convidados de todos os recantos do ló e de outras Províncias. Do sábado para o domingo da missa, ninguém dormiu face o lufa-lufa. Às cinco horas da manhã, houve uma salva de 21 tiros. As ruas principais, estavam enfeitadas com ramos de palmeira e bandeirolas de papéis coloridos. Depois da missa, o movimento foi ensurdecedor. Inúmeras mesas, com um estendal de comidas, de toda espécie, que não houve quem desse conta, estendiam-se sob as árvores do quintal da casa. Bernardino e Joanhina, não descavavam, para dentro e para fora, obsequiando os convidados e todas as pessoas presentes.

\* \* \*

Passados dez anos, faleceu o padre Guilhermino Gusmão da Costa, vigário da freguesia do ló, tendo sido nomeado, para seu lugar, o padre João Coitinho Feitosa, cargo que aceitara por imposição do povo icoense. Explicara, muitas vezes, do púlpito que, para servir, espiritualmente, o povo da sua terra natal, não era preciso ser o vigário da freguesia. Preferia viver na sua humildade, como dantes. Apesar disso, envidou esforços no sentido de continuar merecendo a confiança e o respeito de sua gente. Por todos era querido e admirado, dadas as suas excepcionais virtudes, no desempenho de seu sacerdócio. Não sentia cansaço nem se aborrecia com o mais humilde dos seus paroquianos. Seus pais, viviam dando graças a Deus, pela grande ventura de terem um filho sacerdote.

\* \* \*

Veio a seca de 77. O padre João, vendo o sofrimento do povo morrendo de fome nas estradas, todo tostão ganho pelos officios da Igreja, dava de esmola àquela gente que andava ao léu, vagueando sem rumo e sem destino... Ele compreendia, porém, nada valer aquela migalha que, de boa vontade, com a alma na mão, dava aos famélicos. Aquilo, tinha certeza, não mitigava a fome daqueles miseráveis filhos de Deus!...

Por vezes, pensando na grandeza de Deus e naquele povo desgraçado, cuja vida nada poderia significar para os que viviam na abundância, vinha-lhe um sentimento de revolta contra todas as organizações do mundo, contra tudo... E diante daquele quadro triste, começava a monologar: "eu como ministro de Cristo na terra, sei que Deus é o senhor de todas as coisas... E por que Ele não manda chuva, não acaba com esta miséria do mundo? Será que uns são filhos de Deus e outros do diabo? Também, não posso crer num Deus indiferente dos seus filhos menos ofortunados!..."

Ante o triste espetáculo de todos os dias, o padre foi tornando-se cético, pouco a pouco. Vivia macabúsió, em seu quarto. Pouco falava.

Aborreceu a leitura dos livros recomendados pela Igreja. Limitava-se unicamente à leitura do breviário, o que fazia de madrugada. Celebrava a missa às seis horas da manhã e voltava para seu aposento, onde se entregava a pensamentos desordenados.

Seu quarto tinha uma janela no oitão. Adiante, se estendia o quintal da casa e um pequeno jardim. À distância de dois metros da janela, fôra aberto um poço. E em virtude da falta de água, estava sendo de utilidade pública. Era ali que o povo se abastecia do precioso líquido.

O padre nada dizia aos seus pais, mas tinha perdido completamente a crença de Deus. Estava disposto a abjurar a religião católica e tirar a batina, de uma vez por todas. Iria cuidar noutra coisa, até mesmo ser vaqueiro na fazenda de seus pais. Não convinha continuar enganando o povo e a si próprio. Já estava farto de tanta hipocrisia, de tanta mistificação. Queria libertar-se daquilo. Ser homem livre, no sentido lato da palavra.

A sêca não descontinuava e sua marcha macabra, deixando em seu caminho o sinal negro de sua passagem. Uma noite, o padre sofreu forte insônia. Lançou mão de todos os meios ao seu alcance e não conseguiu conciliar o sono. Ficou ouvindo o ruído mecânico e cadenciado do relógio da sala. Quando os galos estavam amudando, riscando a madrugada com o seu canto alegre e sonoro, o incansável regulador bateu três pancadas, cuja ressonância encheu a casa grande. Levantou-se, suspendeu a luz do candeeiro de metal e de manga verde, e, abrindo o breviário, iniciou a sua leitura. Com espaço de cinco minutos, ouviu a vibração duma lata nas bordas do poço e o ranger do carretel. Alguém estava puxando água àquela hora. O padre João ergueu-se da cadeira, abriu a janela devagarinho para ver quem era. Favorecido pela luz da lua, pôde conhecer, perfeitamente, quem estava tirando água. Nesse instante chegou um outro, também, seu conhecido e postara-se de lado. No momento em que o primeiro despejou a água em sua lata, o segundo cravou-lhe uma faca nas costas e saiu correndo com a lata de água. O padre ficou possesso com aquela cena pavorosa! Fechou a janela e continuou a leitura interrompida. Às cinco horas da manhã, chamou seu pai e lhe disse ter encontrado Miguel Ferreira morto à beira do poço. Bernardino ficou surpreendido e deveras penalizado ao verificar aquêl ato de selvajeria, cujos pormenores ignorava. Foi à Delegacia de Polícia e registrou a parte, a fim de serem iniciadas as devidas providências. Instalaram o rumoroso inquérito, sendo ouvidas mais de trinta pessoas. Terminadas as diligências, por parte da Polícia, a responsabilidade do crime recaiu sobre Manuel Pereira, completamente inocente. Em seguida procedeu-se ao sumário de culpa e depois o julgamento tendo, finalmente, o indiciado sido condenado à morte de fôrça, cuja execução dar-se-ia trinta dias depois de lavrada a sentença de morte.

O padre João sabia ser o réu inocente, pois conhecia o autor do crime. Mas como a sua crença em Deus, aos poucos, estava esvaindo-se, resolveu guardar silêncio, dizendo para si: "agora quero ver se Deus é justo ou não. Se Ele fôr, na verdade, justo como dizem as escrituras e a Igreja preconiza, aquêl inocente não será executado.

No dia da execução, pela manhã, o sacerdote foi chamado para confessar, solenemente, o condenado. Ao entrar na cela, verificou o estado físico e moral do homem. Estava lívido. Olhos de louco. Não tinha dor-

mido um só minuto durante a noite, pensando na morte. Principalmente pelo fato de morrer para pagar a culpa de outrem, deixando sua família abandonada! Ao ver o padre, caiu de joelhos em seus pés, desfeito em lágrimas, dizendo:

— Reverendô, tenha piedade de mim!... Sou um desgraçado!... Vou morrer para cumprir a pena de um crime não cometido por mim!... E' uma injustiça! E' uma injustiça clamorosa, padre! No entanto entrego minha alma a Deus com a contrição de um justo... Na outra vida, certamente, tereia necessária recompensa da divindade!...

Quase sem pensar na sua missão de ministro de Cristo, na terra, o padre João, pela última vez, ouviu em confissão o infeliz Manuel Pereira tão seu conhecido, cuja vida iria ser eliminada para satisfazer um capricho dos homens e da Justiça. E onde estaria Deus com tôda a sua bondade onipotente? Se era o Ser onisciente, imponderável, a Verdade e o símbolo da Justiça dos céus e da terra, por que não atendia às súplicas daquele injustiçado?! Não! se Manuel Pereira fôsse enforcado em praça pública, para preencher formalidades judiciais com um ato de iniquidade, êsse Deus não poderia existir... E se existisse, não seria justo!

Chegando em casa, entrou para seu quarto e deitou-se. Iria esperar pela definitiva decisão da Côrte Celestial. Às quatro horas da tarde, daquele dia fatídico, mandou um rapaz de casa assistir ao enforcamento de Manuel Pereira. Em volta de cinco horas, regressou o portador noticiando a execução do conhecido, muito embora o padre acreditasse, ainda, na possibilidade dum indulto.

O sacerdote ao ser informado de tão dura verdade, sentiu uma espécie de desespero incontido! Jogou no chão, com fôrça, o breviário e bradou em voz alta: "não vou mais crer nessa mentira! Deus não existe! E se existe, não é o Deus que a Igreja proclama e venera! E' um Deus que não enxerga as injustiças da humanidade! Vou tirar a batina, hoje mesmo".

Foi à sala de jantar onde estava Bernardino e explodiu:

— Meu pai, quero comunicar-lhe minha resolução! Não pretendo continuar minha vida como sacerdote! Vou abjurar a religião católica! Não quero mais saber de clero. Vou jogar esta batina fora!

O fazendeiro via no sacerdote, um verdadeiro representante de Deus na terra. E por isso, não pôde esconder seu espanto, ante a intempestiva deliberação do filho. O seu dever de pai católico, impunha contornar, a todo custo, aquela situação periclitante.

— Que foi isso, meu filho?! não diga tamanha blasfêmia contra Deus! Não pode deixar de ser tentação do demônio para conquistar sua alma... Pense bem no escândalo que êste seu capricho mal entendido vai produzir no seio da família, na sociedade e na religião católica. A religião de Deus. O caminho da salvação. Será excomungado pela Igreja e por Deus! Não pretendo ver semelhante infelicidade em nossa casa... Veja bem o que está dizendo!

— Enfrentarei tudo, meu pai, mas não me sujeitarei a uma religião repudiada por minha alma. Para viver, não preciso de ser padre! Não me sinto bem com êste ofício, cujo único fim é enganar a mim e aos meus incautos paroquianos.

O padre saiu para o quintal e começou a passear entre as árvores, com o pensamento voltado para a sua firme resolução. Anoi-teceu e lá se ficou.

Sua mãe, ante o susto que experimentara, não pôde falar a seu filho. Seus olhos encheram-se de lágrimas, indo encontrar refúgio no seu velho santuário, onde parecia existir o monumento de sua fé. Acendeu duas velas, ajoelhou-se e resou um rosário na intenção de seu filho, pedindo a Deus que o retirasse daquele abismo.

Às oito horas da noite, alguém bateu palmas na porta. Uma pessoa queria falar com o padre João. Foram chamá-lo. Ele foi atender. Era um velhinho de cabelos e barbas brancas como neve.

— Que deseja, meu filho? — perguntou o sacerdote com atenção e certa piedade.

— Reverendo, minha velhinha está com a vela na cabeceira, esperando somente pela hora de expirar. Me pediu, porém, que queria ser ouvida em confissão, antes de entregar sua alma a Deus. E como pretendo fazer-lhe, ainda, o último pedido, vim chamá-lo para ir até a nossa casinha.

— Meu filho, é muito distante a sua morada?

— Reverendo, daqui lá são francamente duas léguas grandes.

— Já são mais de oito horas. Eu sou muito pesado, e, no momento, não tenho animal capaz de conduzir-me à sua casa.

— Quanto a isso, não há embaraço. Trago um cavalo bom e selado para sua montada. Peço não me faltar, pelo amor de Deus.

— Neste caso, irei. Teremos de passar pela Igreja, a fim de apanhar os paramentos necessários para a confissão solene e a extrema-unção.

— Pois não, Reverendo.

Montaram e saíram. O padre, como de costume, entregou ao velhinho a maleta contendo os óleos santos, as vestes imprescindíveis e o livro para a exortação *in extremis*. O portador pô-la a tiracolo e partiram, estrada a fora, o padre na frente. Quando chegaram numa travessia de mata fechada, o velhinho falou:

— Reverendo, pare um pouco. Preciso falar-lhe.

O pároco puxou as rédeas do animal e parou, virando-se.

— Reverendo, eu nunca fui casado e não tenho pessoa nenhuma para confessar. Chamei o senhor para outra coisa muito diferente.

O sacerdote sentiu uma sensação de medo. Estranha frieza correu-lhe na medula espinhal. Mas reagiu.

— Então, diga qual a sua pretensão, indo chamar-me em minha casa a estas horas!

— Sim, senhor. Explicarei o caso com minúcia. Sonhei com uma botija, contendo ouro e prata, aqui neste lugar. Bem alí debaixo daquela árvore (apontando com o indicador da mão direita). Acontece que a alma quando me deu este tesouro, recomendou-me que o convidasse para associar-se comigo, em face do senhor não ser ambicioso. Depois de arrancado, o dinheiro fôsse dividido em partes iguais.

O padre João pensando em enriquecer de uma vez, perguntou:

— Como poderemos levar a efeito esta tarefa, se não temos ferramenta de espécie alguma?



— A ferramenta está bem aqui, na beira do caminho.

O velhinho tratou de desmontar-se, amarrando o animal a uma árvore. O padre o imitou.

Abeiraram-se do local. O velhinho começou o serviço. Com espaço de cinco minutos, mais ou menos, o padre que estava de cócoras no leito do caminho, disse demonstrando desprendimento e cavalheirismo:

— Meu filho, deixe-me ajudá-lo.

— Não Reverendo. Não precisa. Está muito raso e cavarei só. Após alguns segundos, o sacerdote ouviu um som fôfo produzido pelo cavador, ao tocar a um corpo estranho. Atribuiu ter sido nas tábuas do caixão, onde estava guardado o tesouro que o destino ia entregar-lhe nas mãos. Aproximou-se da escavação, quase sem poder respirar, tal a emoção que o dominou. Efetivamente, a botija estava sendo descoberta. O velhinho meteu o cavador e suspendeu a tampa da urna. O pároco, com inusitado açodamento, avançou para a beira do buraco, com a idéia fixa de estrangular o companheiro e apoderar-se do dinheirão que iria brotar do seio da terra. Mas tamanha foi a surpresa quando, à luz de uma vela, acendida no momento, o velhinho lhe mostrou o conteúdo do caixão de um metro de comprimento por sessenta centímetros de largura. O padre, decepcionado por ver dissipar-se tôdas as esperanças que o animavam, ficou desapontado. Teve o ímpeto de esmurrar tudo o que estivesse em sua frente — até mesmo o vento. Ao invés do ouro e a prata esperados dentro da urna tão ambicionada, estava uma caveira encolhida, com as mãos e os joelhos nos ombros.

— Está vendo, Reverendo? — perguntou o velhinho — este esqueleto é duma velhinha injustamente assassinada, há dois anos, por aquêlê rapaz a quem a Justiça puniu hoje, com o enforcamento. Compreenda que êle não morreu inocente. E o que matou Miguel Ferreira, no poço, vai ter, também, o seu castigo, muito breve, de acôrdo com a lei divina. Veja, Reverendo, que Deus é justo e misericordioso, não esquecendo de premiar os virtuosos e supliciar os culpados. Deus jamais desamparou seus filhos na face da terra. O egoísmo e a ambição, são crimes dignos do punição do Divino Mestre.

Com estas últimas palavras, a vela se apagou e o velhinho desapareceu dentro da escuridão da noite...

Teresina, 17 de julho de 1963.

---

## I C — REVISTA

Oswaldo Alves de Sousa tem a vocação natural da imprensa. Já dirigiu, com a máxima eficiência, um dos melhores jornais — A FOLHA DA SEMANA. Tôda sua dedicação agora centralizou-se na I C — REVISTA, publicação alentada que poucas capitais do Brasil podem manter. Dedicase às forças produtoras do Cariri. E' bem ilustrada, com informações seguras, constituindo-se a melhor propaganda desta zona, por aí afora. Sua colaboração é esmerada e pode ombrear-se condignamente com suas congêneres "ITAYTERA", "HY-HY-TE" ou "REVISTA DE POESIA", cada qual em seu gênero. Crato tem se salientado por ótimas publicações, sobressaindo-se suas revistas que muito recomendam á intensa cultura intelectual, desta cidade, que avança galhardamente, em todos os setores de atividades.

DIANTE DA NASCENÇA "BATATEIRA"

*Otávio Aires de Menezes*

Em homenagem ao Crato,  
bêrço dos meus antepassados  
e glória do Ceará.

*Não sei se foi Moisés — o Israelita  
Que feriu a base desta serra  
E fêz brotar em águas cristalinas  
A Batateira fertilizando a terra.*

*Por entre os verdes ramos entrelaçados,  
Bandos de aves construindo ninhos  
Belos hinos de amores são cantados  
Pela música divinal dos passarinhos.*

*Borboletas azuis em revoadas  
Cobrem a terra úmida das barreiras  
Molhadas pelas águas cristalinas  
Que descem em borbotões da Batateira.*

*Olhando aquelas águas cor de prata  
E a verdura sem par daquele mato;  
Eu lembro os primitivos moradores  
da Aldeia do Miranda — hoje — Crato.*

*E lembro as epopéias de Filgueiras,  
E de Tristão a férrea valentia  
E dos índios cariris fortes guerreiros  
Que também lutaram em demasia  
De Bárbara de Alencar — o amor a Pátria  
Patriota mais que ela não havia.*

*Crato! padrão de glória no passado  
Crato! Símbolo de glória no presente  
Crato! Esperança no futuro  
Anima o coração de tua gente.*

# MUDANÇA DE PIANOS

FELIX LIMA JÚNIOR

Na Fôlha da Manhã, de Recife, de 17 de Março de 1947, o saudoso jornalista Mário Mello, estudioso de tudo quanto se refere a Pernambuco, e, especialmente à sua formosa e progressista capital, escreveu um tópico sôbre o transporte de pianos, ha vinte anos passados, que era realizado por seis ou oito ganhadores, marchando ao som de uma canção ritmada.

Um amigo do ilustre jornalista da terra de Nabuco indagara quando desaparecera, no Recife, o costume de pianos serem assim transportados, pois de 1930 em diante passaram a ser conduzidos em possantes caminhões americanos, principalmente.

Nesta capital, até o ano citado, a mudança de pianos era feita, quase que obrigatóriamente, por "ganhadores" ou diaristas.

Havia grupos ou turmas especializadas, de seis ou oito homens, conforme o caso, sob a direção de um dêles, espécie de mestre, chefe ou capataz, que contratava a mudança e dirigia o serviço, assumindo a responsabilidade. Tiravam o piano da casa com todo o cuidado, punham-no à cabeça, sob rodilhas de pano (muitas vezes o próprio paletó, à falta de coisa melhor...) e, a um sinal do chefe, iniciavam uma espécie de marcha militar, passo cadenciado, "para tornar o pêso mais maneiro", diziam no Recife; "para não desafinar o instrumento", ouvi dizerem muitas vezes em Maciô.

Lá vem o piano! — gritavam um menino ou uma doméstica. As janelas e calçadas se enchiam. Todos queriam assistir a passagem do préstito e ouvir o canto característico.

Um jornalista da terra do tio Sam, hospedado no Hotel Central, no Recife, conversava com Mário Mello, em 1930, tendo à mão uma pequena máquina fotográfica, quando interrompeu a conversa, sem explicações, deu um pulo para o meio da Avenida Manoel Borba e, na esquina da rua das Ninfas, tirou fotografias de um grupo de homens conduzindo um piano à cabeça. Quando êles passaram, o jornalista pediu, então, desculpas ao seu colega brasileiro e explicações ao mesmo tempo, pois aquele meio de transportar pianos era inédito para êle.

Mário Mello, que tinha boa memória musical, como escreveu, recordou-se da música e da letra de uma dessas canções ritmadas, fornecida por êle, há vinte anos, a Mário de Andrade, para o seu folclóre :

Meu barco é veleiro,  
Nas ondas do má,  
Eu vou embóra, eu vou embóra,  
Meu bem me mandou chamá, Iaiá...

Com essa mesma letra ouvi, quando menino, muita gente dançar o esquecido e desaparecido "côco", indispensável então em todas as festas, principalmente no Natal, dança da qual pouca gente se recorda em nossos dias, apesar de ser alagana nata.

Em Casa Grande e Senzala registrou Gilberto Freire :  
"Os pianos não se carregavam outróra sem que os negros cantassem :

E' o piano de ioiô,  
E' o piano de iaiá ! "

No livro *Inglêses no Brasil*, o sociólogo transcreveu outra cantiga de carregadores de piano :

Não se pesca mai de rêde,  
Não se pode mai pescá,  
que já sube da notiça  
que os ingrês comprou o má.

Dos grupos de carregadores de pianos de Maceió, um dos melhores organizados trabalhava sob a chefia do Carvão de Pedra (Wenceslao Moisés da Costa), felecido em 1943. Dêsse grupo restam ainda algumas figuras, sendo a principal o Peroba (Firmino José dos Santos), com "ponto" na calçada da Despensa Familiar, à rua do Comércio, residindo no Pinheiro, próximo ao quartel do 20.º Batalhão de Caçadores. Outras—Manoel Aviador, Antônio Santos, Francisco André—repousam em sepulturas sem epitáfio nos cemitérios da nossa capital.

Peroba, a meu pedido, forneceu cópia de várias canções, das que êle e o grupo de que era, figura de destaque cantavam, quando mudavam os pianos :

Mãe Maria chorou !  
E' de zombaria !  
Mãe Maria chorou !  
E' de zombaria !

Pilão pisa o milho!  
E' pilão gonguê!  
Pilão pisa o milho!  
E' pilão gonguê!

Róla o páo, róla o páo!  
Dinrim, dandô, dinrim, dandô!  
Róla o páo, róla o páo!  
Dinrim, dandô, dinrim, dandô!

Olha o tôco no caminho!  
Alevanta o pé!  
Olha o tôco no caminho!  
Alevanta o pé!

Navio chegô na barra,  
Afundô!  
Navio chegô na barra,  
Afundô!

Moleque,  
Abra o ôlho, finca o pé!  
Moleque,  
Abra o ôlho, finca o pé!

Rolinha,  
Fôgo pagô!  
Rolinha,  
Fôgo pagô!

O páo rolou, caiu!  
La na mata ninguem viu!  
O páo rolou, caiu!  
La na mata ninguem viu!

Outro grupo bem organizado e preferido por muita gente para a mudança dos pianos das "sinhasinhas", era chefiado pelo Torquato, ganhador que merecia especial confiança de grande parte do comércio desta capital, e cujo "ponto" ficava na Despensa Familiar, já citada. Torquato, identificado facilmente pelo grande bigode que usava, apesar de ser homem pobre, de origem humilde, simples diarista, muito estimado.

Iaiá, dondon,  
Este côco é bom  
E' bom, é bom,  
Iaiá Dondon.

Outra canção que Mário Mello conservou :

Zomba, minha nêga !  
Zomba, meu sinhô !  
Quem quizé se embarcá,  
Trem de ferro já chegô !  
Iaiá...

E aqui está outra, ouvida em Maceió e que me foi fornecida pelo ilustre e saudoso desembargador Augusto Galvão, há uns seis anos passados :

A água é para se beber,  
O ferro para se engomar,  
Abre alas, minha gente,  
Que o piano quer passar !

Lembro-me de uma, creio que a mais simples e preferida por isso mesmo, ouvida, há muito tempo, nesta capital:

João Criôlo,  
Maria Mulata !  
João Criôlo,  
Maria Mulata !

E de uma variante :

João Criôlo,  
Maria Mulata !  
Vestido de renda,  
Pulseira de prata !

e de outra :

Eu também vou,  
Apanhar maracujá !  
Eu também vou,  
Apanhar maracujá !

Gemeu, gemeu,  
gemedô !  
Gemeu, gemeu,  
gemedô !

E esta, que é apenas uma espécie de toada :

E' de zombaria !  
E' de zombaria !  
E' de zombaria !

Em agosto de 1950, quando se comemorou, no Teatro Santa Isabel, em Recife, o primeiro centenário do nascimento do grande abolicionista e político José Mariano, seu filho, o poeta Olegário Mariano, da Academia Brasileira de Letras, pronunciou conferência, na qual citou toada popular dos carregadores de piano “de que todos os recifenses do começo do século terão certamente guardado no ouvido a ressonância como um perdido acalanto :

Olelé, vira a moenda,  
Olelé, moenda virou,  
Eu estava em Beberibe  
Quando a notícia chegou.  
Mataram Zé Mariano,  
O comércio se fechou.  
Mas a notícia era falsa  
Graças a Deus Nosso Sinhô.  
Olelé, vira a moenda,  
Olelé, moenda virou”.

Em “Segismundo no carnaval”, publicado no suplemento literário do Jornal do Comércio, de Recife, de 16 de janeiro de 1966, registrou Tomás Seixas :

“Acabaram-se os pianos e os carregadores de piano que iam do Recife até Caxangá com o bruto de um piano na cabeça e cantando :

Iaiá não me diga adeus,  
Olhe que eu vou embarcar,  
O vapor entrou na barra  
O Telegra deu siná...

Em 29 de agosto de 1953 passava eu, de ônibus, pela rua 26 de Abril, no Poço, quando encontrei na esquina daquela artéria com a rua Inácio Calmon, seis homens conduzindo um piano à cabeça. Não cantavam. O instrumento pertencia a uma viúva... Piano de viúva, conforme a tradição, é conduzido em silêncio...

Seis homens passaram, na rua Saldanha da Gama, no Farol, na tarde de 10 de junho de 1950, levando um piano e cantando :

E' de zombaria !  
E' de zombaria !

Pelo mesmo bairro, na rua Comendador Palmeira, no dia 14 de junho de 1956, pela manhã passou outro piano carregado por seis homens, que cantavam, apenas para marcar o passo :

Fogo pagô !  
Fogo pagô !

Tres anos depois, pela rua Angelo Neto, assisti a passagem de outro grupo de seis ganhadores, conduzindo um piano de côr preta, cantando apenas e monotonamente :

João Criôlo,  
Maria Mulata !  
João Criôlo,  
Maria Mulata !

Foi a última vez que vi piano transportado em cabeças de homens de ganho, na simpática capital alagoana.

---

## “MINHA POSSE NO TRIBUNAL DE JUSTIÇA DO ESTADO DE PERNAMBUCO”

No dia 7 de Junho de 1965, tomou posse no honroso cargo de desembargador no Tribunal de Justiça de Pernambuco o Dr. Aderson Antão de Carvalho. Sua carreira foi brilhante na magistratura do vizinho Estado. O Desembargador Aderson nasceu, em Jaicós, no Piauí, de ilustre família vinculada aos Alencares. E' casado com a cratense Dona Eda de Alencar Araripe Carvalho, filha do ilustre homem público — Dr. Antônio de Alencar Araripe e Exma. consorte Dona Donita da Franca Alencar.

A cerimônia de posse do Desembargador Aderson Carvalho revestiu-se do máxima solenidade, pois é vulto que se destacou, em Pernambuco pela sua vida ilibada e competencia como juiz de Direito, em diversos pontos do Estado, incluindo a própria Capital — Recife.

Nos inúmeros discursos dos juristas que o saudaram, naquela data destacamos estas frases do Desembargador João Batista Guerra Barreto :

“A carreira, relativamente rápida e brilhante do nôvo Desembargador — tôda marcada pela proclamação do merecimento — por si só representa veemente indício de acêrto da escolha”.

“V. Excia., Desembargador Aderson Antão de Carvalho, embora avêssô ás “retumbantes manifestações de ideologia pessoal”, como diria Cruet, cedo conseguiu conquistar, segura e tranquilamente, o aprêço e o respeito de quantos trabalharam ao seu lado”.

“E V. Excia., Desembargador Aderson, operoso e pontual, dedicando à função o máximo de esforços, revelou-se o antipoda dos juizes tardineiros, a quem Rui Barbosa já invectivava, ao tachá-los de CULPADOS QUE A LASSIDÃO COMUM VAI TOLERANDO”.

O Desembargador Aderson Antão de Carvalho em conquistar pôsto tão elevado em Pernambuco, terra de tradição de cultura jurídica, teve assim merecida e retumbante vitória.



## PLATÔNICO

*Alves de Oliveira*

O amor, meu amor... (Mas porventura  
Há quem ignore o que êsse deus traduz ?  
Nunca ouviste dizer que a Virgem Pura  
Sofreu heroicamente ao pé da Cruz ?)

O amor, meu amor, é essência, é luz  
Que ilumina do cego a estrada escura.  
E' êsse sentir que diviniza a flux  
A mão que embala o filho com ternura.

E' essa vaga emoção que em mim desperta  
A mudez impassível da cegonha,  
Numa ruína há séculos deserta.

Amor é o sol, quer nasça, quer se ponha.  
E', em suma, a grande Natureza aberta,  
Por onde o poeta, deslumbrado, sonha...

---

## DESPEDIDA

*Ao Pe. Lumesi*

Alma santa de nobre envergadura,  
Coração impoluto e generoso  
Que sempre vos mostrastes alteroso  
Quer na alegria, quer na desventura.

Agora que a dor punge e vos tortura,  
Agora que vos mata impiedoso  
O destino cruel e tenebroso,  
Queremos abrandar vossa tristura.

Dizendo: ides partir, mas não a sós,  
Pois nossos corações vos damos nós  
Para chorar convosco a ingratição !

Nossas almas vos seguem abatidas  
Gemendo todas pela dor tranzidas  
Mas repletas de amor e gratidão !

## A Diocese de Iguatu (seus Primórdios Históricos)

Monsenhor Francisco de Assis Couto vem fazendo obra de vulto, em reconstituir a História de Iguatú, na sua parte eclesiástica. É um trabalho de mérito que só merece aplausos. É bom investigador e tem inteligência bastante para sair-se bem no empreendimento que realiza. É sócio efetivo, dos mais proeminentes do Instituto Cultural do Cariri, sendo filho de Jardim, que nunca perdeu seu lugar na vida intelectual no Cariri, desde o século passado, quando se chamou a "Atenas do Cariri".

Nesse trabalho de levantamento da história regional que fez, com tanto cuidado, o Monsenhor Francisco de Assis Couto se revela ótimo historiador.

Assim inicia o seu opúsculo, editado pela Gráfica Royal de Juazeiro do Norte:

"Considerando os benefícios, advindos da fundação de uma Diocese, nas cidades de nossa interlândia, já pela Defesa da Fé, já pelo impulso para o progresso, não só material, mas, sobretudo, sócio-moral-educacional e assistencial; tendo, em vista, também, as possibilidades de Iguatu, quer pela sua posição demográfica e pela sua vida econômico-financeira, os quatro sacerdotes, aqui radicados, deliberaram reunir-se para tratar do assunto de uma Séde Episcopal, em Iguatu.

E, destarte, aos 23 de outubro de 1956, reuniram-se, em Casa do Capelão das Filhas de Santa Teresa, os Padres Vigários: Francisco de Assis Couto e José Gonçalves Landim, os Padres José Ferreira Lobo, professor e Antônio de Oliveira, Capelão e Professor do Colégio e das Irmãs".

Assim nasceu a idéia que, em breve, se concretizou pela vontade de seus quatro pioneiros, entre os quais o Monsenhor Francisco de Assis Couto. Podemos mesmo assegurar que a Diocese de Iguatu, pelos sacerdotes que empreenderam a sua propaganda e conseqüente formação, pela sede primeira das reuniões, no Colégio, dirigido por religiosos cratenses, é filha espiritual do Crato.

O Monsenhor Francisco de Assis Couto está a realizar trabalho digno de todos os aplausos, em realizar, com suas pesquisas e com sua inteligência a história eclesiástica do Iguatu, que, na realidade, confunde-se com a sua verdadeira história, de um modo geral.

---

### "A VOZ DE SANTA TERESA"

Em proporções à sua população, Crato é a cidade que possui mais revistas no Brasil e aliás tôdas boas e bem impressas. As Filhas de Santa Teresa, congregação Religiosa, da Diocese de Crato, fundada pela clarividência de D. Quintino Rodrigues de Oliveira e Silva hoje se espalha pelo Brasil inteiro.

Mantém "A VOZ DE SANTA TERESA", revista, com boa colaboração e ilustrada e que serve de elemento de ligação cultural para todas as casas orientadas por aquelas religiosas. É editada em Crato, na moderna gráfica de a "A AÇÃO".

# 1.º FESTIVAL DE FOLCLORE DO CEARÁ

F. S. Nascimento

O I Festival de Folclore do Ceará, realizado sob os auspícios da Secretaria Municipal de Educação e Cultura, do Governo do Estado e da Universidade Federal do Ceará, veio nos proporcionar um espetáculo de rara beleza, ao mesmo tempo que nos ofereceu a oportunidade de verificar o que ainda existe de original nos folguedos, nas danças e demais práticas coletivas da gente cearense. Numa sequência de exhibições que chegaram a empolgar os nossos melhores folcloristas, os conjuntos de Crato, Juazeiro do Norte, Itapipoca, Almofala e Caucaia cumpriram uma programação das mais interessantes, fazendo demonstrações de bandas cabaçais, reisados, maneiro-pau, côco de diversas modalidades, aboiadores e danças de aranha, de São Gonçalo do Amarante do Torém, esta considerada uma das últimas reminiscências de rituais indígenas em nosso Estado.

O Grupo Folclórico Itaytera, mantido pelo Instituto Cultural do Cariri, fêz-se representar por uns dez figurantes, rigorosamente selecionados pelo folclorista J. de Figueiredo Filho, os quais se desdobraram em exhibições de banda cabaçal, côco-gavião peneirador e maneiro-pau. Do distrito cratense de Muriti, mas inexplicavelmente integrando a representação de Juazeiro do Norte, mandaram-nos também o reisado de São José, a que dedicaremos um comentário à parte. Sobre a prática e preservação desses folguedos no município do Crato, cuja extensão geográfica abrangia quase todo o vale caririense nos primórdios de sua civilização, achamos oportuno dizer aqui algumas palavras.

Ocupado no decurso do século XVIII por contingentes humanos procedentes de todo o Nordeste brasileiro; inclusive da Bahia dos Ávilas, o Cariri cearense, mais conhecido por Cariri-nôvo, ao mesmo tempo que se fundia etnicamente, ia assimilando os usos, os costumes e as tradições populares dos adventícios, decorrendo de todos esses fatores a riqueza multiforme do seu patrimônio folclórico. Com os primeiros alagoanos que demandaram para a missão do Miranda em busca de suas terras ubertosas, veio a banda de couro cabaçal, tendo a sua toada se perpetuado pelos anos afora, à falta de outros conjuntos musicais bem aparelhados e mais sonoros.

A mais remota notícia sôbre a existência dêsses conjuntos rudimentares na vila real do Crato, conhecemo-la através de George Gardner, em suas "Viagens no Brasil", ao escrever, por volta de 1838: "No terraço em frente ao templo, ondulava grande massa humana e meia dúzia de soldados disparavam, a espaços, seus mosquetes. A pouca distância tocava uma banda de música, dois pífaros e dois tambores, música da pior categoria, a correr parelhas com os fogos de artifícios então exibidos".

Utilizadas, de modo especial, nas festas da padroeira com a finalidade de angariar donativos durante o seu novenário, as bandas cabaçais do Crato se dispersavam pelas ruas e pelos pés-de-serras com seus pifeiros e zabumbeiros tocando marchas ou músicas de sentido religioso, cujos estrídulos nada harmoniosos se ouviam a longa distância. À frente do tradicional quarteto seguia um porta-bandeira, de bandeja em punho, a colhêr óbulos em dinheiro e em outras coisas propícias para leilões das noites de novenas, tais como leitões, galinhas, perus, etc. Mas não raro a banda de couro perdia a sua costumeira seriedade, desandando por instâncias de esmoleres endinheirados, a tocar os baiões mais apimentados, como a "Pipoca", o "Maribondo" e a célebre "Cachorra".

Êsses números eram sempre enriquecidos com algumas danças realizadas pelos próprios componentes da orquestra, os quais, dentro do ritmo do baião ou do xaxado e em evoluções de alta significação coreográfica, faziam zigue-zagues, davam demonstrações de capoeira ou executavam a arriscada dança das facas, sendo esta última a mais solicitada pelos admiradores da cabaçal, em virtude da destreza com que um dos dançarinos matutos improvisava os passos mais endiabrados, no exato momento em que esgrimia com duas facas de ponta, num jôgo simulado de ataque e defesa. Peritos nestes malabarismos rítmicos, os integrantes da banda de couro de Crato incluíram nas suas exhibições todos êsses números tradicionais, agradando em cheio ao grande público que se deslocou, noites seguidas, para a Concha Acústica da Universidade Federal do Ceará.

Como atividade artística genuinamente popular, as bandas cabaçais de Juazeiro do Norte tiveram a mesma origem que as de Crato, diferenciando-se, apenas, em sua veiculação cultural no tempo em que foram transplantadas para o Cariri. Para o Crato levaram-nas, num passado memorável, as primeiras famílias alagoanas que aportaram às terras sopedâneas do Araripe, com a finalidade de ex-

plorá-las com lavouras e criação de gado, enquanto para o Juazeiro conduziram-nas os pifeiros e zabumbeiros que, em romarias intermitentes, deixaram as Alagoas para acolher-se cob a proteção do Pe. Cícero Romão Batista. E' oportuno ressaltar que esse segundo período migratório teve início na época dos supostos milagres da mulata Maria de Araújo, perdurando até os nossos dias, não obstante o índice de progresso que experimenta a meca caririense.

As bandas do Horto e do Cipó, que representaram Juazeiro do Norte no I Festival de Folclore do Ceará, compunham-se de cinco elementos: 2 pifeiros, um taroleiro, um zabumbeiro e um tocador de pratos. Este último instrumento fôra introduzido nos conjuntos juazeirenses pelo dr. Tomás Pompeu Filho, há pouco mais de trinta anos, segundo testemunho do escritor J. de Figueirêdo Filho, em seu livro "O Folclore no Cariri". Mas, embora aparelhadas com esse instrumental, as bandas de Juazeiro não lograram suplantar o conjunto preservado, em sua composição tradicional, pelo Instituto Cultural do Cariri. As cabaçais juazeirenses ocuparam, todavia, um lugar de destaque, valorizando-se com os números imitativos da cauã, dos pais-de-chiqueiro em disputa e do cachorro que caapora tirou o faro.

Além de suas bandas cabaçais, o Cariri se fêz representar por dois reisados e por dançadores de côco e de maneiro-pau, numa demonstração de vitalidade dos seus folguedos tradicionais. Com referência ao côco, poderíamos apenas dizer que essa dança foi transplantada para a região caririense da mesma forma que a banda de couro, tendo se incorporado aos folguedos de sua gente num passado bastante remoto. Dessa história, salvaram-se e persistiram tempos afora diversas modalidades de côco, especialmente preservadas em Crato, Juazeiro do Norte e no município pernambucano de Exu, destacando-se nesse repertório o côco-gavião, o côco de roda, o bingolê, o milindô, êste dançado exclusivamente por mulheres nos pés-de-serras cratenses.

Os dançadores de côco de Juazeiro do Norte apresentaram-se com muito desembaraço, demonstrando, principalmente no côco de roda, que cultivam essa atividade cultural de acôrdo com o que lhes ensinaram seus antepassados alagoanos. Num confronto dos dois grupos — o de Crato com o de Juazeiro do Norte, — vamos encontrar formas mais cristalizadas nos dançadores cratenses que, por uma questão de antiguidade na adoção do folguedo, conseguiram man-

ter algumas espécies de côco, talvez até desaparecidas em seu Estado de origem, como o bingolê e o milindô.

Baseado num estudo de J. de Figueirêdo Filho, Luís da Câmara Cascudo incluiu essa última forma de côco em seu "Dicionário do Folclore Brasileiro", 2.ª edição, 1962, escrevendo: — Milindô — dança popular no Crato, Cariri, Ceará, tendo a peculiaridade de ser executada exclusivamente pelo sexo feminino. O milindô é dança de roda do gênero côco, mas com certa diferenciação. No côco é de praxe só haver um tirador de versos, enquanto todos os outros dançadores entoam o estribilho em côro e muitas vezes batendo palmas. No milindô cada componente do folgado pode tirar seus versos, de sua própria composição ou de qualquer cantador popular. Na ocasião em que se canta o estribilho, em côro, os pares despregam-se da roda em movimento e dão uma volta completa".

Deixando de parte o côco e suas diversas formas de dançar, voltemo-nos agora para o maneiro-pau, que o Grupo Folclórico Itaytera e o pessoal de Juazeiro do Norte exibiram, por ocasião do I Festival de Folclore do Ceará. "Antiga dança de roda, cantada e ritmada com palmas", segundo Câmara Cascudo, op. cit., para Felicitas ("Danças do Brasil", 2.ª edição, 1959), o mineiro-pau ou maneiro-pau é uma dança singela, de origem indígena, praticada especialmente em Pernambuco. Assim não o viu, todavia, o escritor J. de Figueirêdo Filho, em "O Folclore no Cariri", Imprensa Universitária, 1962, ao defini-lo como dança máscula realizada ao ritmo de versos estribilhados, acompanhada apenas pelo entrechoque contínuo de porretes.

"A brincadeira — escreveu o folclorista cratense — é conhecida no vale caririense desde épocas imemoráveis não tendo acompanhamento musical de qualquer espécie. Em tempos mais recuados, os jogadores de maneiro-pau estavam vinculados, de corpo e alma, ao esporte arriscado dos jogadores de cacête. Eram caboclos, ou cabras como antigamente os chamavam, dos engenhos caririenses, da bagaceira, peritos maneijadores de cacête, como arma defensiva e ofensiva. A perícia era tal, naquele perigoso jôgo, que se expunham a defender-se, esportivamente, com seus porretes, os golpes de facas de ponta, hábilmente empunhadas por perfeitos esfaqueadores".

Esse, o maneiro-pau exibido pelo grupo mantido pelo Instituto Cultural do Cariri.

Quanto ao maneiro-pau juazeirense, cuja origem o jornalista Walter Meneses Barbosa foi buscar nas Alagoas,

somos inclinados a pensar que, o que se deu realmente, foi uma transplantação mais ou menos recente do folguedo secularmente praticado e preservado, em tôda a sua autenticidade original, nos velhos pés de serras de Crato. Tanto assim que, em vez de um caboclo ètnicamente ligado à formação histórica do vale, seu treinador e tirador de versos é um adventício, nascido e criado em Iguatu, cuja afinidade com os costumes da famosa meca data de 1953, conforme suas próprias declarações.

Não possui o maneiro-pau de Juazeiro do Norte os traços de antiguidade e persistência que caracterizam o folguedo praticado no município do Crato. Trata-se, por conseguinte, de um maneiro-pau estilizado em que se deparam alguns aspectos novos, permitindo-lhe, por isso mesmo, maior variedade coreográfica. Como atividade artística cultivada, êle chega mesmo a superar o de Crato, graças ao seu mestre tirador de versos que, partindo do modelo tradicional conseguiu introduzir-lhe várias inovações, destacando-se aquelas em que os dançadores se postam de cócoras, sentados ou deitados, ao bater ritmado dos cacêtes. Mas, apesar de muito interessantes, tais formas não devem ser, jamais, imitadas pelos caboclos de Crato, sob pena de macularem um dos seus folguedos mais antigos.

Tal advertência cremos seja inteiramente desnecessária, porque mantidos sob os cuidados e orientação de J. de Figueirêdo Filho, inegavelmente a maior autoridade em assuntos folclóricos na região cariense, os dançadores de maneiro-pau de Crato só encontrarão incentivos para se manterem fiéis a uma tradição talvez de séculos, de vez que nascida, possivelmente, das brincadeiras dos primeiros cambiteiros que se agregaram em tôrno dos engenhos de rapadura dos pés de serras cratenses. Que continuem, pois, a dançar o maneiro-pau sob o ritmo intermitente dos porretes ou jucás e dentro dos limites da mesma coreografia herdada dos seus antepassados.

O I Festival de Folclore do Ceará nos proporcionou, ainda, o ensejo de ver três reisados do interior — o de São José, representados por rapazes do distrito cratense de Muriti, o de Cipó, do distrito juazeirense de Padre Cícero, e o de Caucaia. Em descrições suscintas, mas bastante curiosas, o jornalista Walter Meneses Barbosa classificou os dois primeiros como “reisado histórico” e “reisado popular”, adiantando que no primeiro dêsses autos “os três reis magos estão adorando o Deus-menino, quando chegam os mouros. Uma luta tenaz é travada, levando a melhor os

cristãos, que de espada em punho obrigam os seus adversários a converterem-se ao cristianismo. Daí, então, todos passam a dançar e adorar Cristo"; no segundo auto, o popular, "todos cantam em homenagem ao nascimento do Redentor, apresentando, durante a representação, a caopora, o jaraguá, o boi, a burrinha, etc."

Como se poderá deduzir dessa classificação um tanto arbitrária, a mistura do auto do bumba-meu-boi com outros festejos populares do ciclo do Natal não se deu, apenas, com os congos ou congadas e pastoris, tal como observou Artur Ramos em "O Folclore Negro do Brasil", mas também com a dança dramática dos Cristãos e Mouros descrita por Henry Koster em suas "Viagens ao Nordeste do Brasil" (Companhia Editôra Nacional, Rio, 1942). O reisado de São José, por exemplo, é uma miscelânea de todos êsses autos, a começar pelo dos Cristãos e Mouros, a que os seus figurantes recorreram, talvez inconscientemente, para extrair alguns elementos do seu entrecho.

Mas, conforme tivemos a oportunidade de verificar a única cena em que o reisado de São José faz lembrar a dança dos Cristãos e Mouros é a em que aparece o Mateus, na qualidade de porta-voz do rei mourisco, para intimar o rei cristão a render-se, não sabemos a que pretexto. Êste o replica, dando motivo à luta que se fere entre ambos e na qual tomba vencido o rei pagão. Ora, no entrecho original tudo corre exatamente o contrário: quem do seu trono dirige o ultimato é o rei cristão, exigindo a conversão dos mouros à sua religião. Diante da recusa dêstes, inicia-se um belo espetáculo bélico entre as duas facções inimigas, saindo-se vencedora aquela que simpliza a cristandade.

Dos congos ou congadas não distinguimos nenhum traço no reisado de São José. Talvez em algum dos seus cantos omissos na ocasião, por exiguidade de tempo, haja alguma referência a êsse auto de origem afro-brasileira. Afora essa possível afinidade, o que verificamos foi, sobretudo, a predominância de elementos dos pastoris e do bumba-meu-boi, através de louvações ao Menino Jesus da Lapa, de cantigas evocativas do ciclo da pecuária no Nordeste e de sua figura mais característica, que é o boi, cujas façanhas serviram de motivo para as mais belas páginas da literatura oral brasileira.

Os reisados de Juazeiro do Norte (Cipó) e de Caucaia são, igualmente, resultantes de todos êsses autos, especialmente dos pastoris e do bumba-meu-boi, que lhes for-



neram os temas dos cantos, as formas coreográficas e as figuras do boi, da burrinha, do jaraguá, etc. Ser-nos-ia útil saber se êsse folguedo se acha vinculado ao folclore dessas duas cidades desde épocas mais ou menos remotas. No caso de Juazeiro, por exemplo, onde as condições sempre foram mais propícias às práticas místico-religiosas, tais como adoração do boi-santo, instituição de côrtes celestes e organizações de penitentes, cremos que, à falta de documentação, só um estudo étnico-sociológico poderia nos revelar se a sua adesão ao ciclo dos reisados se deu por influência alagoana ou se por influxo de alguma das comunidades vizinhas, onde os autos dos Cristãos e Mouros, dos congos, dos caboclinhos, dos pastoris e do bumba-meu-boi se encontram incorporados ou diluídos em suas festas populares desde os primeiros momentos de sua formação histórica.

Feito o necessário registro a respeito dos reisados que se exibiram no I Festival de Folclore do Ceará, prosseguimos o nosso comentário dedicando algumas palavras à dança do torém, considerada pelos folcloristas conterrâneos como a última reminiscência de rituais ameríndios em nosso Estado. Seus intérpretes são remanescentes da nação tremembé, e vivem quase isolados da civilização na localidade praiana de Almofala, no município de Acaraú, Ceará. "Vocabulário Indígena" (Fortaleza, 1887) Paulino Nogueira tratou do nome dêsse folguedo ou ritual, ligando-o a uma árvore alta, de fôlhas largas e de pau ôco, parecida com a taboca ou taquara, da qual os índios faziam um instrumento de festa, espécie de maracá (?), chamado torém, de que passara a denominar-se a dança dos mesmos índios, celebrada ao toque dêsse instrumento.

Num confronto com a dança do toré, integrante dos rituais ouricurianos dos fulniô de Águas Belas (Cfr. Estevão Pinto, "Etnologia Brasileira", Companhia Editôra Nacional, São Paulo, 1956), verificamos que se equivocou Paulino Nogueira ao informar que os índios faziam seus maracás de taquara ou torém. De taboca ou taquara o que êles confeccionavam era, sem dúvida, a trombeta ou o pí-faro, sendo de coité, com a introdução de caroços de mulungú, os maracás manejados por um ou mais participantes do folguedo. Mas, apesar de equívoca, a informação do etimologista cearense serviu para comprovar a prática em nosso Estado, em fins do século passado, da dança indígena, hoje só cultivada no Ceará pelos últimos tremembés de Almofala.

Todavia, o nosso objetivo não é comparar o torém de Almofala com o toré dançado em Taboca (Exu) e Águas Belas, Pernambuco, mas sim registrar aquilo que vimos por ocasião do I Festival de Folclore. Efetivamente, o que nesse conclave presenciamos foi apenas uma confirmação do que escreveu o dr. Florival Seraine em seu estudo "Sôbre o Torém" e que ratificou Câmara Cascudo em seu "Dicionário do Folclore Brasileiro". Trata-se de uma dança de roda em que homens e mulheres, sem traje especial, giram em volta de um dançarino, o qual, sob o ritmo do maracá, empreende imitativos de alguns animais que habitam o seu pequeno mundo da pesca e da caça.

Gostaríamos de nos referir, ainda, às danças de São Gonçalo do Amarante e da Aranha, cuja beleza coreográfica tanto agradou o público fortalezense, nas noites do I Festival de Folclore do Ceará. Ambas seriam dignas de um bom comentário: a primeira, por se tratar de uma dança votiva bastante conhecida pelo Brasil a fora, e a segunda, por se encontrar numa situação diametralmente oposta, como atividade espiritual, cremos que inteiramente omissa na bibliografia do folclore brasileiro. A oportunidade não nos faltará, pois acreditamos que outros festivais de folclore serão realizados nesta capital, sob os auspícios da Secretaria Municipal de Educação e Cultura, da Universidade Federal do Ceará e do Governo do Estado.

---

## ÍNDICE DOS NOVE NÚMEROS DE "ITAYTERA"

Em fins de 1965, Crato teve a honra de hospedar, à convite da Faculdade de Filosofia do Crato, o escritor Cavalcanti Proença que veio acompanhado do intelectual fortalezense Carlos d'Alge. O conhecido e apreciado crítico literário, e mais profundo da obra ciclópica do romancista José de Alencar, em conversa com o nosso diretor J. de Figueirêdo Filho, perguntou-lhe:

— Já fizeram o índice geral dos primeiros números de ITAYTERA, agora que vão tirar o décimo?

A resposta foi imediata:

— A bibliotecária da Universidade do Ceará realizou esse magnífico trabalho, já em meu poder.

E' o que vamos ler em seguida, produto da inteligência privilegiada de muito método e de invejável paciência de Maria Conceição Sousa, das maiores bibliotecônomas do país. Já é conhecida nos meios intelectuais por sua cooperação decidida no trabalho de pesquisas de arquivo.

O ÍNDICE dos números 1 a 9 de nossa revista divide-se em duas partes, a de assunto e a de autores.

# DISCURSO

DR. NAPOLEÃO TAVARES NEVES

- Sr. Governador.
- Sr. Presidente da Assembléia Legislativa do Estado.
- Sr. Delegado Regional do SAMDU.
- Sr. Representante do Dr. Secretário da Saúde.
- Sr. Subsecretário de Administração.
- Srs. prefeitos de Barbalha, Crato e Juazeiro.
- Srs. deputados.
- Srs. Vereadores.
- Reverendíssimo Pároco de Barbalha.
- Srs. Médicos

A atual administração municipal de Barbalha, com o integral apóio e em consonância com a vitoriosa arrancada desenvolvimentista do Governô Virgílio Távora, contando também com a eficiente, valiosa, necessária e até imprescindível colaboração do Dr. Pio Sampaio, acaba de entregar ao Município êste moderno "Posto de Saúde" que, estou certo, haverá de satisfazer, pelo menos em parte, a nossa alarmante e calamitosa falta de assistência médico-odontológica oficial.

Para tanto mobilizou suas mais caras energias e após um esforço titânico desfazendo dificuldades e superando obstáculos vemos, com alegria, coroados de sucesso tantos esforços ao recebermos esta "Unidade de Saúde" que haverá de preencher uma lacuna que de há muito vinha desafiando o espírito empreendedor do povo e a visão dos líderes da querida "terra dos canaviais".

Coube-me a grande honra de ser indicado seu primeiro médico, indicação apolítica, com o apóio das principais correntes de opinião do município e o beneplácito, desvanecedor para mim, dos seus mais proeminentes líderes. Diante de tamanha honraria aceitei o encargo, certo de aqui poder fazer algo mais em benefício da terra e de sua bôa gente, sobretudo daqueles menos favorecidos da sorte que constituem a imensa maioria do nosso povo tão digno de melhores destinos e para cujo serviço serão dirigidos os nossos melhores esforços.

Assumo pois, a direção médica desta novel "Unidade de Saúde do Estado" com a melhor e mais firme disposição de empregar todos os esforços no sentido de fazê-la funcionar prática, realmente e da melhor maneira possível, prestando a mais carinhosa e acolhedora assistência aos que ocorrerem em busca de lenitivo para os seus males.

Não é que possamos fazer milagres, mas, apenas e tão sômente cumprir rigorosamente o nosso dever, dentro, é claro, das limitadas possibilidades de uma instituição desta natureza.

Para tanto esperamos contar com o apoio das autoridades competentes, com a colaboração dos funcionários e com a cooperação do povo para que todos, irmanados, somando esforços, possamos fazer algo pelo bem coletivo tendo sempre na lembrança aquele lapidar pensamento do imortal Presidente Kennedy: "Se a sociedade moderna nada puder fazer pelos muitos que são pobres também não conseguirá salvar os poucos que são ricos".

Temos uma visão global bem fundamentada dos nossos terríveis problemas sócio-econômicos em geral e dos nossos problemas de saúde em particular, estes corolários daqueles e com o lastro de conhecimentos da nossa problemática de saúde adquiridos durante os cinco anos de exercício da Medicina em nosso meio, esperamos poder fazer algo de positivo pela saúde do povo, quer terapêuticamente, quer instruindo, esclarecendo e orientando, sobretudo o homem do campo que ignora da higiene os mais corriqueiros princípios e das doenças do meio rural as mais comensais medidas de profilaxia.

Vivemos em um meio onde o poder aquisitivo do homem do povo é praticamente nulo e assim sendo, evitar as doenças é tarefa que se impõe, porque remediá-las é impossível para quem não dispõe de meios sequer para matar a fome.

Dest'arte as noções básicas da higiene e da nutrição precisam de melhor difusão para preservar das doenças, sobretudo a nossa infância, esperança do futuro, esteio do nosso porvir, porque é a aurora da mocidade e a mocidade, já o disse magistralmente Engenheiros, é a levedura moral dos povos.

Vivemos em um meio onde, muitas vezes, a mãe bate no filho que "come terra" em vez de levá-lo ao médico porque ignora que ele assim procede, não por vício como pensam, mas por uma carência orgânica cu por uma perversão do apetite que a poliverminose lhe determina.

Vivemos em um meio onde a Tuberculose ainda é um sério e insolúvel problema de saúde pública, e cada tuberculoso — e existem muitos — forma em torno de si como que um foco de Tuberculose coletiva, pois, sendo uma moléstia altamente contagiosa encontra na promiscuidade em que vive o nosso povo, terreno fértil para sua fácil propagação tendo por adubos a subnutrição e a ignorância.

Vivemos em um meio onde a verminose é tão alarmante, que não é raro falecerem crianças em abdômen agudo com obstrução intestinal por verdadeiros novelos de ascáris, onde o Calazar é frequente, onde a Esquistossomose não é tão rara quanto se pensa e o Tracoma é quase um estágio obrigatório na vida da nossa infância, malgrado os ingentes esforços do Dr. Lirio Callou cujo trabalho à frente do "Posto de Endemias Rurais" da cidade é, sem dúvida, uma sentinela indormida na luta pela saúde do povo, livrando da morte e da cegueira milhares de brasileiros, mormente nas épocas das grandes conjuntivites que dão ao Cariri o desprimoroso título de principal foco de tracoma do Brasil. Finalmente, vivemos em um meio onde até a doença de Chagas faz vítimas, pois, sabemos que na rua do Vidéo, nossa principal artéria, os guardas do "Posto de Endemias Rurais" aprisionaram mais de 20 triatomídeos mais conhecidos por "barbeiros", transmissores da terrível moléstia, contrariando até as descrições epidemiológicas dos tratadistas.

Sim, senhores, porque o "barbeiro pode ser próprio de choupanas de taipa lá em Minas Gerais, mas aqui em Barbalha ele se dá ao luxo de viver em casas modernas, de piso e mosaico com energia de "Paulo Afonso" e água da "Fonte do Caldas"!

E' de estarrecer mas é verdade e em matéria de saúde pública, se a verdade traz o escândalo que se faça o escândalo mas que se diga a verdade.

Diante do exposto é de se prever facilmente as proporções dos benefícios que este Posto haverá de prestar à nossa terra, mormente se a par dos requisitos técnicos que os dias atuais impõem pudermos, como tentaremos, imprimir à nossa orientação à frente do seu serviço médico, aquela aura de carinho e compreensão que nos ligou o espírito clarividente e quase único de Leão Sampaio, cujas pegadas foram seguidas por Pio Sampaio, Lírio Callou e João Filgueiras Teles, verdadeiros apóstolos da Medicina sertaneja, cujas vidas são páginas de dedicação ao próximo e sobretudo à gente humilde e bôa, pacata, ordeira e laboriosa da terra barbalhense de gloriosas tradições, constantemente embalada pela música que os dedos ágeis dos ventos arrancam do teclado verde dos nossos canaviais.

A vida desses homens constitui um poderoso estímulo com o qual pretendo honrar as tradições médicas de Barbalha, fazendo nesta casa uma imitação, mesmo grosseira, do espírito caritativo e humanitário que êles souberam tão generosamente derramar nos seus consultórios particulares, sobressaindo-se a esplêndida figura de Leão Sampaio que, mercê de suas excelentes virtudes médicas e humanas, projetou-se além fronteiras do município, do Cariri e do Ceará, derramando-se por estes brasis a fora e constituindo-se hoje uma das mais raras, vigorosas e exponenciais figuras humanas do Parlamento Nacional.

Estejam certos de que cumprirei o meu dever religiosamente, vendo naqueles que aqui acorrerem em busca de lenitivo para as suas dores, não somente um doente, mas também um ser que precisa e busca compreensão, solidariedade e até conforto espiritual, pois, as vezes os males físicos são repercussões somáticas de problemas psíquicos e da solução destes depende a cura daqueles.

Espero, portanto, corresponder a confiança de todos e principalmente daqueles que me indicaram para médico desta Unidade de Saúde, sem intenções políticas porque sabem que político não o sou, bem como a confiança daqueles que, não tendo indicado o meu nome, o apoiaram todavia, e daqueles que, não o apoiando ostensivamente, também não lhe fizeram objeção.

Esteja tranquilo o meu preclaro e eminente amigo Dr. Pio Sampaio porque o "Posto de Saúde" que Barbalha lhe deve do alicerce ao teto, não será jamais um Posto simbólico, mas cumprirá fielmente a sua missão, mesmo porque Barbalha jamais perdoaria a uma instituição que, nascida da inspiração do Pio Sampaio, não cumprisse as suas finalidades, seguindo o exemplo deste ilustre e benemérito médico que, durante mais de três décadas, outra coisa aqui não fez senão servir a sua terra e servir bem, como médico e como cidadão de escol, verdadeiro padrão de dignidade no seio da sociedade e da árdua e bela profissão médica que tanto enobrece e dignifica.

Senhores! As tradições médicas de Barbalha serão fiadoras das nossas atividades nesta casa e com a ajuda de Deus, a colaboração dos colegas dentistas, dos demais funcionários, das autoridades e do povo em geral, pretendemos fazer imperar neste setor de atividade o espírito da caridade cristã desinteressada a par da harmonia que edifica, da honestidade que nobilita e do trabalho que constrói para um Brasil melhor e mais feliz, um Brasil onde realmente "o rico seja menos poderoso e o pobre menos sofrer", um Brasil mais próspero e mais justo, mais humano e mais equânime, um Brasil sem "peleguismo" e sem greves, sem "afilhadismo" e sem "pistolão", onde o sindicato seja realmente um órgão de defesa da classe e não um trampolim para a subida mirabolante de pseudo-líderes sem classe, um Brasil onde o valor seja dado a quem realmente tenha valor, onde os concursos sejam as portas largas para ingresso no funcionalismo público, um Brasil sem sinecuras, onde só tenha emprego público quem realmente precise, mereça e queira desempenhá-lo.

E outro não é sinão este Brasil que pouco a pouco vai sendo plasmado pela Revolução Redentora de 31 de Março de 1964, que em apenas um ano, já nos permite a segurança de visualizarmos em futuro próximo, uma Pátria solidamente constituída, cristã, autônoma, autodeterminada, independente política, social e economicamente, uma Pátria sem regimes importados quer da direita quer da esquerda, uma Pátria que seja uma afirmação perene e inequívoca daquilo que alhures já disse Simon Bolívar: "Não há poder humano que possa subjugar um povo que quer ser livre e que merece sê-lo".

Ajude-mos, pois, todos nós, cada um no seu setor de atividades por pequeno que ele seja, a revitalização desta Pátria tão ansiosamente esperada e tão longamente sonhada, como um preito de imorredoura gratidão à memória dos nossos maiores, dos nossos antepassados e dos nossos entes queridos e que, do mesmo passo, represente o risonho futuro dos nossos filhos e a perene segurança das gerações vindouras!!!

Tenho dito.

(Pronunciado na inauguração  
do Posto de Saúde de Barbalha)

---

## "Medicina Folclórica" e "Previsões Folclóricas das Sêcas e dos Invernos no Nordeste Brasileiro"

Josa Magalhães é dos grandes folcloristas da terra cearense. É modesto, mas seu trabalho de pesquisas, nesse sector da ciência do povo, é dos mais seguros e originais. De há dois anos para cá, lançou dois livros bem fundamentados, em torno de oportunos temas folclóricos. Todos foram editados pela IMPRENSA UNIVERSITÁRIA DO CEARÁ, que está dando rumos agigantados à cultura cearense, tornando-a das mais movimentadas do Brasil atual.

A contribuição de Josa Magalhães a esse sector de cultura merece ser conhecido e há ali muita coisa inédita, pesquisada, com inteligência e em boa linguagem. Tudo isso faz do autor dos mais eméritos folcloristas nacionais.

# Reminiscência

Dr. JESER DE OLIVEIRA

Afirmam as crônicas que, no alvorecer dêste século, século dos grandes sacrifícios para a humanidade, século em que morreu, amaldiçoando-o, Herbert Spencer, segundo Euclides da Cunha; foi no esportar dêste século alvoroçado e tremebundo que apareceu no Crato a figura curiosa de Manuel Soriano de Albuquerque, jovem bacharel de 24 anos de idade e juiz substituto da Comarca a que serviu com dedicação e inteligência. Pernambucano de origem (e aí está o Albuquerque para o supor), instalou-se no Crato e aqui se ficou bem compreendido, bem considerado e bem amado. Foi líder e pioneiro mesmo da civilização e reformas neste adorado burgo da mui venturosa e nunca assás bem louvada gloriosa Missão do Miranda. Em pouco tempo que aqui passara, fundou imprensa, grêmios literários e prodigiosas representações teatrais. Com isso, ficou estimado, mas despertou a tara dos invejosos, que, com os dardos da infâmia, o atingiram em cheio. Isto é comum, é trivial. Quanto sofreu Lincoln!... Quanto sofreu Vieira!... Quanto sofreu e sofre ainda o incomparável Ruy!... Faça o bem e receba o mal... mas receberá o bem com juros dobrados do nosso infalível, justiceiro e boníssimo Pai Eterno. E' justiça indiscutível, fé inquebrantável, cimentada em nosso espírito pela leitura confortadora do Evangelho insuperável, obra prima da inspiração maior de Jesus Cristo. Soriano, como de resto todo ser pensante, foi sensível à ingratidão. Entristeceu. Colocou-se à margem dos acontecimentos, êle que tanto fez viver e vibrar a nascente e promissora sociedade do Crato. Foi transferido para a cidade de Barbalha, carrancuda vizinha da nossa urbs, e ali se demorou pouco. Foi um exílio carinhoso, não há dúvida, na velha moradia e concentração dos melhores e maiores senhores-feudais da região do Cariri. O egocentrismo barbalhense fez que o rico município sulcareense vivêsse muitos anos insulado da civilização. Inquieto e progressista, Soriano era bem dotado e nascera para viver das atividades do seu grande espírito. Para o tempo

e seu meio era homem culto sem o metodismo de um saber feito a tacos e torcicolos de caminhos traçados à satisfação de conveniências, onde se vê que o escôpo é agradar o eunuquismo das inteligências encabrestadas. Não, Soriano não era dessa têmpera. Não decorava; tinha talento próprio. E, a propósito, recordo-me de uma página do grande Ruy em que êle esmagava o doo do raciocínio dos outros, o que apenas decora e não cria. Soriano não podia ser assim. Não conhecia a surpresa. Seu espírito era aguerrido. Vivía na estacada contra a fúria inane da mediocridade insatisfeita. Vía-se nêlo o homem tipicamente de sociedade, catalizador precioso de bons amigos e incondicional apreciador da vida intensa. Em cada jóvem de seu tempo, essa geração que está acabando de se finar, enxergava um dínamo propulsor da nova civilização do Cariri. E assim foi a figura curiosa de Soriano. Pioneiro desbravou para o Crato, que é hoje, o terreno úbere para as sementes de recriação de boas árvores e de bons frutos. Sofreu, sem se queixar, as agressividades naturais dos meios pequenos, onde predomina, sem dúvida, a ignorância sob a forma de recheios da política. De qualquer forma, foi o homem em função da inteligência superior. A meu ver, sua vocação não era a de juiz, limitado ao papel de simples julgador; era a do mestre, a do professor, a do educador de conhecimentos gerais, apropriados à educação intelectual da juventude. A falta do ensejo, lá se fez o juiz ao invés do preceptor. E disto deu provas fundando colégios no Crato e em Barbalha. O colégio Leão XIII, instituição dêle e de outros intelectuais da região, ficou famoso em todo o Cariri. Foi dos que conheceram ainda em Recife os grandes mestres do direito como Tobias, Sílvio Romero, Bevilaqua, J. J. Seabra, Gumercindo Bessa... e quantos mais. Não era jornalista de combate, mas editorialista com a finalidade de esclarecer, vendo-se aí o seu pendor natural e espontâneo com que nasceu para educar. Seu neto, que conheci em Itabuna, figurinha pequena e mirrada de homem totalmente espiritualizado, era o príncipe dos advogados em todo o Sul do Estado da Bahia. Considerado um quase gênio, é hoje professor e chegou a diretor da Faculdade de Direito da Universidade de Recife. É digno descendente do Soriano ex-juiz substituto do Crato, que encantou esta terra com seus talentos, tal qual uma zelação, áscua meteorolítica, que vincou os céus escuros do analfabetismo em região do Cariri para deixar sôbre a cidade eleita de Nossa Senhora da Penha o clarão anunciador do futuro alvissareiro de nossa terra bem amada.



# A PRIMEIRA HISTÓRIA DO BRASIL

PADRE ANTÓNIO GOMES DE ARAUJO

Graças à benemérita iniciativa da Companhia Melhoramentos, de São Paulo, foi publicada, no ano próximo passado, a 5.ª edição da HISTÓRIA DO BRASIL, de Frei Vicente do Salvador, “a primeira escrita por um brasileiro nato”. Editando-a Melhoramentos teve em vista comemorar o quarto centenário do autor e os 75 anos de atividade da empresa.

Da revisão e anotação, ou fôsse, do preparo da edição, encarregou-se Fr. Venâncio Willeke OFM., que, à igual dos que o antecederam em idêntica missão—Capistrano de Abreu e Rodolfo Garcia—se houve brilhantemente. Desfêz equívocos e enganos, reparou lacunas e incorporou novos elementos, hauridos pelo autorizado revisor e anotador, em fontes do Arquivo Nacional da Torre do Tombo de Lisboa, ciente e consciante, que é Fr. Venâncio, não ser a história uma questão de autoridade, mas de crítica. Daquela fonte conseguiu 564 fotocópias de elementos substanciais que contribuíram para a revisão que realizou.

Preparador vitorioso da quinta edição da HISTÓRIA DO BRASIL do Pai da História do Brasil no século XVII, Fr. Venâncio robusteceu seu valor na linha da historiografia, posição já antes conquistada com livros de sua autoria, entre outros: CONVENTO DE STO. ANTONIO DE IPOJUCA, obra calcada sobre tôdas as exigências da história como ciência; MISSÕES DA CUSTÓDIA DE STO. ANTONIO DO BRASIL; SÃO FRANCISCO DAS CHAGAS DO CANINDÉ.

Cumprimentamos Fr. Venâncio pelo alto êxito obtido no preparo da edição em aprêço. E esperamos que continue, o erudito e culto filho de São Francisco de Assis, a enriquecer nossas letras históricas com as jóias de seu saber e pesquisas.

---

Frei Venâncio não é um desconhecido em nossa cidade. Há pouco tempo, ministrou cursos de jornalismo e de história franciscana em nossa Faculdade de Filosofia com real proveito da assistência, constituída de alunos, e pessoas estranhas à mesma Faculdade.

# CABÔCA DA MINHA TERRA

Versos inéditos do poeta  
**Antônio Gonçalves da Silva**

(Patativa Assaré)

Ao

**Dr. J. de Figueirêdo Filho**

Quem me dera sê poeta  
Da mais rica inspiração  
Pra na language correta  
Fazê do chôro, canção,  
Fazê riso, do gemido  
Ah! se os esprito sabido  
De Catulo e Juvená  
Falasse por minha bôca,  
Promode eu contá a cabôca  
Da minha terra natá!

Desta terra de gulora,  
Meu querido Ceará  
Que é conhecido na historia  
Por terra dos Alencá,  
Terra dos indio valente  
Que mataro munta gente  
De frecha e tambem de pau,  
E terra aonde premêro  
O povo do cativêro  
Se livrou do bacaiá.

A sua pobre cabôca  
E' bela forte e genti,  
Porem minha idéia é pôca  
Mode eu dizê tudo aqui.  
Tem ela o corpo compôsto,  
Tambem a marca no rosto  
Do quente só do sertão  
E tem a cabeça chata  
De tanto carregá lata  
Com agua dos cacimbão.

Ela não anda decente  
Nem pissui inducação,  
Pois veve constantemente  
De apragata ou pé no chão.  
Não tem de lêtra ricuço,  
Não sabe fazê descução,  
Não sabe lê nem contá,  
Pois não tem sabedoria,  
Mas, faz renda, cose e fia  
E trabaia no teá.

E' sempre e munto singela  
Porem tem grande valô,  
Quem veve de junto dela  
Tem um anjo potretô.  
Ela não tem péia fina  
Como as donzela granfina  
Que tivêro inducação  
Nem tem dêdo despontado,  
Os seus dêdo é achatado  
Da inchada e do pilão.

Mas porem a gente nota  
Nela um jeito, um não sei quê  
Com um risinho ela bota  
Quarquê rapaz pra roê.  
E' bôa amave e bonita  
E quando de amô parpita  
Querendo arranjá chodó,  
Tem caboge, tem feitiço,  
Não precisa de artifiço,  
Não bota ruge nem pó.

Pensando no casamento  
Veve chêia de prazê,  
O bêjo do atrevimento  
Não gošta de recebê,  
Não gosta de certas graça  
E muitas vez até passa  
Dez ano sem namorá,  
Esperando o noivo amado  
Que saiu do seu Estado  
Pras banda do Paraná.

Esta cabôca rocêra  
Que na armadia não cai  
Muntas vez morre sortêra.  
Pra não desgostá seu pai,  
So sastifaz a vontade,  
Se o véio dé liberdade.  
Eu conheço munto bem  
Esta cabôca interada  
Que sabe sofrê calada  
As magua que o peito tem.

Eu sei de tudo e tou certo  
De seu prizê e sua dô,  
Eu conheço bem de perto  
Sua corage e valô,  
Pois eu tenho visto munto  
Quando é dia de adjunto,  
Na mais quente animação,  
Ela fazê com despacho  
Proeza de cabra macho  
Com uma inxada na mão.

Bem cêdo, demenhasinha,  
Quando o só briando sai,  
Quando ela arruma a cosinha,  
Para o seu roçado vai  
Promode ajudá o marido  
Muntas vez esmorecido,  
Sem esperança e sem fé,  
Que so não se desespera  
Porque ouve e considera  
Os consêio da muié.

Cabôca, eu bem te compreendo,  
Sinto munto e tenho dô  
Quando eu te vejo sofrendo  
Derramando o teu suô,  
Loitando por tua vida.  
Cabôca despotregida,  
Eu tenho pena de tu  
Quando eu encronto teu fio:  
Exposto ao calô e ao friô,  
Doente com fome e nú.

O grande, o maiô coitado  
Que tú nesta vida tem,  
E' zelá teu fio amado,  
Que tanto adora e qué bem  
E tantas vez chega a hora  
De vê o coitado i se embora  
De farda, quepe e fuzi  
Pra se metê nas fiêra  
Honrando a nossa bandêra  
Em defeza da Brasi

Muntas vez te móia o rosto  
O pranto triste que doi  
Quando o teu fio desposto,  
Fazendo papé de heroi  
Vai se oferecê à guerra.  
Cabôca da minha terra,  
Tu devia sê feliz  
Em recompensa dos fio  
De tanto valô e brio,  
Que tu tem dado ao país.

So a potreção do Eterno  
Te faz corajosa assim,  
Quando fáia o nosso inverno,  
Que chega o rigô sem fim,  
Tu sem pão e má vestida  
Deixa a terra tão querida,  
Teu caro e dôce torrão  
E vai tôda paciente  
Com a famia na frente  
Escapá no Maranhão.

Grande prova tu tem dado,  
Da mais desposta muié;  
Eu, que vivo do teu lado,  
Tou vendô e sei que tú é  
Bela, forte e munto bôa.  
Mas te peço me perdoa!  
Eu não te posso cantá  
Porque não sou potregido  
Pelos esprito sabido  
De Catulo e Juvená.

# raça dos pioneiros

LUIZ DELGADO

Recebi, há algum tempo, o livro *História do Cariri*, em seus dois volumes iniciais. Veio com eles o número 9 da revista *Ytaytera*, órgão oficial do Instituto Cultural do Cariri. Depois disso, tive oportunidade de conhecer pessoalmente o sr. J. de Figueirêdo Filho, autor do livro, diretor da revista, presidente do Instituto. E a impressão global é a de que o cearense José Alves de Figueirêdo Filho, é mais do que um simples indivíduo: é uma força da terra, agindo e estimulando, metendo nas almas alheias a idéia de que a cultura tem de ser uma forma de patriotismo.

Não tenho com a vida intelectual daquela região sertaneja e fecunda as relações, a intimidade suficiente para garantir a veracidade do que vou dizer. Desconfio, no entanto, de que no centro daquele grupo de estudiosos cujos nomes deparo na revista e no foco daqueles ensaios que versam quase todos sobre o passado regional, não de estar o exemplo e o convite — quando não a insistência, desse homem diligente e modesto em que se afirmam de modo assim claro as virtudes de ação de sua gente. Pois, o fato é que uma espécie de Escola do Crato vive a investigar e escrever, sob a inspiração de antigas e heróicas façanhas.

O que semelhante esforço implica em devotamento pessoal, em desprezo das rotinas comodas, em luta com a indiferença ou a hostilidade, prolonga-se no fato incontestável de se estarem abrindo para os olhos comuns paisagens desconhecidas.

A verdade é que, no Brasil, ao lado e não sei se á sombra da história geral e oficial, mais ou menos sabida por todos, há uma porção de histórias locais: núcleos que a distância deveria isolar mas que um misterioso gênio de unidade parecia dirigir a todo instante. A famosa comparação que identifica o Brasil a um edifício cuja construção começasse pela comeeira, deveria ser analisada melhor, despojada de pretensas exatidões que não passam de erros. Houve, sem dúvida, o ideal político, efetivamente trabalho de cúpula. Mas, houve também a difícil e anônima elaboração dos alicerces e a elevação das paredes, tijolo por tijolo. Aquêles indivíduos ambiciosos mas pertinazes que iam fundar fazendas e famílias no duro sertão recondito possuíam vivo nos corações um admirável pressentimento que era

a matriz da nacionalidade. Lutaram por uma pátria que não sabiam bem o que fôsse nem onde estava. Seu ânimo criador não se limitava a fazê-los buscar uma riqueza que lhes daria prestígio e poder: fazia-os sacrificarem-se por abstrações como a liberdade, o direito, a dignidade cívica, a cidadania leal e corajosa.

E quase sempre ignoramos como essas populações aparentemente afundadas no ramerrão cotidiano, preocupavam-se com o Brasil, lutavam pela sua grandeza. Para quantos de nós não será revelação o modo como os sertanejos do Cariri, conduzidos pelos do Crato, foram, por conta e inspiração próprias, pioneiros da independência nacional, armando-se em guerra contra as forças portuguesas que tentavam existir no Maranhão? A grande peleja decisiva não terá sido a das capitais, a das cidades no litoral: foi a que o povo improvisou entre o Crato e Oeiras. Na âmago do Brasil, sob chefias espontâneas e naturais, as populações atendiam à vocação nacional e sabiam articular os comportamentos que estavam criando a Pátria. Pode parecer lirismo e, no entanto, é a pura verdade.

Bastaria que estivessem divulgando isso pelo Brasil afora, para que merecessem homenagens êsses estudiosos do Cariri, de cuja atividade estou considerando simbólicos os dois pequenos volumes escritos por J. de Figueirêdo Filho.

Modestamente, retoma êle, ao encerrar o segundo livro, um tema de que tratou ao abrir o primeiro, e diz: "é trabalho de compilação, tendo eu apenas o mérito de concatenar os assuntos, comentá-los e, às vêzes, elucidá-los de acôrdo com o evoluir dos tempos presentes". Escreve, a seguir: "quero lançar um apêlo (...) Mandam sugestões para que eu possa melhorar esta coletânea. Não tardará a sair em edição definitiva e quero antes que ela seja mais perfeita com a colaboração alheia, do que cheia de falhas, unicamente por ser filha do meu próprio egoísmo".

Ler palavras dessas é identificar um homem e reconhecer um caráter. Nem haveria de ser um intelectualzinho pedante e vaidoso, senão um coração honesto, quem se metesse em aventura de tanta autenticidade cultural como a que se vem realizando por iniciativa do Instituto Cultural do Cariri.

De José de Figueirêdo Filho há um outro livro, de memórias pessoais, a cujo respeito, me fala com elogios, de vez em quando, Mauro Mota. Conheço-lhe apenas o título, que é uma promessa mágica: **Meu mundo é uma farmácia**. Ponho-me a imaginar um farmacêutico de tamanha inteligência, sentado à calçada de seu estabelecimento e tomando conta (no bom sentido de expressão...) da vida alheia,

vida que há de ser tanto a dos vivos, quanto a dos mortos.... Inclusive dos mortos de um século ou dois, porquanto, além disso, no Cariri, só remexendo nas igaçabas.

Tudo faz crer que seja bem mais numerosa a lista das publicações do autor sertanejo: como sempre acontece nesses casos, opúsculos impressos em oficinas precárias e cuja circulação a bem dizer nem existe. Penso no poderoso milagre de vocações assim efetivadas com verdadeiro sacrifício e ponho-me a imaginar que é também, no terreno da inteligência e das idéias, o mesmo heroísmo e o mesmo anonimato, a mesma fé e a mesma teimosia da gente séria que penetrou os sertões, instalou primeiro os povoados e, depois, as vilas, debateu nas câmaras, afirmou-se nas guerras e ao cabo de tudo isso, sem saber ao certo como, viu que havia construído uma nacionalidade e instituído uma civilização: essa gente continua. Ainda bem.

---

NOTA: — Luiz Delgado é presidente da Academia Pernambucana de Letras. Do "Jornal do Comércio" — Recife. 22-4-66.

---

## EM TÔRNO DE "PIQUIÍ — CARNE VEGETAL"

"A REVISTA BRASILEIRA DE MEDICINA", dirigida pelo escritor e nutricionista Prof. Silva Melo, em Setembro de 1965, publicou artigo de J. de Figueirêdo Filho, seu colaborador, sob o título O PIQUIÍ — CARNE VEGETAL, com separata. Em tórno dêsse trabalho, assim falou a escritora Dulce Chacon, da Academia Pernambucana de Letras, em carta dirigida ao Autor:

"Hoje, mais um sugestivo presente recebo do Snr. E' o piquí, fruto saboroso, de virtudes extraordinárias como alimento, bebida, óleo, além da madeira com a qual se faz tanta coisa útil.

Útil e bonito foi também o seu ensaio sôbre o Piquí. Creio, que, como bom cariense esgotou o assunto, com maestria, beleza e arte. Falou-lhe das origens indígenas, quando se referiu aos pagés, os médicos dos nossos antepassados índios, de sua utilidade, das plantações, do valor dos frutos e das vitaminas. Pode figurar o estudo do "PIQUIÍ — CARNE VEGETAL" numa Enciclopédia, e daqui envio os meus parabens e a minha tristeza por não possuirmos no Recife um vegetal tão benfazejo.

O Snr. sabe fazer de um assunto tão simples, o piquí, um trabalho cheio de encanto, de harmonia e de claridade. Os trabalhos, em tórno de tais assuntos, são em geral, massudos, quando não, herméticos para os leigos como eu. Por que não manda exemplares para a Nossa Universidade Rural? Os alunos muito aproveitariam. O Snr. possui uma grande inteligência e tem, perante Deus, o dever de difundí-la, para que um grande número de pessoas dela se beneficie".

Esse mesmo artigo sôbre o PIQUIÍ foi transcrito no terceiro volume, a sair da HISTÓRIA DA ALIMENTAÇÃO NO BRASIL, de Luis da Câmara Cascudo, conforme comunicação que êle fez a J. de Figueirêdo Filho.

# Revolução Econômica no Vale do Cariri

JOSÉ PEDRO XAVIER DA VEIGA

A região do Cariri, no Ceará, tem uma história emocionante, como sói acontecer no interior do País, cujo desbravamento e cuja conquista foram pontilhados de episódios dramáticos.

Seu nome provém da tribo indígena que a povoava, sempre lutando com outras tribus; a região tendo sido teatro de lutas de famílias que se entredestruíam à maneira corsa, depois de conquistada, até chegar ao misticismo que envolvia o célebre Padre Cícero, e o messianismo de Antônio Conselheiro.

O tempo dêsses episódios já passou, e, agora, é a energia da Cachoeira de Paulo Afonso que chega, para despertar o progresso.

Em 1961, apareceu ali um pioneiro dos tempos modernos, um engenheiro americano, Morris Asimow, para conchamar o povo cearense para uma revolução pacífica e criadora.

Trazia êle um sopro de energia e iniciativa, que iria encontrar guarida no seio de um povo dos mais enérgicos e tenazes de todo o Brasil.

ASIMOW, em companhia de John S. McNown, publicou um artigo sôbre êsse empreendimento, nas colunas do "Journal of Engineering Education", notável revista americana.

Neste trabalho, diziam os autores que os problemas do desenvolvimento constituem um desafio aos homens de todas as profissões, em especial aos engenheiros, cujos conhecimentos são destinados a modificar e ampliar a tecnologia, ajustar novas e conhecidas técnicas às condições do ambiente físico, dos povos e regiões, sômente agora despertados para o processo de transformação.

Diziam ainda que os mestres da engenharia são desafiados a preparar engenheiros para essa tarefa complexa e empolgante.

"As Universidades poderiam auxiliar a fechar a brecha que separa nações relativamente ricas das nações relativamente pobres, sem fugir de suas funções educadoras precípuas.

A ausência de desenvolvimento econômico é, muitas vezes, associada a certa atitude mental e à falta de conhecimentos em como utilizar recursos visíveis ou outros ainda ocultos”.

Com essas idéias, atirou-se Asimow ao sertão cearense.

Os primeiros passos foram para a escolha da região onde seria tentada a experiência, traçada segundo um plano geral de operações.

Foi escolhida aquela região, com cerca de 12.000 habitantes, distribuídos em uma área ovalada de 190 km por 75 km, encerrando um grupo de 3 cidades Crato, Juazeiro e Barbalha, ocupando os vértices de um triângulo quase equilátero, de lados de 15 km, aproximadamente. (Dados dos autores).

Os contactos, para organizar a direção do empreendimento, foram estabelecidos entre a Universidade do Ceará e a Califórnia, em sua secção ou “campus” de Los Angeles, conhecido pela sigla UCLA.

A primeira equipe foi constituída em 1962, incluindo nove estudantes americanos de cursos de post-graduação, sendo seis de engenharia, dois de antropologia e um de administração de empresas, sendo os brasileiros quatro engenheiros, três economistas e dois agrônomos, sob a chefia de um membro da Universidade do Ceará.

O primeiro trabalho foi o de atrair os líderes e cidadãos da região e o segundo o de decidir da natureza das indústrias a serem nela implantadas, para utilizar a energia que viria a chegar do Rio S. Francisco.

Constituíram-se grupos-chave, sem que, de início, fosse tratada a questão de investimentos de dinheiro; pouco a pouco, foram surgindo as indústrias, escolhidas sob o critério de rentabilidade, e de acesso fácil às matérias primas necessárias.

Criou-se uma sigla para denominar o empreendimento, pela abreviatura de rural-industry technical-assistance, isto é RITA. Este bonito nome de mulher corresponde, assim, ao organismo empenhado na assistência técnica à indústria rural.

Ultrapassaram, dentro em pouco, os resultados, as expectativas; surgiram várias indústrias, a atividade, milagrosamente, brotou no sertão, como o cardo que desabrochasse em bela flor côr de sangue, símbolo de uma vida a renascer.



A cooperação da Universidade do Ceará com a UCLA demonstrou como outros acordos semelhantes, de duas outras, uma brasileira e outra americana, seriam frutíferos.

A lição foi mais longe, de modo que o USAID pretende ampliar os programas "RITA" até mesmo a outras regiões do Globo.

É preciso, portanto, compreender que essa iniciativa, livremente assumida, tem uma significação muito profunda.

Vivemos na época em que a ciência e a técnica tudo transformam e chegou a hora de responder às perguntas de Stratton, o extraordinário físico criador de teoria das comunicações:

"Como poderemos compassarmo-nos com a tremenda revolução que nos envolve completamente — revolução que está transmudando, até o âmago mesmo de suas raízes, o caráter da vida moderna e da sociedade hodierna?"

"Sem algum entendimento das poderosas correntes do progresso das ciências e da engenharia, como poderíamos apreender plenamente os resultados econômicos e políticos que afetam a um país?"

É que as ciências de hoje tendem cada vez mais às ciências do homem, ou àquelas que lhes servem de base, no momento em que se aproxima a decifração do próprio código da vida.

No entanto, a tecnologia também avança velozmente, na época dos micro-circuitos que permitem guiar os satélites gigantescos; crescem as ambições à medida que os horizontes se alargam, na marcha do homem para nova organização social, mais justa e mais equilibrada.

Perdem-se, nas brumas de um passado morto, as pequeninas manobras políticas, as habilidades roceiras, as lutas de campanário que ainda impedem que a revolução brasileira, como rio majestoso, entre no seu leito definitivo.

É por isto que é preciso lutar pela revolução tecnológica e educacional, única que tem sentido na época em que todos os valores passam por uma completa transmutação.

No Cariri, lá nos sertões, na terra do Sol e rincão do próprio Presidente da República, surgiu a diretriz a seguir, traçando o destino da Revolução, valendo mais do que códigos, estatutos, leis e planos.

Outrora, viviam os índios cariris em luta com carius, calabças e inhamuns; conquistada a terra pelos baianos, dos barrancos do S. Francisco, sucederam-se as "entradas" nos sertões.

Vieram as vindictas de famílias, entre os "Montes" e os "Feitosa", entre os "Ferros" e os "Pereira Lima"; as discordias chegando até às povoações vizinhas. Tudo isto passou.

São outros agora os bandeirantes. Do S. Francisco partiram os cabos de transmissão de energia e os novos bandeirantes são os desbravadores que conduzem o progresso.

Asimow é um dêles; sua bandeira poderá ser desfraldada Brasil em fora, com aquêlo pequenino e belo nome de mulher.

O acaso das cousas é singular — o Chefe do Estado nasceu no Ceará, e do Ceará partiu a palavra de ordem. Cumpre obedecer, despertando a iniciativa de nosso povo.

Reza a lenda que os índios Cariris provieram de um "lago encantado", talvez seja êsse o encantamento que para sôbre o vale do Cariri...

---

## REPERCUSSÃO DE "ITAYTERA"

THE GENERAL LIBRARY

27 January 1966

Instituto Cultural de Cariri  
Crato, Ceará, Brasil

Gentlemen :

The University of California Library at Los Angeles in whose behalf we are writing would like to obtain **Itaytera** on an exchange basis. We are enclosing a complete list of our series and hope that you will find one or two which you would like to have in exchange for **Itaytera** which should be addressed to :

Serials Department  
University Research Library  
University of California  
Los Angeles, California 90024

Please send a reply to this letter to the undersigned in the Exchange Division of the University of California Library in Berkeley since we arrange exchanges for all parts of the University of California. We should explain that Berkeley and Los Angeles are more than 400 miles apart. We shall look forward to hearing from you soon.

Very truly yours,  
(Miss) Katherin King  
Head, Exchange Division  
Acquisition Department

# MARECHAL RONDON

(Centenário de Nascimento)

Cândido Mariano da Silva Rondon foi uma longa e gloriosa caminhada, sob a égide do Exército, ao serviço da Pátria. Era matogrossense e nascera a 5 de Maio de 1865, nos pródromos e teatro de nossa maior guerra, e quando já e por alguns anos talava o inimigo as suas glebas. Faleceu no Rio de Janeiro a 19 de Janeiro de 1958, com, portanto, 92 anos, 8 meses e 14 dias.

Seu mausoléu fica na 1.º aléa do Cemitério de S. João Batista, a mesma em que jaz o do grande naturalista Orville Derby. Foi aí que houve a romaria cívica do dia 5 de Maio deste ano, promovida pelo Instituto de Colonização Nacional e como encerramento do programa comemorativo do centenário de nascimento de — “o Civilizador dos Sertões”.

De longe, cêdo e sòzinho encaminhou-se para o futuro — o adolescente de Mimoso — e em cujo sangue e alma havia muito mais do Nôvo do que do Velho Mundo. Com a idade mínima verificou praça (1882) com destino á Escola Militar. Foi discípulo de Benjamin Constant, que ajudou a fundar a República (1889) e prosélito, como seu mestre, do filosofo de Montpellier (A. Comte).

Pertenceu ao Corpo de Engenheiros Militares e ao Quadro de Estado-Maior, no qual atingiu o generalato na ativa, e, na reserva, o Marechalato, por distinção excepcional do Congresso. Nas funções generalícias foi Diretor de Engenharia, Comandante de Fôrças em Operações durante a Revolução Brasileira (1924) e Inspetor de Fronteiras.

Antes do telégrafo sem fio e da Aviação — as famosas “Linhas Telegráficas e Estratégicas do Mato Grosso ao Amazonas” — prestaram relevantes serviços e constituíram empreendimentos pioneiro e hercúleo, que Rondon acompanhou do comêço ao fim; a princípio como Auxiliar e depois, como chefe da Comissão Construtora. Uma epopéia de trabalho insano e renúncia sem par.

O nosso maior sertanista e apaziguador de raças pode ser equiparado a um Anchieta leigo, em que seus modernos acampamentos de trabalho substituíram as reduções jesuíticas, nos contactos da civilização com a barbárie, no interior do país.

Em toda sua vida pública houve empenho na catequese dos Sívcolas e mesmo na Reserva, aceitou e exerceu até a morte a Presidência do Conselho de Proteção aos Índios. Antes, aliás, já nos tinha organizado êsse Serviço — o benemérito S P I, — considerado modelar pela Conferên-

cia Internacional do Trabalho, em Genebra (1955), como política indigenista.

Se não incorporou à Civilização Brasileira o aborígene — conseguiu com a organização e conduta do Serviço de Proteção aos Índios (S P I) — trazer à contiguidade pacífica e muitas vezes á colaboração profícua, todas as tribos com as quais até hoje se deparou nossa expansão civilizada.

Devido a isso, imensas regiões do país, entre as quais algumas das que mais pesam na produção agrícola e extractiva, foram ocupadas pelos civilizados e os autóctones, que as habitavam, passaram a viver, nos Postos Indígenas, numa pequena área do seu antigo e dilatado domínio.

Em 1890 o apostolado do indigenista obrigava o Governo da União a tomar conhecimento da existência e gravidade dêste problema.

Seu lema — “morrer, se for preciso; matar, nunca”, — pode figurar em sua lápide de autêntico cristão. Os métodos suasórios de Rondon, suas vitórias incruentas junto ao mais atrasados ou ferozes de nossos indígenas, consagraram sua filosofia nêste procedimento. São excertos de sua doutrina: — “Respeito o Indio como um povo independente” — As Sociedades Indígenas, apesar de sua rusticidade e por isto mesmo, têm o direito de viver a sua vida, de professar as suas crenças e de evoluir segundo o ritmo de que são capazes, sem estarem sujeitos a compulsões de qualquer ordem e em nome de quaisquer princípios”.

Graças ao seu pensamento e á sua ação sociológica — foi organizada em 1910, pelo Governo Federal, o benemérito Serviço de Proteção aos Índios (S P I), sob os seus postulados e chefia. Foi nesta lei que se confirmou, quiçá pela 1.ª vez, nêste século — o princípio jurídico do “respeito ás tribos indígenas, como povos que tinham direito de se realizarem, conservar sua individualidade, propagar suas crenças; viver, enfim, da única maneira que sabem viver; aquela que aprenderam de seus antepassados e só lentamente poderiam mudar”.

Como bem disse a Comissão Organizadora das Comemorações do Centenário — “A vida do Marechal Rondon constitue uma lição de civismo para todos os brasileiros... (ele) não mediu sacrifícios pela Pátria, da qual foi cidadão e soldado exemplares”.

No seu necrológico chamou-o “Pranto Grande da Índia-da”, o poeta e acadêmico Carlos Drumond de Andrade, porque, para ela — “começava um dia diferente e incerto”. E outro panegirista apostrofava á beira do seu tumulo:— “nenhum de nós, ninguém, pode substituir-vos. Mas, talvez, mil reunidos sob o patrocínio do vosso nome, possamos tor-

nar menos gritante o grande vazio criado com a vossa morte”.

Homenagens póstumas foram-lhes prestadas pelo Governador da República, que denominou de Rondonia uma de suas Unidades Administrativas (Ex-Território Federal de Guaporé), a que mais palmilhou em suas andanças.

E o seu Estado e o do Paraná deram a duas comunas denominação ligadas ao nome do grande sertanista. Em 1963 o Ministério da Guerra fê-lo Patrono das Comunicações, última Arma criada no Exército e decretou — passar a chamar-se “Batalhão Rondon”, — o 2.º Batalhão Rodoviário, oriundo de outra Unidade de Engenharia, que o insigne explorador comandara em sua terra, por mais de sete anos.

Ainda o Ministério de Viação e Obras Públicas, pelo D. N. E. R., houve por bem chamar de — “Rodovia Rondon”, — á Estrada de Rodagem Brasília-Acre (BR-29) — justamente aquela que vai aproveitar o longo e ingente traçado feito pelo nosso maior geografo, para lançamento de suas Linhas Telegráficas. E pelo D. C. T. — em Maio dêste ano, — emitiu 1 sêlo de 30 cruzeiros (côr de vinho) com a effigie e dados do herói nacional, sobrepôsto a um mapa do Centro-Oeste Brasileiro,

A Carta de Mato Grosso — ao tempo em que êsse “Nôvo Mundo do Brasil” tinha quase 1 milhão e meio de quilômetros quadrados — é um prodígio de ciência e paciência no gênero, e para o tempo e as circunstâncias em que foi coligida e elaborada, sob suas vistas.

Rondon viveu nove décadas e o sol da glória já tinha patinado no seu rosto o bronze da imortalidade.

FERNANDO TÁVORA

---

## R E N D A S   D O   C E A R Á

Valdelice Carneiro Girão, elemento feminino de real valor, que sabe escrever bem as suas pesquisas, tem feito um bem enorme ao Ceará, em difundir a arte das rendas da mulher cearense, por aí afora. Seu trabalho saiu em opúsculo e também na conhecida REVISTA BRASILEIRA DO FOLCLORE, de Maio e Agosto de 1963, edição da CAMPANHA DE DEFESA DO FOLCLORE BRASILEIRO.

Valdelice Carneiro Girão, técnica no assunto, faz a classificação das teve, em Crato, em companhia de seu tio — o renomado escritor Rainada com tanta beleza criada pelas toscas rendeiras de nossa Ceará, prova evidente de sua capacidade artística creadora e de sua rara inteligência.

O trabalho da autora é completo. Valdelice Carneiro Girão já esteve, em Crato, em companhia de seu tio — o renomado escritor Raimundo Girão, tendo oportunidade de manter contacto com os dirigentes do Instituto Cultural do Cariri.

# “COLUSA” - Correia Luna S. A.

Beneficiamento de Amendoas de  
Babaçu, Macaúba e Amendoim

TORTA especial para engorda e  
recria de suínos, bovinos e aves.

USINA NO DISTRITO MURITI

ESCRITÓRIO:  
RUA NELSON ALENCAR, 54  
CRATO — Ceará

## DRASA

DISTRIBUIDORA REGIONAL DE AUTOMÓVEIS S. A.

SERVIÇO AUTORIZADO  
VOLKSWAGEN

O BOM SENSO SÔBRE RODAS



SERVIÇO

EIS AS VANTAGENS DO SERVIÇO AUTORIZADO

- ★ Peças Genuínas e Garantidas pela Fábrica
- ★ Manutenção de Técnicos Especializados
- ★ Combustíveis — Lubrificantes — Lavagem
- ★ Acessórios — Motores — Pneus

RUA RATISBONA, 70/72 — FONE: 305

End. Telegr.: «DRASA» — Cx. Postal: 38

CRATO

—

CEARA'

# Inhamuns

LOURENÇO FEITOZA

Escrevem-nos :

A *Folha do Povo*, em sua edição de 4, traz uma publicação sob a epigrafe — Inhamuns — que me obriga a rebater os conceitos ali editados.

O articulista, querendo fazer a defesa do atual intendente, sr. Eufrasio de Oliveira, atacado em uma publicação do *Jornal da Manhã*, sob a assinatura de P. M. A. FEITOZA, atira-se desabridamente contra a numerosa família Feitoza, cujo prestígio e serviços ao Estado, veem desde os tempos coloniais.

Estabelecendo-se nos Inhamuns e cabeceiras do Acaraú, na primeira metade do século XVIII, adquiriu a família Feitoza grande nomeada por sua fortuna e habitos de generosidade.

É condição da humanidade, que á virtude acompanhe o vicio; por isto, entre os membros dessa numerosa família, houve alguns delinquentes, mas em geral, nesles predominaram os sentimentos de honra e de justiça, e o prestígio da família manteve-se ileso através dos tempos. Assim, quando em 1805 o governador João Carlos de Ocynhausen foi em pessoa á Vila Nova d'El-rei, hoje Campo Grande, e aí prendeu o coronel Manoel Martins, um dos troncos da família Feitoza, foi a um sobrinho deste, João Ferreira Chaves, que deixou encarregado do governo da Vila, nomeando, pouco depois, o capitão-mór dos Inhamuns José Alves Feitoza, comandante geral das fronteiras da Capitania, desde Vila Viçosa até o Crato. Este governador, ao deixar a Capitania, nomeado capitão-general de Matto Grosso, dirigiu ao capitão-mór José Alves Feitoza, honrosa carta de despedida, a qual ainda se conserva nos arquivos da família.

Na guerra da Independência prestaram os Feitozas relevantes serviços, marchando encorporados em duas colunas, ao mando do coronel João de Araújo Chaves e major José do Vale Pedrosa, contra Fidié, no Maranhão e em 1832, contra Pinto Madeira, que levantara no Crato a bandeira de Pedro I, Imperador deposto no 7 de abril.

E assim, até agora, tem a família Feitoza se mostrado respeitadora da lei e da autoridade, por mais indignos que sejam os portadores das insígnias delas. Ainda não há muitos anos, um perverso Cecílio, assassinando a um Feitoza, no termo de Arneiroz, quando já as autoridades estaduais não dispunham de força pública, os parentes da vitima

prenderam o criminoso e fizeram submetê-lo a juri, em que foi condenado, e depois remetido para Fortaleza. Procederiam deste modo, si fossem os terríveis mandões pintados pelo articulista? Certamente que não.

Isto deu-se no termo de Arneiroz, onde o predomínio dos Feitozas é o **duende** dos imbecís.

O articulista é **meu amigo particular** e, emprestando-me com **amabilidade**, qualidades que não possuo, diz que sou afável, lhano, inteligente, honesto, etc., mas de uma condescendência sem limites; por isto "os meus parentes praticavam toda sorte de absurdos em vilipêndio das autoridades, conservando nesta vila grande número de criminosos hediondos; que não há uma só pessoa que não tenha sofrido insultos e humilhações dos Feitozas, inclusive os meus mais prestimosos amigos".

Para exemplo da sua asserção, diz: — que o dr. Otávio Coutinho, juiz substituto, pediu demissão, retirando-se para seu Estado natal, por ter visto sua autoridade vilipendiada pelos Feitozas! Não é verdade.

O honrado sr. dr. Otávio, aqui juiz substituto, casado com a digníssima filha do coronel Alexandrino, amigo político da situação, é homem de fortuna; com numerosos clientes, seus moradores, não se deixaria desmoralizar, ainda que lhe faltasse o auxílio da força pública. E nestas condições e com tais elementos, si a sua dignidade sofreu qualquer injúria, o que contesto, não pode queixar-se dos Feitoza: é gratuita a asserção do articulista.

O dr. Otávio, desde sua chegada, começou a gozar de muita popularidade em suas relações sociais; todos o estimavam e acatavam suas decisões: Saiu do Ceará, no gozo de licença para Pernambuco, seu Estado natal, quando ali inaugurava-se a atual situação, a fim de solicitar melhor colocação de carreira, o que conseguiu. Acreditar-se no articulista, é fazer-se-lhe injúria, atribuindo-lhe e a seu digno sogro, sentimentos de fraqueza inaudita, incompatíveis com a dignidade do homem. Não; o dr. Otávio não se sentiu melindrado em sua dignidade.

O meu **bom amigo particular** não sabe a esgrima de cavalheiros: não é destes o atacar a honorabilidade de uma família ou classe, com fatos não especificados.

Acentui positivamente quais os Feitozas que ameaçaram de deposição ou de morte ao sr. Intendente, porque um Campo Prêto não poderia governar o Inhamuns, se quiser ser acreditado; por que se alguém o disse, proferiu uma insensatez, igual á do **amigo particular**, de que todos aqui preferiu o jugo do atual Intendente ao de qualquer um dos



Feitozas. Si algum destes praticar atos pouco dignos, sejam apreciados individualmente, porque uma família não é responsável por cada um dos seus membros.

A sociedade atual não comporta predomínio de castas, nem o Inhamuns suportaria tal predomínio. Que respondam si durante a situação decaída os lugares honoríficos ou remunerados não eram partilhados entre os mais dignos cidadãos, sem distinção de famílias; assim foram tesoureiros da Câmara os srs. Horácio Marques e Joaquim Meireles; coletores, estadual e federal, os srs. Gervásio e Francisco de Assis e presidente da Câmara o tenente-coronel Vicente Alexandrino e muitos outros, todos cavalheiros de merecimento.

Era deste modo, que a família Feitoza exercia seu predomínio nos Inhamuns.

Agora, si alguma pessoa notável sofreu qualquer ofensa ou humilhação de algum membro da família Feitoza e não a repeliu, queixe-se da natureza ingrata não lhe ter concedido o dote da coragem e a educação não lhe ter inculcido o sentimento da dignidade pessoal.

Si as autoridades não tinham o prestígio da força pública, a culpa foi do governo, que não lh'a deu.

Não foi uma só vez que recebi dos mais notáveis membros do partido adversário, provas de muita consideração pelo modo porque eu dirigia a política local. Isto, porém, não me desvanecia, como também não chocam os conceitos que de mim façam os despeitados ou os inconscientes...

Tenho já escrito de sobra, não para o meu bom amigo particular da *Folha do Povo*, mas para gente melhor, que possa apreciar os fatos, que mais tarde constituirão elementos da história de nossa terra.

(Trans. 2 — 3 — 913)

---

## SESQUICENTENARIO DA REVOLUÇÃO DE 1817, NO PRÓXIMO ANO

No próximo ano, a 3 de Maio, Crato comemorará o 150.º aniversário da Revolução de 1817, proclamada entre nós, em sintonia com o movimento de Recife, que eclodiu a 6 de Março do mesmo ano. Trata-se de uma data gloriosa que merece festas com o máximo de brilhantismo

A Vila Real do Crato, encabeçada pelo sub-diácono José Martiniano de Alencar, com a cooperação de sua família e dos patriotas cratenses, deu um passo decisivo, naquele dia memorável, que o projetou, com segurança, para o futuro.

Não somente a nossa terra, que foi o teatro da luta principal, como o Ceará em peso, estão no dever cívico de dar todo o brilhantismo ao 3 de Maio de 1967.

# Antonio Almíno de Lima

VENDA DE COMBUSTÍVEIS POR ATACADO PARA  
VÁRIAS REGIÕES

MANTEM 5 POSTOS

atendendo melhor aos motoristas e  
proprietários

MATRIZ:

Rua Almirante Alexandrino N. 22

TELEFONE: 531

CRATO

—

CEARÁ

## DOIS LEÕES Rei das Tintas

Avisa que tem um sortimento completo para  
pintura e tudo mais que se relacione com  
o acabamento do seu lar.

Tem também grande estoque de tintas  
para pintura de carro.

Pinte sua casa e seu carro e pague a módicas  
prestações comprando nos Dois Leões

TELEFONE: 552

Rua Tristão Gonçalves, 96 Crato - Ceará

## F A M Í L I A A R A Ú J O

O "Anuário Genealógico Latino", Vol. IX, de 1957, editado em São Paulo por Salvador de Moya, coordenando "O Tratado Genealógico da Família Feitosa", de Leonardo Feitosa, inseriu em suas páginas componentes de todas as famílias brasileiras que vieram de Portugal e no Brasil se estabeleceram e cresceram.

Entre essas famílias, a mais numerosa foi a família Araújo.

Não obstante, se verifica que o sobrenome Araújo, é usado profusamente mesmo sem que o seu portador pertença, de fato, àquela família.

Por curiosidade notei na pequena cidade de Farias Brito, no Ceará, sem me estender ao interior do município, várias pessoas usando tal cognome, sem pertencerem ao tronco dos Araújo e sem parentesco de uns com os outros, ali residentes.

O Vigário da Freguesia é o Revdm. Pe. O. Tavares de Araújo, o 1.º Tabelião, J. Caliope de Araújo, o 2.º Escrivão, J. Costa Araújo, o sacristão, Eudocio Araújo, o oficial de Justiça J. Leite de Araújo, o carcereiro V. Rodrigues de Araújo, e carregado do Motor de luz, F. Pontes de Araújo, como escrevente ocasional da Delegacia, Luiz Araújo, proprietário da maior serraria, Luiz Duarte de Araújo, afora outros Araújo parentes de alguns dos já mencionados, como F. Costa Araújo, Secretário aposentado da Prefeitura, Lisieux Araújo, Diretora de um grupo Escolar, Stela Araújo, Professora.

Foi Vigário na localidade e na Matriz está sepultado, o cônego M. Feitosa de Araújo, foi fiscal e hoje é empregado em São Paulo, P. Correia de Araújo, igualmente Casemiro C. Araújo, que foi também fiscal da Prefeitura.

Há outros Araújo residindo ou que residiram na cidade que são parentes de alguns dos que foram mencionados.

Na Delegacia passaram vários militares ocupando o cargo de delegado como o Cel. Nonato de Araújo, o Sargento Gomes de Araújo e outros.

É, assim, aquela cidade viveiro e atração dos Araújo e não é de se admirar porque há outras cidades com muitos Araújo. No Rio de Janeiro, por exemplo, há uma rua dos Araújo.

Eles são como os Silvas, os Sosas, os Ferreiras, os Gomes, os Melos e outros.

(Notas de Joaquim Caliope)

## nós e os outros

*Corações mudos confessam-se em silêncio;  
ninguém esquece a dor que virá.*

*Há 140 mil mortos por dia!*

*Velho corpo compungido curva-se  
em breve e lenta genuflexão*

*Chora uma criança na pia batismal*

*Olhares ternos, simples, piedosos...*

*lábios que se movimentam*

*em busca da verdade.*

*Paira a sombra da morte!*

*Šinos cantam seus lamentos...*

*durante todo o dia, sinais agourentos*

*lembram fatalidade.*

*Velhos cansados oram passivos*

*jovens — tão velhos — se tornam impulsivos...*

*Vem da zona morta, gastas criaturas  
cheias de tristezas, donas do amargor...*

*esquecem, agora, seu próprio mercado*

*e com os olhos aflitos, o corpo cansado*

*rogam piedade e paz ao Criador.*

*Corações de luto e fé muito estranha*

*que mesmo no mal vê luz... não alcança*

*mas traz na lembrança aquelas palavras*

*(benditas palavras) que disse o Senhor.*

*É dia dos mortos!*

*finados*

*findados*

*agora plantados*

*no campo do além.*

*Descansem em Paz*

*finados vividos*

*e roguem por nós, os jovens finados*

*que estamos perdidos*

*com Deus esquecido*

*amando o pecado*

*fugindo do Bem.*

*Paira a sombra da morte!*

*novos*

*poemas*

*de*

*Jurandy*

## momentos de natal

O garoto cruzou a rua, correndo. Parou na casa de discos e ficou olhando os presentes por trás do vidro. Lembrou-se da promessa do seu pai: “se você passar nos exames, terá uma bola de couro, bem grande”.

Maria... Maria... ô Maria... vai pra casa, menina! A molecagem seguia aos berros a pobre doida, ninguém ligava. Fôra mulher sadia; o tempo fizera aquela transformação.

Um carro de luxo passou buzinando, devagarinho.

O carteiro desceu serenamente de sua bicicleta e foi entregar um pacote ao estudante do primeiro andar, quarto oito, bem à esquerda.

— Bom dia José, eu trouxe novidades para você.

Finalmente!

— Parece muito com a letrinha daquela moça do colégio; é dela?

No parque um homem solitário soltava balões. Enchia-os pacientemente. Era um fascínio para êle vê-los fugir em curvas pelo espaço. Êle se retratava e se sentia liberto.

Mamãe, a senhora vai matar a galinha hoje?

No leito o doente reflete sôbre a vida; pensa seriamente. O companheiro morto na noite deixou in-tranquilidade. Ainda lembra as últimas palavras: “Roberto, Roberto, cuide de minha filhinha...”

Meu Deus, sairei vivo daqui?

Meia noite, missa do galo. Na igreja repleta o padre fala bem alto para que todos entendam. Depois o povo se dispersa; vai dormir a madrugada. Raimundo, contente, perambula sòzinho. Ainda tem nos ouvidos os cânticos natalinos. Põe as mãos nos bolsos, se encolhe de frio, cantarola baixinho:”

“Noite feliz,  
noite feliz...”

Pobrezinho nasceu em Belém”.

(Para Itaytera)

PAULO ELPIDIO

Minha mãe, Izabel Pedroso de Menezes, viúva de Vicente Ferreira de Menezes, morava no Crato, bem perto da Matriz, ao lado Sul, numa pequena casa, deixada por meu pai. Aos domingos, ali se reuniam os parentes descidos da Bebida-Nova, Lameiro e Cafundó. Dentre eles lembro-me de Joaquim Pedroso Bebém, Domingos Pedroso, José Pedroso, Francisco Pedroso, Raimundo Pedroso. Da cidade—Joaquim Secundo Chaves, Raimundo de Alcântara, Leandro Bezerra de Menezes, Juvenal de Alcântara Pedroso. O Vigário Fernandes—Antônio Fernandes da Silva, também costumava passar lá por casa antes da Missa.

Era dessa gente que eu ouvia as conversas antes e depois de saírem da Igreja. Um dia relatavam êles — o Sr. Bispo Dom Luis aconselhou os Sacerdotes, que eram primos e tinham ambos o mesmo nome de Joaquim Ferreira Lima, a adaptarem um LIMA VERDE e o outro LIMA SÊCA. O Lima Verde constituiu família. Foram seus filhos — Celso, Ismael, Cardim, Laurentina, Izabel. Dos filhos desta última destacou-se, como médico, Miguel Lima Verde, cujo nome foi posto em uma das principais ruas do Crato. Celso e Ismael casaram-se na família Pedroso e foram morar na cidade da Têlha, atual Iguatú. Laurentina Lima Verde, contraiu casamento com Manuel do Monte Furtado, herdeiro do sítio Lameiro que, por capricho, trocou o FURTADO por LIMA. Morreu de um cancro na bôca, deixando Laurentina com dois filhos — Rubém e Honor. Rubens, como o chamaram depois, entrou para a Escola Militar. Morreu por molestia contraída em exploração nas matas do Estado de Mato Grosso, com o General Fragôso, a quem dedicou uma obra de alta matemática. Laurentina, quando enviuvou, vendeu o LAMEIRO a Nelson de Alencar por três contos e quinhentos mil réis, dizia ela, e veio, em 1877, para Fortaleza. Celso e Ismael Lima Verde, constituíram numerosa família em Iguatu de onde muita gente ainda hoje supõe que se originaram os Lima Verde.

# A BEM DA VERDADE

FREI MARCELINO CANTALICE, O. F. M.

Quando da realização da Festa de São Francisco das Chagas, em 1963, foi realizado um levantamento sócio-religioso entre 913 (novecentos e treze) romeiros dos 400 para 500 mil que acorrem a Canindé — Ceará — por ocasião da novena e Festa de São Francisco. O resultado desta pesquisa e outras informações serviram de base para o trabalho elaborado pelo nosso co-irmão dominicano Frei Antônio Rolim, em nome do Secretariado Nacional de Pastoral Especial da CNBB. Queremos crer que nem todos conhecem a contribuição de Frei Rolim, que se intitula: "CANINDÉ — CENTRO REGIONAL DE ROMARIA". Consta de 18 páginas mimeografadas e está assim dividido: "I. Vocação Regional de Canindé. Meios de transporte dos romeiros. — As cidades e o campo. — Instrução — Características religiosas do romeiro — Motivos que levam romeiros a Canindé — O que os romeiros prometem — São Francisco e os demais santos — Cristo no mundo religioso dos romeiros — Aspectos da prática religiosa dos romeiros — O dia do romeiro. II. Sugestões para a Evangelização.

O trabalho de Frei Rolim reflete um ponderável esforço, quando se considera o tempo e as fontes de que dispôs para a elaboração do mesmo. Tanto aquele como estas parecem ter sido limitados. Algumas das afirmativas revelam uma visão incompleta e, às vezes, dirigidas dos fatos. Mas não prejudicam o todo, a não ser as que aqui mencionaremos, a bem da verdade, para a necessária retificação.

1) Logo na primeira página escreve Frei Rolim: "Não foram os frades franciscanos ou capuchinhos que implantaram a devoção de São Francisco, em Canindé. Quando, em 1898, os Padres Capuchinhos lá chegaram, para tomarem conta da paróquia e do santuário, ainda bem simples e modesto, já São Francisco reinava nos corações dos nordestinos, já Canindé atraía gente de vários recantos do Nordeste. Gente que vinha rezar a S. Francisco, pedir curas, pedir saúde e felicidade. Não foram os padres que deram origem a Canindé e sim um fazendeiro. Um fazendeiro português, Francisco Xavier de Medeiros, instalou-se na antiga missão dos índios canindés, por volta de 1775, começando anos depois a construção de uma pequena capela dedicada a S. Francisco de Assis. Mas a seca de 1792, que

assolou o Ceará, interrompeu os trabalhos, e a capela só foi concluída em 1795. Muito provavelmente a devoção a São Francisco, que o fazendeiro Xavier implantou em Canindé, era coisa já bem conhecida em Portugal, e por certo o santo preferido de Xavier de Medeiros”.

Esse trecho do trabalho de Frei Rolim encerra algumas afirmativas que, historicamente, fogem à realidade. Iremos por partes:

a) “Não foram os frades franciscanos ou capuchinhos que implantaram a devoção a São Francisco, em Canindé”.

— Manda a verdade que se conteste tal afirmativa como infundada. Pois, muito antes de Francisco Xavier de Medeiros levantar a capela, os esmoleres franciscanos e missionários volantes difundiram, naquelas terras, a Ordem III, cujo padroeiro (o mesmo de Recife, onde os Irmãos eram inscritos) vem a ser justamente São Francisco das Chagas. Outrossim, enquanto a igreja era construída, a mesma difusão continuava da parte dos Franciscanos e dos Capuchinhos, maxime Frei Vital de Francarolo (vulgo: Frei Vidal da Penha). — Isto mesmo é o que confirma o insuspeito historiador Gustavo Barroso em sua obra “À Margem da História do Ceará” (Fortaleza: 1962 — pág. 415). Afirma ali, que os Franciscanos (esmoleres e missionários) já nos meados do século XVIII percorriam as fazendas da zona canindêense citando como primeiro franciscano, em 1758 (portanto: 17 anos antes de Francisco Xavier) Frei Manoel de Santa Maria e São Paulo, a quem seguiu, de 1766 a 1770 Frei Bartolomeu dos Remédios e — posteriormente — Frei José de Santa Clara de Monte Falco, O. F. M. — Os três citados franciscanos têm os seus nomes escritos no “Livro de Óbitos da Província de Santo Antônio” (Frei Menandro Rutten, ofm — Recife, 1957).

Vemos, portanto, como bem antes de Francisco Xavier de Medeiros, já os frades tinham dado origem à devoção a São Francisco das Chagas naquelas paragens, inclusive Canindé.

b) Mais adiante escreve: “Não foram os padres que deram origem a Canindé e sim um fazendeiro”.

— Certo em parte. Foram os padres e o fazendeiro Francisco Xavier. Na carta de “Auto-defesa” do Pároco de Fortaleza, Cláudio Álvares da Costa, datada de 20 de Abril de 1802, lemos o seguinte: “...sei na verdade que os povos daqueles distritos deveriam ser gratos aos grandes benefícios que receberam do MESMO RELIGIOSO que indignamente



procuraram macular sem razão ou fundamento algum no fim do presente artigo; pois, A ÊLE devem e ao falecido Francisco Xavier de Medeiros ter a igreja de São Francisco do Canindé". (Cfr. Frei Venâncio Willeke: SÃO FRANCISCO DAS CHAGAS DE CANINDÉ — Salvador — Ba. 1962. — Apêndice: pág. 146).

Dêsse documento se depreende como não foi Francisco Xavier de Medeiros quem fundou nem muito menos quem construiu a pequena capela de São Francisco das Chagas. Foi o "frade" com êle. Além disso não tem fundamento se supor que Francisco Xavier de Medeiros tenha trazido a devoção de Portugal. Talvez sim mas muito mais lógico é que tenha trazido do Recife, onde o fazendeiro Antônio Dias Ferreira, fundador de Quixeramobim (Ce), já em 1734, pertencia à ordem III franciscana chegando a ser **Ministro da Fraternidade Recifense**. Mesmo que de Canindé não conste a passagem de Franciscanos por êsse tempo, já êles percorriam os sertões cearenses, como provam os livros de batizados de Icó, registrando a presença no Ceará de Frei Matias do Rosário (1735); de Frei João da Natividade (1736); e de Frei Manuel do Espírito Santo e João de São Francisco (1741) para enumerar apenas êsses (1). — Visto Quixeramobim limitar com Canindé, não admira que os franciscanos, recomendados por Antônio Dias Ferreira, já por volta de 1734 tenham percorrido as ribeiras do Canindé, propagando a devoção a São Francisco das Chagas.

c) Afirma ainda: **Francisco Xavier de Medeiros instalou-se na antiga missão dos índios canindés"**.

— Ora, não consta, historicamente, a existência dessa missão em 1775 à margem do Canindé. Nenhum historiador fala dessa missão. Nos livros paroquiais de Fortaleza que registram os batizados daquele tempo nunca ocorre a suposta antiga missão e sim as casas de fazendas em que os Franciscanos celebravam a Sta. Missa, desobrigavam o povo e batizavam as crianças. Consta, sim, que Francisco Xavier de Medeiros recebeu, como patrimônio, um pequeno pedaço da fazenda Renguengue, onde se instalou.

2) Traz ainda o trabalho de Frei Rolim uma referência à aplicação dada às joias e ao dinheiro do cofre de São Francisco, que — pelos menos avisados — pode ser interpretada falsamente. Eis o trecho: "Ainda hoje, o cofre de São Francisco, recolhe muito dinheiro, muita corrente de ouro, muito anel de ouro e de prata, muito relógio, pulseira e brincos de ouro. Tudo dado generosamente,

de coração, para o Santuário. Mas o romeiro ignora o destino de suas ofertas”.

— Se isso acontece ou aconteceu (embora nem sempre aconteça) convém ficar bem claro que a aplicação das esmolas, joias, etc... do cofre pertence à Mitra de Fortaleza. A esta cabe uma explicação, se for o caso.

3) Existem ainda alguns pontos merecedores de reparo, justamente por deixarem impressões menos claras ou inexatas, mas que não adianta particularizar em demasia. Os reparos aqui mencionados foram feitos, porque o trabalho não traz assinatura e possui o timbre da CNBB. Isto vale dizer que tôdas as suas afirmativas recaem e permanecem sob a responsabilidade do Secretariado Nacional de Pastoral Especial.

---

NOTA — (1) Agradecemos ao Revmo. Pe. Antônio Gomes de Araújo, a relação dos Missionários Franciscanos registrados nos livros paroquiais de Icó.

---

### REPRESENTANTE DO CRATO ELEITA MISS BRASIL N. 3

A senhorita Francly Nogueira, eleita Miss Crato, em memorável festa no Crato Tenis Clube, foi, posteriormente, eleita Miss Ceará de 1966. Quinze dias depois (25 . 6 . 66) foi classificada, no concurso de Miss Brasil /66, em terceiro lugar, no desfile ocorrido no Maracanãzinho, no Rio de Janeiro. Com essa classificação, representará o Brasil em Long Beach, EUA, em Fevereiro próximo, no concurso para a escôlha de Miss Beleza Internacional.

A bela Francly, que tanto sucesso fêz para si e sua cidade, é filha do distinto casal Elísio Nogueira - D. Gerarda Nogueira. Externamos a nossa satisfação pela sua vitória de par com os nossos sinceros parabens.

---

### “MUNDO DE DEUS, MUNDO DE TODOS”

Padre Melo, do Cabo é hoje um sacerdote conhecido no mundo inteiro, pela sua dedicação à causa operária, num dos recantos da complicada zona da mata pernambucana.

Publicou há pouco tempo, o livrinho MUNDO DE DEUS, MUNDO DE TODOS, que é o verdadeiro catecismo da questão social brasileira, à luz da experiência multi-secular da Igreja.

Conheço pessoalmente a luta católica do Padre Melo. Vi de perto seu trabalho dedicado e exaustivo em defesa do homem do campo pernambucano, vítima de duas forças aparentemente antagonicas, o comunismo ateu e o capitalismo, sem Deus.

Padre Melo, como em sua vida prática, prega em seu livrinho, bem feito, em linguagem acessível, a doutrina da Igreja que, uma vez aceita, resolverá o problema crucial definitivamente.

# História dos Partidos Políticos Cearenses

J. F. F.

O escritor Abelardo F. Montenegro é dos maiores polígrafos da terra cearense. Só escreve sobre assuntos sérios, demonstrando inteligência de escol, poder de síntese e sólida cultura geral. Há pouco tempo, lançou seu livro de 130 páginas — HISTÓRIA DOS PARTIDOS CEARENSES. História-los é reproduzir todos os fatos principais da acidentada vida do Ceará desde os tempos da independência até hoje. Embora muitas vezes tais partidos se convertessem em simples entidade entregues à mais estreita politicagem, entre trancos e barrancos, construíram o Ceará, com seus defeitos e virtudes.

Abelardo Montenegro em seu estudo substancial, dá importância de primeira ao Crato, no recente estudo que disseminou aos leitores cearenses. Muito abeberou-se nas colunas do semanário "O ARARIPE", o primeiro jornal a sair em Crato, dirigido por João Brígido dos Santos.

Vejamus uma amostra da politicalha que reinava em nossa terra, em tempos passados, através daquele jornal cratense e registrada no ótimo e oportuno livro de Abelardo Montenegro:

"O delegado suplente que presentemente se acha em exercício, e que é um dos candidatos a Câmara Municipal, tem saído em pessoa por todos os quarteirões do município, acompanhado de dois ou três soldados, e já ordenou positiva e terminantemente a todos os Inspetores que fizessem notificar a todas as pessoas qualificadas votantes, para votarem na chapa, que êle chama do govêrno. Não é ainda tudo, êle em pessoa ameaça com prisão e recrutamento, a todos aquêles que negam o voto, manda tomar seus nomes a rol, para que a ameaça seja formal, e produza o seu efeito. Já declarou francamente êle mesmo, que todos os seus votantes hão de vir armados, e assim hão de entrar nesta cidade".

O autor é tão miucioso da enumeração e comentários dos multiplos partidos do Ceará que não esqueceu a própria entidade partidária efêmera, criada pelo advogado, humorista, meu bom parente e amigo, de saudosa memória — Dr Manuel Florêncio de Alencar — Vejamus § XX:

“Manuel Florêncio de Alencar, bacharel em direito considerando que o Partido Conservador situacionista e o Partido Revisionista de oposição sacrificavam o Cariri, lançava em Barbalha, os fundamentos do Partido Neutro-Oportunista, cujo programa foi publicado em boletim impresso em “JORNAL DO CARIRI”, em junho de 1905”.

“Sejamos neutros, dizia o Manifesto, isto é, não coadjuvemos o revisionismo por serem ilusórios os seus resultados; nem secundemos o situacionismo na sua transviada conservação; e, sejamos oportunistas, isto é, coadjuvemos e secundemos ao partido oposicionista que se constitua no Estado, sem filiação ao revisionismo, esposando a causa pessoal dos interesses vitais da comunhão, guardando o nosso Pacto fundamental, ou mesmo ao situacionismo agindo êste pela reintegração dos nossos direitos e liberdades compuscados, circunscrevendo a ação discriduenária dos chefes municipais, que abusam do poder, exercendo, portanto, sua ação governamental nas órbitas pretraçadas por nossas leis”.

Dr. Florêncio de Alencar, mesmo com seu Partido Neutro-Oportunista, não se mostrou indiferente á sorte do Cariri, perante as agremiações inativas de então. Seu partido foi o grito de revolta contra a inação de ambas as entidades que se deglaviavam pelo poder, esquecendo o bem estar comum.

O livro de Abelardo Montenegro merece bem ser divulgado, pois, tem conteúdo e está intimamente ligado á história do Ceará.

---

## GENERAL RAIMUNDO TELES PINHEIRO

Após carreira brilhantíssima no exército, em Junho último, a pedido foi transferido para a reserva do Exército, com o posto de General de Divisão, o nosso ilustre conterrâneo Raimundo Teles Pinheiro. E' vulto de cetaque de nossas Forças Armadas com folha de serviço prestada ao Brasil.

E' dos mais eméritos filhos do Crato e do Ceará, sendo sócio fundador do Instituto Cultural do Cariri e dos principais colaboradores desta revista.

Ao despedir-se de seus colegas de farda, pronunciou no Gabinete do Chefe da 5.ª Seção do Estado Maior do Exército, bela alocução, que publicaremos no próximo número de ITAYTERA, por nos ter chegada sua cópia, quando estávamos a encerrar as derradeiras páginas de composição desta revista.

O General Raimundo Teles Pinheiro retornará ao Ceará, no fim do presente ano, e dedicar-se-á assim á vida intelectual, entre as cidades de Fortaleza e Crato.

## CANTO DE HIROSHIMA

M. PATRICIO DE AQUINO

Hiroshima... hecatombe... holocausto...

A cidade foi-se

Mas ficou perpetrado — que horror! —,

Para a vergonha do Homem,

O maior crime da História!

Hiroshima... hecatombe... holocausto...

A noite cai sôbre Hiroshima

E as crianças morrem *atômicamente*;

A noite cai sôbre Hiroshima,

A noite cai,

Cai...

Hiroshima... hecatombe... holocausto...

A noite cai sôbre Hiroshima

Menos negra que a consciência do Homem;

A noite cai sôbre Hiroshima,

A noite cai,

Cai...

Os hospitais estão cheios,

Os cemitérios,

Os orfanatos:

Hiroshima só é alegre em filme americano...

Mas quando a noite cai sôbre Hiroshima

A gente ouve tanto gemido...

Gemidos que transpõem os oceanos

E as montanhas tôdas da Terra!...

Hiroshima... hecatombe... holocausto...

Hiroshima... ..

GELADEIRAS

RADIOS

RADIOFONES

LIQUIDIFICADORES

MOTORES

MOTO-BOMBAS

MICRO-TRATOR

PICADEIRAS DE FORRAGEM

À VISTA OU EM MÓDICAS PRESTAÇÕES

EM

**THOMAZ OSTERNE DE ALENCAR S. A.**

Comércio — Indústria — Agricultura

TELEFONE 583

Rua Dr. João Pessoa, 113-19 - CRATO-Ceará

# Serafim Leite e a fundação de Fortaleza

AIRES DE MONTALBO

Quando esta controvérsia andava ainda acesa, eu, supondo que o grande historiador, que escrevera a História da Companhia de Jesus no Brasil, podia fazer alguma luz sôbre o caso, escrevi-lhe uma carta, pois não era a primeira vez que o fazia, no sentido de ver dirimida, de uma vez, a questão.

A resposta foi publicada no jornal "Unitário", de Fortaleza, a 21 de janeiro de 1962, por iniciativa de Ismael Pordeus e, posteriormente, na Rev. do Inst. do Ceará, vol. 76, páginas 281 - 282, dêsse mesmo ano.

Algum tempo depois, Serafim Leite, por própria iniciativa, voltou à carga na Rev. "Brotéria", de Lisboa, vol. 74, n.º 5, maio de 1962, num artigo intitulado "Notas sôbre a fundação de Fortaleza", — capital do Estado do Ceará (Brasil).

Vamos ver qual é a posição de Serafim Leite nesta questão com tóda a objetividade. Certamente êle não é, como pensa o Sr. Raimundo Girão, contra a tese que defendemos, embora não seja ostensiva e acirradamente a favor. O que êle intenta, como nós, é o triunfo da verdade. Se Ismael Pordeus e José Bonifácio de Sousa estiveram pela publicação de tais documentos na Rev. do Instituto, **loco citado**, bem podemos concluir que a posição de Serafim Leite não é contra o que, desde o princípio defendemos, isto é, que Fortaleza não deve sua fundação a Matias Beck, comandante da segunda invasão holandesa no Ceará.

Analisemos êstes dois preciosos documentos em função de seus têrmos e veremos que o que nos veio de Roma e de Lisboa, não foi uma "emenda pior do que o sonêto", nem, muito menos, "uma barra de chumbo", em vez de âncora salvadora, como escreve o Sr. Raimundo Girão na Rev. "Itaytera", do Crato, ano VIII, n.º 8 pág. 70 e seguintes, (1962).

Na carta a mim dirigida diz que sua intervenção no assunto só poderia ser útil ao debate, se dispusesse de provas documentais, que não possui; portanto, limitar-se-á a algumas considerações sugeridas pela minha carta.

Diz que, "se a Barra do Ceará, (a saber, o local do Forte de Soares Moreno), situa no perímetro da atual Capital cearense, e se, de Nova Lisboa e ermida de Nossa Senhora da Ajuda (Amparo) ainda havia vestígios à chegada dos holandeses, Soares Moreno poderia de alguma forma, ser considerado fundador".

Ora, em que pese ao Sr. Raimundo Girão, essas duas hipóteses de Serafim Leite se verificam, isto é, a Barra do Ceará sempre ficou dentro do Município de Fortaleza e quando os holandeses da segunda invasão aqui chegaram, ainda havia vestígios do antigo Forte de Moreno e não só ves-

tígios mas materiais de construção, que foram aproveitados pelos flamengos na construção do nôvo forte.

Não insistimos na hipótese contrária, dada por êle, porque não tem sentido diante da verificação supra.

Serafim Leite acha, porém, que "o título próprio de Soares Moreno é do de fundador do Ceará, que na história local é o primeiro. E é do Estado". Teríamos que dizer, por nossa conta, o seguinte: um Estado não se funda, um Estado se delimita, ou se conquista. Na linguagem do século XVII, Siará significava sobretudo a fortificação da barra do rio Siará. El-Rei mandava erigir em Vila o Siará. Seria o Estado? Certo que não. Esta expressão usual aos nossos historiadores, "fundador do Ceará", se não significa o primeiro núcleo demográfico, não tem sentido nenhum. Serafim Leite acomodou-se apenas ao linguajar corrente.

Em seguida, o historiador alude à planta da Vila Nova de Fortaleza fundada em 1726 pelo Capitão-Mor, Manuel Francês, planta que êle encontrou em Lisboa, em 1938, e aduz em sua "História da Companhia de Jesus no Brasil", tomo III, págs. 84 -,85. E diz:

"Essa Vila então criada é a cidade de hoje. Seria ainda a **mesma** povoação que se formou junto ao forte holandês? Não seria já outra **nova**? Se fôsse a **mesma**, sem solução de continuidade, a fundação holandesa da cidade teria base histórica".

Como vemos, Serafim Leite está na suposição de que havia povoação formada junto ao forte holandês, já desde o tempo dêstes (1649) e não havia, diz Ismael Pordeus. A povoação que foi Vila em 1726, se formou aos poucos e bastante depois como afirma Gustavo Barroso. Não consta que os holandeses, ao saírem, tenham deixado nada ali, além do seu precário forte. Povoação, é certo, não deixaram. E solução de continuidade houve, pois, segundo Raimundo Girão, o forte foi demolido mais de uma vez a **fundamentais** nesse espaço de tempo. Cfr. Matias Beck, fundador de Fortaleza, págs. 64 - 65).

Serafim Leite acha, na suposição de que os holandeses deixaram povoação aqui, "que o fato é análogo ao de São Luís do Maranhão, embora não tenha tido a odiosidade, que assumiria, mais tarde, a invasão holandesa no Estado, já organizado, do Brasil". "Mas, se não era a mesma povoação e se entre o forte e a atual cidade houve interrupção (e houve, dizemos nós, pois a Vila só veio a fundar-se 72 anos depois da saída dos invasores) conviria ver quando e por quem foi feito o estabelecimento definitivo, que já não seria holandês". De fato o estabelecimento foi feito pelos portugueses, por ordem do Rei de Portugal, por ação imediata de Manuel Francês.

"Daí procederia a cidade". E procedeu, como sabemos. "Segundo penso, continua S. Leite, está aqui a chave da questão. Aqui e no equívoco do nome. Entre o que se passou no Ceará e o que sucedeu na Guanabara há paralelismo histórico. Em ponto menor, mas o paralelismo é evidente. A fundação do Rio de Janeiro data-se de Estácio de Sá, não se data de uma ou outra fortaleza, que por ali tinha existido antes, com as



respectivas povoações anexas e até com nomes de fundadores bem conhecidos, um dos quais Villegaignon”.

O paralelismo é o seguinte: — mesmo afirmando a existência anterior do forte holandês, a cidade ou vila, como tal, na sua fundação, dependeu de outros, que positivamente lhe lançaram os fundamentos, com autorização real e com nome específico, que até hoje permanece. **Intelligenti pauca.** Só o não vê quem fôr cego.

“Tais assuntos são interessantes, dignos de estudo em Academias e Institutos como fatos de história, que podem levar um ou outro nome à esquina de uma rua” (e não a praças e avenidas, dizemos nós). “Todavia pare-se na esquina. Nenhum desses fundadores de fortalezas precedentes se tem, nem celebra ou dá por fundador da cidade do Rio de Janeiro”.

No caso da Capital do Ceará Serafim Leite acha que “influiu demasiado o equívoco do nome, que é um substantivo comum, susceptível de receber vários qualificativos”. O raciocínio falso seria o seguinte: “O holandês fundou uma fortaleza; a cidade chama-se Fortaleza; logo, o holandês fundou a cidade”. “Teria o holandês fundado a Fortaleza de Nossa Senhora da Assunção, que traz a planta da Vila Nova de 1726? E não procederia (daí) o nome da atual cidade? Lembramo-nos que a fundação da Vila é muito posterior ao domínio holandês, cujo chefe jamais pensou nisso explicitamente, como o reconhece José Aurélio Câmara. (Rev. Inst. do Ceará, tomo 76, pág. 287).

Continuando, S. Leite pede que “a tais perguntas se responda com método e isenção de ânimo”. “Qualquer que seja a resposta, deve ser respeitada historicamente, mesmo que a atual cidade proviesse do holandês, o que não é fácil de admitir **a priori**, sem tropeçar naquela grande “pedra no caminho”, que foi a guerra de reconquista luso-brasileira”. Repare que digo respeitar **historicamente**, não digo **nacionalmente**. Averiguar e reconhecer uma data não é o mesmo que celebrá-la. Porque enfim o nome é uma coisa e a fundação da cidade é outra; e o critério para homenagens de praça pública depende, nos fatos históricos, do que eles significam de nacional, não do que implicam de antinacional”.

“O sentimento brasileiro coloca nesta última pouco amável categoria (de antinacional) o forte francês do Rio de Janeiro e o forte holandês do regato Pajeú. Um e outro ameaçavam a unidade do Brasil. Basta ter olhos para ver e ficar dentro da Fortaleza de Nossa Senhora de Assunção. Se a invasão holandesa tivesse prevalecido, a capital do Ceará não se chamaria Fortaleza da Assunção, nem mesmo “Fortaleza”, mas “Schooneborch”, que era o nome do forte, êsse ou outro semelhante, e não teria sido **português**; o que vem a dizer, por outras palavras, que ela não seria hoje **brasileira**. Aspecto nacional de que não se pode fazer abstração em comemorações **cívicas**. “Idéia arbitrária? Não é arbitrária. Funda-se no uso geral dos povos em comemorações desse gênero; e já teve efeitos dirimentes no Recife em 1935 numa projetada homenagem a Nassau, que, por isso mesmo, não se realizou”.

Aqui finda Serafim Leite a sua carta, plena de objetividade e de

bom-senso. Nela não vemos qualquer vislumbre, que possa decepcionar os impugnadores da paternidade de Matias Beck, com respeito à fundação de Fortaleza. É mister estar totalmente transtornado pela paixão e por um ódio inexplicável, para não ver a posição serena do grande Mestre, sempre a pender, cada vez mais, para o lado da causa lusa, que defende de modo indireto, mas seguro.

Vamos agora, ao segundo documento de Serafim Leite, estampado na Rev. "Brotéria", supra citada. Expõe, de início, o estado da questão, digamos os termos da polêmica aqui travada, lastimando se tenham inserido nela elementos políticos e até pruridos religiosos, que lhe são alheios. A êle, como historiador, só interessa o lado propriamente histórico da questão.

Por não estar devidamente informado, penso Serafim Leite que os partidários de Matias Beck tiveram, em tudo isso, uma dupla intenção: — "desacreditar a colonização portuguesa e glorificar o invasor holandês. Para isso julga que, de alguma forma, se isolou a Capitania do Ceará do resto do Brasil, pressuposto que a história não justifica". Não vamos tão longe e cremos que não houve tal intenção dos propugnadores do "Schoonenbo:ch". Mas o fato de alguém dizer que o Ceará, a esse tempo, era **terra de ninguém**, que no Brasil não havia idéia de Pátria, apesar de brasileiros e holandeses se estraçalharem em Pernambuco, que a pirataria era uma instituição oficial dos povos sem terra, à procura de expansão no ultramar, (e Portugal nunca lançou uma nau de prêsa aos mares!) isso foi o que deu ao ilustre historiador essa impressão a que não pôde fugir e que tanto desagradou aos fautores da polêmica.

Começa mostrando que o Brasil, a esse tempo, era já um Estado organizado e florescente. Desde a instituição do Governo Geral, em 1549, que se considerou a América portuguesa não em função desta ou daquela capitania, mas em função do Estado do Brasil, núcleo formal da futura Nação brasileira.

Em seguida passa a falar das Capitanias que se organizaram não todas ao mesmo tempo, uma vez que o Brasil nasceu e se desenvolveu progressivamente. umas precederam o Governo Geral, outras vieram depois. umas prosperaram, outras não. Pertence ao número das que não foram felizes a Capitania do Ceará, quando se tentou sua organização já no século XVII. E isso não por culpa dos portugueses, mas por dificuldades locais, econômicas e mesmo meteorológicas, pois tais circunstâncias independem, muitas vezes, da vontade dos homens e dos governos.

Ainda hoje, em pleno século XX existem, dentro do Brasil, enormes áreas que estão por colonizar, por obstáculos provindos da própria natureza, que estorvam a ação humana dos civilizadores. Aí está a Amazônia desafiando a ação de todos os governos do Brasil.

A seguir, Serafim Leite distingue fatos históricos e juízos que deles devemos formar. "Os acontecimentos que constituem a trama de uma Nação não se podem omitir quer sejam favoráveis, quer adversos: o que contribuiu para a formação, engrandecimento, integridade e unidade da Nação, expõe-no e, sendo o caso, louva-o; o que atentou contra êsses elementos

essenciais, expõe-na e, sendo o caso, louva não quem cometeu o atentado, mas quem impediu que êle se consumasse. Semelhante critério de julgar os fatos históricos é reflexo natural do instinto de conservação dos indivíduos e das nações. Compreender-se-ia mal, por exemplo, que um brasileiro abafando tão primordial instinto, glorificasse (hoje) o que atentou contra a integridade do Brasil" (outrora). Parênteses nossos.

"Norma válida, continua êle, até na hipótese de os holandeses serem os fundadores de Fortaleza, nem se diga que é só por não serem portugueses. Porque a mesma norma já não é válida para os franceses, fundadores da cidade de São Luís do Maranhão. A razão é que o Maranhão, embora dentro da demarcação jurídica de Portugal, ainda não estava integrado no estado do Brasil. O Ceará já se tinha incorporado.

"O sentimento nacional brasileiro distingue, pois, o que já era o Brasil do que ainda o não era, sem deixar de sentir regosijo por se ter operado a conquista do Maranhão e alargado as fronteiras do Brasil a tempo ainda de se constituir uma nação homogênea".

"Para se proceder à incorporação efetiva do Maranhão nos limites do Brasil, houve uma guerra de **conquista**; para o Ceará voltar a ser do Estado do Brasil, a que pertencia, a guerra que houve foi de **resistência** e de **reconquista**; e não se vê como se possa unir com êsse glorioso espírito luso-brasileiro de reconquista, a glorificação do inimigo que tendia à desintegração da Pátria, que se formava. Isto, mesmo na hipótese — dizemos — de o holandês ser o fundador de Fortaleza". (Serafim Leite supõe que se queria homenagear Matias Beck como presumível fundador de Fortaleza).

"Mas, quem fundou a cidade de Fortaleza?"

"Afiramar, como já se aventou, que o fortim holandês de 1649 foi o "primeiro prédio" da futura cidade, parece não se compaginar com o que se lê no diário do fundador dêsse fortim, Matias Beck, a saber, que já antes de êle chegar, andavam por ali portugueses a extrair "minérios ou metais". Dormiriam os portugueses ao relento? Não teriam êles as suas casas? Não é de crer; e se se objetasse que os portugueses, que por ali andavam, não tinham intenção de fundar uma cidade, o mesmo se replicaria dos holandeses, o que basta por si só para abalar a segurança".

Outra imprecisão de Serafim Leite. A mineração era em Itarema, hoje Taquara, perto de Maranguape; não era às margens do Pageú, onde se erigiu o forte holandês. Entretanto Ismael Pordeus provou em Carta a Luís Barros que, mesmo ali, em Marajaitiba, existiam habitações lusas antes de aqui aportarem os holandeses dessa 2.<sup>a</sup> invasão. Êsse mesmo historiador nega que o forte S. Sebastião, à chegada dos holandeses de M. Beck, estivesse reduzido a escombros... como se afirmou muitas vêzes. (Rev. citada pág. 270).

Convém saber que êsse "primeiro prédio, cristal estimulador da nucleação", era de paliçada, sem consistência alguma, como se comprovou com tempo. Essa expressão teria outro sentido, por nós aceito, se o prédio fôsse de tijolos ou de pedra e cal.

Continua Serafim Leite: "O de que ninguém duvida, seja católico ou protestante, português, brasileiro ou holandês é do critério estável sobre a integridade atual, ou histórica do Brasil. O terem-se botado, em 1654, os holandeses fora do Brasil, de que fazia parte o Ceará, foi o grande milagre luso-brasileiro do século XVII".

Quanto à denominação da cidade, manda Serafim Leite ver na planta portuguesa, publicada por Barlaeus, de uma **Arx in Siará**, (1647) o nome real da cidade — Fortaleza do Ceará. "Aí está o nome". "O nome de Fortaleza já andava no Ceará, antes dos holandeses, embora a qualificação pareça ter-se fixado, em definitivo, no sítio atual com a Fortaleza de Assunção, posterior aos mesmos holandeses". Alude, em seguida, à planta da Vila de Fortaleza, encontrada por ele, em 1938, no Arquivo Histórico Ultramarino de Lisboa: — "Vila Nova de Fortaleza de Nossa Senhora da Assunção da Capitania do Ceará Grande, que Sua Majestade que Deus guarde foi servido mandar criar". Planta e dizeres que já vêm do século XVIII.

Por essa planta, diz, se vê, "primeiro, o precário e lento evoluir do povoado, que em 1726 não passa ainda de Vila; segundo, que o processo da fundação difere do de outras grandes cidades do Brasil, para as quais o nome do fundador é evidente. Dizemos grande, porque Fortaleza hoje o é, formosa e cheia de vida como a despertar o afã de estudar as próprias origens".

"Mas a importância moderna se prestigia o passado, não muda o processo histórico de sua evolução; e todos os possíveis nomes de fundador oferecem dúvidas para o serem no pleno sentido do vocábulo".

"Ora, de premissas incompletas e duvidosas não se podem tirar conclusões certas..." (como seria esta que se lê num livro apressado — Matias Beck, fundador de Fortaleza).

"Nem entre portugueses, nem entre holandeses se apresenta nenhum fundador da atual capital do Ceará com toda a força da evidência" (apesar de se dar como coisa líquida e indiscutível Matias Beck, parentes nosso).

Mas se se quisesse dar a alguém um nome representativo de fundador de Fortaleza, sobre quem deveria recair a nossa escolha? Em relação a Fortaleza, o menos bem cabido seria, em todo caso, o holandês, diz S. Leite.

## C O N C L U S Ã O

Resumindo, vejamos se a emenda foi pior do que o soneto.

Serafim Leite pede se restrinja ao máximo as homenagens ao suposto fundador histórico da capital por sua qualidade de invasor, entrosado numa campanha que visava à desintegração do Brasil. Que, mesmo como fundador simbólico, deve ser rejeitado face ao seu competidor, que tem mais méritos para isso. Será que se pode chamar a isso uma barra de chumbo? Se é barra de chumbo, foi para esmagar o lado de lá...

O Sr. Raimundo Girão, no artigo publicado em "Itaytera", insinua que Serafim Leite, só por **generosidade** teria voltado ao assunto controverso

como se o fizesse constrangido ou importunado por mim; enganou-se. Convém saber que voltou, espontaneamente, para assinalar certos aspectos da questão que estavam passando em julgado, sem o devido bom-senso por parte dos propugnadores da causa flamenga.

A Nota de "Brotéria", que não foi solicitada por ninguém, veio muito oportunamente premir os calos de muita gente que, como é natural, não gostou dessa segunda intervenção de S. Leite, perturbando uma tese tão pacífica...

Os homens do futuro lendo, com atenção, essa **Nota**, hão de concluir que não foi sem motivo e bem ponderoso que Serafim Leite julgou dever seu voltar ao assunto, mesmo desgostando os que viam, em Matias Beck, o fundador incontestado da capital cearense.

Quanto à processualística a que alude o autor de "Matias Beck, fundador de Fortaleza", teríamos que dizer o seguinte:

Se permitimos a publicação da citada carta serafiniana, é que lhe aceitamos os termos em que Serafim Leite proclama a fundação lusa da cidade e acha que o contrário não se pode provar **a priori** e confessa que Soares Moreno, de alguma forma, se poderia considerar o fundador, se se verificassem duas condições propostas, acima aduzidas.

O que não entendemos e ninguém poderá entender é como um historiador do estofo moral de Raimundo Girão negue, em letra de fôrma (Itaytera, loco cit. pág. 79) que a Barra do Ceará, isto é, o local do Forte de Moreno, fique dentro do atual Município de Fortaleza e que ao tempo de M. Beck existissem vestígios do Forte de São Sebastião. E' certo que a paixão cega, às vêzes os melhores homens. Nisto como em tudo o mais, sou muito amigo de Platão, mas mais ainda o sou da verdade.

Com que direito se poderá dizer que Serafim Leite é contra a nossa posição se êle acha **duvidoso** o argumento em que se estribam os defensores de Beck e diz que a Lógica Menor ensina a deslindar êsse enêrdo; que nas homenagens ao flamengo não se passe de uma esquina, dado que seja o fundador; que o paralelismo entre Fortaleza e Guanabara é perfeito; que é melhor, nessa controvérsia, ficar **dentro** da Fortaleza de Assunção; que o domínio holandês não era tão inócuo assim, pois ameaçava a integridade do Brasil; que, se tivesse vingado a dominação holandesa, nem esta cidade se chamaria "Fortaleza", nem seria hoje **brasileira**; que, se se houvesse de escolher, para nossa capitól, um fundador representativo, ou simbólico, êsse não será, com certeza, o holandês.

Foi por tudo isto, Sr. Raimundo Girão, que permitimos a publicação desses documentos, embora não exista uma prova apodítica, absolutamente convincente de que Beck, ou Moreno, em pessoa, seja o fundador. Isso pouco importa: a fundação é portuguesa, desde os primórdios. E é quanto basta.

A propósito de sua remissão a certo princípio jurídico, maior aplicação, cremos nós, no caso, teria aquêlo outro, segundo o qual o ônus da prova incumbe a quem alega: quem afirmou, tão explicitamente, que Matias Beck fundou Fortaleza, deve prová-lo e essa prova ainda não veio, pelo menos de maneira aceitável. **Auctori onus probandi incumbit.**



**CIMOSA**

COMÉRCIO E INDÚSTRIA  
DA MANDIOCA S. A.

●

RASPA

FARINHA PANIFICÁVEL

FÉCULA

FARINHA PROTÊICA

RAÇÕES

ADUBOS

●

*Fábrica — BAIRO BATATEIRAS*

CRATO

— —

CEARÁ

# MUNICIPALISMO

ULYSSES VIANA

Todos os esforços empreendidos em favor do desenvolvimento nordestino representam, na conjuntura atual, a ação coordenada do Poder Público e do povo, procurando, unidos pelos mesmos princípios, arrancar o Nordeste da área do subdesenvolvimento. Esse movimento de recuperação regional não se restringe, apenas ao campo das iniciativas de caráter econômico. No setor intelectual o nosso avanço toma dimensões nunca dantes constatadas.

Uma região assentada no sul do Ceará se levanta alta-meira e forte, conquistando posições objetivas e disseminando na zona de sua influência, o reflexo da sua cultura e do seu admirável progresso. Configura-se, sem dúvida, a energia revolucionária dos homens que não se deixam vencer pelo desânimo e, enfrentando obstáculos os mais agudos, conseguiram plantar o marco de uma nova era em defesa de concepções modernas de trabalho e iniciativa do elemento humano.

Tenho em mãos o número 9 da bem confeccionada revista ITAYTERA, editada pelo Instituto Cultural do Cariri, situado na cidade do Crato (Ceará). Acompanho, com vivo interesse, a trajetória da tradicional entidade cratense e verifico, dia após dia, o aprimoramento daqueles que cultivam com raro patriotismo, as coisas essenciais ao nosso espírito.

Do jornalista J. de Figueirêdo Filho, guardo impressões duradouras manifestadas através das suas infindáveis realizações de cunho eminentemente intelectuais. Ele instituiu uma mentalidade nova, no seio da comunidade caririense, transformando em realidade palpitante os ideais de velhos professores teóricos que sonhavam com o futuro da sua terra. Por isso, não deixo de louvar a coragem do referido escritor cearense, perfeitamente integrado no processo de revalorização nacional e consciente das suas responsabilidades diante do meio social em que vive.

ITAYTERA constitui o retrato vivo de uma região em que aparecem os elementos misturados com as coisas, numa espécie de simbiose a fecundar o terreno de civilização amadurecida e forte. Trabalhos de indiscutível valor histórico se destacam no órgão de cultura e deles arrancamos o que há de mais autêntico no que concerne às tradições dos nossos avós, plasmadores da nacionalidade.

No alicerce do edifício intelectual da revista Itaytera, está a obra literária do escritor Antônio Gomes de Araújo, padre feito de pedra e onde a coragem é crosta intransponível. Desassombrado e culto, modesto e indomável, a sua bagagem histórica se integrou na personalidade do homem responsável por incursões e pesquisas admiráveis. Colaboraram neste número, além do diretor do Instituto Cultural do Cariri, jornalista J. de Figueirêdo Filho, os conhecidos intelectuais cearenses: — Antônio Gomes de Araújo, Hermínio Conde (médico oftalmologista piauiense, recentemente falecido), Otacílio Anselmo, Givaldo de Carvalho, José de Siqueira Cavalcanti, Djanira Filgueiras, Marechal Fernando Távora, Francisco Vasconcellos, Felix Lima Júnior, Antônio Gonçalves da Silva, Tristão de Alencar Araripe, Sinharinha Granja, Carlos Feitosa, Bruno de Menezes, Lindemberg Aquino, Zuleica Figueirêdo, José Alves de Figueirêdo, João Brígido, João Alves Rocha, entre outros. A confecção gráfica está revestida de alta qualidade. Congratulo-me com o Instituto Cultural do Cariri por mais êsse exemplo de tenacidade.

Suplemento do interior do JORNAL DO  
COMMÉRCIO — Recife, 30 - 10 - 65

---

LIONS INTERNACIONAL CONFERE DIPLOMA À REVISTA "ITAYTERA"

## H O N R O S O   D O C U M E N T O

O presidente do Instituto Cultural do Cariri, recebeu o seguinte ofício, datado de 30 de Junho do corrente, de Belém, capital do Pará e firmado pelo Sr. Oswaldo Nasser Tuma, Governador do Distrito L-1 Brasil de Lions Internacional:

"Tenho a honra de fazer chegar a V. Sa. o testemunho do reconhecimento dessa governadoria, diante da valiosa colaboração prestada pela Revista "ITAYTERA" através do trabalho dos Lions Clubes em favor da comunidade careense.

Essa contribuição é das mais honrosas para o Leonismo e se caracteriza como um alto estímulo para os leões de meu Distrito.

Queira receber os protestos de um distinguido aprêço, a par de cordiais SAUDAÇÕES LEONISTAS.

O DIPLOMA contém o seguinte: LIONS CLUBE INTERNACIONAL DO BRASIL. Distrito L-1 DIPLOMA O Governador do Distrito L-1 Brasil de Lions Internacional, reconhecido, agradece a "REVISTA ITAYTERA a valiosa colaboração pelos magníficos serviços prestados à comunidade e ao Clube de sua cidade, na obra de SERVIR DESINTERESSADAMENTE.

Belem, 30 de Junho de 1966.

OSWALDO NÁSSER TUMA



**LUNA S. A.**

**INDÚSTRIA e COMÉRCIO de CALÇADOS**

FÁBRICA DE CALÇADOS PARA  
HOMENS, SENHORAS E CRIANÇAS  
e as AFAMADAS

**ALPARGATAS LUNA**

Macias .. Leves... Duráveis.

**RUA SÃO ROQUE N. 276**

**JUAZEIRO DO NORTE — CEARÁ**

*tipografia?*

*só a do*

**cariri**

rua dr. joão pessoa, 112

crato — ceará

# Indústria e Moagens do Cariri S. A.

## I M O C A S A

Indústria financiada pelo Banco do Nordeste do Brasil S/A, contando com a cooperação da SUDENE, CODEC e Universidade Federal do Ceará.

A IMOCASA conta hoje com 60% dos seus acionistas agricultores a quem pretende ajudar com a orientação técnica no cultivo do milho.

CULTIVEM O MILHO SELECIONADO  
E EXPERIMENTE

Q MILHO UM PRODUTO IMOCASA

Alto da Independência s/n

CRATO

-

-

CEARÁ

# A NÁLISE LITERÁRIA

## O PEQUENO PRINCIPE

Antoine de Saint-Exupéry

Tradução do original: "Le Petit Prince", por Dom Marcos Barbosa

### INTRODUÇÃO

O pequeno Príncipe não é um livro, só. É uma obra prima.

Vocês me perguntarão: por que?  
É simples.

Porque nos faz voltar ao essencial. Esse essencial "invistível aos olhos".

Porque num passe de mágica, devolve-nos o olhar, o riso, a alegria de nossa alma de criança.

O pequeno príncipe, com seus cabelos de ouro, sua fidelidade à uma rosa, sua filosofia simples e humana, é o que há de mais real em todos nós.

É o nosso tesouro escondido, o melhor, aquele que a vida escondeu e que nós não tivemos a coragem de redescobrir.

Ele nos despoja das idéias pré-concebidas, das observações convencionais, do artificialismo e rotineiro da nossa vida de cada dia.

E nos coloca na simplicidade límpida da poesia pura.

Onde sempre quiséramos ficar.

O Pequeno Príncipe é um livro para crianças porque elas compreendem tudo.

É um livro para as pessoas grandes porque todas têm, bem no fundo, uma alma de criança dentro de si.

O Pequeno Príncipe é uma fábula. Ou, se preferirem, uma parábola.

### AUTOR

Antoine de Saint-Exupéry, nasceu em Leilão a 29 de junho de 1900. Desapareceu em missão oficial de guerra a 31 de julho de 1944.

Foi um escritor aviador e não um profissional, com uma personalidade irrequieta e idealista.

Admitido na Escola Naval, presta exames na Escola de Belas Artes, seção de Arquitetura.

Faz o serviço militar, e obtém o brevet, grande aspirante a oficial.

Por motivos pessoais abandona a aviação, apesar da Aeronáutica ter sempre sido seu objetivo.

Mais tarde entra para o Correio Aéreo, na linha Toulouse-Casablanca, Dakar-Casablanca de cuja experiência tirou "Courrier sud" escrito em 1927.

Seu livro "Vol de Nuit" alcança o "Prix Femina" de 1931.

Mobilizado na última guerra no grupo de reconhecimento 2-33, participa do bombardeio e libertação da Sicília.

Pede permissão para realizar mais 5 missões de reconhecimento e na última delas, desaparece nas águas do Mediterrâneo.

### A O B R A

Pode-se dizer, sem dúvida possível, que o Pequeno Príncipe foi o ponto máximo da carreira literária de Saint-Exupéry.

Foi neste livro, aparentemente escrito para crianças, que ele retratou em todas as nuances a profunda psicologia da natureza humana.

Ele conseguiu, através de imagens simples, acessíveis, significativas, uma sátira penetrante e sutil aos homens adultos e suas fraquezas, seu convencionalismo, sua errônea hierarquia de

valores, seu afastamento cada vez maior da simplicidade natural e espontânea das crianças, que é por isso mesmo mais verdadeira.

Ele criou tipos característicos dos defeitos humanos mais acentuados, como veremos nas visitas do pequeno príncipe aos planetas e seus habitantes.

O autor, no entanto, não se restringe unicamente a criar tipos humanos; seus personagens também são rosas, baobás, vulcões, carneiros, serpentes que por isso não deixam de ser tão reais e tão convincentes.

As idéias são expostas através dos personagens de uma maneira tão natural e tão tocante, que nós também passamos a amar a rosa feminina e vaidosa do pequeno príncipe, a não simpatizar muito com as pessoas grandes, tolas, e cheias de si e enfim a desejar muito, muitíssimo passar a mão pelos cabelos dourados e macios desse príncipezinho tão pequeno e já tão filósofo.

A história se desenvolve fluente através de 27 capítulos breves, onde as frases pequenas querem dizer grandes coisas.

A ação passa-se no deserto do Saara onde um aviador tendo sofrido uma pane no seu avião, e estando a consertá-lo, trava conhecimento com um pequeno príncipe "êsse pedacinho de gente extraordinário, oriundo de um planeta desconhecido, e que nunca desiste da resposta, quando faz uma pergunta.

Em cada capítulo há um fato, uma frase, uma exclamação, uma observação que se destacam, ou por seu conteúdo filosófico e satírico, ou pela espontaneidade natural com que é dita, ou mesmo pela beleza do conteúdo humano que encerra.

Tratemos a seguir de resumir, ou melhor de por em relêvo o que há de mais especial nos capítulos em que se desenrola a história suave e comovente do pequeno príncipe.

## Capítulo I

O aviador está rememorando seus tempos de infância, quando tinha 6 anos e desenhava um elefante dentro de uma gibóia e as pessoas grandes pensavam que era um chapéu: "elas têm sempre necessidade de explicação. Vi-as muito de perto. Isso não melhorou de modo algum minha antiga opinião. Quando lhes falava de bridge, golfe, política e gravatas, ficavam encantadas de conhecer um homem tão razoável".

Ah... as pessoas grandes!

## Capítulo III

O príncipezinho menciona o seu planeta:

— É tão pequeno onde eu moro!

Não faz mal, quando a gente anda sempre para frente não pode mesmo ir longe...

## Capítulo IV

Os dois amigos conversam.

O aviador faz observações curiosas sobre a terra dos homens. Lá, um astrônomo turco viu pela primeira vez um asteroide B 612 em 1909. Mas por causa das roupas que usava, as pessoas não lhe deram crédito.

Em 1920, o astrônomo repetiu sua demonstração numa elegante casaca. Dessa vez todo mundo se convenceu.

As pessoas grandes adoram os números. Só eles as convencem. As crianças devem ser muito indulgentes com elas.

## Capítulo VI

Vejam só, o planeta do príncipezinho é tão pequeno que é só arrastar um pouquinho a cadeira para ver 49 pores de sol.

— Quando a gente está triste demais gosta do pôr do sol...

## Capítulo VII

— Aviador um carneiro come as flores?

— Um carneiro come tudo que encontra.

— Mesmo que as flores tenham espinhos?

— Sim, mesmo as que têm.

— Então... para que servem os espinhos?

— Ora espinho não serve para nada.

São pura maldade das flores.

— Oh!

— Eu conheço um planêta onde há um sujeito vermelho, quase roxo. Nunca cheirou uma flor. Nunca olhou uma estrela. Nunca amou ninguém. Nunca fez outra coisa senão somar. E o dia tôdo repete como tu: "Eu sou um homem sério! Eu sou um homem sério!" e isso o faz inchar-se de orgulho. Mas êle não é homem; é um cogumelo!

## Capítulo VIII

— Como são contraditórias as flores!

## Capítulo IX

— E preciso suportar duas ou três larvas para conhecer as borboletas. São tão belas!

O príncipezinho resolve deixar o seu planêta e ir correr o mundo. Extingue seus dois pequenos vulcões, coloca sua flor preciosa numa redoma e arranca os menores vestígios dos baobás que crescem tanto.

O primeiro planêta é habitado por um rei que o ocupa inteiramente com seu manto.

Êle não sabia que para os reis, o mundo é muito simplificado. Tôdos os homens são súditos.

O segundo planêta, um vaidoso o habitava.

— Ah! Ah! um admirador vem visitar-me, exclamou de longe o vaidoso, mal vira o príncipe.

Porque para os vaidosos, os outros homens são sempre admiradores.

O terceiro planêta era habitado por um bêbado.

— Por que é que bebes, perguntou o príncipezinho?

— Para esquecer, respondeu o bêberrão.

— Esquecer o que?

— Que eu bebo!

O quarto planêta era habitado por um homem de negócios. Muito ocupado.

— Eu possuo os estrêlas, disse êle. Serve-me para ser rico e poder comprar outras estrêlas, se alguém achar.

— Mas, as estrêlas são suas?

— Não são de ninguém, logo são minhas, porque pensei primeiro.

Mas o príncipezinho não entendeu. Tinha sôbre as coisas sérias idéias muito diversas das pessoas grandes.

O quinto planêta era dez vêzes maior. Era habitado por um velho geógrafo que escrevia livros enormes. E no entanto não sabia se no seu planêta havia rios, oceanos ou florestas: isso é trabalho para o explorador. O geógrafo é muito importante para estar passeando...

O sétimo planêta foi a Terra.

O príncipezinho encontra uma serpente e olha-a longamente:

— Tu és um bichinho engraçado, fino como um dedo.

— Mas mais poderosa que o dedo de um rei...

E uma florzinha tímida.

— Onde estão os homens, pergunta-lhe polidamente.

A flor um dia vira passar uma caravana:

— Os homens? Eu creio que existem seis ou sete. Vi-os há muitos anos. Mas não se pode nunca saber onde se encontram. Êles não têm raízes. Êles não gostam de raízes.

O princepezinho escala uma grande montanha.

E conhece o éco.

— Que planêta engraçado, pensou então. E' tódo sêco, pontudo e salgado. E os homens não têm imaginação. Repetem o que a gente diz. No meu planêta eu tinha uma flor: e era sempre ela que falava primeiro.

E foi então que apareceu a rapôsa.

— Princepezinho, por favor... cativa-me!

— A gente só conhece bem as coisas que cativou disse a rapôsa. Os homens não têm mais tempo de conhecer coisa alguma. Compram tudo prontinho nas lojas, mas como não existem lojas de amigos, os homens não têm mais amigos. Se tu queres um amigo, cativa-me!

E o princepezinho se deixou cativar.

Antes de partir voltou a ver a rapôsa e recebeu o seu segrêdo.

— Adeus disse a rapôsa. Eis o meu segrêdo, é muito simples: só se vê bem com o coração. O essencial é invisível para os olhos. Os homens esqueceram essa verdade. Mas tu não a deves esquecer. Tu te tornas eternamente responsável por aquilo que cativas. Tu és responsável pela rosa...

### Capítulo XXV

— Os homens, disse o princepezinho, se enfurnam em rápidos trens, mas não sabem o que procuram. Então êles se agitam, ficando rodando a tóda...

— Os homens do teu planêta disse o pequeno príncipe ao aviador, cultivam cinco mil rosas num mesmo jardim... e não encontram o que procuram. E no entanto o que êles buscam poderia ser achado numa só rosa, ou num pouquinho d'água...

A gente corre o risco de chorar um pouco quando se deixou cativar...

### Capítulo XXVI

Encontrei o princepezinho pálido como a neve.

— Volto hoje para casa. E' tão longe, tão difícil! Mas não te entristeças. Será como a flor. Se tu amas uma flor que se acha numa estrêla, é doce, de noite, olhar o céu. Tôdas as estrêlas estão floridas.

E eu vou deixar-te um presente... Esse meu riso que tanto gostas. Olha, terás estrêlas como ninguém...

— Que queres dizer?

— Quando olhares o céu de noite, porque habitarei numa delas, estarei rindo, então será como se tôdas as estrêlas te rissem! E tu terás estrêlas que sabem rir!

### Capítulo XXVII

Olhem o céu. Perguntem. Terá ou não terá o carneiro comido a flor? E verão como tudo fica diferente...

E nenhuma pessoa grande jamais compreenderá que isso tenha tanta importância!

Essa exposição talvez um tanta longa de trechos do livro de Exupéry é no entanto necessária para penetrar no espírito do autor e na profundidade de sua obra.

Pode-se dizer que neste livro sua mensagem e a de dignificação do homem, do consentimento da parte dêle, de uma perpétua superação de si mesmo. Superação essa possível somente pelo sacrifício e pelo esforço.

O livro visa restabelecer a verdadeira hierarquia de valores através de imagens simples que evidenciam a tolice das pessoas grandes que não compreendem as coisas, só se preocupam com números, complicam o que é natural e espontâneo, e substituem pelo efêmero o verdadeiro e o essencial.

A rosa frágil, amorosa, fútil e linda, é a mulher com seu eterno feminino.

O episódio do astrônomo representa o convencionalismo ôco de que a sociedade está revestida.

Exupéry ridiculariza o conceito do "homem sério" e coloca do seu lugar a idéia do homem de alma aberta às coisas, o homem dignificado pela fidelidade (mesmo que seja a uma flor) pelo dom de si (episódio das borboletas no capítulo IX) pela retidão de julgamento: Porque bebês? Se o narneiro come as flores, de que servem os espinhos?

O pequeno príncipe é a imagem da nossa alma restituída à primitiva pureza de sentimentos e intenções.

Através de imagens acessíveis e infantis, Exupéry vai promovendo uma verdadeira revolução nos conceitos pré-fabricados, e instituições ilógicas, criadas pelo homem.

Sente-se uma mensagem palpitante através de cada frase, cada idéia, cada metáfora.

Seu estilo é simples e eminentemente poético. As idéias sucedem-se, fluentes, concatenadas e transparentes como uma água límpida. Sua maneira de criar personagens é de tal modo espontânea e real, que nós acabamos afeiçoados ao pequeno príncipe de cabelos de ouro, à sua rosa, ao seu carneiro, à sua maneira direta e poética de ver as coisas, de compreender os seres.

O que faz aliás o valor da obra e do autor.

#### **Sob o ponto de vista jornalístico**

O Pequeno Príncipe é um dos raros livros já escrito que tem condições de perenidade. E por isso mesmo um livro para todas as épocas e todas as ocasiões.

Porque faz bem. Porque nos eleva.

É um livro não escrito com a intenção de fazer literatura, prender pela ação ou suspense.

É antes de tudo dirigido à alma. À parte dignificante, espiritual que há dentro de nós. E por isso mesmo uma

obra de grande interesse jornalístico não só pelo conteúdo, como pela forma: capítulos curtos, ideais poéticos e simples, exposição clara, estilo de verdadeira fluência jornalística por assim dizer.

É um livro que poderia ser publicado, por partes, em qualquer jornal. Suas imagens podem ser utilizadas e aproveitadas por redatores de jornal e articulistas porque seu material é perene. Os problemas que expõe não têm época. São problemas do homem. Flashs de sentimentos e atitudes humanas inerentes à sua natureza e portanto acima do tempo e do espaço.

Exupéry, aliás, nunca foi um literato de carreira. Foi antes de tudo um escritor aviador, um reporter, por assim dizer, dos sentimentos humanos à milhões de metros acima de nós, lá no mundo, céu azul e das estrêlas brilhantes.

#### **Conclusão**

Falar do Pequeno Príncipe não cansa. Pelo contrário. Aprende-se sempre. E melhora-se também.

Mas falar dêle, sobre êle, é como falar a um prisioneiro da beleza, da liberdade.

É preciso lê-lo. Penetrar nêle. Senti-lo em si, na sua alma, no seu coração.

Conhecer, compreender, êsse essencial invisível aos olhos, essa beleza das coisas através da pureza e da simplicidade do coração.

E também quando terminamos, dizer, pedir como o autor:

"Se viajarem um dia na Africa, através do deserto eu lhes suplico que não tenham pressa e que esperem um pouco debaixo da estrêla! Se então um menino vem ao encontro de vocês, se êle ri, sem cabelos de ouro, se não responde quando interrogam, advinharão quem é. Então por favor, não me deixem triste: escrevam-me depressa que êle voltou..."

## GRUPO ESCOLAR JOSE' ALVES DE FIGUEIRÊDO

Por ocasião da inauguração do GRUPO ESCOLAR JOSÉ ALVES DE FIGUEIRÊDO, no bairro da Vila Alta, a 21 de Julho, J. de Figueirêdo Filho pronunciou as seguintes palavras :

Exmo. Snr. Governador Virgílio Távora :

Demais autoridades :

Em nome da família, agradeço ao Exmo. Snr. Dirigente do Ceará e ao Exmo. Snr. Secretário de Educação e Cultura — Jader de Figueirêdo Correia, a honra da escolha do nome de José Alves de Figueirêdo para o Grupo Escolar, deste pitoresco e popular bairro citadino.

Meu pai foi homem de personalidade bem singular. Inteligente e vontadoso, venceu na vida por esforço próprio. Foi uma vitória de autêntico auto-didata. Fêz apenas desmantelado curso primário e conseguiu tornar-se o jornalista regional mais em evidência, quase da primeira metade do século presente. O convívio da farmácia foi seu maior mestre. Foi escritor e poeta dos mais primorosos da gleba cariense.

Mercê de sua pena brilhante e corajoso, chegou a ocupar o mais alto posto da administração do município.

Homem de ação, formou na linha de frente, em 1904, quando nossa terra jogou fora a prepotência do mandonismo pessoal, já superado.

Sua virtude esponencial, porém, foi a caridade, que êle soube cultivar, ao máximo, ao lado da esposa — minha mãe — Emília. Sua farmácia parecia um posto gratuito de saúde.

Por tudo isso, julgo que seu nome será tutelar para êste opulento educandário, honra duma administração, com a ajuda sempre presente de Deus e com seu exemplo a ser seguido pela juventude que afluirá, sedenta de luz, a êstes salões.

---

## JORNAIS QUE CIRCULAM EM CRATO PRESENTEMENTE

Desde Julho de 1855, que Crato possui imprensa que ocupa o segundo lugar, após Fortaleza. Presentemente, circulam três bons periódicos em nosso meio, além dos dois jornais falados da RÁDIO EDUCADORA e da RÁDIO ARA-RIPE DO CRATO. São, êles "A FOLHA DO CARIRI", a "A AÇÃO" e "AABB DO CRATO", todos compostos em linotipo.



## VOZES D'ALMA

É intensa a publicação de livros, em Crato, presentemente, em consequência de seu despertar cultural e da instalação de duas moderníssimas gráficas, nesta cidade. É a prova de que seu progresso se realiza em diversas facetas de atividade humana. GERALDO LOBO, tabelião e agrônomo, instalação de duas moderníssimas gráficas, nesta cidade. E' a um bom cultor das musas, como bem atesta seu bem feito livro editado em a "A AÇÃO" — VOZES D'ALMA. E consagrado ao tema universal e eterno: a mulher. Vejamos uma bonita amostra. E' êle sócio efetivo do Instituto Cultural do Cariri e algumas de suas poesias vieram de Barbacena, quando estudava. Amadureceu, no entanto, sempre jovem.

### A D E U S

"A natureza amanheceu sorrindo  
Parto contente com teu novo amor,  
Feliz por tua estrada vai seguindo  
E sem pensar jamais que existe a dor.

Como posso esquecer-te, oh anjo lindo,  
Como posso esquecer todo o esplendor  
Dêsse amor que julguei eterno, infindo,  
E morreu cêdo, qual fanada flor?

Quê, da amargura se por mim servida  
Resplandeçam torrentes de alegria  
E de venturas mil, de amor, também

Adeus, sejam feliz por tôda a vida  
Mas não te esqueças que feriste, um dia  
Um coração que te queria bem".

---

### "FORTIFICAÇÕES HISTÓRICAS DE MACEIÓ"

A SÉRIE DE ESTUDOS ALAGOANOS acaba de lançar seu caderno XXVIII com o título que encima esta nota, de autoria de nosso acatado e antigo colaborador — Felix Lima Júnior. E' dos grandes escritores alagoanos e dos melhores do Nordeste. Dedicase à História e a outros estudos. Tem leveza de estilo e profundidade em conhecimentos. Seu livro sôbre as fortificações de Maceió é segura contribuição a história militar do Nordeste e é outra prova das múltiplas facetas de sua primorosa inteligência.

## CENTENÁRIO DO ROMANCE IRACEMA

O Ceará comemorou condignamente, em 1965, o primeiro centenário do romance "IRACEMA", de José de Alencar. A Universidade Federal, dirigida pelo espírito dinâmico do Magnífico Reitor Antônio Martins Filho, esteve à frente dessas comemorações que culminaram com a edição de luxo do célebre livro que tanto sabe tocar à alma de nossa gente. Tem o prefácio do escritor cearense Braga Montenegro que fez assim de seus estudos críticos mais preciosos.

Raimundo Girão que, com sua inteligência, está na linha de frente de todos os principais movimentos culturais da terra cearense, escreveu a ECOLOGIA DE UM POEMA, demonstração segura de seu talento multiforme.

CLÁ, a famosa revista de cunho literário, de Fortaleza, por sua vez lançou edição especial consagrada a José de Alencar, com trabalhos de Josué Montello, Raimundo Girão, Braga Montenegro, Adauto Alencar Fernandes, Pe. Antônio Gomes de Araújo, José Newton Alves de Sousa.

Crato, sede de movimento intelectual que está chamando a atenção dos meios cultos do país, também sintonizou com aquelas comemorações. Mandou para Tv, de Fortaleza, o conferencista Prof. José Newton Alves de Sousa, representando o Instituto Cultural do Cariri, que pronunciou erudita palestra. O Padre Antônio Gomes de Araújo publicou a genealogia do romancista cearense, filho do estadista, gerado pela revolução de 1817, de Crato — José Martiniano de Alencar.

Na Faculdade de Filosofia do Crato, pronunciaram brilhantes conferências, em torno de assunto que empolgou o Brasil inteiro, os escritores Cavalcanti Proença, Braga Montenegro e Raimundo Girão. No Instituto Cultural do Cariri houve, igualmente, sessão em homenagem a José de Alencar, na qual falaram o sócio Raimundo Borges e o presidente da entidade J. de Figueirêdo Filho.

---

### "ENSAIOS PEDAGÓGICOS OU DIDÁTICA VIVIDA"

Por intermédio da Faculdade de Filosofia do Crato, acha-se presentemente, residindo nesta cidade, o emérito técnico em didática — Prof. OSCAR ARAÚJO. É agora Superintendente do Ensino, nesta região, com sede em Crato. É vulto de destaque em seu ramo de atividade, em todo o país. Há pouco tempo, o célebre e difundida colocação F. T. D. editou o seu livro "ENSAIOS PEDAGÓGICOS OU DIDÁTICA VIVIDA", já disseminada em todo o Brasil, até com edição de luxo.

O livro é bem escrito, produto de esforço de um educador com tirocínio e que merece servir de orientação pedagógica à numerosa classe de professores nacionais. O Prof. Oscar, cearense, mas radicado a Salvador, é ótima aquisição que o Crato fez para enriquecer seu patrimônio cultural!

MARISA RAJA GABAGLIA

A moda como o amor, são uma mania. Vão e vem. Em ciclos. De uma espantosa periodicidade.

Já foi moda ser "Leão da Rua do Ouvidor", glosar motes em saraus de família e perder noites de sono a compôr para a amada acrósticos de rima paupérrima.

Hoje tudo mudou. Os motes viraram gíria, os saraus cha-cha-cha no Black Horse e a moda tomou a forma genérica, assustadora, generalizada de uma simples palavrinha: GREVE. Porque a moda hoje é fazer greve. De tudo. De palavras. De ermida. De condução. De roupa. De sentimento.

O "você topa"? substituiu as declarações poéticas e o pedido formal no sofá da saleta noiva-papai-mamãe. O metrecal regado a coca-cola tomou o lugar dos cosidos e vatapás. O bonde virou taxi de pobre e o "saint-tropez" está aí para constatar quão diminuto é o espaço que a fazenda ainda cobre.

Quanto ao sentimento não é preciso dizer nada. Já entrou em recesso remunerado. A fidelidade renunciou, sob pressão de forças ocultas e a sagrada instituição do matrimônio entrou numa greve aberta, sem cartazes nem reivindicações.

A desonestidade conseguiu aumentar de 50% e até a constituição, sob fracos protestos, requereu sua grevezinha. Reformou o guarda-roupa e agora está em forma por aí, apresentando a nova coleção...

Agora a greve da moda é a do dinheiro. Então vestiram as fachadas bem comportadas dos bancos com cartazes ilustrativos:

—Bancário é como bondinho do Pão de Açúcar, só vive pendurado.

—Filha de banqueiro é menina. Filha de banqueiro é macaca. Televisão de bancário é vidraça de janela.

E por aí afora.

Para finalizar como furo de sensacionalismo, está anunciada mais uma greve. Essa em ponto de bala, "abafando", na última moda: a greve do Brasil.

## AMIGOS DE TÔDA HORA DO I. C. C.

Para a sua existência fecunda, em realizações, o Instituto Cultural do Cariri tem contado com bons e dedicados cooperadores. O Senador Wilson Gonçalves é um deles. Nunca esquece em reservar verba especial, em sua quota no Senado, para a nossa entidade, assim compreendendo o nosso relevante papel no desenvolvimento da cultura intelectual na região.

Outra figura esponencial que se tornou incansável batalhador de nossa causa é o Magnífico Reitor Martins Filho, o homem que tudo tem feito para o soerguimento cultural do Ceará, que agora ocupa lugar proeminente no cenário da inteligência nacional. Ainda temos o deputado regional, cento por cento — Dr. Leão Sampaio, que, na Câmara Federal, não esquece o I. C. C.

Na Câmara Estadual, há o deputado Mozart Gomes de Freitas que muito se esforça para nos dotar com boa verba. E' pena que a Secretaria da Fazenda do Estado, em incompreensão inexplicável do trabalho que desenvolvemos aqui, prima sempre em cortar as subvenções que temos direito.

O prefeito Pedro Felício Cavalcanti, intelectual dos mais brilhantes do Cariri tem sabido dar o valor preciso ao Instituto, em todos os momentos de sua fecunda administração.

---

### “ R E V I S T A D E P O E S I A ”

Por ocasião do 6.º Aniversário da Faculdade de Filosofia do Crato, a 15 de Maio do presente ano, quando a Universidade do Ceará nos ofertou surpreendente festival de cultura, foi lançado o quarto número da “REVISTA DE POESIA”, órgão do “CLUBE CARIRIENSE DE CULTURA”, sediado nesta cidade, e correspondente ao ano de 1965.

E' uma publicação que tem chamado a atenção dos cultores das musas, não só no país como no próprio estrangeiro. Sua direção cabe a poeta e educador local — Prof. José Newton Alves de Sousa, grande animador da vida intelectual do Crato e do Cariri.

# TAVARES & FILHO

FUNDADA EM 10 DE JULHO DE 1921

CAPITAL . . . . . CR\$ 20.000.000

RESERVAS . . . . . CR\$ 68.326.240

Telegr.: TAVAFILHO — Caixa Postal 33 — Telefone 585

**FILIAL: Rua Senador Pompeu N. 73**

**CRATO — Rua Barbara de Alencar, 166 / 170 — CEARÁ**

REVENDEDORES AUTORIZADOS DAS AFAMADAS  
MAQUINAS DE COSTURAR E BORDAR "SINGER"

*COFRES CONFIANÇA*

*TINTAS IDEAL*

*REVOLVERES TAURUS*

---

**45 LONGOS ANOS DE BONS SERVIÇOS 45**  
**PRESTADOS A UMA COLETIVIDADE**

---

CANOS - CONEXÕES - SANITÁRIOS - FERRO REDONDO

MAQUINAS DE COSTURAR E BORDAR

COFRES — BALANÇAS — BICICLETAS

IMPLEMENTOS AGRÍCOLAS MANUAL

ENXADAS — ENXADECOS — FOICES — PICARETAS E

CHIBANCAS — PÁS E MACHADOS — CARROS DE MÃO

Crescendo com o Ceará  
Fazendo o Ceará Crescer

# BANCO DE CRÉDITO COMERCIAL S. A.

FUNDADO EM 24 DE FEVEREIRO DE 1926

## MATRIZ

F O R T A L E Z A  
RUA FLORIANO PEIXOTO, 440

## AGÊNCIAS

Brejo Santo - Crateús - Crato - Iguatu  
Juazeiro do Norte - Senador Pompeu - Sobral

40 anos de bons serviços prestados ao Ceará

CORRESPONDENTES NAS CAPITALS E PRINCIPAIS PRAÇAS DO PAÍS